



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Murilo Pereira Garcia

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE
PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA
COM APOIO DE CÃES**

**FLORIANÓPOLIS
2009**

Murilo Pereira Garcia

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE
PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA
COM APOIO DE CÃES**

**Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Santa
Catarina.**

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Paulo Botomé

**FLORIANÓPOLIS
2009**

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, que sempre acreditaram
que a maior herança que poderiam me deixar
é minha educação.

AGRADECIMENTOS

Acredito que há muitas pessoas que participaram de alguma forma da construção desse trabalho. Não há como agradecer especificamente a todos aqui, mas há algumas pessoas que gostaria de mencionar.

Agradeço ao professor Sílvio Botomé pelas muitas aprendizagens que me possibilitou durante toda essa caminhada. Tanto as de caráter profissional, como as de caráter pessoal.

Agradeço aos demais professores da linha de pesquisa em Análise do Comportamento do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC pelas excelentes condições de ensino que criaram.

Agradeço aos colegas e amigos da Pós-Graduação pelos agradáveis momentos de convívio, debates e avanços com relação à formação de profissionais aptos a atuarem de forma ética e bem sucedida sobre as necessidades sociais.

Agradeço aos meus pais e minha família pelo apoio e incentivo para a realização de todo esse trabalho.

Andei muito pelas estradas da vida, subi morros, descii ladeiras e afinal te digo,
se entre amigos encontrei cachorros, entre cachorros encontrei-te amigo.

Poema de autor desconhecido que meu avô, já falecido, me ensinou
ao me introduzir ao mundo dos cães

SUMÁRIO

RESUMO	xiii
ABSTRACT	xiv
1 CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES.....	1
1.1 A relação entre homens e animais e as decorrências dessa relação sobre o comportamento humano.....	4
1.2 Uma breve revisão da história das intervenções com uso de animais como apoio para terapias como subcampo de atuação profissional	10
1.3 A definição de uma expressão apropriada para nomear o subcampo de atuação profissional de utilização de cães como apoio em processos psicoterapêuticos.....	14
1.4 Relação entre intervenções de psicólogos com apoio de cães em contextos clínicos e os conceitos de mercado de trabalho e campo de atuação profissional	20
1.5 A evolução da noção de Comportamento e a produção de conhecimento sobre intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	25
2 MÉTODO PARA IDENTIFICAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES.....	33
2.1 Fonte de informação	33
2.2 Critérios de seleção das fontes de informação.....	33
2.3 Situação e Ambiente.....	Erro! Indicador não definido.
2.4 Equipamento e material	35
2.5 Procedimento	36
2.5.1 Identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação que faziam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	36
2.5.2 Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que continham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	39

2.5.3. Identificar e registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação	40
2.5.4. Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.	42
2.5.5. Derivar mais classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação	45
2.5.6. Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes já identificadas, ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação	46
2.5.7. Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas a partir dos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação	48
2.5.8. Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeados a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados obra utilizada como fonte de informação.....	50
2.5.9. Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressavam classes de comportamentos.	50
2.5.10. Organizar em âmbitos de abrangência os comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificados em cada parte ou derivados dessas partes, destacadas nos trechos selecionados das obras que serão utilizadas como fonte de informação	51

3 CARACTERÍSTICAS DOS DADOS OBTIDOS POR MEIO DO PROCEDIMENTO PARA IDENTIFICAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES..... 64

3.1 Características das etapas constituintes do método para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães 64

3.2 Avaliação dos produtos das nove etapas constituintes do método para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	73
3.3 Aperfeiçoar as etapas de avaliação e aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos representa um avanço ainda maior na identificação de comportamentos a partir da literatura	88
4 EXEMPLOS DO PROCEDIMENTO QUE CONSTITUI O MÉTODO PARA IDENTIFICAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES A PARTIR DA LITERATURA	91
4.1 Trecho com classe de comportamentos e respectiva classe de respostas identificadas diretamente a partir do trecho selecionado como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	92
4.2 Trecho com várias classes de comportamentos identificadas como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	101
4.3 Trecho com classe de comportamentos muito específicas que permite identificar classes mais gerais constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.....	114
4.4 Trecho com classes de comportamentos identificadas diretamente a partir do 104º trecho selecionado como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	124
4.5 As etapas que compõem o procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura é uma contribuição útil, mas que ainda é passível de mais melhorias	132
5 ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS CONSITUITENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM O APOIO DE CÃES	135
5.1 Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir da literatura.	136
5.2 Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães organizadoS em um sistema de âmbitos de abrangência das classes de comportamentos identificadas	150
5.3 Distribuição não proporcional das classes de comportamentos identificados nos diferentes âmbitos de abrangência do sistema comportmaental indica classes ainda desconhecidas que necessitam serem descobertas.....	157

5.4 A identificação de 196 classes de comportamentos de intervenções de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães é uma contribuição para a orientação da atuação de profissional nesse subcampo de atuação profissional, mas ainda é apenas um começo.....	159
6 CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL	
"CARACTERIZAR A NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO COM PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES"	162
6.1 Características da classe mais geral "Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães"	163
6.2 " <i>Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães</i> ": uma classe definidora das possibilidades de atuação no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	165
6.3 " <i>Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães</i> " é uma classe de comportamentos envolvida na produção de conhecimento sobre aquilo que um psicólogo lida ao realizar esse tipo de trabalho	172
7 CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL	
"PROJETAR INTERVENÇÃO DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES"	175
7.1 Características da classe geral " <i>Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães</i> "	175
7.2 Distribuição não proporcional das classes menos abrangentes de comportamentos identificadas, componentes da classe geral " <i>Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães</i> "	179
7.3 Projetar programas de psicoterapia com apoio de cães ou planejar programas de psicoterapia com apoio de cães? No que diferem esses verbos e as classes de comportamentos que nomeiam?	186
7.4 Selecionar o cão para a intervenção em psicoterapia com apoio de cães é parte de projetar uma intervenção e uma forma de prever e determinar a ocorrência de eventos no futuro.....	190
7.5 Cães não nascem prontos para apoiarem psicoterapias, eles precisam ser capacitados para isso	203
7.6 A classe de comportamentos " <i>Preparar o cão para o trabalho de psicoterapia com apoio de cães</i> " envolve outras classes menos abrangentes além de selecionar o cão apropriado para a intervenção.....	206
7.7 Projetar uma intervenção implica mais do que avaliar exclusivamente o cão. O condutor desse cão também precisa ser avaliado.	207
7.8 Determinar e preparar as condições futuras compõem a função do projeto de uma intervenção psicoterapêutica com apoio de cães	208

8 CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL "EXECUTAR A INTERVENÇÃO DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES PROJETADA"	212
8.1 Características da classe geral "Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada"	213
8.2 "Cuidar das condições de bem-estar dos animais" é uma classe de comportamentos que vai além da preocupação com o cão, implica numa preocupação maior com o bem-estar do próprio paciente.	219
8.3 A função do cão de facilitador da apresentação por parte do paciente de comportamentos objetivos finais ou intermediários	225
8.4 As contribuições da análise do comportamento para a elaboração de um procedimento para caracterizar o processo psicoterapêutico que constitui uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães.	230
8.5 As classes de comportamentos menos abrangentes relativas à classe geral "Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada" constituem apenas uma pequena parte do que um psicólogo precisa fazer ao executar uma intervenção	235
9 CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL "AVALIAR A INTERVENÇÃO DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES EXECUTADA"	239
9.1 Características da classe geral "Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada"	240
9.2 São necessários investimentos em pesquisa para descobrir outras classes de comportamento componentes da classe geral "Avaliar a intervenção em psicoterapia com cães executada"	242
10 CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE "INTERVIR NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES" POSSIBILITAM UM EXAME MAIS CLARO A CERCA FUNÇÃO DO PSICÓLOGO E DO CÃO EM INTERVENÇÕES QUE UTILIZAM CÃES COMO APOIO PARA A PSICOTERAPIA	245
10.1 Contribuições das classes de comportamentos componentes da classe mais geral "Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães", identificadas a partir de uma obra utilizada como fonte de informação e sua consequente organização em um sistema comportamental disposto em âmbitos e sub-âmbitos de abrangência, para a realização de psicoterapias com apoio de cães	246
10.2 Contribuições das classes de comportamentos componentes da classe mais geral "Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães", identificadas a partir de uma obra utilizada como fonte de informação e sua consequente organização em um sistema comportamental disposto em âmbitos e sub-âmbitos de abrangência para avaliar as contribuições e limitações dos procedimentos para identificar classes de comportamentos a partir da literatura.	249

10.2.1	Decorrências do procedimento utilizado para identificar classes comportamentos do psicólogo ao intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães para a produção de conhecimento sobre esse tipo de trabalho	250
10.2.2	Limitações e necessidades de aperfeiçoamentos do procedimento utilizado	253
10.3	Possibilidades de avanço em intervenções psicoterapêuticas apoiadas por cães	256
10.4	Necessidades de avanços e possibilidades de novas pesquisas sobre psicoterapia com apoio de cães	256
REFERÊNCIAS	259
LISTA DE TABELAS	265
LISTA DE FIGURAS	269
ANEXO	273

RESUMO

O cão foi a primeira espécie animal a ser domesticada. O início dessa interação remonta há aproximadamente 12 mil anos atrás. Com o passar dos anos sua relação com os seres humanos foi se estreitando em função das múltiplas funções que esse animal poderia exercer para o benefício do homem. Inicialmente como fonte de alimento ou sinalizador para a presença de predadores, as possibilidades de funcionalidade foram se ampliando para caça, guarda, pastoreio, proteção, locomoção, ajudante de pessoas com deficiência e também para companhia. Por volta do século XVIII alguns pensadores perceberam decorrências dessa interação entre seres humanos e animais como tendo efeitos benéficos sobre o comportamento humano. Nessa época cães e outros pequenos animais começaram a ser utilizados como parte de políticas terapêuticas em instituições para “doentes mentais”. Contudo, foi só a partir de um incidente na década de 1960, quando o cão do psiquiatra norte americano Boris Levinson o auxiliou a estabelecer contato com um garoto muito retraído, que essa interação e o efeito terapêutico dela começaram a ser examinados com maior interesse. Os estudos sobre a interação homem-animal avançaram e procedimentos de intervenção começaram a ser realizados por vários tipos de profissionais com relação a vários tipos de necessidades. Apesar das pesquisas e trabalhos realizados há mais de 40 anos, ainda não está claro o suficiente como esse processo ocorre e de que forma ele é feito. Como há muitos tipos de profissionais lidando com diferentes fenômenos de trabalho utilizando cães como apoio, há uma confusão a respeito do que define esse tipo de trabalho e de que forma ele deve ser feito. No caso de psicólogos, cujo fenômeno de trabalho é o comportamento humano, não é bem conhecido quais são os comportamentos que compõem intervenções para modificar comportamentos humanos utilizando cães como apoio. Para avançar na capacidade de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é útil responder a pergunta: “Quais as classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães?”. A Análise Experimental do Comportamento, e a noção de Comportamento que esse tipo de contribuição da psicologia traz, possibilita compreender o que constitui uma intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães por meio da identificação das classes de comportamentos que compõem esse tipo de intervenção. Desse modo, para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães foi realizado um procedimento composto de nove etapas sistematizadas de forma a obter nomes de comportamentos, a partir da literatura. Ao final do trabalho foram identificadas 196 classes de comportamentos que foram organizadas em um sistema comportamental seguindo âmbitos de abrangência. Essa organização em um sistema comportamental possibilita orientação para a condução de intervenções por profissionais ou a elaboração de programas de ensino que tornem aprendizes aptos a realizarem intervenções em psicoterapia com o apoio de cães. As classes de comportamentos identificadas foram distribuídas em quatro classes mais gerais de comportamentos chamadas “*Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”. Ainda há pouca clareza com relação à elevada quantidade de classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos em psicoterapia com o apoio de cães. As 196 classes de comportamentos são o começo de uma caracterização do que compõe uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães e como ela pode ser feita, bem como o que pode ser ensinado a aprendizes para formar pessoas capazes de realizar esse trabalho.

Palavras-Chave: Psicoterapia com apoio de cães, comportamentos profissionais de psicólogos, terapia assistida por animais.

ABSTRACT

The dog was the first animal to be domesticated, the beginning of this interaction started approximately 12 thousand years ago. Over the years their relationship with humans has been narrowing in light of the multiple functions that this animal could perform for the benefit of man. Initially as a food source or to flag the presence of predators, the possibilities of expanding it to feature were hunting, guarding, grazing, protection, transportation, aid for disabled people and also for company. Around the eighteenth century thinkers realized some consequences of this interaction between humans and animals as having beneficial effects on human behavior. At that time dogs and other small animals began to be used as part of policies in therapeutic institutions for "mentally ill". However, it was only from an incident in the 1960's, when the dog of the U.S. psychiatrist Boris Levinson helped him to establish contact with a withdrawn boy, that this interaction and therapeutic effect of human-animal interactions began to be examined with major interest. The studies on the human-animal interaction advanced and procedures of intervention began to be realized by various types of professionals with respect to various kinds of needs. Despite the fact that research and work have been done for more than 40 years, is not yet clear enough how this process occurs and how it is done. As there are many types of professionals dealing with different phenomena working with support using dogs, there is confusion about what defines this type of work and how it should be done. In the case of psychologists, whose work's phenomenon is the human behavior, is not well known what are the behaviors that compose interventions to change human behavior using dogs as support. To advance the capacity of professional performance of psychotherapy with the support of dogs is useful to answer the question: "What are the behavior classes constituents of intervention of psychologists in subfield of professional practice of psychotherapy supported by dogs?". The Experimental Analysis of Behavior contributions allows to understand what constitutes an intervention in the subfield of professional practice of psychotherapy with the support of dogs through the identification of classes of behaviors that constitutes this type of intervention. Thus, to identify classes constituents of behavior intervention of psychologists in subfield of professional practice of psychotherapy with the support of dogs a procedure with nine stages was realized in order to obtain names of behaviors from the literature. At the end, 196 behavior classes were identified and then organized in a system composed of behavioral level of coverage. This organization into a behavioral system guide professionals to make interventions or makes possible the development of education programs to make students able to conduct operations in psychotherapy with the assistance of dogs. The classes of behaviors identified were divided into four general behavior classes called "Characterize the needs of intervention with psychotherapy with the support of dogs," "Project intervention in psychotherapy with the support of dogs," "Execute projected interventions in psychotherapy with the support of dogs" and "Evaluate the executed intervention in psychotherapy with support of dogs". There is still little clarity with regard to large amount of behavior classes constituents of interventions of psychologists in psychotherapy with the support of dogs. The 196 behavior classes identified are the beginning of a characterization of what constitutes an intervention of psychotherapy with the support of dogs, how it can be done and what can be taught to students to make then capable of doing such work.

Keywords: Dog supported psychotherapy, professional psychologists behavior, animal assisted therapy.

CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES

Lá estava o cão de caça Argos, coberto de vermes. Quando percebeu que seu antigo dono estava junto de si, sacudiu a cauda e baixou as orelhas, mas não conseguiu mover-se para aproximar-se dele. Ulisses o viu e enxugou uma lágrima. (Gomes,1993, p. 194).

A obra de Homero, escrita por volta do século VIII a. C., constitui um dos mais antigos documentos literários gregos que chegaram até o século XXI. O trecho do poema citado na epígrafe descreve a reação de uma pessoa ao reencontrar seu cão. O grande guerreiro que havia combatido na monumental guerra de Tróia, que enfrentou monstros e feiticeiras, ao reencontrar o velho amigo não resistiu e chorou. Por meio de um relato mitológico Homero ilustra em um de seus versos o impacto de um cão sobre o comportamento de seu dono. Mas, em pleno século XXI, assim como Homero as pessoas também percebem se cães, ou outros animais de estimação, produzem efeitos nas vidas das pessoas? E se houvesse algum efeito, ele poderia ser, de alguma forma, aproveitado para melhorar a vida das pessoas? E os cientistas, o que dizem a respeito? É recorrente ouvir pessoas que tem um cão como animal de estimação afirmarem como esses animais são capazes de afetar suas vidas. A obra lançada em outubro de 2005 “Marley & eu”, do jornalista norte americano John Grogan, é uma demonstração de como uma pessoa reconhece esse impacto. O sucesso mundial do livro que em 2008 foi transformado em filme pode ser identificado como um aspecto que caracteriza o quão bem aceitas foram as idéias do autor sobre as alegrias de ter um cão ao seu lado. A obra que conta de uma maneira bem-humorada a convivência de Grogan com um cão labrador já vendeu mais de 140.000 exemplares apenas no Brasil, e está na lista de mais vendidos da Revista Veja a mais de 116 semanas não consecutivas (Revista Veja, 2009). No mundo foram vendidos mais de 3 milhões de cópias. De acordo com a Associação Americana de Fabricantes de Produtos para Pets somente nos Estados Unidos foram gastos em 2007, 42 bilhões de dólares em produtos para animais de estimação (Ferreira, 2007). Tamanho sucesso da obra de Grogan (2005) e a movimentação econômica relacionada aos animais de estimação demonstram que, em pleno século XXI, os animais de estimação estão fortemente envolvidos nas vidas das pessoas e que essas reconhecem a influência que esses animais têm em suas vidas.

Os desenhos pré-históricos, a representação mitológica de Homero, os livros sobre animais e mais recentemente as pesquisas científicas, demonstram que animais, há muitos anos, despertam

interesse nos seres humanos. Esse interesse que aparece nos desenhos, nos relatos mitológicos, nos romances, agora também é examinado pelos cientistas que buscam compreender melhor o fenômeno da interação entre o homem e outras espécies de animais. Essas características da interação entre seres humanos e animais provavelmente provocaram questionamentos também em profissionais que intervêm sobre as necessidades sociais. Esses profissionais identificaram que a influência que os animais exerciam na vida das pessoas poderia ser aproveitada como recurso em intervenções terapêuticas.

Por ter pouco mais de 40 anos de estudo, o fenômeno caracterizado como o uso de animais para fins terapêuticos ainda apresenta muitos questionamentos e poucas respostas. Por mais que esse tipo de fenômeno de interação entre seres humanos e animais já tenha sido relatado desde a antiguidade, ele realmente passou a ser examinado por cientistas por volta da década 1960. De acordo com Hooker, Freeman, Stewart (2002), alguns dos trabalhos pioneiros foram os desenvolvidos por Boris Levinson por volta dos anos sessentas.

Mesmo que as contribuições das pesquisas científicas sobre o uso de animais para fins terapêuticos já venham sendo realizadas há mais de 40 anos, alguns autores (Serpell, 1991; Hooker, Freeman e Stewart, 2002; Bowen, 2003) constataram que ainda são necessárias mais evidências que comprovem que a utilização de animais em processos terapêuticos pode trazer benefícios para as pessoas submetidas a eles. Para avançar no conhecimento sobre esse fenômeno a quantidade de pesquisas científicas realizadas tem aumentado gradativamente (Johnson, Odendaal e Meadows, 2002), demonstrando que existe possibilidade concreta, a partir de algumas evidências já observadas, de que animais podem auxiliar profissionais em intervenções terapêuticas.

Profissionais que trabalham nesse subcampo de atuação profissional de intervir terapêuticamente com apoio de animais utilizam várias espécies como, peixes, répteis, cavalos, cães, pássaros, gatos, coelhos e até moluscos (Dotti, 2005). Contudo, segundo Dotti (2005) o animal mais utilizado é o cão. A maior utilização de cães se dá em função de características específicas que esses animais apresentam e que não são encontradas em outras espécies. Desse modo, o estudo de terapia com apoio de animais requer a seleção de uma espécie animal para que seja possível identificar quais as variáveis envolvidas no processo, uma vez que diferentes animais implicam em mudanças no procedimento de trabalho. Como o cão é o animal cuja aplicabilidade nesse tipo de trabalho é maior, o exame dos procedimentos envolvendo essa espécie são mais urgentes. Descobertas proporcionadas por estudos com cães podem ter seus resultados estendidos

posteriormente para outras espécies que também podem ser usadas em terapias que contam com o apoio de animais

Entre todos os profissionais envolvidos no uso de animais como recurso terapêutico os psicólogos representam uma pequena parcela. A maior parte dos profissionais envolvidos no uso de animais terapeuticamente é da área da saúde, tanto humana como animal (médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, veterinários, terapeutas ocupacionais). É possível verificar essa afirmação a partir da quantidade de literatura disponível de autoria desses profissionais. Contudo, utilizar cães para modificar o comportamento de pessoas é uma intervenção que diz respeito ao profissional da área da psicologia, uma vez que se trata de um fenômeno psicológico.

O processo de utilização de animais como apoio para terapia é conhecido como Terapia Assistida por Animais (Delta Society, 1996). A utilização de animais, em especial o cão, teve início há mais de 40 anos com Boris Levinson (Dotti, 2005). De acordo Dotti (2005) os trabalhos de terapia ou atividade assistida por animais já totalizam 6.400 grupos com aproximadamente 1.400 cães registrados para esse tipo de trabalho, ajudando cerca de um milhão de pessoas. Como há uma variedade ampla de profissionais que realizam esse tipo de intervenção, também há uma diferenciação na forma como essas intervenções são realizadas, pois se os fenômenos de trabalho desses profissionais são diferentes os procedimentos de trabalho também o são. Entretanto, não há uma distinção clara sobre como cada processo deve ser conduzido em função do fenômeno com o qual o profissional está lidando. Qualquer intervenção com finalidade terapêutica acaba sendo classificada como terapia assistida por animais. A Delta Society, uma das mais antigas e importantes organizações a desenvolver a terapia e atividade assistida por animais, em sua conferência anual em outubro de 1990 formou um comitê para a elaboração de um padrão para a realização de atividades e terapias assistidas por animais. Esse padrão da prática (*Standards of practice*) foi publicado em 1996. Posteriormente, outra obra contendo informações sobre bases teóricas e guias para a prática foi publicada em 2001 sob o título “*Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*”. No Brasil em 2005 foi publicada a primeira obra nacional (*Terapia & Animais*) voltada especificamente para o exame de intervenções em terapia e atividade assistida por animais. Apesar de apresentarem um conjunto de instruções sobre intervenções em terapia e atividade assistida por animais, será que essas informações são suficientes para orientar psicólogos que desejem atuar com o apoio de animais sobre fenômenos e processos psicológicos em contextos clínicos? Será que terapia assistida por animais é a mesma coisa que psicoterapia com apoio por animais? E se não for, quais classes de comportamentos

compõem intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio animais? Como se realiza esse processo e no que ele constitui? Será que as descobertas dessas classes de comportamentos profissionais ajudariam a caracterizar os processos envolvidos na utilização de animais como apoio em psicoterapias?

De acordo com o exame de Kubo e Botomé (2001) acerca dos tipos de intervenção profissional é possível classificar a intervenção de psicólogos no subcampo de atuação terapêutico como intervenção direta e indireta. A intervenção direta ocorre por meio de ações terapêuticas sobre o comportamento de pessoas, enquanto a intervenção indireta ocorre por meio da produção de conhecimento sobre esse processo e do ensino desse processo para aprendizes. Mais especificamente com relação à produção de conhecimento sobre a psicoterapia com apoio de cães o psicólogo pesquisador pode produzir conhecimento que amplie a visibilidade sobre as variáveis que compõem esse processo e como ele deve ser conduzido, permitindo que as intervenções psicoterapêuticas por meio de animais produzam resultados mais eficientes e eficazes. Além disso, produzir conhecimento sobre a intervenção de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia assistida por animais permite uma contribuição para a psicologia como instituição, ampliando o seu campo de atuação profissional, indo além das limitações do mercado de trabalho. Dessa forma, é relevante produzir conhecimento sobre o processo comportamental da intervenção de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães por meio da resposta a pergunta: Quais comportamentos constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães?

1.1 A relação entre homens e animais e as decorrências dessa relação sobre o comportamento humano

Com o fim da era glacial a espécie humana passou por uma revolução sócio- econômica que viria a mudar os rumos da humanidade (Serpell, 1996). Primeiramente caçadores e coletores, os seres humanos vagavam pelas terras como nômades ou semi-nômades, montando acampamentos provisórios e sobrevivendo daquilo que conseguiam colher e dos animais que conseguiam caçar. A alimentação pode ser considerada a primeira forma de relação funcional que o homem estabeleceu com as demais espécies animais na natureza. Com o fim da era glacial, o estágio de caçadores-coletores chegou ao fim e teve início a era da agricultura e da domesticação dos animais. Essa nova forma de controle das variáveis ambientais passaria a estabelecer um ponto de divisão brusco na

história evolutiva humana. Inicialmente ainda utilizados como alimento, os animais foram passando a ter outras funções ao longo do tempo, a medida que suas características eram aproveitadas para produzir diferentes benefícios para o homem. Depois de 12 mil anos desde o fim da era glacial e início da domesticação dos animais uma nova função começou a se delinear a partir das possibilidades de relação entre seres humanos e animais: o convívio ao longo desses milhares de anos possibilitou perceber que a interação entre homens e animais poderia ter efeitos terapêuticos.

O cão foi a primeira espécie animal a ser domesticado pelo homem, que passou a interagir com essa espécie em função dos vários benefícios que esse proporcionava. Isso ocorreu por volta do final da última era Glacial (Serpell, 1997). Escavações em sítios arqueológicos como o de Zhoukoudiano no norte da China, datados de quase 300.000 anos atrás, apresentam os vestígios mais antigos da aproximação entre homens e lobos. Com o passar do tempo essa aproximação tornou-se uma relação mais próxima que possibilitou o desenvolvimento de uma nova espécie, o cão doméstico. O achado mais antigo de um cão doméstico (*Canis familiaris*) é uma mandíbula encontrada há 12.000 atrás na região de Israel (Serpell, 1997).

A partir da sua domesticação o cão passou a fazer parte da vida dos seres humanos exercendo funções como, por exemplo, companheiro, caçador, guardião, guia, farejador. Como gregários os homens tinham os cães como possível fonte de alimento, como protetores, alertando a aproximação de predadores, afugentando-os e também como companheiros de caça, identificando e perseguindo as presas (Serpell, 1997). Essas funções e algumas outras, como pastoreio, transporte e mais recentemente como animal de serviço (no suporte a pessoas com algum tipo de deficiência, por exemplo, os cães-guia de cegos) fizeram parte da história humana, pelo menos nos últimos 12 mil anos. De alguma maneira essas funções ainda são aproveitadas no século XXI. Em algumas regiões da China cães são criados especificamente para o consumo de sua carne. Com o aumento da violência nas cidades, é cada vez mais recorrente o uso de cães para guarda patrimonial e proteção pessoal. A caça em pleno século XXI passou a ser uma atividade esportiva, já que não há mais necessidade de caçar para obtenção de alimentos, com exceção de algumas regiões do mundo que ainda não dispõem de acesso fácil aos alimentos, mas mesmo sendo esportiva ainda conta com a utilização de cães como apoio. No Ártico, cães das raças Husky Siberiano e Malamute do Alasca ainda são utilizados para puxar trenós, enquanto as raças de cães pastores continuam auxiliando no manejo de rebanhos. Por esse longo período de relação entre as duas espécies (humana e canina) o cão foi sofrendo uma série de alterações morfológicas e comportamentais realizadas pelo homem,

por meio da seleção genética de suas características em função da sua utilidade para as necessidades humanas.

Por volta do século XVIII a noção de que a relação com animais era benéfica para o desenvolvimento de crianças e para o tratamento de pacientes psiquiátricos já era difundida na Europa. Havia sido identificada mais uma função para os animais. A relação entre saúde e animais não era bem uma novidade, mas a aplicabilidade da interação entre seres humanos e animais para proporcionar mudanças comportamentais e benefícios à saúde humana começava a se delinear.

Apesar da utilização de animais como parte de tratamentos terapêuticos remontar ao século XVIII e as pesquisas científicas para compreender seus processos terem sido iniciadas há mais de 40 anos, as intervenções assistidas por animais ainda apresentam um caráter de modismo, cabendo em grande parte àqueles que a apóiam a crença de que seus resultados podem ser de fato terapêuticos. Kruger e Serpell (2006) afirmam que, para que a terapia assistida por animais saia do status de “bijuteria”, é necessário que siga os caminhos de outros tipos de intervenções terapêuticas como a quiropraxia e a acupuntura, que estabeleceram a sua credibilidade por meio de experimentos clínicos cuidadosamente controlados e de estudos sobre a validade da eficácia dos tratamentos realizados.

Apesar dos efeitos benéficos do contato com cães para a saúde de pessoas ter sido demonstrado por um considerável número de estudos que se seguiram ao de Friedmann e col.(1980) (Serpell, 2006), ainda há pouca evidência sobre se esses efeitos são responsáveis por mais do que alguma melhora a curto prazo em parâmetros fisiológicos, como frequência cardíaca e pressão arterial. Em contrapartida, para Serpell (2006) animais de estimação atuando como suporte social pode ser uma explicação coerente para explicar e prever benefícios a longo prazo da companhia de animais.

A utilização de cães em terapias ainda está bastante voltada para o modelo médico. Na psicoterapia, o modelo médico vigorou até a proposição de um modelo psicológico centrado no comportamento e não em alguma doença ou estrutura subjacente que está na “mente” do paciente ou cliente. Esse tipo de contribuição na forma de lidar com fenômenos e processos psicológicos pode ser estendido a intervenções que envolvam cães como apoio para lidar com fenômenos ou processos psicológicos e ajuda a delimitar um tipo de intervenção profissional própria de psicólogos.

Avaliar as intervenções assistidas por animais a partir de um modelo psicológico proporciona uma compreensão maior sobre os processos envolvidos nesse tipo de intervenção profissional e conseqüentemente permite projetar e executar atuações mais precisas para obter os resultados desejados. Kruger e Serpell (2006) destacam que o subcampo de atuação profissional de intervenções assistidas por animais carece de explicações unificadas sobre o porquê o relacionamento entre seres humanos e animais pode ser terapêutico. Esses autores apresentam uma revisão das explicações mais encontradas na literatura a respeito de como animais podem servir de apoio em intervenções terapêuticas:

Animais como “estimulantes” e redutores de ansiedade: A idéia de que a interação com um animal ou a sua mera presença pode produzir efeitos calmantes em humanos é bem difundida na literatura sobre intervenções assistidas por animais. Uma das explicações mais conhecidas dentro desse referencial de efeito calmante está relacionada à noção de Biofilia. Segundo essa proposta de explicação, do ponto de vista evolucionário, os seres humanos aumentaram sua probabilidade de sobrevivência a partir da observação do seu ambiente. A observação de animais em estado de calma seria uma pista da ausência de ameaça e proporcionaria também em pessoas uma sensação semelhante. Tal comportamento selecionado na época dos homens das cavernas ainda seria presente no repertório da espécie humana em pleno século XXI. Apesar de ser uma proposta para explicar porque observar animais ou entrar em contato com estes seria terapêutico, ainda não há nenhuma evidência que comprove que o efeito calmante proporcionado por um animal se deva a qualquer atração inata por animais. Basta avaliar o caso de pessoas que têm medo de animais, para as quais a mera visão do animal é suficiente para que o organismo apresente respostas fisiológicas de luta ou fuga.

Outra possível explicação para o potencial terapêutico de animais é que, por ser agradável, a interação com animais possui um papel reforçador de certos comportamentos (Brickel, 1985 citado por Kruger e Serpell, 2006). Dessa forma, a presença de animais em situações ansiolíticas como, por exemplo, sessões psicoterapêuticas iniciais, ajudaria a diminuir a ansiedade por meio da distração fornecida pelo contato com um animal, além de simultaneamente reforçar comportamentos relevantes como comparecer à sessão e permanecer nela. Mesmo assim, essa proposição apenas explica parte do processo, não tornando claro porque os animais teriam essa propriedade calmante ou prazerosa.

Animais como facilitadores sociais: Outra função que os animais podem ter em uma terapia é a capacidade de catalisar ou facilitar a comunicação entre pacientes e terapeutas. Por serem um

objeto em comum os animais serviriam de assunto para interações a respeito de algo que é agradável para os envolvidos e distante do assunto que aflige o paciente. Para Kruger, Trachtenberg e Serpell (2004) por serem suficientemente similares a seres humanos para eliciar comportamentos pró-sociais e afeto e, ao mesmo tempo, diminuir impressões de ameaça, animais podem proporcionar uma interação em situações que de outra forma poderiam ser desconfortáveis em contextos terapêuticos.

Animais como objeto de apego e objetos transicionais: Em função da sua capacidade de interação social ou de sua necessidade de cuidados, os animais se tornariam objetos de apego reforçando comportamentos de contato social existentes no repertório da espécie humana. As proposições psicanalíticas a respeito de objetos transicionais de Winnicott também são utilizadas para compreender a interação entre pessoas e animais (Delarissa, 2003). Um objeto transicional é um item ou um objeto, como um cobertor ou um brinquedo macio que teria uma função confortante para a criança ajudando-a a aliviar o stress da separação do cuidador primário. O animal serviria como ponto de segurança para lidar com a aversividade da ausência de reforçadores sociais (por exemplo, o cuidado, a atenção e a proteção dos pais) que em outros momentos lhe eram presentes e freqüentes.

Animais como fonte de suporte social: Devido às características de sociabilidade de algumas espécies os animais podem apresentar alguns comportamentos que se assemelham a comportamentos sociais encontrados na espécie humana. O contato entre pessoas e animais favoreceria a ocorrência de tais comportamentos por meio da seleção artificial (cruzamentos seletivos) de animais que apresentem uma tendência maior a apresentar tais comportamentos, no caso das raças caninas, e pela seleção por meio de reforçamento de tais comportamentos, no caso dos indivíduos da espécie. O caso dos cães é um dos exemplos mais claros. Os cães como animais de alta sociabilidade buscam contato humano com grande facilidade; esse contato produz em pessoas a sensação de serem bem-quistas. O contato com animais que responderiam de formas consideradas “afetuosas” proporcionaria um efeito de suporte por meio da sensação de que se é importante e adorado por esse outro ser com o qual a pessoa se relaciona.

Animais como instrumentos de aprendizagem: Uma premissa básica de programas de intervenção assistida por animais é que os animais servem como condição para aprendizagem de comportamentos relacionados a eles que podem ser generalizados a outras situações. Tais aprendizagens incluem a aquisição de habilidades sociais e de cuidados, o desenvolvimento na noção de responsabilidade, a habilidade de regular comportamentos impulsivos ou destrutivos e o

desenvolvimento de sentimentos de auto-estima e auto-eficácia. Pela sua característica de dependência, animais domésticos aumentam a probabilidade de comportamentos de “cuidar” e as decorrências desses comportamentos geralmente tem importante função reforçadora sobre esses comportamentos. Animais também podem ser treinados, permitindo pacientes a assumir um papel de autonomia e controle. Enquanto outros tipos de intervenção podem obter resultados semelhantes, o uso de animais (nos casos em que é indicado mediante uma criteriosa avaliação) proporciona um efeito agradável do contato e da interação com essas espécies.

Apesar de existirem propostas de explicações dos processos envolvidos em terapias assistidas por animais, ainda não existe uma conclusão definitiva sobre como esse processo de interação benéfica entre seres humanos e animais ocorre e porque ele proporciona efeitos terapêuticos. Muitos desses modelos ainda não levam em conta o profissional que realiza a intervenção, deixando quase que completamente a determinação do efeito terapêutico a cargo da interação do animal com a pessoa. Katcher e Beck (2006) enfatizam a necessidade de estudos científicos criteriosos que demonstrem uma relação entre o contato com animais e efeitos terapêuticos em humanos proporcionados por esse contato. Boa parte das pesquisas que compõem a literatura e fundamentam intervenções são estudos de caso, relatos anedóticos, análises estatísticas mal feitas e conclusões supergeneralizadas, publicadas em meios de comunicação que não avaliam criteriosamente tais estudos. Nos casos de artigos publicados sobre interações homem-animal em revistas médicas tradicionais a maioria são estudos sobre a relação entre a posse de animais de estimação e a saúde humana ou revisão de outros artigos (Katcher e Beck, 2006).

A carência de pesquisas que apontem essa relação direta entre saúde humana, comportamento humano e o contato com animais talvez possa ser explicada pelo fato de que o contato em si não é o fator terapêutico, mas sim a forma como esse contato é orientado por um profissional que realiza a terapia e aproveita as características do animal, ou da relação com o animal, para obter um suporte para sua intervenção e aí então obter resultados terapêuticos. Do contrário bastaria que alguém fosse para o zoológico para observar animais, ou adquirir um animal de estimação para que a sua condição de saúde ou comportamental fosse alterada. Não é possível pensar em terapia assistida por animais sem levar em consideração o profissional que realiza essa terapia. Não é o animal que irá realizar o trabalho, mas sim o profissional, que terá no animal um apoio para a sua intervenção. Gomes (2004), a partir dos dados obtidos em sua pesquisa sobre equoterapia com crianças com paralisia cerebral descobriu que o animal servia como um facilitador das interações entre o paciente, as terapeutas e os familiares. É sobre o cavalo e o que se faz em

relação a ele que estão baseadas as interações entre o paciente, os terapeutas e familiares, desde a primeira sessão. Portanto, identificar as classes de comportamentos profissionais constituintes de intervenções no subcampo de atuação profissional de terapia assistida por animais e, mais especificamente, de psicoterapia com apoio de cães, proporcionaria um avanço na compreensão dos mecanismos envolvidos no processo de utilizar cães como apoio em psicoterapias e as possibilidades de resultados a serem obtidos.

1.2 Uma breve revisão da história das intervenções com uso de animais como apoio para terapias como subcampo de atuação profissional

Relacionar animais com saúde humana ou a modificação do comportamento humano não é algo que começou no século XX. Muito antes das pesquisas científicas, os seres humanos já estabeleciam algum tipo de relação entre animais e condição de saúde das pessoas (Dotti, 2005; Serpell, 2006). Existem evidências da associação entre animais e a saúde humana e bem-estar, apresentados por meio da mitologia de povos primitivos, passando pelos gregos e egípcios até chegar aos dias atuais. Por meio da crença em seus poderes curativos, os espíritos dos animais eram evocados em diversas cerimônias para trazer saúde. No Egito animais assumiram a forma de divindades e lhes eram atribuídos “poderes” de melhorar e piorar as condições de saúde de uma pessoa (Dotti, 2005). O sacrifício de animais para ofertar às divindades em busca de benefícios ou malefícios ainda é uma ocorrência comum em certas religiões. A incorporação desses animais nas crenças culturais e religiosas e, mais recentemente, a partir do século XVIII, na utilização dos animais como recurso terapêutico compõe uma história de relação entre condição de saúde humana e contato com os animais (Hooker, Freeman, Stewart, 2002; Menzies, 2003).

Durante a era do Iluminismo, no século XVIII, a idéia de que animais de estimação poderiam ter uma função de socialização para crianças e de ajuda terapêutica para “doentes mentais” se tornou popular. Segundo Serpell (2006) John Locke advogava que atribuir a crianças que cuidassem de cães, esquilos, pássaros ou animais do tipo, as encorajaria a desenvolver sentimentos tenros e um senso de responsabilidade pelos outros. Outros pensadores como John Calvin e Thomas Hobbes afirmavam que crianças poderiam aprender a controlar a sua “bestialidade” por meio dos cuidados e controle de um animal (Serpell, 2006). Um dos primeiros experimentos bem documentado sobre o uso de animais em instituições para pessoas com “doenças mentais” ocorreu na Inglaterra no Retiro de York, em 1872. Nesse retiro eram empregados métodos de tratamento considerados inovadores para a época. Era permitido aos internos utilizar suas

próprias roupas e lhes era incentivado o trabalho manual, a escrita e a leitura. Eles também podiam caminhar livremente pelos campos e jardins em torno do retiro que estavam repletos de pequenos animais domésticos com os quais mantinham contato direto.

No século XIX a introdução de animais em instituições de cuidados de pessoas estava bem disseminada. Nos Estados Unidos, país onde é produzida a maior parte das pesquisas científicas sobre terapia assistida por animais e onde também é realizada a maior parte das intervenções, o uso de animais em hospitais psiquiátricos teve início em 1919 quando o Secretário do Interior Franklin Lane introduziu animais de companhia no Hospital Saint Elizabeth de Washington (Moralles, 2005). Em 1942, o exército norte americano utilizou terapia assistida por animais no Pawling Army Airforce Convalescent Hospital em Pawling, Nova York. Esse local incluía uma fazenda como diversão para veteranos em recuperação. No entanto, nenhuma informação foi coletada para comprovar os benefícios terapêuticos do envolvimento do animal na saúde e bem-estar dos pacientes (Hooker, Freeman e Stewart, 2002).

Apesar dessas iniciativas, o uso de animais como suporte terapêutico caiu em desuso com o surgimento da medicina científica no início do século XX. Foi apenas nas décadas de 1960 e 1970 que a utilização de animais para assistir terapias voltou a ser discutido com as experiências de Boris Levinson em seu consultório. Foi nessa época que o termo pet terapia (pet therapy) foi cunhado e a documentação e registro formal desse tipo de intervenção tiveram início. (Hooker, Freeman e Stewart, 2002).

A primeira experiência do efeito positivo de animais em uma situação psicoterapêutica foi inesperada. Boris Levinson, um psiquiatra infantil norte americano estava tendo dificuldades em estabelecer uma conexão com uma criança retraída com quem estava trabalhando. Em função das falhas na tentativa de tratar o menino, uma das poucas opções restantes era a sua hospitalização. Certo dia os pais e o garoto chegaram antecipadamente para uma sessão no consultório de Levinson e acabaram sendo recebidos pelo seu cão que ainda se encontrava no local. O menino respondeu às interações do cão e, apesar da tentativa da mãe do menino de separá-los, Levinson a encorajou a deixar os dois interagindo. Este foi o início de uma relação terapêutica com a criança, na qual o cão de Levinson passou a fazer parte integral das sessões. No início a criança apenas conversava com o cão e eventualmente com Levinson. Para o psicoterapeuta, a interação do menino com o cão permitiu que a criança confiasse no profissional e foi a chave para a construção de uma sólida relação de trabalho (Menzies, 2003). Desde então o registro do uso de animais para fins terapêuticos tem progredido de relatos anedóticos para pesquisas científicas. Mais ainda, o uso da terapia

assistida por animais cresceu de um incidente em um consultório para a intervenção em instituições de saúde baseada em pesquisas científicas. A partir das observações documentadas pelo Dr. Levinson, a área da saúde começou a considerar a integração da terapia assistida por animais (TAA) como legítimo uso terapêutico (Hooker, Freeman e Stewart, 2002).

Mas essa passagem de uma atividade ocasional para uma intervenção profissional não ocorreu tão facilmente. As idéias de Levinson tiveram resistências de várias pessoas que ironizavam suas descobertas. Em 1961 Levinson apresentou seus achados na convenção da American Psychological Association. As reações foram variadas, alguns ficaram entusiasmados enquanto outros ridicularizaram. Desacreditado, Dr. Levinson persistiu no uso de animais e documentou os resultados positivos do seu paciente. Seus trabalhos então foram estendidos pelos psiquiatras Sam e Elizabeth Corson. Os dois trabalhavam com adolescentes no hospital psiquiátrico da universidade de Ohio na década de 1970. Esse foi o primeiro trabalho com o uso de animais em um hospital com coleta de dados em um estudo piloto. Em 1975 os dois mudaram seu projeto de TAA para uma casa de repouso onde pacientes mais velhos foram introduzidos à TAA com sucesso. Foi nessa casa de repouso que os Corsons começaram a perceber a melhora física e psicológica dos pacientes envolvidos com a terapia assistida por animais (Hooker, Freeman, Stewart, 2002).

Desde o início dos anos 1970 tem havido uma crescente proliferação em todo o mundo de programas nos quais animais visitam ou co-residem com pacientes humanos em hospitais, instituições, escolas públicas e centros comunitários. Apesar de muitos clínicos e autores terem observado o papel do vínculo humano-animal na promoção de saúde para animais e seres humanos, não foi até o começo da década de 1980 que os esforços aumentaram na busca de documentar cientificamente este fenômeno (Johnson, Odendaal e Meadows, 2002). Foi com um estudo sobre a maior longevidade de pacientes cardíacos que possuíam animais de estimação sobre pacientes que não possuíam (Friedman e col., 1980) que o interesse na influência da companhia de animais de estimação sobre a saúde de pessoas voltou a ser objeto de pesquisas científicas (Serpell, 2006). Esse artigo levantou várias discussões e ajudou a elevar a quantidade de pesquisas sobre esse fenômeno.

Em 1990 o Dr. William Thomas iniciou o uso extensivo de terapia assistida por animais com a criação do Eden Alternative. O Dr. Thomas pretendia transformar instituições de saúde em habitats humanos que pudessem educar e abrigar aqueles que viviam e trabalhavam nesses espaços (Hooker, Freeman, Stewart, 2002). Daí em diante vários programas surgiram em todo o mundo, inclusive no Brasil. Diversas organizações se consolidaram como centros de referências em termos

de atuação e de organização do conhecimento e da área. Estima-se que já existam 14 mil cães registrados para o trabalho de terapia (Dotti, 2005).

No Brasil a primeira obra especificamente voltada para a terapia assistida por animais foi lançada em 2005. O livro, de autoria de Jerson Dotti examina aspectos históricos do uso de animais para fins terapêuticos, as diferenças entre atividade assistida por animais e terapia assistida por animais, os variados benefícios do uso de animais com pacientes portadores de diferentes doenças como artrose, alzheimer, depressão. O autor também apresenta procedimentos para a implementação de um projeto de terapia assistida por animais. O livro ainda conta com a colaboração de profissionais de diferentes campos: Psicoterapia, Fisioterapia, Medicina Veterinária, Ciências Agrárias, Zootecnia e Adestramento animal, com contribuições específicas de suas áreas de conhecimento e suas experiências profissionais nos trabalhos de terapia assistida por animais.

Mesmo o primeiro livro que trata especificamente do uso de animais em terapias ter sido lançada apenas em 2005, outras produções de literatura nacional já haviam sido escritas a respeito de interações humanas e animais e funções terapêuticas. Entre elas estão os livros da Dra. Nise da Silveira, psiquiatra que atuou no Centro Psiquiátrico Dom Pedro II em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. A autora registrou em suas obras sua experiência com animais e pacientes psiquiátricos. Além disso, a Dra. Nise trocou correspondências com o Dr. Boris Levinson, considerado um dos pioneiros no trabalho terapêutico com uso de cães, onde relatou suas experiências com animais e seus pacientes, as quais iniciaram em 1955 (Dotti, 2005).

Além dos trabalhos da Dra. Nise, a tese de doutorado de Hannelore Fuchs (1988) defendida em 1988 também examina a relação de pessoas e animais de estimação. Em seu trabalho, a autora analisa diversos aspectos das entrevistas realizadas com os participantes do seu trabalho e conclui que a presença de um animal de estimação pode trazer benefícios psicológicos para o dono do animal a partir da sua própria percepção sobre o seu animal.

Outro trabalho que constitui uma contribuição nacional é a dissertação de mestrado de 2003 de Fernando Delarissa. Seu trabalho intitulado “Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal” examina, a partir da teoria dos objetos transicionais de Winnicott, o processo de desenvolvimento infantil por meio do contato com animais.

Outra dissertação do mesmo ano é a de Faraco (2003). Desta vez a pesquisa é voltada para a utilização de animais na educação. A autora investiga a interferência da presença de animais em determinados comportamentos de crianças em sala de aula. Após o trabalho de Delarissa (2003) e de Faraco (2003) mais outro trabalho se junta a produção científica nacional para a compreensão das relações entre seres humanos e animais e os seus benefícios. A dissertação de Sabine Althausen (2006) apresenta como, ao longo de 12 encontros, quatro adolescentes com síndrome de down apresentaram um aumento nas suas verbalizações, nas suas expressões de sentimentos, a partir do contato com cães.

Se a produção internacional ainda é considerada pouca para comprovar os benefícios da utilização de animais como apoio para terapias e examinar os processos envolvidos nesse subcampo de atuação profissional, no Brasil a questão é mais preocupante ainda. Produzir conhecimento de valor científico e social é uma necessidade de qualquer país que busca evoluir na sua capacidade de atender as suas necessidades sociais. No caso das intervenções assistidas por animais, sua aplicabilidade pode ser estendida para uma quantidade considerável de necessidades envolvendo pessoas em diferentes condições. Idosos em abrigos, crianças em escolas, doentes em hospitais, pacientes em consultórios, pessoas em instituições correccionais, muitos são aqueles que podem ser beneficiados por um tipo de intervenção que ao ter seus procedimentos explicitados e seus processos melhor esclarecidos pode ter ampliada a sua capacidade de atender as crescentes demandas sociais. Identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é uma forma de auxiliar na ampliação da capacidade de examinar os procedimentos e processos envolvidos no uso de cães como apoio para a mudança do comportamento de pessoas e, conseqüentemente, uma forma de contribuir para a realização de intervenções mais eficientes, eficazes e para a formação de profissionais capacitados para intervir de forma útil para as necessidades sociais.

1.3 A definição de uma expressão apropriada para nomear o subcampo de atuação profissional de utilização de cães como apoio em processos psicoterapêuticos.

Ao revisar a literatura a respeito de intervenções assistidas por animais Beck e Katcher (1984, citado por Kruger e Serpell, 2006) destacaram que havia uma necessidade de distinguir com clareza o que era uma resposta emocional a animais em uma relação recreacional, de um processo terapêutico. Apesar de já terem se passado mais de 20 anos desde que essa necessidade foi

constatada, o termo “terapia assistida por animais” continua a ser amplamente utilizado para nomear vários tipos de atuações que não se qualificariam como terapia em nenhum sentido científico da palavra. Não é possível concluir que qualquer evento prazeroso para o paciente é uma espécie de terapia. Apesar de haver uma clara distinção entre o significado dos termos “recreacional” e “terapêutico”, ainda é comum a relação estabelecida entre o termo terapia e experiências que podem produzir alívio, alegria ou prazer. Isso se aplica a vários tipos de intervenções nas quais cães são levados a ter contatos com pessoas em diferentes condições e acabam sendo chamados de intervenção terapêutica assistida por animais. Produzir alívio, alegria ou prazer não é suficiente para qualificar uma intervenção como terapêutica, seria equivalente a levar flores para uma pessoa doente e chamar tal ação de flor-terapia.

Muitos termos já foram utilizados para expressar o uso de animais para fins terapêuticos, contudo essas nomenclaturas não eram tão claras quanto ao processo ao qual se referiam e possibilitavam confusões. Além disso, os profissionais envolvidos nesse subcampo de atuação profissional não possuíam uma definição clara sobre que características delimitavam o processo ao qual esses termos se referiam. Ao utilizar diferentes nomenclaturas havia uma probabilidade maior de haver confusão por parte de pesquisadores e profissionais acerca do fenômeno ao qual estavam se referindo. A confusão também era aumentada pela abrangência de profissionais envolvidos e de práticas que diferentes nomenclaturas possibilitavam e ainda possibilitam. As expressões utilizadas abarcam uma quantidade elevada de práticas de diferentes profissionais que lidam com diferentes fenômenos e processos. A definição de uma nomenclatura mais precisa possibilita uma organização do subcampo de atuação profissional e definição dos fenômenos e procedimentos envolvidos para produzir resultados claramente determinados e possíveis de serem alcançados, avaliados e cientificamente comunicados.

Inicialmente os nomes mais utilizados eram “Pet terapia”, “Zooterapia”, “Cinoterapia”, “Terapia com Animais”, “Terapia Mediada por Animais”, “Terapia Facilitada por Animais” (Dotti, 2005). Pet terapia é uma nomenclatura que pode produzir interpretações diferentes do processo ao qual se refere. A palavra *pet* é de origem inglesa e significa “animal de estimação”. Traduzido para o português seria “Terapia de Animais de Estimação” e, conseqüentemente, possibilita um entendimento de que se trata de uma terapia voltada para animais de estimação com algum problema (Dotti, 2005). O mesmo tipo de entendimento poderia ocorrer com a utilização do termo “Terapia com Animais”. Zooterapia, outro termo utilizado, também poderia incorrer na mesma

interpretação. Além disso, na literatura esse termo é encontrado em referência à utilização de derivados dos animais para fins medicinais (Neto, 1999).

Com o propósito de organizar os trabalhos nesse subcampo de atuação profissional a Delta Society estabeleceu em 1996 o termo *Animal Assisted Therapy* (AAT) como nomenclatura oficial. Como o verbo em inglês *to assist* apresenta o mesmo significado na língua portuguesa, o termo Terapia Assistida por Animais (TAA) foi adotado no Brasil também.

A Delta Society, uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1977 com o propósito de promover a melhoria da saúde humana, independência e qualidade de vida por meio da ajuda do trabalho com animais, define a terapia assistida por animais da seguinte forma:

“A Terapia Assistida por Animais é uma intervenção dirigida na qual um animal que se enquadra em determinados critérios é parte integral do processo de tratamento. A Terapia Assistida por Animais é dirigida por um profissional com perícia, dentro do escopo da prática da sua profissão. A Terapia Assistida por Animais é projetada para promover uma melhora no funcionamento físico, social, emocional ou cognitivo do ser humano.” (Delta Society, s.d.)

A definição de TAA também é expressa em outras palavras por Menzies (2003) que define o processo como um conjunto de atividades relacionadas a animais direcionadas por profissionais como parte de sua prática com seus pacientes. Straw (2002) apresenta uma definição semelhante que também não amplia muito a compreensão sobre o que é terapia assistida por animais. Para esses autores o animal pode ser conduzido por um profissional ou por um voluntário. Contudo, os autores não especificam a quais tipos de profissionais eles se referem. A atividade é orientada para atingir um objetivo específico, como melhorar os movimentos motores, as habilidades verbais, ou ampliação da atenção. De acordo com Menzies (2003), a terapia assistida por animais caracteriza uma intervenção direcionada que utiliza a interação humano-animal como uma parte integrante do processo de tratamento. Para esses autores, essa interação ainda é parcialmente compreendida e requer mais estudos para que seja melhor conhecida.

Ao definir a terminologia mais apropriada para expressar o uso de animais para fins terapêuticos a Delta Society também cunhou um termo que abrange outras práticas que não constituem propriamente processos terapêuticos. Segundo a Delta Society (s.d.) Atividade Assistida por animais (AAA) é:

“... uma oportunidade motivacional, recreacional, e/ou terapêutica para aumentar a qualidade de vida. A Atividade Assistida por Animais ocorre em uma variedade de ambientes com profissionais

especialmente treinados, paraprofissionais, e/ou voluntários, em associação com animais para alcançar um objetivo específico.” (Delta Society, s. d.)

É importante a distinção entre terapia assistida por animais e atividade assistida por animais para que terapia assistida por animais seja consolidada como uma prática profissional em detrimento de apenas uma atividade lúdica. Contudo, a definição de Atividade Assistida por Animais não permite uma clara distinção entre os dois termos. Informações adicionais são necessárias para que seja possível compreender o que cada uma se refere. A atividade assistida por animais, diferentemente da terapia assistida por animais não possui objetivos específicos de tratamentos planejados para cada visita, nela também, os condutores do trabalho não realizam registros detalhados e constantes, além das sessões serem menos estruturadas e sem duração determinada (Delta Society, s. d.). Visitas realizadas mensalmente por voluntários que levam seus cães para visitar idosos em asilos, ou um clube de adestramento que realiza uma demonstração de obediência de seus cães em uma instituição para menores infratores, são exemplos de atividades assistidas por animais.

Atividade assistida por animais abrange uma vasta gama de atividades que incluem visitas a hospitais, asilos, escolas com animais de estimação. Programas de visitação a zoológicos e fazendas de animais também estão incluídos nesse tipo de atividade. É preciso distinguir o uso terapêutico de animais e o uso recreacional. Nem todo evento que constitui bem estar para o paciente é terapia (Menziez, 2003). Granger e Kogan (2000, citados por Menziez, 2003) sugerem que as especificidades da TAA variam de acordo com a espécie, raça e nível de treinamento do animal utilizado, o nível de conhecimento do profissional ou “parceiro” envolvido, o propósito do trabalho e o nível de conhecimento do programa ou do local sobre terapia assistida por animais.

No caso do trabalho terapêutico por meio de animais, um profissional (médico, veterinário, fisioterapeuta, psicólogo, terapeuta ocupacional, etc.) programa, intervém e avalia a utilização de alguma espécie animal (cavalo, cachorro, gato, peixe, tartaruga, coelho, etc.) com o fim de produzir uma alteração no paciente, seja uma alteração orgânica ou uma alteração comportamental, se é que tal separação é útil. O animal pode ser conduzido por um profissional envolvido na terapia ou por um voluntário responsável pelo animal. A atividade é orientada por objetivos específicos, como melhorar os movimentos motores, as habilidades verbais, ou ampliação da atenção, da auto-estima.

Existem trabalhos sendo desenvolvidos em várias partes do mundo, que constituem o uso de animais para fins terapêuticos. O uso de terapia assistida por animais, ou pelo menos de intervenções que levam esse nome, adquire cada vez mais números significativos. Segundo Dotti

(2005), em 2004 já eram 6.400 grupos atuando em 50 estados norte-americanos e em mais quatro países, ajudando cerca de um milhão de pessoas. Esses números retratam o reconhecimento de um trabalho que acumula sucessos e vem ganhando gradativamente respeito da comunidade científica e de profissionais.

Além de possibilitar concluir que esse subcampo de atuação profissional vem ganhando maior respeito das comunidades científicas e profissionais, também permite identificar que essa quantidade toda de adeptos não é composta por um único tipo de profissional, mas sim vários tipos, lidando com diferentes tipos de fenômenos e processos. Entre os profissionais envolvidos em terapias assistidas por animais estão médicos, enfermeiros, veterinários, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, adestradores e outras profissionais mais. Cada uma dessas profissionais atuam em profissões bem definidas que têm seus fenômenos de trabalho bem delimitados. Se cada profissão possui um fenômeno específico com o qual lida, as classes de comportamentos que constituem cada profissão serão diferentes umas das outras. No entanto, com relação à terapia assistida por animais parece haver uma grande confusão. Todos esses profissionais que utilizam animais como apoio para suas intervenções têm sua atuação nomeada como Terapia Assistida por Animais. Mas o fenômeno com o qual um fisioterapeuta lida não é o mesmo com o qual um psicólogo lida. Conseqüentemente, o trabalho que envolve o apoio de animais em cada uma dessas profissões não é o mesmo.

A definição das expressões “Terapia Assistida por Animais” e “Atividade Assistida por Animais” já é um avanço na tentativa de diferenciar um tipo de intervenção terapêutica de uma intervenção recreacional. Todavia, o termo “Terapia Assistida por Animais” não é suficiente para esclarecer qual o tipo de trabalho que está sendo realizado, qual o profissional envolvido e com qual fenômeno ele está lidando. A distinção entre as intervenções com apoio de animais possíveis por diferentes profissionais pode ser melhor esclarecida pela diferenciação da expressão utilizada para nomear o subcampo de atuação de cada profissão. No caso de psicólogos, a expressão “Psicoterapia com apoio de animais” é uma forma de tornar mais explícito o que se está fazendo e com o que se está lidando. A expressão “psicoterapia” delimita o contexto no qual o profissional está atuando, neste caso o contexto clínico. Além disso, o termo “psicoterapia” também possibilita identificar imediatamente que se trata de uma intervenção voltada para lidar com fenômenos ou processos psicológicos e que, portanto, é executada por um psicólogo. A expressão “apoio” facilita a compreensão da função do animal na intervenção realizada mais do que a expressão comumente utilizada “assistida”. O termo “apoio” demonstra que o animal tem uma função participativa no

processo, mas que a condução de todo o trabalho é função do profissional que está atuando e é ele que irá, com o apoio do animal, produzir os efeitos terapêuticos.

Com uma expressão mais específica a delimitação de um tipo de atuação profissional que utiliza animais como apoio para o trabalho fica distinta de outros tipos possíveis de intervenções de outros profissionais que contam com o apoio de animais com relação aos fenômenos específicos das suas áreas de atuação. Essa delimitação auxilia na determinação de um âmbito de abrangência da atuação profissional e na localização de um tipo específico de intervenção que é composta por classes de comportamentos específicas distintas de outras práticas realizadas por outros profissionais.

Outra delimitação ainda é possível com relação à intervenção realizada por um psicólogo que conta com o apoio de animais para atuar sobre fenômenos ou processos psicológicos em contextos clínicos. Para realizar psicoterapias com apoio de animais muitas espécies podem ser utilizadas. Pássaros, gatos, cavalos e cães são alguns exemplos que podem ser citados. Todavia esses animais variam de acordo com muitas características e tais características são variáveis que afetam todo o processo. Cada animal exigirá um tipo de tratamento em função das suas características. Além disso, essas características também serão delimitadoras do tipo de procedimentos a serem utilizados e dos tipos de resultados a serem obtidos.

De todas as espécies que apóiam intervenções com apoio de animais, o cão é a mais utilizada (Dotti, 2005). Como primeiro animal a ser domesticado (Serpell, 1997) o cão se manteve como o animal de estimação mais presente nos lares de pessoas. É mais comum encontrar pessoas que gostem de cães do que pessoas que gostem de gatos ou de outros animais. Por ser a espécie mais adotada como animal de estimação, utilizar o cão aumenta a probabilidade de aceitação de uma intervenção que seja apoiada por ele. Dentro da população geral a proporção de pessoas que gostam de outras espécies é menor. Mas essa aceitação não ocorre por acaso: os cães apresentam um repertório comportamental complexo que pode ser desenvolvido em benefício das necessidades humanas. Em especial, parte do repertório do cão é formada por comportamentos sociais que têm considerável semelhança com comportamentos sociais encontrados na espécie humana. Cães buscam contato físico, interagem fazendo contato visual, possuem uma capacidade de expressão elaborada, entre outras características significativas que têm função reforçadora de comportamentos sociais de pessoas com relação a esses animais. Provavelmente por essa razão o convívio entre as duas espécies foi tão bem sucedido, trazendo benefícios para ambas as partes. Cães estabelecem relações que podem ser chamadas afetivas e que dificilmente podem ocorrer com outras espécies,

especificamente por causa das características da própria espécie de animal. Os cães parecem integrar uma série de características que os destacam das demais espécies animais com relação a sua capacidade de auxiliar a espécie humana em suas necessidades. Sua versatilidade os torna aptos a realizar diversas funções. Nenhuma outra espécie parece possuir a mesma capacidade de ser treinada confiavelmente para executar uma variedade de tarefas para atender às necessidades humanas (Serpell, Coppinger e Fine, 2006). Pequenos mamíferos, peixes, anfíbios e répteis além de não apresentarem a variedade de comportamentos complexos que são encontrados no repertório de cães, são animais que ficam a maior parte do tempo contidos em algum local que simula seu habitat e têm demandas sociais de seus “cuidadores” muito menores do que cães, gatos e cavalos. (Katcher e Beck, 2006)

Os cães são os animais com maior capacidade de utilização em diversas funções, tanto pela sua variabilidade física, quanto comportamental, por consequência são os mais utilizados em intervenções assistidas por animais. Como o cão é uma variável importante com a qual o psicólogo terá que lidar e que estará presente durante toda a sua intervenção, sendo diferente de outras espécies também possíveis de serem utilizadas, é útil incluir na expressão utilizada para nomear o subcampo de atuação profissional o seu nome. Dessa forma, a expressão apropriada para nomear o subcampo de atuação profissional referente ao uso de cães como apoio para realizar intervenções psicoterapêuticas é “Psicoterapia com Apoio de Cães”.

A definição de uma expressão apropriada para nomear o subcampo de atuação profissional de utilização de cães como apoio em processos psicoterapêuticos é um ponto de partida para definir o que é essa intervenção e do que ela é constituída. A delimitação proporcionada pela nomenclatura identifica que se tratam de intervenções realizadas por psicólogos, com relação a fenômenos ou processos psicológicos, em contextos clínicos, tendo cães com o apoio. Essa caracterização define melhor o que está em exame para a identificação de classes de comportamentos que constituem um tipo específico de intervenção profissional.

1.4 Relação entre intervenções de psicólogos com apoio de cães em contextos clínicos e os conceitos de mercado de trabalho e campo de atuação profissional

Kruger e Serpell (2006) afirmam que, para que a terapia assistida por animais saia do status de “bijuteria”, é necessário que siga os caminhos de outros tipos de intervenções terapêuticas como a quiropraxia e a acupuntura que estabeleceram a sua credibilidade por meio de experimentos

clínicos cuidadosamente controlados e de estudos sobre a validade da eficácia dos tratamentos realizados. Além de estudos científicos de melhor qualidade e em maior quantidade para compreender a terapia assistida por animais e, mais especificamente, no caso de intervenções realizadas por psicólogos, a psicoterapia com apoio de animais, a distinção entre mercado de trabalho e campo de atuação profissional proposta por Botomé e Kubo (2002) possibilita compreender no que consiste o conjunto de intervenções profissionais que levam esse nome.

A terapia assistida por animais não é muito difundida e conhecida no Brasil como possibilidade de atuação profissional de vários tipos de profissionais que lidam com diferentes fenômenos. No país, a maior parte do trabalho é realizada em caráter voluntário, com exceção da equoterapia que tem tido uma difusão maior no Brasil, mas mais propriamente por seus benefícios fisioterapêuticos do que psicoterapêuticos. Mas no caso da psicoterapia assistida por animais, no que consiste essa prática que parece não apresentar uma demanda de trabalho no território brasileiro? Seria essa demanda o determinante do que é o que pode se fazer sob o nome de psicoterapia com apoio de cães? Do que se trata a intervenção de psicoterapia com apoio de cães? Para responder esses questionamentos é útil examinar conceitos como mercado de trabalho e campo de atuação profissional.

De acordo com Botomé (1988), geralmente, uma profissão é definida por meio das práticas e rotinas estabelecidas social e legalmente como pertencentes a ela. Mas essas práticas e rotinas que compõem a profissão do psicólogo não devem ser delimitadas ao profissional pelas demandas e costumes sociais já estabelecidos. A separação entre as delimitações sociais impostas para a atuação do psicólogo e as suas várias possibilidades de atuação diante das necessidades sociais são os núcleos que distinguem o mercado de trabalho e o campo de atuação profissional de psicólogos. Botomé e Kubo (2002) esclarecem a distinção entre esses conceitos por meio do exame do que constitui cada um. Para esses autores, o mercado de trabalho é definido pelas ofertas de emprego, ou seja, é delimitado pelas demandas da sociedade. O objetivo é atender demandas sociais já existentes nas quais existe algum tipo de remuneração. A aprendizagem é voltada para atividades e rotinas técnicas utilizando instrumentos, procedimentos e “teorias” já em uso ou conhecidas. Em contrapartida, são as necessidades sociais e possibilidades de atuação em relação a elas que definem o campo de atuação profissional. O campo de atuação profissional é definido pelas possibilidades de atuação, não só aquelas existentes, mas também aquelas que podem ser criadas para atender a necessidades sociais. A referência delimitadora não são técnicas, atividades ou instrumentos, mas um fenômeno nuclear de atuação e as possibilidades de intervenção sobre ele. Na Figura 1.1 está

apresentado um quadro comparativo entre os conceitos de mercado de trabalho e campo de atuação profissional que facilita a comparação entre as duas concepções. Na primeira coluna estão os critérios que possibilitam distinguir um conceito de outro: a diferença entre eles com relação ao objetivo, àquilo que os define, àquilo que os delimita e àquilo que o conceito enfatiza.

Critérios de distinção	Conceito	
	Mercado de Trabalho	Campo de atuação profissional
Objetivo	Atender demandas sociais já existentes de empregadores	Intervir sobre os problemas e necessidades sociais
Aspecto definidor	Ofertas de emprego	Necessidades sociais e possibilidades de atuação em relação a elas
Referência de delimitação	Demandas sociais já existentes	Fenômeno nuclear de atuação e as possibilidades de intervenção sobre ele
Ênfase do conceito	Práticas existentes e no conhecimento já transformado em técnicas de trabalho	Perspectivas de trabalho a construir e desenvolver e não rotinas do passado ou práticas já conhecidas.

Figura. 1.1: Quadro comparativo dos conceitos de Mercado de Trabalho e Campo de Atuação Profissional.

A partir das distinções entre mercado de trabalho e campo de atuação profissional é possível identificar a psicoterapia com apoio de cães como um subcampo de atuação profissional. A psicoterapia com apoio de cães surgiu como uma possibilidade de intervenção com relação às necessidades sociais que já existiam e que eram trabalhadas de diferentes formas. A descoberta da possibilidade da utilização de cães como apoio para intervenções psicoterapêuticas teve seu início por acaso, mas o seu desenvolvimento como possibilidade de atuação profissional para atender necessidades sociais tem crescido desde então. A utilização de cães como apoio para a mudança de comportamentos de pessoas expandiu do consultório clínico no atendimento de crianças para diversos outros ambientes (Prisões, Asilos, Hospitais, Escolas), com diferentes tipos de pessoas apresentando diferentes tipos de necessidades. Tal ampliação de possibilidade de atuação que é voltada para o atendimento de necessidades que se tornam cada vez mais conhecidas como suscetíveis de atendimento por meio da psicoterapia com apoio de cães caracteriza essa intervenção como um subcampo de atuação profissional.

O termo “subcampo de atuação” é definido pelo âmbito de abrangência no qual esse tipo de atuação profissional se localiza com relação a psicoterapia em geral. Como a psicoterapia é um âmbito de atuação mais abrangente que a psicoterapia com apoio de cães e pode ser compreendida como um campo de atuação profissional conforme propõe Mattana (2004), a psicoterapia com apoio de cães constitui um subcampo pertencente a esse campo de atuação mais abrangente.

Muitas pessoas defendem a terapia assistida por animais como uma atividade voluntária e filantrópica (ANDE, s.d.; Dotti, 2005). Esse tipo de afirmação parece demonstrar ainda uma confusão entre o que consiste uma terapia assistida por animais e o que é uma atividade assistida por animais. Uma terapia assistida por animais é uma intervenção profissional como qualquer outra que compõe as possibilidades de atuação de um profissional de uma determinada área que busca obter resultados terapêuticos. Apesar da definição proposta pela Delta Society para atividade assistida por animais não ser suficientemente clara na distinção entre o que é uma atividade assistida e o que é uma terapia assistida, especialmente porque inclui como decorrência da atividade assistida efeitos terapêuticos, é possível separá-las. O núcleo da distinção está no caráter recreacional da atividade assistida e no caráter terapêutico da terapia assistida. Também é possível acrescentar como ponto de distinção o fato de que a terapia é realizada por profissionais que estão atuando especificamente sobre os fenômenos de trabalho de suas áreas; enquanto que na atividade, mesmo que realizada por profissionais, a atuação não é voltada para nenhum objetivo específico referente ao fenômeno com o qual o profissional lida em sua profissão. Na atividade o benefício é o bem-estar produzido por uma atividade recreacional que envolve animais que podem produzir tais efeitos quando em contato com pessoas. Por essa razão não há motivo pelo qual delimitar a terapia assistida por animais como uma intervenção voluntária e de caráter filantrópico. Ela é eminentemente uma intervenção profissional; se há ou não remuneração referente ao trabalho e se o público atendido é capaz ou não de pagar por tais serviços, não é isso que irá definir o que é ou não uma psicoterapia com apoio de cães. O exame dessas proposições também pode ser feito a partir das noções de campo de atuação profissional e mercado de trabalho.

A falta de demanda social e ofertas de emprego também pode ser uma explicação para a provável confusão e má delimitação entre dois tipos de trabalhos (terapia assistida por animais e atividade assistida por animais) que apresentam algumas características em comum. Essa carência de oportunidades de trabalho também pode auxiliar a explicar o porquê algumas pessoas consideram que a terapia assistida por animais deva ter um caráter de voluntariado ou filantrópico. A psicoterapia com apoio de cães ainda é um tipo de intervenção nova, pelo menos no Brasil, e está

enquadrada num conjunto de práticas profissionais que ainda carecem de mais comprovações científicas de sua efetividade. Seus benefícios e possibilidades ainda precisam ser mais estudados, pois ainda não são completamente conhecidos pelos próprios profissionais que realizam e defendem esse tipo de intervenção, quanto mais pela comunidade em geral. Dessa forma, não existem ofertas ou oportunidades abundantes para a realização desse tipo de trabalho. Aqueles que desejam atuar nesse subcampo se sujeitam a trabalhar sem remuneração, pois não há pessoas ou instituições demandando esse tipo de serviço que estão dispostas a pagar por ele. Além disso, os locais ou pessoas que aceitam se submeter a um tipo de intervenção pouco conhecido e ainda pouco representado por resultados significativos, são pessoas que estão dispostas a participar de tratamentos pela ausência de alternativas que lhes sejam mais efetivas na solução de suas necessidades. Além disso, parece que essas idéias de voluntariado e filantropia descon sideraram a noção de caracterização das necessidades sociais (Botomé e Kubo, 2002) e a distinção entre mercado de trabalho e campo de atuação profissional. Focar a atuação somente onde haverá remuneração financeira ou reconhecimento social é um tipo de atuação voltada para o mercado de trabalho. Não há necessidade de delimitar essa prática como filantrópica ou de voluntariado caso ela não seja paga, ou feita com pessoas sem recursos financeiros. A remuneração ou não da atividade não é o que deve defini-la, nem também a delimitação de seu público alvo para determinadas camadas da população. Realizar psicoterapia com apoio de cães é um tipo de intervenção profissional orientada para os problemas e necessidades sociais. É necessário caracterizar quais são as necessidades sociais para que seja possível projetar intervenções que atendam as necessidades nos mais diferentes âmbitos nos quais esses atendimentos são possíveis, respeitando os profissionais que realizam tal atividade e valorizando-os por isso.

Caracterizar a psicoterapia com apoio de cães como subcampo de atuação profissional ajuda a compreender um pouco mais sobre o que é esse tipo de intervenção que ainda é muito confusa e pouco definida até para aqueles que lidam com ela há muito tempo. Identificar as possibilidades de atuação profissional além daquilo que é delimitado pela demanda social (pequena ainda) ou pelas teorias ou técnicas já estabelecidas é um avanço que a noção de campo de atuação profissional permite. A partir desse avanço, investigar o que compõe esse subcampo de atuação profissional em termos das classes de comportamentos que o compõem é um avanço para a caracterização do que é intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães e possibilitará a realização de intervenções mais úteis e coerentes com as necessidades sociais, ampliando o atendimento dessas necessidades para além de âmbitos de intervenção apresentados por Rebelatto e Botomé (1999) de atenuar sofrimento, compensar dano, corrigir lesões, recuperar prejuízos e

minimizar problemas e atingindo âmbitos ainda mais significativos que esses autores destacam como necessários: prevenir para que os problemas não aconteçam e nem venham a acontecer, manter condições já adequadas e promover condições melhores ainda.

1.5 A evolução da noção de Comportamento e a produção de conhecimento sobre intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

Psicoterapia com apoio de cães é o nome de um subcampo de atuação profissional de psicólogos. Mas no que consiste a atuação profissional nesse subcampo? O que constitui o “fazer” que possa ser nomeado como psicoterapia com apoio de cães? Examinar o “fazer” que nomeia esse subcampo de atuação profissional implica em, antes disso, examinar o que é “fazer” e do que ele é composto. A noção de comportamento permite compreender o que é o “fazer humano” e possibilita examinar e aumentar a visibilidade sobre o que é o “fazer” que constitui o subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é uma classe de comportamentos complexa e mais geral que, provavelmente, é composta por muitas outras classes de comportamentos menos abrangentes. Para compreender esse tipo de intervenção como uma classe de comportamentos é útil examinar primeiramente o que é esse fenômeno que é chamado de comportamento e quais as suas características. Examinar a classe geral de comportamentos “intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães” a partir da noção de comportamento permitirá compreender melhor no que consiste o processo de utilização de cães como apoio para psicoterapias, orientar intervenções profissionais nesse subcampo de atuação profissional e elaborar programas de ensino para formar pessoas aptas a realizarem esse tipo de trabalho.

A preocupação com o “fazer humano” remonta a épocas longínquas da própria espécie que ainda nem concebia a si mesma como humana. Esse “fazer” era envolto de mistério e desconhecimento. Inicialmente a forma de explicar aquilo que se fazia e os seus determinantes se dava por meio de explicações mitológicas e místicas nas quais divindades e demônios eram responsáveis pela condução daquilo que o homem fazia. Com o passar das épocas, a evolução da espécie humana e do seu conhecimento produzido proporcionou novas explicações. O comportamento humano passou a ser explicado por analogias com a natureza (comparando os determinantes do comportamento como os mecanismos de uma máquina) ou por concepções religiosas (alma, espírito, mente), pressupondo que “entidades” habitantes do corpo seriam as

responsáveis pelo controle daquilo que uma pessoa fazia. As contribuições de conceitos como causalidade, sistemas, caos, indeterminação proporcionaram avanços na compreensão do que o homem fazia e porque ele fazia. Esse “fazer” passou a ser visto integrado com o ambiente e não mais dissociado de um contexto. A noção de ecologia ajudou a perceber a natureza não mais como um cenário para um “ator” independente dela. Nessa nova concepção esse “ator” é parte da natureza, determinando-a ao mesmo tempo em que é determinado.

Com o desenvolvimento da Psicologia como área de conhecimento, seu fenômeno de trabalho, previamente tido como as anomalias e patologias da conduta, foi ampliado para o “fazer humano” em geral. Neste ponto da evolução do estudo do “fazer humano” esse fenômeno passou a ser chamado de comportamento. A definição de um objeto ou fenômeno tem como regra a descrição das suas características, propriedades ou atributos. Para definir um fenômeno em termos científicos é preciso definir as características fundamentais que o compõem. Keller e Schoenfeld (1968) e Botomé (2001) são autores que examinaram com atenção a evolução da noção de comportamento como objeto de estudo científico.

O princípio da descrição das características essenciais do comportamento pode ser considerado as descobertas de Pavlov. Enquanto estudava a produção de saliva de cães quando certos ácidos ou comidas eram inseridos em sua boca, Pavlov identificou que a produção de saliva ocorria sem a necessidade do ácido ou alimento, podendo ser iniciada pela simples presença do experimentador que anteriormente alimentou o cão. Por meio de experimentos bem controlados, Pavlov descobriu que um evento que acompanhasse consistentemente outro evento que produzisse uma determinada resposta do organismo, passaria a ter a propriedade de produzir também essa resposta. Essa resposta que ocorria após o estímulo pareado era chamada de reflexo e o estímulo inicial que a produzia era denominado “estímulo incondicionado”, enquanto o estímulo pareado era denominado “estímulo condicionado”. Skinner ao avaliar as contribuições dessas pesquisas identificou que reflexo era a relação entre o estímulo apresentado e a resposta ocorrida. O estímulo e a resposta eram apenas dois componentes usados para identificar a relação existente por meio da análise dessa mesma relação (Botomé, 2001).

As descobertas de Pavlov identificaram uma característica, mais especificamente uma parte, do fenômeno chamado comportamento. Pavlov havia descoberto a relação entre o ambiente que antecede uma resposta (estímulo antecedente) e a própria resposta apresentada pelo organismo. Skinner avançou mais ainda na compreensão do comportamento quando identificou outra parte do fenômeno. Ao estudar o comportamento de ratos de pressionar uma barra em um ambiente reduzido

e controlado chamado “caixa de Skinner”, o pesquisador descobriu que a frequência de pressões à barra aumentou rapidamente quando a consequência era o aparecimento de alimento. Esse tipo de descoberta não poderia ser explicada por meio da concepção de comportamento reflexo. De acordo com Keller e Schoenfeld (1968), para dar conta de elucidar o que estava acontecendo, Skinner propôs dois tipos de condicionamento, um chamado “Tipo S” e outro chamado “Tipo R”. O “Tipo S” seria referente à ocorrência de uma resposta mediante um estímulo que a provocasse, como no caso do cão que salivava ao som do metrônomo utilizado por Pavlov e que havia sido pareado com a apresentação da comida. No condicionamento do “Tipo R” a estimulação que provocasse a resposta era desconhecida, mas a consequência que se seguia à resposta era determinante da ocorrência dessa resposta. Previamente, Edward Lee Thorndike já havia postulado um princípio sobre o qual o prazer ou a satisfação que se seguia à realização de uma atividade teria efeito sobre essa atividade. No entanto, questionamentos a respeito de como um efeito posterior a realização de uma ação teria efeito sobre essa ação e sobre o fato de que ser prazeroso ou não seria o aspecto determinante dessa resposta indicaram que o conhecimento produzido necessitava de mais avanços. As noções de reforço e do condicionamento do “Tipo R” contribuíram para a compreensão de que a consequência produzida teria efeito sobre a classe de respostas, ou seja, sobre respostas com propriedades semelhantes que viriam a ocorrer posteriormente.

Nesse ponto da evolução do conceito de comportamento o conceito de classe possibilitou novos avanços. Classes são conjuntos de eventos que apresentam propriedades semelhantes entre si. No caso de classes de comportamentos, a expressão não se refere a um único comportamento determinado, mas a comportamentos que apresentam como propriedade semelhante a sua função. Outras propriedades podem variar, mas a função do conjunto de comportamentos pertencentes a uma classe é a mesma. Kienen e Viecili (2007) apresentam os comportamentos chamados “apertar a mão de alguém” como exemplos de comportamentos que constituem uma classe, nesse caso a classe de comportamentos chamada “apertar a mão de alguém”. Essa classe pode apresentar variações em diferentes propriedades (força da resposta, topografia da resposta, tipo de estímulo, intensidade do estímulo, etc.), no entanto a função de ter a mão de alguém apertada é comum aos comportamentos que compõem essa classe.

Uma classe de comportamentos também pode ser composta por outras classes de comportamentos de abrangência menor. Kienen e Viecili (2007) citam o caso da classe de comportamentos “cumprimentar alguém”, que pode ser constituída por outras classes que podem levar esse nome, como por exemplo, “apertar a mão de alguém”, “abraçar alguém”, “beijar

alguém”, “acenar a mão para alguém”, “piscar para alguém”. Cada um desses comportamentos, que também formam classes, apesar de diferentes em suas propriedades, apresentam a mesma função que é “cumprimentar alguém”.

A noção de classes ajudou a compreender melhor a relação entre a ação do organismo e o ambiente. Mesmo assim, ainda havia uma marcante distinção entre dois tipos de comportamentos, os chamados “respondentes” e os chamados “operantes”. O primeiro referente à relação de estímulos que produziam respostas e o segundo sobre a relação de estímulos que seguiam a resposta e teriam influência sobre a probabilidade de ocorrência dessas respostas no futuro. Essa dicotomia foi superada de forma semelhante à ocorrida com a limitação da compreensão da noção de reflexo. Inicialmente o reflexo era tomado como a própria resposta do organismo. Posteriormente foi identificado que “reflexo” era o nome da relação que se estabelecia entre o estímulo e a resposta. No caso da distinção entre comportamentos respondentes e comportamentos operantes eram formas de relação da ação do organismo (resposta) com o meio, compreendido como aquilo que ocorre antes e após a ação desse organismo. Catania (1973, citado por Botomé 2001) afirma que o conceito de operante deveria basear-se em uma ênfase nas propriedades das relações entre respostas e estímulos e não nas propriedades das classes de respostas. Como no caso da noção de reflexo, a questão nuclear no comportamento operante é a relação entre o ambiente e a resposta do organismo. Botomé (2001) vai mais além e chama a atenção para a necessidade de explicitar ainda mais o aspecto crítico do operante. Segundo o autor, esse aspecto crítico seria a relação entre as propriedades de uma classe de respostas e as propriedades de uma classe de eventos ambientais e não somente entre a classe de respostas e classes de estímulos. Como o ambiente com o qual o organismo se relacionava por meio da sua ação era composto por eventos que ocorriam antes da ação do organismo e depois da ação do organismo, foi possível perceber uma integração entre duas partes que eram vistas até então como separadas. Dessa forma, as relações entre o ambiente anterior à ação (classes de estímulos antecedentes), a ação do organismo (classe de respostas) que era nomeada de “respondente” e as relações entre o ambiente posterior à ação (classes de estímulos conseqüentes) e a ação do organismo (classe de respostas) que era nomeada de “operante” compunham uma única unidade chamada comportamento.

O resultado dos esforços, controvérsias, pesquisas, conceituações, reformulações, etc. foi a elaboração de um conceito que ajuda a compreender de forma mais clara o que é o “fazer humano” e quais são os seus determinantes. Após tanto trabalho o comportamento pôde ser compreendido como a relação entre aquilo que o organismo faz e o ambiente no qual o ele o faz. Segundo Botomé

(2001) os estudos em psicologia, desde o final do século XIX, permitiram a descoberta de muitos dados que possibilitam entender e lidar com o comportamento como uma relação e não mais como apenas aquilo que era a ação visível do organismo. Mas quais seriam essas relações possíveis entre a ação do organismo e o ambiente no qual essa ação ocorre?

Para compreender as relações existentes entre a ação do organismo e o ambiente no qual essa relação ocorre é útil examinar com mais atenção o que é esse ambiente de que se fala. Dentro do conceito de comportamento, o ambiente é considerado como os eventos que antecedem ou ocorrem junto à ação de um organismo e o que acontece depois (imediatamente ou não) dessa ação. Com essa compreensão o ambiente não é mais percebido como algo fixo e estático, mas como algo transformador e passível de ser transformado.

Na Figura 1.2 são apresentados de forma esquemática os três componentes envolvidos na relação entre o que o organismo faz e o ambiente no qual o faz. Na figura é apresentado o ambiente no qual a ação ocorre (situação) e o ambiente que decorre (ou existe) da ação. Esse ambiente é apresentado nas duas colunas periféricas da figura, enquanto na coluna do meio é apresentada a ação, cujo papel aparece bem definido como evento produtor de um novo ambiente (uma situação diferente da que existia anteriormente à ação).

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
O que acontece antes ou junto da ação de um organismo	Aquilo que um organismo faz	O que acontece depois da ação de um organismo

Figura 1.2: Especificação dos três componentes constituintes da definição de comportamento como “relação entre o que um organismo faz e o ambiente (anterior e posterior à ação) em que o faz”. Reproduzido de Botomé (2001, p. 693)

A partir da ilustração dos três componentes constituintes do comportamento é possível demonstrar com mais clareza quais são as relações possíveis entre esses três componentes e como essas relações ocorrem. Entre os três componentes do comportamento é possível identificar seis tipos de relação existentes. Na Figura 1.3 são apresentadas essas seis relações existentes entre os componentes do comportamento. Na primeira coluna estão enumerados os tipos de relação e nas colunas ao lado estão indicadas por setas as relações entre os componentes dos comportamentos (situação antecedente, ação e consequência). Na primeira relação indicada, a de tipo 1, a situação

antecedente facilita ou dificulta a ocorrência da ação. Na relação tipo 2, a ação do organismo produz determinados resultados ou é seguida de eventos do ambiente. Na relação tipo 3, a oportunidade para que a ação produza um resultado é sinalizada por algum aspecto (ou mais de um) da situação antecedente. Na relação de tipo 4, as propriedades das conseqüências da ação alteram (aumentam ou diminuem) a probabilidade de ocorrência de ações da mesma classe que a ação que produziu tal resultado. Na relação de tipo 5, um ou mais aspectos que constituem a situação antecedente “sinaliza(m)” a conseqüência que será obtida, caso a classe de ações seja apresentada. Na relação de tipo 6, a conseqüência produzida ou evento ocorrido após a ação realizada faz com que aspectos do ambiente passem a ter função sinalizadora de que, diante deles, por meio da apresentação de uma ação, será possível obter um determinado tipo de conseqüência. A relação de tipo 7 é uma demonstração sintética de todas as relações que podem ocorrer entre os três componentes do comportamento. Essas relações não são fixas, absolutas. Elas estão em interação constante, bastando uma mudança em algum aspecto constituinte dos componentes dos comportamentos para que essas relações também se alterem.

Tipo de relação	Situação antecedente (o que acontece antes ou junto à ação de um organismo)	Ação (aquilo que um organismo faz)	Conseqüência (o que acontece depois da ação de um organismo)
1		→	
2			→
3	←		
4		←	
5			→
6	←		
7	← →	← →	← →

Figura 1.3: Diferentes tipos de relações básicas entre os três tipos de componentes de um comportamento. Reproduzido de Botomé (2001, p. 701)

Ao falar sobre comportamentos é necessário nomeá-los. A categoria gramatical utilizada para expressar o que os organismos fazem é o verbo. Esses verbos ora enfatizam a ação do organismo, ora a relação entre a situação antecedente e a ação, ora a relação entre a situação conseqüente e a ação. Tais verbos resumem a relação ao invés de indicar os componentes envolvidos na relação entre o que o organismo faz e o ambiente (anterior ou posterior ao fazer) em que o faz. Verbos como “inferir”, “concluir”, “deduzir” são alguns exemplos de verbos que destacam aspectos da situação antecedente (informações de qualquer tipo) e uma ação do organismo (afirmar algo a partir dessas informações). No caso dos verbos “inferir”, “concluir”, “deduzir” não fica claro o que é produzido pela ação. Verbos como “pular”, “andar”, “dizer” enfatizam basicamente aquilo que um organismo faz, a ação apresentada (classe de respostas). No caso de verbos como “abotoar”, “limpar”, “fechar” a ênfase está na relação entre a ação e a conseqüência (situação conseqüente). Os complementos de verbos como os objetos transitivos diretos e indiretos também são classes gramaticais que ajudam a nomear classes de comportamentos e informar sobre os componentes e relações existentes.

Obter informações a respeito de componentes do comportamento, sobre aquilo que se faz (classe de respostas), daquilo com que se lida ou compõe o ambiente no qual se faz alguma coisa (situação antecedente), ou daquilo que se sucede ou é produzido por esse fazer (situação conseqüente) ajuda a nomear comportamentos referentes a diferentes fazeres do homem. No caso de intervenções profissionais compostas por classes de comportamentos complexas, as informações contidas na literatura podem indicar comportamentos ou partes dele (componentes de comportamentos) de forma que seja possível nomeá-los para aumentar a perceptibilidade sobre o que constitui essa intervenção profissional.

Considerar os avanços sobre o conceito de comportamento e as contribuições da análise experimental do comportamento, como conjunto de conhecimento produzido a respeito do fenômeno psicológico, possibilita identificar classes de comportamentos constituintes da classe geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” a partir da literatura e organizá-las em um sistema comportamental. A noção de comportamento aumenta a perceptibilidade acerca de um tipo de intervenção que constitui um subcampo de atuação profissional. A literatura existente sobre esse subcampo é uma fonte útil que permite, por meio das descobertas sobre a noção de comportamento e sobre o próprio comportamento humano, produzir conhecimento útil que oriente a atuação direta de psicólogos nesse subcampo, ou até o

desenvolvimento de programas de ensino para tornar aprendizes aptos a realizarem psicoterapias com apoio de cães.

MÉTODO PARA IDENTIFICAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES.

2.1 Fonte de informação

A fonte de informação utilizada para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães foi “MacNamara, M. F. e Butler, K. (2006). The art of animal selection for animal-assisted activity and therapy programs. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp. 121-147)”

A dissertação de mestrado de Mattana (2004), intitulada *Comportamentos profissionais do terapeuta comportamental como objetivos para sua formação*, que apresenta comportamentos profissionais de psicoterapeutas sobre processos ou fenômenos psicológicos e a pesquisa desenvolvida junto ao Departamento de Psicologia e Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e apresentada no XII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental por Botomé, S. P., Kubo, O. M., Mattana, P. E., Kienen, N. Shimbo, I. (2003), chamada “*Processos comportamentais básicos como objetivos gerais, ou classes gerais de comportamentos, ou competências para a formação do psicólogo*”, também foram utilizadas como fonte para a identificação de classes de comportamentos. Essas duas referências foram utilizadas para identificar apenas três classes de comportamentos gerais que, juntamente com mais uma classe geral identificada no capítulo sobre seleção de animais, possibilitaram a organização das demais classes de comportamentos identificadas em um sistema comportamental por âmbitos de abrangência.

2.2 Critérios de seleção das fontes de informação

O capítulo utilizado para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogo no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães foi selecionado em função de algumas peculiaridades relacionadas às informações contidas no capítulo. *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for*

practice é um manual orientado para embasar a atuação de profissionais e para orientá-la. A obra é um manual publicado originalmente em 2001 e a versão utilizada como fonte de informação é a segunda edição, publicada em 2006, que apresenta alguns capítulos adicionais com relação a primeira edição. Esse é um livro com 534 páginas que contém informações sobre vários aspectos da intervenção em terapia assistida por animais (bases teóricas das relações entre seres humanos e animais, utilização de animais em saúde mental, a seleção de animais, o planejamento e a implementação de um programa em organizações de saúde). O manual representa uma produção de conhecimento significativa com relação à intervenção direta de profissionais e de voluntários que utilizam animais como apoio para intervenções terapêuticas. A obra, organizada por Aubrey H. Fine é composta por capítulos de autoria de vários autores que estudam e desenvolvem atividades relacionadas em algum grau com atividades e/ou terapia assistida por animais e que examinam diferentes questões a respeito desses subcampos de atuação profissional. Como os comportamentos do cão são uma das variáveis mais importantes em uma psicoterapia com apoio de cães, uma vez que é por meio desses comportamentos que o psicólogo tem um apoio para a sua psicoterapia, a seleção da obra, e mais especificamente do capítulo utilizado, foi orientada especificamente para o exame dessa variável. Como nenhum capítulo da obra apresentava orientações específicas com relação aos comportamentos do cão (quais os comportamentos necessários, como utilizá-los em uma psicoterapia) o capítulo a respeito da seleção do animal foi aquele que poderia fornecer (de forma indireta) o tipo de informação desejada. Dessa forma, dentro da obra Fine, A. H. (2006). *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*, o capítulo selecionado como fonte de informação foi MacNamra, M. F. e Butler, K. (2006). *The art of animal selection for animal-assisted activity and therapy programs*.

A organização das classes de comportamentos identificadas no capítulo utilizado como fonte de informação requereu uma base de classes gerais de comportamentos nas quais fossem distribuídas essas classes identificadas. A pesquisa desenvolvida por Botomé e col. (2003) apresenta seis classes gerais de comportamentos constituintes de intervenções diretas de psicólogos sobre fenômenos ou processos psicológicos. As seis classes apontadas por esses autores são: “*Caracterizar necessidades sociais em relação a alterações em processos comportamentais*”, “*Projetar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*”, “*Executar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*”, “*Avaliar intervenções realizadas em relação a processos comportamentais*”, “*Aperfeiçoar intervenções em relação a processos comportamentais a partir de dados de avaliação*” e “*Comunicar descobertas feitas em intervenções sobre processos comportamentais*”. A partir dessas classes gerais de comportamentos profissionais

da intervenção direta de psicólogos sobre fenômenos psicológicos, Mattana (2004) identificou as classes gerais de comportamentos profissionais referentes a intervenções de psicólogos em contexto clínico: “*Caracterizar necessidades de intervenção em relação a comportamentos num contexto clínico*”, “*Projetar intervenções relacionadas com as necessidades caracterizadas com relação ao contexto clínico*”, “*Executar intervenções projetadas em relação a comportamentos em contexto clínico*”, “*Avaliar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*”, “*Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*” e “*Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico*”. Como a intervenção em psicoterapia com apoio de cães é um tipo específico de intervenção em contexto clínico, foi possível, a partir das contribuições de Botomé e col. (2003) e Mattana (2004) obter as classes de comportamentos gerais “*Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*”. A classe de comportamentos “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” pôde ser identificada no capítulo de MacNamara e Butler (2006) e também nos trabalhos Botomé e col. (2003) e Mattana (2004).

Como não foram identificadas no capítulo em exame da obra utilizada como fonte de informação classes menos abrangentes de comportamentos das classes mais gerais “*Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*” e “*Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico*” elas não foram incluídas na lista de classes gerais de comportamentos de psicólogos em intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas. Isso não quer dizer que tais classes não devam compor o repertório profissional de um psicólogo que atua em contextos clínicos com apoio de cães; significa que essas classes não foram examinadas em virtude das características da fonte de informação utilizada.

2.3 Equipamento e material

Para a etapa da obtenção de classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, foi utilizada as referências selecionadas como fonte de informação, o computador pessoal do pesquisador,

protocolo de observação e registro, impressora, um caderno para registro sistemático das informações, caneta azul, lapiseira e borracha.

2.4 Procedimento¹

Para obter as informações que possibilitaram responder à pergunta de pesquisa – “*Quais comportamentos constituem a intervenção de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães?*” foi realizado um procedimento composto de nove etapas. Uma décima etapa possibilitou a organização dessas classes de comportamentos descobertas em um sistema comportamental.

2.4.1 Identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação que faziam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

Nesta primeira etapa foram realizadas a leitura das fontes de informação, a identificação e a seleção de trechos que se referem, direta ou indiretamente, a uma ou mais variáveis que constituem os componentes dos comportamentos que compõem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Esses componentes do comportamento foram: **(1) classe de estímulos antecedentes** (com o que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães lida); **(2) classe de respostas** (o que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães terá que fazer com relação àquilo com que ele lida); **(3) classe de estímulos consequentes** (o que decorre daquilo que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães fez). A Figura 2.1 possibilita ilustrar os três componentes do comportamento.

¹ Este procedimento tem como referência o procedimento desenvolvido por Botomé e Kubo (2007a) apresentado em aula no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e utilizado por Luca (2007) em seu Ante-projeto da Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Classes de Estímulos Antecedentes	Classe de Respostas	Classe de Estímulos Conseqüentes
Com o que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães lida	O que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães terá que fazer com relação àquilo que ele lida	O que decorre daquilo que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães fez

Figura 2.1: Representação esquemática dos três componentes de comportamento de intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

Alguns trechos forneceram informações acerca de apenas um componente das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Outros trechos forneceram informações sobre mais de um componente, ou até mesmo, não forneceram informação sobre componentes dos comportamentos, mas apresentaram as próprias classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães. Portanto, além dos três componentes de comportamentos, também foi possível obter direta ou indiretamente, por meio dos trechos selecionados, classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

Os trechos que se referem às classes de comportamentos, a uma ou mais variáveis que constituem as classes de comportamentos que compõem intervenção de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, foram transcritos em um Protocolo de observação. Esse Protocolo de observação é constituído por seis colunas conforme apresentado na Figura 2.2.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página do trecho selecionado	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos

Figura 2.2: Representação do protocolo de observação utilizado para o registro de classes de comportamentos e classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães.

Na primeira coluna foram transcritos os trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação. Como o capítulo utilizado como fonte de informação é em língua inglesa, os trechos foram traduzidos e transcritos em língua portuguesa. A segunda coluna foi utilizada para o registro das classes de estímulos antecedentes. A terceira coluna foi referente ao registro das classes de respostas e a quarta, referente às classes de estímulos conseqüentes. A quinta e última coluna foi utilizada para o registro de classes de comportamentos. Um trecho destacado podia apresentar informações referentes a um ou mais componentes do comportamento ou classes de comportamentos .

A Figura 2.3 apresenta um exemplo do preenchimento do protocolo de observação com informações sobre a página do trecho selecionado e o trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação. Essas informações compõem o preenchimento da primeira coluna do protocolo de observação.

Ao final do registro do trecho selecionado foi inserida uma numeração correspondente à etapa realizada. Por exemplo, após o registro do trecho “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia.” foi inserida a numeração “(1)” indicando se tratar da primeira etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura realizada. Da primeira até a sétima etapa realizada com relação ao trecho selecionado foram numeradas a seqüência de realização dessas etapas. Como pode ser observado no Anexo deste trabalho (páginas 271 a 361), todos os protocolos de registro apresentam a numeração indicativa da etapa realizada ao lado do registro do produto dessa etapa.

Dessa forma é possível identificar nos protocolos de observação a seqüência de realização das etapas do procedimento até a sétima etapa. Tal ordenação também permite compreender como os dados foram sendo obtidos e tratados.

Trecho selecionado da obra que utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.173 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia.” (1)				

Figura 2.3: Exemplo de trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e a transcrição desse trecho no Protocolo de observação, indicando a página de onde foi extraído (p.173) e o número indicativo da etapa realizada “(1)”

2.4.2 Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que continham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

Após a primeira etapa de identificar, selecionar e transcrever trechos da obra que faziam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, a segunda etapa do procedimento foi identificar e destacar, nesses trechos selecionados, as partes que continham informações sobre as classes de comportamentos e/ou classes de componentes desses comportamentos. Nessa etapa, as partes referentes às classes de comportamentos ou classes de componentes de comportamentos foram destacadas em negrito.

Na Figura 2.4 é apresentado um exemplo de destaque de informações referentes a classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. No trecho apresentado na Figura 2.4 foram destacadas as seguintes partes: **trazer um animal, começo de uma terapia, paciente reservado** e

superar sua ansiedade sobre a terapia. Ao final dessa etapa foi inserida a numeração “(2)” ao lado da já existente numeração “(1)”, indicando a realização da segunda etapa.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.1 73 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia. ” (1,2)				

Figura 2.4: Exemplo de destaque de partes que continham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, em trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação e o registro da realização da segunda etapa do procedimento que compõe o método da pesquisa.

2.4.3. Identificar e registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação

A terceira etapa do procedimento realizado foi identificar e registrar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir das partes destacadas nos trechos selecionados. As partes destacadas que faziam referência a *classes de estímulos antecedentes* indicavam aspectos do ambiente (físico ou social) com as quais o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães lida. As partes que faziam referência a *classes de respostas* foram as partes que indicavam o que o psicólogo faz com aquilo que ele lida. As *classes de estímulos consequentes* foram encontradas nas partes destacadas dos trechos que faziam referência a algo produzido ou que decorresse da resposta apresentada por um psicólogo que intervém no subcampo de atuação de psicoterapia com apoio de

cães. Por fim, as partes destacadas dos trechos compostas de verbos e complementos referentes a uma relação entre aquilo que o psicólogo faz e a situação em que o faz foram as *classes de comportamentos*. Essas unidades de análise (classes de estímulos antecedentes; classes de respostas, classes de estímulos conseqüentes e classes de comportamentos) foram aquilo que foi identificado nas partes destacadas dos trechos selecionados da obra que compõe a fonte de informação.

Na Figura 2.5 é apresentado um exemplo de identificação de classes de componentes de comportamentos básicos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir das partes destacadas em um trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação. O trecho “(...) *trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia*” é o mesmo presente nas Figuras 2.3 e 2.4.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.173 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia. ” (1,2)	Começo de uma terapia; (3) Paciente reservado; (3)	Trazer um animal; (3)	Supera sua ansiedade sobre a terapia, (3)	

Figura 2.5: Exemplo de caracterização de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de partes destacadas de um trecho selecionado de uma das fontes de informação utilizadas para a realização e registro da terceira etapa do procedimento que compõe o método da pesquisa.

As partes destacadas: “*trazer um animal*”, “*começo de uma terapia*”, “*paciente reservado*”, “*superar sua ansiedade sobre a terapia*” fazem referência a diferentes categorias de análise apresentadas no protocolo de registro. “*Começo de uma terapia*” e “*paciente reservado*” fazem referência a aspectos do meio com os quais um psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães terá que lidar. Portanto, essas partes

destacadas são referentes a *classes de estímulos antecedentes*. A parte destacada “*trazer um animal*” indica algo que um psicólogo precisa fazer com aquilo que ele lida e a parte “*superar sua ansiedade sobre a terapia*” faz referência a uma decorrência de “*trazer um animal*” e, portanto, é uma *classe de estímulos conseqüentes*, pois indica uma decorrência do que o psicólogo fez com aquilo que ele lida. A linguagem utilizada para o registro das classes de componentes de comportamentos ou de classes de comportamentos identificadas nesta etapa foi sempre a mais próxima da utilizada pelo autor.

Com relação às categorias de análise visualizadas na Figura 2.5, é possível perceber também que, no caso desse exemplo, o trecho selecionado não possui referência a *classes de comportamentos*. Desse modo, a coluna referente a essa categoria de avaliação não será preenchida com nenhuma informação.

Cada referência a uma classe de componentes de comportamentos registrada no protocolo de observação apresenta a numeração “(3)”, indicando que essas referências foram obtidas a partir da terceira etapa. Desse modo é possível acompanhar o preenchimento do protocolo desde a primeira etapa.

2.4.4. Avaliar e aperfeiçoar, quando necessário, a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.

Como a linguagem utilizada no capítulo usado como fonte de informação, de onde foi identificada a maior parte das classes de comportamentos, não é específica da Análise do Comportamento, nem sempre os comportamentos e componentes identificados são expressos da maneira mais adequada para descrever e caracterizar uma classe de comportamentos ou uma classe de componentes de um comportamento. Desse modo, na quarta etapa de obtenção das classes de comportamentos e/ou componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a linguagem utilizada para expressar essas classes identificadas nos trechos selecionados foi avaliada. Nos casos em que a linguagem utilizada não era a mais apropriada, uma linguagem mais apropriada foi proposta.

No caso das classes de respostas, por serem atividades de um organismo, o modo mais apropriado para expressá-las é por meio de verbos. As classes de situações antecedentes são melhor expressas por substantivos, pois são relativas aos aspectos com que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães se relaciona. A mesma forma de expressão, por substantivos, é a maneira mais adequada de expressar as classes de situações conseqüentes, ou seja, o que decorre do que um psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães faz. Na Figura 2.6 é possível verificar a alteração da linguagem com relação à classe de respostas “*trazer um animal (para a terapia)*” e à classe de estímulos conseqüentes “*(O paciente) Supera sua ansiedade sobre a terapia*”.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.173 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia.” (1,2)</p>	<p>Começo de uma terapia;(3) Paciente reservado; (3)</p>	<p>Trazer um animal (para terapia); (3)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Introduzir um animal na sessão de terapia;(4)</p>	<p>(O paciente) Supera sua ansiedade sobre a terapia; (3)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido;(4)</p>	

Figura 2.6: Exemplo de avaliação e alteração da linguagem utilizada para expressar componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de partes destacadas e registro da quarta etapa do procedimento que compõe o método da pesquisa.

Na coluna referente a classes de respostas, a expressão “*Trazer um animal (para terapia)*”, referente a uma classe de respostas identificada a partir das partes destacadas, necessita ser alterada. O verbo utilizado “*trazer*” não é preciso com relação àquilo que um psicólogo que atua no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães precisa fazer. O verbo “*introduzir*” é mais preciso na expressão daquilo que um psicólogo precisa fazer ao se relacionar com uma situação. Portanto, a classe de respostas passou a ser expressa como “*Introduzir um animal na sessão de terapia*”. Ao lado da expressão proposta está registrado o número “(4)” referente à

realização da quarta etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura.

Na coluna referente às classes de estímulos conseqüentes que compõem a Figura 2.6, o estímulo conseqüente expresso em negrito “*(O paciente) Supera sua ansiedade sobre a terapia*” é substituído pela expressão em itálico “*Grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido*”. Essa alteração ocorre devido ao fato de que a expressão “*(O paciente) supera sua ansiedade sobre a terapia*” ser referente a uma decorrência da introdução de um animal na terapia, no entanto, está expressa na forma de um verbo (*supera*) que tem como sujeito o paciente. Como uma classe de estímulos conseqüentes é aquilo que decorre da ação de um psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães, o mais adequado para expressar o que ocorre é “*Grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido*”. Da mesma forma que a classe de respostas com linguagem aperfeiçoada “*Introduzir um animal na sessão de terapia*” a classe de estímulos com linguagem aperfeiçoada “*Grau de ansiedade do paciente em relação à terapia reduzido*” apresenta ao seu lado a indicação da realização da 4ª etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura expressa pelo número “(4)”.

As novas expressões propostas foram registradas em itálico no protocolo de registro. Esse procedimento foi adotado a partir desta 4ª etapa até a 7ª etapa do procedimento, para indicar que essas etapas constituíam proposições do autor da pesquisa, em linguagem mais apropriada, e não mais em linguagem semelhante à utilizada pelos autores do capítulo utilizado como fonte de informação. Esse procedimento foi adotado até a 7ª etapa, pois esta etapa foi a última realizada, registrada nos protocolos de observação.

A avaliação da linguagem utilizada e a proposição de uma linguagem mais apropriada é uma etapa importante do procedimento para identificar classes de comportamentos. Esse tipo de etapa, que ocorre mais de uma vez durante o procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura, é útil, pois cria condições para a realização das etapas seguintes. Expressões incompletas ou pouco claras podem prejudicar a realização das etapas seguintes, produzindo distorções ou até impossibilitando a identificação de classes de comportamentos coerentes com as necessidades nas quais essas classes são requeridas.

2.4.5. Derivar mais classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação

As partes destacadas dos trechos selecionados, ou as classes de componentes já identificadas podem apresentar mais informações referentes a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães do que aquilo que está literalmente expresso. Após a avaliação da linguagem utilizada e proposição de linguagem mais apropriada nos casos em que houve necessidade, a etapa seguinte foi derivar a partir das classes de componentes já identificadas, ou de outras informações do trecho, mais classes de componentes. A Figura 2.7 apresenta de que maneira outras informações relacionadas às *classes de estímulos antecedentes*, *classes de respostas* e *classes de estímulos consequentes* puderam ser derivadas a partir das classes de componentes já identificadas.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.173 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia. ” (1,2)	<p><i>Um animal;</i> (5)</p> <p>Começo de uma terapia;(3)</p> <p>Paciente reservado; (3)</p> <p><i>Ansiedade do paciente com relação a terapia;</i> (5)</p>	<p>Introduzir <i>um animal</i> na sessão de terapia;(4)</p>	<p>Grau de <i>ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido;</i>(4)</p>	

Figura 2.7: Exemplo de derivação de mais classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas e registro da quinta etapa do procedimento que compõe o método da pesquisa.

No exemplo apresentado na Figura 2.7 a classe de respostas identificada “*introduzir um animal na sessão de terapia*” permite derivar a classe de estímulos antecedentes “*um animal*”, pois o animal é algo com o qual o psicólogo terá que lidar e, conseqüentemente, fazer algo para produzir um resultado. Esse resultado, expresso pela classe de estímulos conseqüentes “*grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido*” também permite a derivação de outra classe de estímulos antecedentes. Se a conseqüência da classe de respostas “*introduzir um animal na sessão de terapia*” é grau de ansiedade do paciente mudado, ou melhor, o “*grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido*”, isso quer dizer que o paciente apresentava um grau mais elevado de ansiedade antes da introdução do animal. Essa é uma indicação de uma condição anterior à ação do psicólogo com a qual ele teve que lidar, ou seja, uma classe de estímulos antecedentes. A partir da classe de estímulos conseqüentes “*grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido*” identificada na quarta etapa do procedimento que compõe este método é possível derivar a classe de estímulos antecedentes “*ansiedade do paciente com relação à terapia*”.

Como as classes derivadas nessa quinta etapa já são expressas em uma linguagem diferente da apresentada pelo autor do capítulo utilizado como fonte de informação e implicam em uma transformação dos dados, essas classes são redigidas em itálico. Além disso, ao final dessas expressões está apresentada a numeração “(5)” indicando que essas classes de componentes foram obtidas a partir da realização da quinta etapa do procedimento que compõe este método.

2.4.6. Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes já identificadas, ou de outras informações contidas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação

Apesar das classes derivadas já serem expressas em uma linguagem mais apropriada para nomear classes de componentes de comportamentos, é útil avaliá-las de forma a identificar se não há possibilidades de outros aperfeiçoamentos que possibilitem maior clareza com relação a essas classes de componentes. Como pode ser verificado na Figura 2.8 a expressão “*um animal*”, utilizada para nomear uma classe de estímulos antecedentes derivada a partir de uma classe de respostas, pode ser aperfeiçoada para tornar mais claro que tipo de animal um psicólogo deverá introduzir no início de uma terapia. Portanto, a classe de estímulos antecedentes “*um animal*” passa a ser melhor

expressa como “*animal apropriado para a terapia*”, pois no caso de uma terapia com apoio de animais não é qualquer animal que deve ser introduzido em uma intervenção, mas sim um animal apropriado. Esse tipo de aperfeiçoamento da linguagem ajuda a conhecer melhor aquilo com que um psicólogo lida ao realizar uma intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.173 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia.” (1,2)</p>	<p><i>Um animal;</i> (5)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p><i>Animal apropriado para a terapia;</i> (6)</p> <p>Começo de uma terapia;(3)</p> <p>Paciente reservado; (3)</p> <p><i>Ansiedade do paciente sobre a terapia;</i> (5)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p><i>Grau elevado de ansiedade do paciente sobre a terapia;</i>(6)</p>	<p><i>Introduzir um animal na sessão de terapia;</i>(4)</p>	<p><i>Grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido;</i>(4)</p>	

Figura 2.8: Exemplo de avaliação e aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães derivadas a partir de classes de componentes já identificadas, e registro da sexta etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.

Na Figura 2.8 também está apresentado o aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar a classe de componentes de estímulos antecedentes “*ansiedade do paciente sobre a terapia*” derivada na etapa anterior a partir da classe de estímulos conseqüentes “*grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido*”. A classe de estímulos antecedentes “*ansiedade do paciente sobre a terapia*” teve sua expressão aperfeiçoada para “*grau elevado de ansiedade do*

paciente sobre a terapia”, uma vez que não há sentido em reduzir o grau de ansiedade de um paciente se esse grau for baixo, ou quando for indefinido. A introdução de um cão em uma terapia terá função de redução do grau de ansiedade de um paciente quando este grau for um grau elevado.

A numeração “(6)” indica a realização da sexta etapa do procedimento que compõe este método, da mesma forma como foi registrado desde a primeira etapa.

2.4.7. Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas a partir dos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação

A sétima etapa realizada como procedimento para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães foi nomear classes de comportamentos a partir de classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificados ou derivados a partir dos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação. A maneira mais adequada para expressar uma classe de comportamentos é por meio de um verbo (uma atividade do organismo) e de um complemento (um ou mais aspectos do meio com que o organismo se relaciona). Em geral, a obra selecionada como fonte de informação apresenta poucos nomes de classes de comportamentos. É mais comum encontrar os componentes desses comportamentos. Contudo, nem sempre os três componentes (classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes) estão expressos, havendo apenas referência a um ou a outro. Dessa forma, quando possível, alguns componentes foram derivados a partir daqueles já existentes. Nesta sétima etapa, as classes de comportamentos das quais as classes de componentes de comportamentos identificadas ou derivadas fazem parte, foram nomeadas.

Na Figura 2.9 a classe de respostas “*introduzir um animal na sessão de terapia*” possibilitou nomear a classe de comportamentos “*introduzir um animal apropriado na sessão de terapia*”. Inicialmente a expressão “*introduzir um animal na sessão de terapia*” foi utilizada para nomear a classe de respostas desse comportamento, contudo o verbo e o complemento utilizados expressam uma relação entre aquilo que o psicólogo faz e o ambiente no qual ele faz algo. Por essa razão a expressão pode ser utilizada para expressar uma classe de comportamentos, principalmente porque essa classe pode apresentar diferentes classes de respostas. Uma classe de respostas desse

comportamento pode ser “*comunicar ao paciente a presença de um animal na sala onde será realizada a sessão*”, outra classe de respostas possível pode ser “*guiar o animal até o local onde se encontra o paciente*”. Esses dois exemplos são classes de respostas possíveis para a classe de comportamentos “*introduzir um animal apropriado na sessão de terapia*”. Grande parte das classes de comportamentos identificadas foram nomeadas dessa forma, por meio das classes de respostas.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.173 “(...) trazer um animal para o começo de uma terapia assistida auxilia a um paciente reservado a superar sua ansiedade sobre a terapia.” (1,2)</p>	<p><i>Animal apropriado para a terapia;</i> (6)</p> <p>Começo de uma terapia;(3)</p> <p>Paciente reservado; (3)</p> <p><i>Grau elevado de ansiedade do paciente sobre a terapia;</i> (5)</p>	<p><i>Introduzir um animal na sessão de terapia;</i>(4)</p>	<p><i>Grau de ansiedade do paciente com relação à terapia reduzido;</i>(4)</p>	<p><i>Introduzir um animal apropriado na sessão de terapia;</i> (7)</p>

Figura 2.9: Exemplo de classe de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães nomeada e registro da sétima etapa do procedimento que compõe o método da pesquisa.

A realização da sétima etapa foi registrada com o número “(7)” ao lado das classes de comportamentos nomeadas, localizadas na coluna referente a classes de comportamentos do protocolo de observação. Os registros no protocolo de observação das etapas realizadas se estendeu até esta sétima etapa.

2.4.8. Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeadas a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação

A oitava etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura consiste na avaliação e aperfeiçoamento, quando necessário, das nomenclaturas de classes comportamentos atribuídas na etapa anterior. Os critérios de avaliação da nomenclatura foram objetividade, clareza, exatidão e concisão. A nomenclatura atribuída a um comportamento foi considerada objetiva quando fazia referência a variáveis observáveis, direta ou indiretamente. Clareza e exatidão foram referentes à expressão de uma nomenclatura que impossibilitou, ou pelo menos diminuiu a probabilidade de diferentes interpretações. Por fim, uma nomenclatura de um comportamento foi considerada concisa quando não apresentou palavras ou expressões desnecessárias ou dispensáveis.

No caso da classe de comportamentos nomeadas na etapa anterior *“introduzir um animal apropriado na sessão de terapia”* é possível torná-la mais clara, complementando a expressão com mais indicações do ambiente no qual o psicólogo realizará a sua atuação. As classes de estímulos antecedentes *“começo de uma terapia”* e *“grau elevado de ansiedade do paciente com relação à terapia”* permitem complementar a nomenclatura da classe de comportamentos identificada, aumentando o conhecimento sobre as variáveis envolvidas e diminuindo a probabilidade de confusão com outros tipos de classes de comportamentos. Com a adição à nomenclatura das classes de estímulos antecedentes mencionadas, a classe de comportamentos identificada passa a ser nomeada *“introduzir um animal apropriado no começo de uma terapia diante de um paciente que apresente graus elevados de ansiedade com relação à terapia”*.

2.4.9. Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressavam classes de comportamentos.

Após avaliar a linguagem utilizada para expressar as classes de comportamentos identificadas e propor aperfeiçoamentos nos casos em que foram necessários, essas classes foram avaliadas para a identificação de classes de comportamentos que apresentassem nomes repetidos ou que não expressassem classes de comportamentos. As classes identificadas que estavam repetidas,

ou que não expressavam classes de comportamentos foram excluídas. As classes de comportamentos excluídas foram aquelas que faziam referência a atividades ou apresentavam verbos muito abrangentes que não permitiam identificar uma classe de comportamentos específico, como por exemplo os verbos “interagir” e “trabalhar”.

2.4.10. Organizar em âmbitos de abrangência os comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificados em cada parte ou derivados dessas partes, destacadas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação

As nove etapas desse procedimento, que previamente foram realizadas, produziram diversas nomenclaturas de classes de comportamentos que compõem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães. Contudo, essas classes de comportamentos não estão sistematizadas. É necessário dispô-las em uma ordem para que seja possível compreender o processo ao qual se referem, de modo a estabelecerem uma unidade de um tipo de intervenção profissional. Essa ordem pode estar relacionada a diferentes âmbitos de abrangência ou a uma possível seqüência na qual as classes de comportamentos podem ser apresentadas por um profissional. Uma classe de comportamentos identificada, derivada e nomeada pode abranger uma ou mais outras classes. Dessa forma, as classes de comportamentos apresentam diferentes âmbitos de abrangência, nos quais classes de comportamentos mais complexas são mais abrangentes do que classes de comportamentos simples. A décima etapa do procedimento para obter classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é organizar essas classes em âmbitos de abrangência. A Figura 2.10 representa a noção de âmbitos de abrangência de comportamentos por meio da exemplificação dos comportamentos menos abrangentes que compõem o comportamento “realizar higiene bucal” conforme exemplo de Botomé e Kubo (2007b) para demonstrar o processo de decomposição comportamental, apresentado no curso de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Como é possível perceber na Figura 2.10 a classe de comportamentos mais ampla “*realizar higiene bucal*” é composta por outras classes: “*escovar os dentes*”, “*escovar a língua*”, “*utilizar anti-séptico bucal*”. A classe de comportamentos “*realizar higiene bucal*” é mais complexa do que as classes “*escovar os dentes*”, “*escovar a língua*”, “*utilizar anti-séptico bucal*” as quais abrange.

Da mesma maneira que a classe de comportamentos “realizar higiene bucal” abrange as classes “escovar os dentes”, “escovar a língua”, “utilizar anti-séptico bucal”, os comportamentos de “segurar uma escova de dentes na mão” e “realizar movimentos verticais com a escova posicionada horizontalmente” compõem a classe mais geral de comportamentos “escovar os dentes”. Portanto, “escovar os dentes” é mais abrangente que “segurar uma escova de dentes na mão” e “realizar movimentos verticais com a escova posicionada horizontalmente” e menos abrangentes que a classe “realizar higiene bucal”.

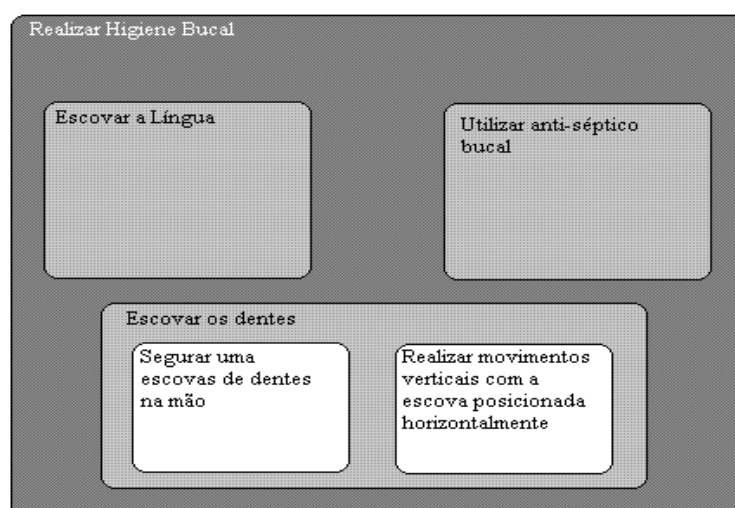


Figura 2.10: Representação gráfica dos âmbitos de abrangência das classes de comportamentos que constituem a classe “realizar a higiene bucal”²

Em seus métodos de suas teses de doutorado Kienen e Viecili (2007) apresentam critérios para organização do âmbito de abrangência de comportamentos que constituem uma classe geral. As autoras propõem dez critérios de identificação dos âmbitos de abrangência de comportamentos a partir das contribuições de Mechner (1974; citado por Kienen e Viecili, 2007) e de Botomé (1975).

² Representação gráfica apresentada por Botomé, S.S. (2007) em comunicação pessoal durante aula do Programa de Pós-graduação de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Na Figura 10 (reproduzida de Kienen & Viecili, 2007) são representados cinco âmbitos de abrangência como critérios para classificação de classes de comportamentos. Os cinco âmbitos são 1. *O que “fazer”*; 2. *Como “fazer”*; 3. *Com que “fazer”*; 4. *Em que situação “fazer”* e 5. *O que precisa decorrer do “fazer”*.

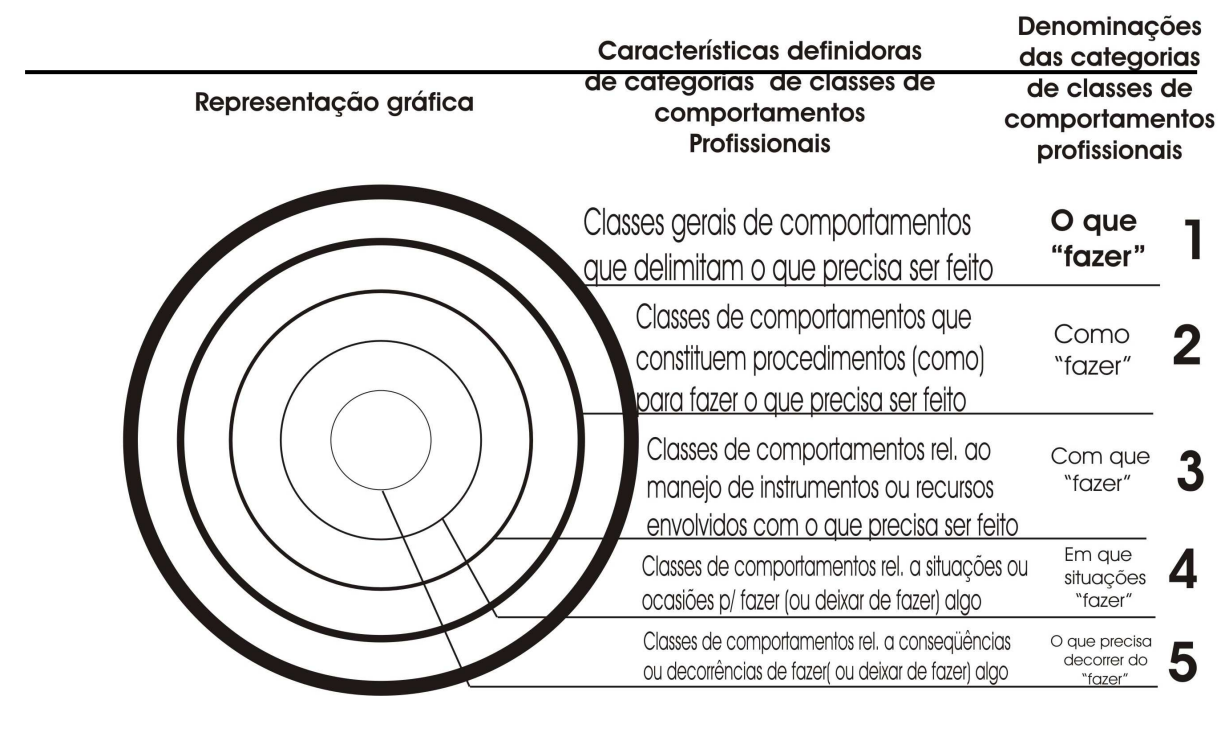


Figura 2.11: Diagrama de representação de categorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais e características definidoras dessas categorias de acordo com seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen & Viecili, 2007, p.10)

Por meio da Figura 2.11 é possível identificar que os âmbitos de abrangência estão representados graficamente em círculos dispostos com o primeiro âmbito (1. *O que “fazer”*), representado pelo círculo maior, abrangendo os demais. Da mesma forma seguem os demais âmbitos de abrangência, englobando os âmbitos menores. Além disso, a Figura 2.11 apresenta as definições do que consiste cada âmbito de abrangência. O âmbito de abrangência *O que fazer* tem como característica definidora “classes gerais de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito”. O âmbito de abrangência *Como “fazer”* apresenta como característica definidora “classes de comportamentos que constituem procedimentos para fazer o que precisa ser feito”. O terceiro âmbito de abrangência, denominado *Com que “fazer”* apresenta “classes de comportamentos

relacionadas ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito” como característica definidora desse âmbito de abrangência. O quarto âmbito de abrangência proposto por Kienen e Viecili (2007), denominado *Em que situação “fazer”*, tem como característica definidora “classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo”. Por fim, o quinto âmbito de abrangência é denominado *O que precisa decorrer do “fazer”* tem como característica definidora “classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer algo”. Os comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães, identificados em cada parte destacada ou derivados dessas partes, serão distribuídos nos cinco âmbitos de abrangência propostos por Kienen e Viecili (2007).

Outra forma de visualizar esses cinco âmbitos de abrangência é a representação da Figura 2.12, reproduzida de Kienen e Viecili (2007). Na primeira coluna da esquerda para a direita estão representados os comportamentos que constituem o âmbito de abrangência *O que “fazer”*. Na segunda coluna, a partir da esquerda, estão representados os comportamentos que constituem o âmbito de abrangência *Como “fazer”*. Na terceira coluna, estão representados os comportamentos que constituem o âmbito de abrangência *Com que “fazer”*. *Em que situações “fazer”* é o quarto âmbito de abrangência dos comportamentos e está disposto na quarta coluna da Figura 2.12. A quinta e última coluna representa os comportamentos que constituem o âmbito de abrangência *O que decorre do “fazer”*. O comportamento ou comportamentos que constituem cada âmbito de abrangência são representados na Figura 2.12 por meio dos quadrados que estão em cada coluna. As setas são indicadoras dos comportamentos decompostos de cada comportamento mais abrangente que constitui a intervenção de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães.

Nessa representação, os âmbitos de abrangência são apresentados de forma decrescente, em termos de abrangência, da esquerda para a direita. Quanto mais à esquerda estiver o âmbito, mais abrangente ele será e quanto mais à direita estiver, menos abrangente será. Por exemplo, o âmbito de abrangência *Como “fazer”* é mais abrangente que o âmbito de abrangência *Com que “fazer”*, pois está mais à esquerda. Mas em comparação com o âmbito de abrangência *O que “fazer”*, o âmbito *Como “fazer”* é menos abrangente, pois está mais à direita.

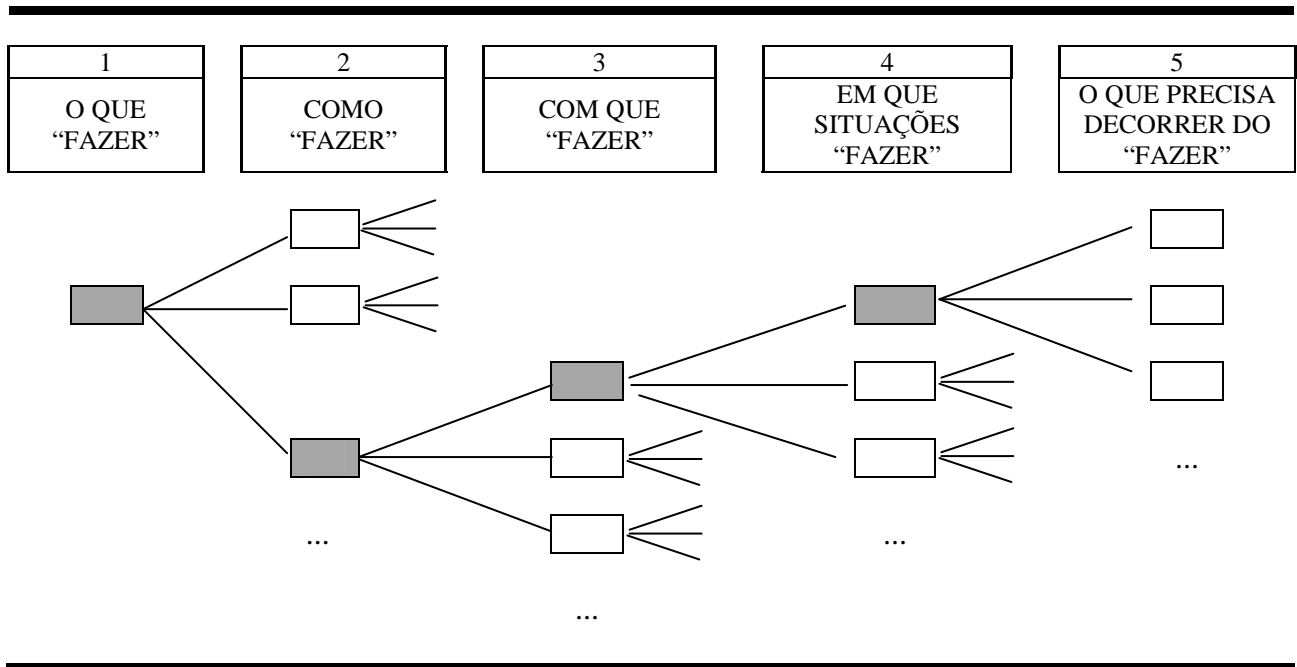


Figura 2.12: Diagrama de representação de categorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais de acordo com a decomposição dessas classes a partir de seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen & Viecili, 2007, p. 6)

Na Figura 2.13, reproduzida de Kienen e Viecili (2007), os âmbitos de abrangência propostos por essas autoras são apresentados sob a mesma forma de representação que é apresentado na Figura 2.12, com apenas um acréscimo. Na Figura 2.13, além dos cinco âmbitos de abrangência, as características definidoras de cada um desses âmbitos de abrangência são apresentadas assim como na Figura 2.14.

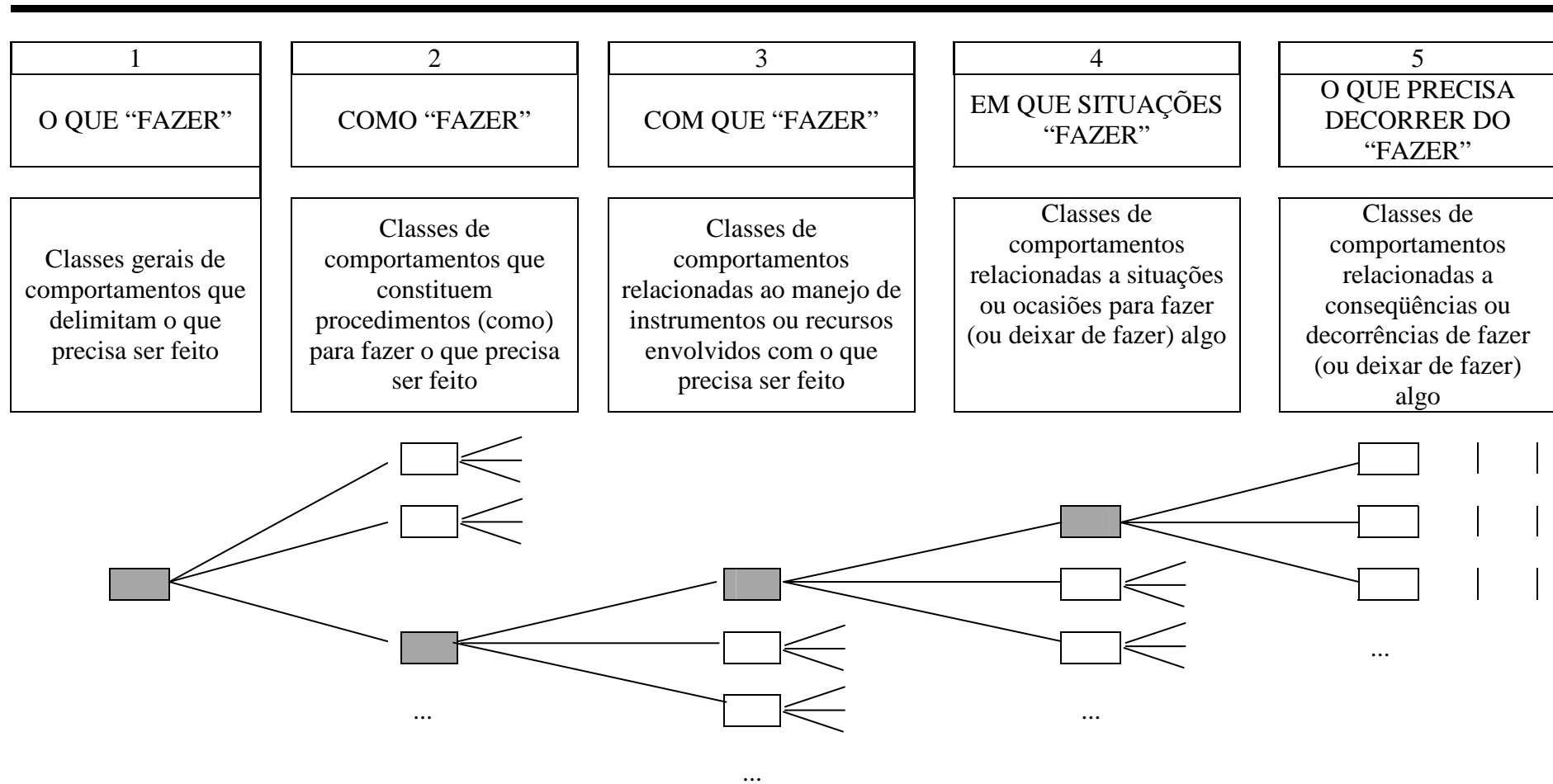


Figura 2.13: Diagrama de representação de categorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais e características definidoras dessas categorias de acordo com a decomposição das classes de comportamentos profissionais a partir de seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 13)

Além desses cinco âmbitos de abrangência, Kienen e Viecili (2007) propõem subcategorias ainda mais específicas em cada um dos âmbitos de abrangência já apresentados. Na Figura 2.14 são representadas graficamente as subcategorias de âmbitos de abrangência propostas pelas autoras. Como pode ser observado na Figura 2.14, o âmbito de abrangência *I. O que “fazer”* referente a classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito é constituído por três subcategorias: *OG – ocupação geral*, *OE - ocupação específica* e *TA – tarefas componentes de uma ocupação*.

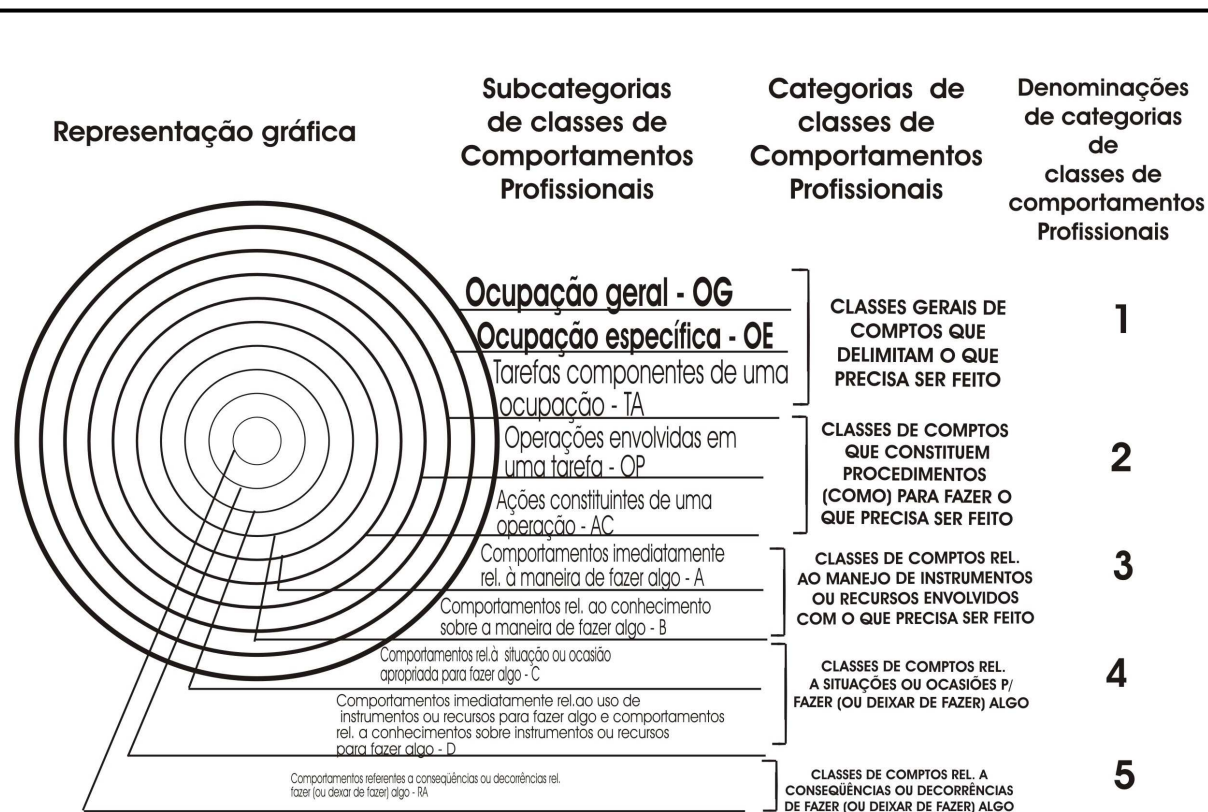


Figura 2.14. Diagrama de representação de categorias e subcategorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais de acordo com seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 15)

Assim como os âmbitos de abrangência são decrescentes da esquerda para direita, o mesmo ocorre com as subcategorias de cada âmbito. Desse modo, quanto mais à esquerda estiver um comportamento que constitui uma subcategoria, mais ele será abrangente com relação aos comportamentos que constituirão as subcategorias que estão a sua direita. Sendo assim, os comportamentos que constituirão a subcategoria *OG – ocupação geral* serão mais abrangentes que

os comportamentos que constituirão as subcategorias *OE – ocupação específica*. Por sua vez, os comportamentos que constituirão a subcategoria *OE – ocupação específica* serão mais abrangentes que os comportamentos que serão distribuídos na subcategoria *TA – tarefas componentes de uma ocupação*. Os comportamentos que constituirão essas três subcategorias serão mais abrangentes que os comportamentos que constituirão as subcategorias que compõem os demais âmbitos de abrangência.

Como pode ser observado na Figura 2.14, o segundo âmbito de maior abrangência é o âmbito 2. *Como “fazer”*. Esse âmbito é composto pelas classes de comportamentos que constituem procedimentos (como) fazer o que precisa ser feito. Esse âmbito de abrangência possui duas subcategorias: *OP – operações envolvidas em uma tarefa* e *AC – ações constituintes de uma operação*. Essas duas subcategorias apresentam uma ordem de abrangência, sendo a subcategoria *OP – operações envolvidas em uma tarefa* mais abrangente que a subcategoria *AC – ações constituintes de uma operação*. Com relação às subcategorias dos outros âmbitos de abrangência, os comportamentos que constituirão essas duas subcategorias serão menos abrangentes que os comportamentos constituintes das subcategorias do âmbito de abrangência 1. *O que “fazer”* e serão mais abrangentes que os comportamentos que constituirão as subcategorias dos âmbitos de abrangência 3. *Com que “fazer”*; 4. *Em que situação “fazer”* e 5. *O que precisa decorrer do “fazer”*.

De acordo com a Figura 2.14, a terceira categoria (âmbito de abrangência) em que serão organizados os comportamentos básicos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, é denominada 3. *Com que “fazer”*. Esse âmbito de abrangência que será constituído pelas classes de comportamentos relativos ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito é dividido em duas subcategorias. Essas duas subcategorias são: *A – comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo* e *B – comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo*. Os comportamentos que serão organizados na categoria *A – comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo* serão mais abrangentes que os comportamentos que serão organizados na subcategoria *B – comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo*.

As classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo são as características que definem o quarto âmbito de abrangência (categoria) proposto por Kienen e Viecili (2007) denominado 4. *Em que situação “fazer”*. Essa quarta categoria é

dividida em duas subcategorias, conforme a representação na Figura 2.13. As duas subcategorias que constituem a categoria 4. *Em que situações “fazer”*, são as subcategorias C - *comportamentos relacionados a situação ou ocasião para fazer algo* e D – *comportamentos relacionados ao uso de instrumentos ou recursos para fazer algo e comportamentos relacionados a conhecimentos sobre o uso de instrumentos e recursos para fazer algo*. Os comportamentos que serão organizados na subcategoria C - *comportamentos relacionados a situação ou ocasião para fazer algo* serão mais abrangentes que os comportamentos que serão distribuídos na subcategoria D – *comportamentos relacionados ao uso de instrumentos ou recursos para fazer algo e comportamentos relacionados a conhecimentos sobre o uso de instrumentos e recursos para fazer algo*.

O quinto e último âmbito de abrangência (categoria) em que serão organizados os comportamentos básicos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, 5. *O que precisa decorrer do “fazer”*, é constituído pela subcategoria RA - *comportamentos referentes a conseqüências ou decorrências relacionadas a fazer (ou deixar de fazer) algo*. Os comportamentos que serão organizados nessa subcategoria serão distribuídos nas subcategorias que compõem as categorias (âmbitos de abrangência) 1. *O que “fazer”*, 2. *Como “fazer”*; 3. *Com que “fazer”* e 4. *Em que situação “fazer”*.

Na Figura 2.15 é possível observar os âmbitos de abrangência (categorias) e suas subcategorias apresentados na Figura 2.14, em um modo de representação gráfica similar ao da Figura 2.13. Em comparação entre as Figuras 2.13 e 2.15, a diferença está no acréscimo, na Figura 2.15, das subcategorias que compõem cada âmbito de abrangência. Os comportamentos básicos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificados ou derivados a partir da obra que foi utilizada como fonte de informação foram distribuídos nas subcategorias apresentadas na Figura 2.15, de acordo com a característica definidora de cada uma delas.

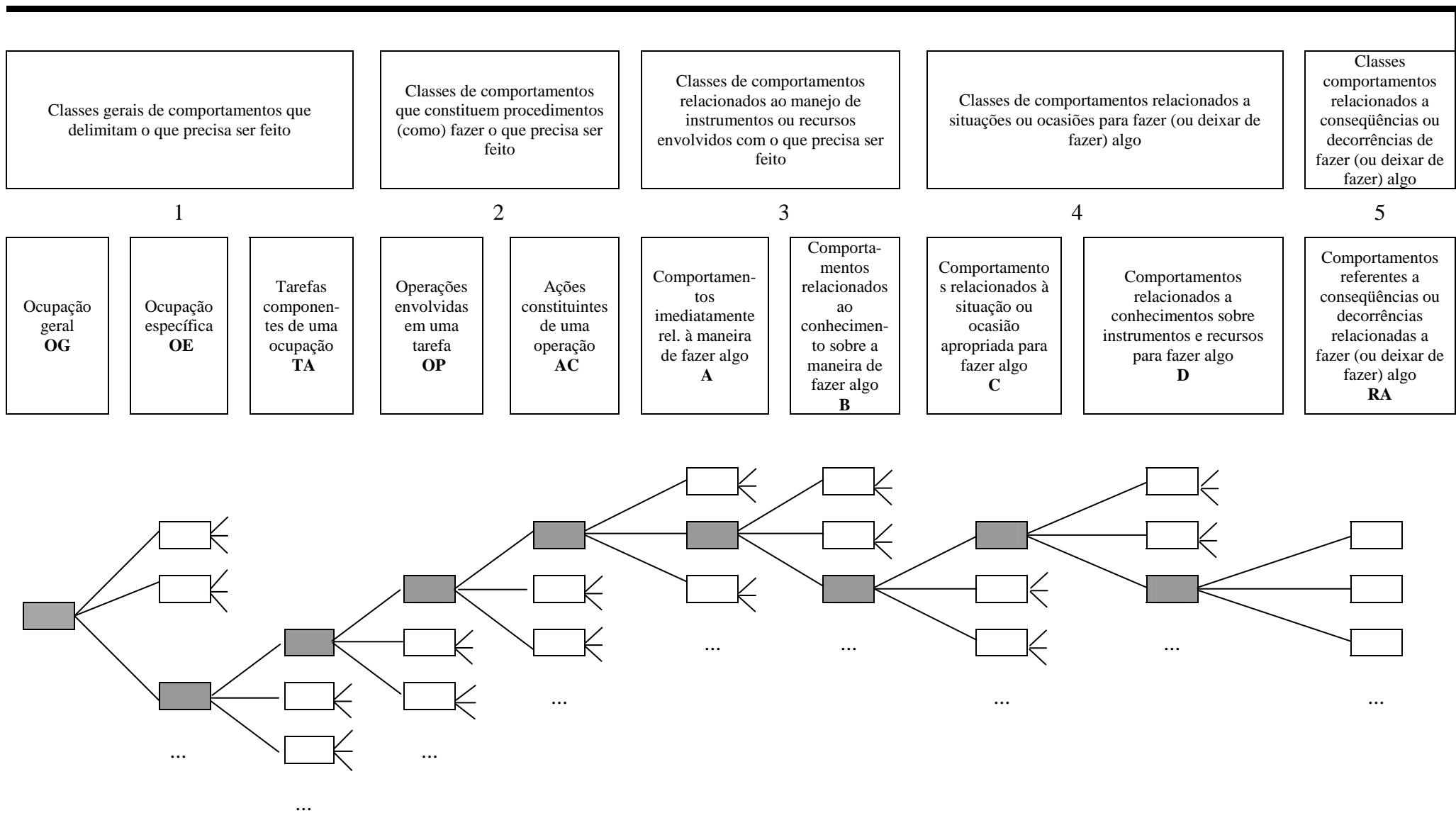


Figura 2.15. Diagrama de representação de categorias e subcategorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais de acordo com a decomposição dessas classes a partir de seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 19)

Um exemplo da organização de comportamentos em âmbitos de abrangência e suas respectivas subcategorias é apresentado na Figura 2.16. Esse exemplo foi reproduzido de Kienen e Viecili (2007) e trata da organização das classes de comportamentos que constituem a classe geral de comportamentos denominada “*cuidar de crianças*”. As classes de comportamentos que constituem essa classe mais abrangente são distribuídas nas 10 subcategorias de âmbitos de abrangências.

Como é possível observar na Figura 2.16, a classe mais geral de comportamentos, denominada “*cuidar de crianças*”, é organizada na subcategoria mais abrangente, a subcategoria *OG* – *Ocupação geral*. Na segunda subcategoria mais abrangente, denominada *OE* – *Ocupações específicas* foi distribuída a classe de comportamento “socorrer crianças quando apresentarem qualquer sinal de doença”. Na subcategoria *TA* – *tarefas componentes de uma ocupação* foi distribuída a classe de comportamento “reduzir a febre de crianças que estiverem com sinais de alta temperatura”. Desse modo, é possível verificar que a classe de comportamento “cuidar de crianças” abrange a classe de comportamentos “socorrer crianças quando apresentarem qualquer sinal de doença”, que por sua vez abrange a classe “reduzir a febre de crianças que estiverem com sinais de alta temperatura”.

Na Figura 2.16, a classe de comportamento distribuída na subcategoria *OP* – *operações envolvidas em uma tarefa* foi “banhar a criança em água com temperatura um pouco menor que a do corpo humano”. Esse comportamento abrange outro, “molhar o corpo da criança de pouco em pouco”, que está organizado na subcategoria *AC* – *ações constituintes de uma operação*. Ainda de acordo com o exemplo apresentado na Figura 2.16, na subcategoria *A* – *comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo* foi distribuída a classe de comportamentos “umedecer um pano e passá-lo levemente sobre o corpo da criança”. Na subcategoria *B* – *comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo* foi distribuída a classe de comportamentos “identificar os modos adequados de passar o pano úmido sobre o corpo da criança”.

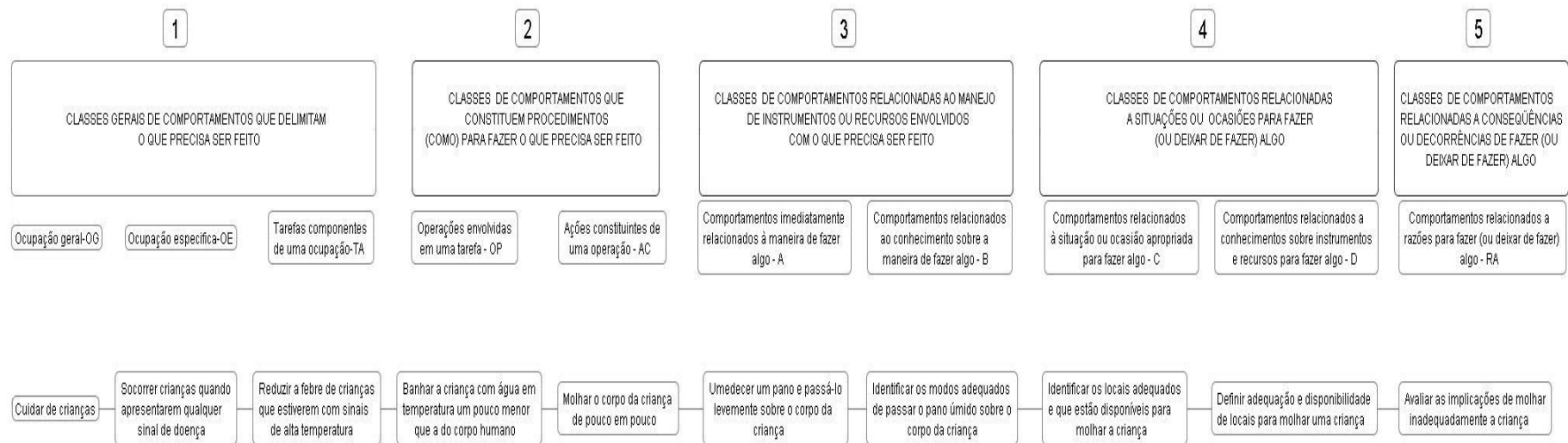


Figura 2.16. Diagrama de representação da decomposição da classe de comportamento “Cuidar de crianças” e das classes constituintes dela, a partir de seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 21)

Subcategoria *C - comportamentos relacionados à situação ou ocasião para fazer algo*., a classe de comportamento organizada nessa subcategoria foi “identificar os locais adequados e que estão disponíveis para molhar a criança”. Na subcategoria *D – comportamentos relacionados ao uso de instrumentos ou recursos para fazer algo e comportamentos relacionados a conhecimentos sobre o uso de instrumentos e recursos para fazer algo* foi organizada a classe de comportamento “definir adequação e disponibilidade de locais para molhar uma criança”. Por fim, na subcategoria *RA - comportamentos referentes a conseqüências ou decorrências relacionadas a fazer (ou deixar de fazer) algo* foi organizado o comportamento “avaliar as implicações de molhar inadequadamente a criança”.

Desse modo, os comportamentos que constituem a classe de comportamentos denominada “cuidar de crianças” estão organizados em âmbitos de abrangência. É possível perceber na Figura 2.16 que quanto mais à esquerda estiver a classe de comportamentos, mais abrangente ela será. Por exemplo, a classe “molhar o corpo da criança de pouco em pouco” é mais abrangente que as classes de comportamentos localizadas a sua direita e menos abrangente que as classes de comportamentos localizadas à sua esquerda. Desse modo, “definir adequação e disponibilidade de locais para molhar uma criança” é menos abrangente que a classe “molhar o corpo da criança de pouco em pouco”, enquanto “reduzir febre de crianças que estão com sinais de alta temperatura” é mais abrangente que “molhar o corpo da criança de pouco em pouco”.

CARACTERÍSTICAS DOS DADOS OBTIDOS POR MEIO DO PROCEDIMENTO PARA IDENTIFICAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES

A observação de classes de comportamentos pode ser feita de forma direta quando essas classes de comportamentos são presenciadas pelo próprio pesquisador. Contudo classes de comportamentos também podem ser observadas de forma indireta. Essa observação indireta pode ocorrer por meio de pessoas que presenciaram essas classes, por meio de documentos onde estão registradas informações a respeito desses comportamentos ou por meio dos produtos que apresentem indícios desses comportamentos. O uso de literatura como fonte de informação indireta permite a observação de classes de comportamentos a partir dos registros de pessoas que presenciaram essas classes e fornecem ao pesquisador uma rica fonte de informação. A seguir serão apresentadas as características dos produtos obtidos ao longo de cada uma das nove etapas componentes do método utilizado para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Essas informações possibilitam examinar as etapas do processo e os seus respectivos produtos, para identificar acertos, lacunas e possibilidades de avanços em cada etapa.

3.1 Características das etapas constituintes do método para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

A primeira etapa do processo que constituiu o método deste trabalho consistiu em identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação que faziam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. As classes de componentes dos comportamentos identificadas foram: **(1) classes de estímulos antecedentes** (com o que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães lida); **(2) classes de respostas** (o que o psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães terá que fazer com relação àquilo com que ele lida); **(3) classes de estímulos conseqüentes** (o que decorre daquilo que o

psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães fez).

Nessa primeira etapa foram identificados, selecionados e transcritos 110 trechos a partir das 24 páginas que consistiam o capítulo intitulado “The Art of Animal Selection for Animal-Assited Activity and Therapy Programs”, da obra “FINE, A. H. (2006). Handbook on Animal Assisted Therapy”. Ao todo foram identificadas 196 classes de comportamentos nos 110 trechos selecionados do capítulo e a figura 3.1 apresenta a distribuição das porcentagens de trechos selecionados pela quantidade de classes de comportamentos identificados.

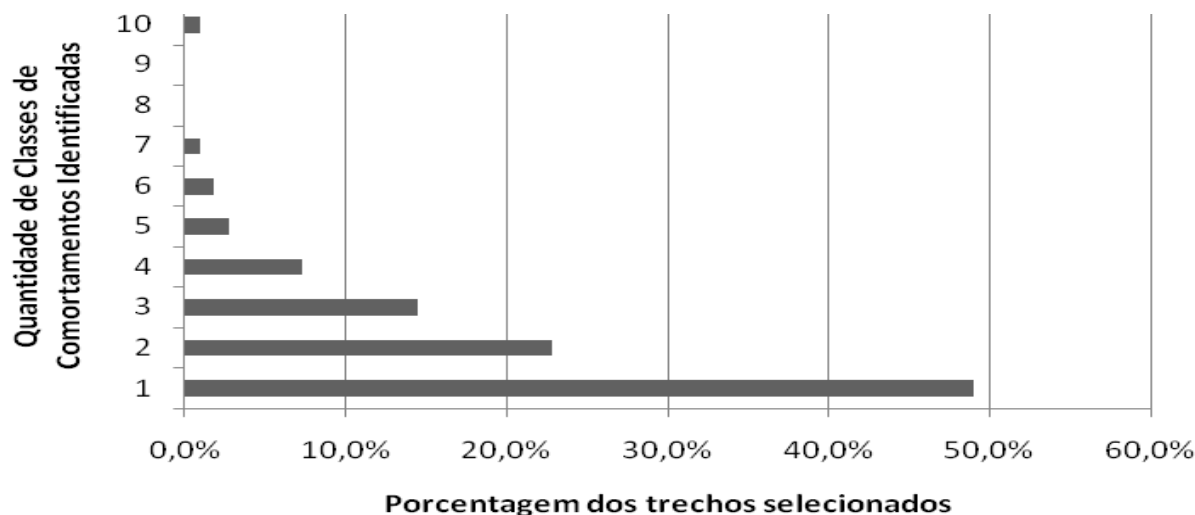


Figura 3.1: Distribuição das porcentagens de trechos selecionados pela quantidade de classes de comportamentos identificados na obra utilizada como fonte de informação.

Na Figura 3.1 é possível observar que a quantidade mínima de classes de comportamentos identificados nos trechos selecionados do capítulo utilizado como fonte de informação é uma e a máxima é 10. Dos 110 trechos selecionados do capítulo da obra utilizada como fonte de informação, 54 trechos (49% do total de trechos selecionados) permitiram identificar uma classe de comportamentos. Outra parte dos trechos selecionados, referente a 25 trechos, o equivalente a 22,8% do total, originaram duas classes de comportamentos; outros 16 trechos, correspondentes a 14,6% dos trechos selecionados originaram três classes de comportamentos; oito trechos, ou 7,3% do total, originaram quatro classes de comportamentos; três trechos (2,7% do total) originaram

cinco classes de comportamentos; e dois trechos, (1,8% do total de trechos selecionados) originaram seis classes de comportamentos. Apenas um trecho, equivalente a 0,9% do total, deu origem a sete classes de comportamentos identificados. Um dos trechos deu origem a 10 classes de comportamentos. A frequência de trechos onde foram encontrados oito e nove classes de comportamentos é zero.

Na segunda etapa do processo para identificar as classes de comportamentos básicos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães foram identificadas e destacadas, nos trechos selecionados do texto escolhido como fonte de exame, partes que continham informações acerca dessas classes de comportamentos ou uma ou mais classes de componentes dessas classes de comportamentos. Na terceira etapa, essas partes destacadas foram organizadas em quatro categorias: (1) classes de estímulos antecedentes, (2) classes de respostas, (3) classes de estímulos conseqüentes e (4) classes de comportamentos. Na Tabela 3.1 estão apresentadas as quantidades de cada classe de componentes de comportamentos (classe de estímulos antecedentes, classe de respostas e classe de estímulos conseqüentes) e classes de comportamentos identificadas diretamente a partir do trecho selecionado e a sua representação percentual com relação ao total de classes identificadas.

TABELA 3.1

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS E PERCENTUAL DAS OCORRÊNCIAS DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS E CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS DIRETAMENTE NOS TRECHOS SELECIONADOS

Total de classes de componentes de comportamentos e classes de comportamentos identificados		Classes de componentes de comportamentos identificados			Classes de comportamentos identificados
		Classes de Estímulos Antecedentes	Classes de Respostas	Classes de Estímulos Conseqüentes	
Quantidade de classes identificadas	459	241	131	66	21
Percentagem das classes identificadas	100%	52,5%	28,5%	14,4%	4,6%

Como é possível verificar na Tabela 3.1, nos 110 trechos selecionados no capítulo escolhido como fonte de informação foram identificadas um total de 459 classes de comportamentos ou classes de componentes de comportamentos (classe de estímulos antecedentes, classe de respostas e classe de estímulos consequentes). Desse total, foram identificadas diretamente 21 classes de comportamentos e 438 classes de componentes de classes de comportamentos. Em termos percentuais, 4,6% dos dados obtidos foram classes de comportamentos e 95,4% foram classes de componentes de classes de comportamentos. Das classes de componentes de comportamentos, 52,5% do total de dados obtidos foi referente à classe de estímulos antecedentes, 28,5% foi referente à classe de respostas e 14,4% foi referente à classe de estímulos consequentes.

Após registrar e organizar os destaques dos trechos selecionados, a quarta etapa do processo para identificar a partir a literatura classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães consistiu em avaliar e aperfeiçoar, quando necessário, a linguagem utilizada para expressar as classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos identificadas. Na Tabela 3.2 está apresentada a soma total de classes de componentes e classes de comportamentos identificadas e registradas na terceira etapa do processo de obtenção dos dados que constitui o método deste trabalho. A tabela também apresenta as quantidades identificadas e registradas de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas, classes de estímulos consequentes e classes de comportamentos. Na segunda linha estão apresentadas a soma total de aperfeiçoamentos e o detalhamento das quantidades de aperfeiçoamentos realizados na quarta etapa, em cada conjunto de classes. Além disso, na terceira linha está a porcentagem de aperfeiçoamentos realizados com relação ao total de cada uma das classes de componentes ou classes de comportamentos registradas.

Das 459 classes de componentes e classes de comportamentos registradas, referentes ao total de classes identificadas na terceira etapa (Identificar e registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães), foram aperfeiçoadas 262 classes. Essa quantidade representa 57% do total de classes identificadas que tiveram sua nomenclatura aperfeiçoada. A maior porcentagem de aperfeiçoamentos ocorreu com as classes de comportamentos. Nesse conjunto, 95,2% das nomenclaturas utilizadas para expressar as classes de comportamentos foram aperfeiçoadas. As classes de respostas são o segundo maior conjunto a receberem aperfeiçoamentos com 79,4% do total identificado aperfeiçoado com relação à sua

redação inicial. As classes de estímulos conseqüentes têm 54,5% do seu total aperfeiçoado e as classes de estímulos antecedentes 42,3%.

TABELA 3.2

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS E DO PERCENTUAL DAS OCORRÊNCIAS DE APERFEIÇOAMENTO DAS NOMENCLATURAS DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS E CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS DIRETAMENTE NOS TRECHOS SELECIONADOS

Total de classes de componentes de comportamentos e classes de comportamentos identificados		Classes de componentes de comportamentos identificados			Classes de comportamentos identificados
		Classes de Estímulos Antecedentes	Classes de Respostas	Classes de Estímulos Conseqüentes	
Quantidade total identificada	459	241	131	66	21
Quantidade aperfeiçoada	262	102	104	36	20
Porcentagem das classes aperfeiçoadas com relação ao total identificado	57%	42,3%	79,4%	54,5%	95,2%

Após identificar e registrar classes de componentes de comportamentos ainda havia lacunas, pois nem todos os trechos apresentavam as três classes de componentes que constituíam uma classe de comportamento. Por exemplo, alguns trechos apresentavam apenas informações sobre classes de estímulos antecedentes, apenas classes de respostas, ou apenas classes de estímulos conseqüentes e era necessário derivar ou propor as demais classes para que fosse possível nomear, nas etapas subseqüentes, a classe de comportamentos da qual essas classes de componentes faziam parte. A quinta etapa para identificação de classes de comportamentos básicos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães consistiu em derivar mais classes componentes de comportamentos de cada parte destacada nos trechos

selecionados do capítulo da obra utilizada como fonte de informação. Ao total foram derivadas e propostas 287 classes de componentes de classes de comportamentos. Na Tabela 3.3 está apresentada a distribuição das quantidades de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes derivadas ou propostas nessa quinta etapa. Nessa tabela pode ser observado que 20,9% das classes de componentes derivadas ou propostas foram classes de estímulos antecedentes; 24,3% foram classes de respostas e 54,7% são classes de estímulos conseqüentes.

TABELA 3.3

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS E PERCENTUAL DAS OCORRÊNCIAS DE CLASSES DE COMPONENTES DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS DERIVADAS OU PROPOSTAS

Quantidade e percentagem de classes	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Total de classes derivadas ou propostas
Quantidade	60	70	157	287
Percentagem	20,9%	24,3%	54,7%	100%

Na Tabela 3.4 estão distribuídas as quantidades de classes de componentes identificadas diretamente (terceira etapa do procedimento) e as quantidades de classes de componentes derivadas ou propostas (quinta etapa do procedimento). Também está apresentado, na última coluna da esquerda para a direita, o somatório das classes de componentes constituintes de cada etapa. Na última linha está apresentado o total de cada classe de componentes constituintes das duas etapas. Os valores apresentados na tabela permitem identificar que 65,2% das classes de respostas foram identificadas diretamente e 34,8% foram derivadas ou propostas. Com as classes de estímulos antecedentes a proporção da distribuição foi similar, 80% de todas as classes de estímulos antecedentes encontradas foram identificadas diretamente dos trechos selecionados e 20% foram derivadas ou propostas. Das 223 classes de estímulos conseqüentes encontradas; 29,6% foram identificadas diretamente e 70,4% foram derivadas ou propostas. No total das classes de componentes encontradas, 60% foram identificadas diretamente e 40% foram derivadas ou propostas.

TABELA 3.4

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS E DOS PERCENTUAIS DAS OCORRÊNCIAS DE CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS DIRETAMENTE E DERIVADAS OU PROPOSTAS A PARTIR DOS TRECHOS SELECIONADOS DA OBRA UTILIZADA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Quantidades identificadas e propostas de classes	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Somatório das classes de componentes de cada etapa
Quantidade identificada diretamente (%)	241 (80%)	131 (65,2%)	66 (29,6%)	438 (60,4%)
Quantidade derivada/proposta (%)	60 (20%)	70 (34,8%)	157 (70,4%)	287 (39,6%)
Total (%)	301 (100%)	201 (100%)	223 (100%)	725 (100%)

Ainda antes de nomear as classes de comportamentos a partir das classes de componentes de comportamentos derivadas ou propostas, foi necessário avaliar a linguagem dessas classes. A sexta etapa do procedimento para identificar as classes de comportamentos constituintes de intervenções em psicoterapia com apoio de cães consistiu em avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar comportamentos e/ou componentes de comportamentos derivados. Apesar das expressões utilizadas serem derivações e já estarem em uma linguagem da análise do comportamento, uma revisão é útil para identificar possibilidades de aperfeiçoamento. Após avaliar todas as classes derivadas ou propostas foram necessárias apenas duas novas proposições de linguagem. No 26º trecho selecionado (ver Anexo p. 295) o verbo da classe de comportamentos derivados foi alterado de “*controlar comportamentos*” para “*modificar comportamentos*”. No 62º trecho selecionado (ver Anexo p. 324) o verbo utilizado para nomear a classe de resposta derivada “*prever*” não era coerente com o seu complemento “*o nível de conforto do animal*”, desse modo o verbo foi alterado para “*identificar*”. O complemento dessa classe de

respostas também é aperfeiçoado a partir de outras informações contidas no trecho selecionado que permitiram detalhar melhor esse complemento. O complemento “*o nível de conforto do animal*” foi aperfeiçoado para “*o nível de conforto do animal por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis*”.

Após avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos derivados na sexta etapa do método utilizado para identificar classes de comportamentos, a sétima etapa consistiu em nomear classes de comportamentos a partir dessas classes de componentes de comportamentos identificadas em cada parte destacada, ou derivadas ou propostas a partir dessas partes, nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação. Nessa etapa foram nomeadas 207 classes de comportamentos a partir dos conjuntos de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes identificados diretamente, derivados ou propostos nas etapas anteriores. Somadas as classes já identificadas diretamente (21 classes), até a sétima etapa foram identificadas 228 classes de comportamentos a partir das 24 páginas constituintes de um capítulo da obra utilizada como fonte de informação e dos trabalhos de Botomé e col. (2003) e Mattana (2004)

A oitava etapa para identificar as classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães foi avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos nomeadas a partir das classes de componentes de comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados. Na Tabela 3.5 está apresentada a distribuição das ocorrências e do percentual das ocorrências de aperfeiçoamentos na nomenclatura das classes de comportamentos a partir da avaliação da nomenclatura utilizada para expressar essas classes.

Na última coluna da Tabela 3.5 está apresentada a quantidade total de classes de comportamentos aperfeiçoadas. Das 228 classes de comportamentos identificadas, 80 tiveram a sua expressão aperfeiçoada. Desse total 23% tiveram apenas o verbo alterado (como pode ser visto na segunda coluna da tabela), 57% tiveram apenas o complemento alterado e 15 tiveram o verbo e o complemento alterado.

TABELA 3.5

DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS E DO PERCENTUAL DAS OCORRÊNCIAS DE APERFEIÇOAMENTOS NA NOMENCLATURA DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS A PARTIR DA AVALIAÇÃO DA NOMENCLATURA UTILIZADA PARA EXPRESSAR ESSAS CLASSES

Quantidade e porcentagem de alterações	Verbo alterado	Complemento alterado	Verbo e complemento alterados	Total de classes de comportamentos aperfeiçoadas
Quantidade de alterações	19	46	15	80
Porcentagem das alterações	23,8%	57,5%	18,7%	100%

Após a avaliação e aperfeiçoamento das nomenclaturas das classes de comportamentos identificadas, na nona etapa do método para identificar classes de comportamentos a partir da literatura essas classes foram avaliadas com relação à existência de outras classes com o mesmo nome, ou à sua classificação como classe de comportamentos. Das 228 classes nomeadas, 22 possuíam outra classe com a nomenclatura idêntica ou semelhante e foram eliminadas. Outras 13 classes foram excluídas, pois não consistiam classes de comportamentos e sim atividades a serem desempenhadas, ou por serem expressões ainda pouco precisas para expressar classes de comportamentos. Ao final da nona etapa restaram 196 classes de comportamentos, pois além das 193 classes de comportamentos obtidas a partir do sétimo capítulo da obra utilizada como fonte de informação até a nona etapa do procedimento para identificação de classes de comportamentos, três classes foram propostas a partir de outras referências. As classes de maior abrangência “*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com cães*”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães realizada*” foram propostas a partir do trabalho de Botomé, Kubo, Matanna, Kienen e Shimbo (2003) no qual identificam seis classes básicas de comportamentos constituintes de intervenções diretas e da dissertação de Mattana (2004) na qual ela examina essas classes no contexto clínico. Das seis classes propostas pelos autores, uma já havia sido identificada na obra

utilizada como fonte de informação (Fine, 2006). Outras duas classes propostas Botomé e col. (2003) não foram propostas no total de classes de comportamentos identificadas, pois diferentemente das classes “*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com cães*”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães realizada*”, não foram identificadas na obra utilizada como fonte de informação classes de comportamentos menos abrangentes constituintes dessas classes mais gerais.

3.2 Avaliação dos produtos das nove etapas constituintes do método para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

As nove etapas componentes do método utilizado para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães produziram dados que foram aos poucos dando origem a classes de comportamentos constituintes de um tipo específico de intervenção profissional. As informações produzidas em cada etapa eram condições prévias para a ocorrência das etapas seguintes. Cada dado produzido representava o insumo para a realização da etapa seguinte. Ao final do processo foram obtidas 196 classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Examinar os produtos de cada etapa e a forma como foram realizadas é útil para avaliar cada estágio realizado, identificando a sua contribuição para obtenção do produto final do trabalho, suas lacunas e possíveis aperfeiçoamentos.

Na primeira etapa do método para identificar classes de comportamentos foram identificados, selecionados e transcritos trechos da obra utilizada como fonte de informação que faziam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Essa primeira possibilitou selecionar as principais informações que compunham o texto do capítulo da obra utilizada como fonte de informação em meio ao conjunto total de informações que formava o capítulo todo. Ao analisar a quantidade de classes de comportamentos identificadas ao longo dos trechos do capítulo utilizado como fonte de informação, como pode ser conferido na Figura 3.1, verifica-se que a maior parte dos trechos destacados, quase metade do total de trechos selecionados, identifica apenas uma classe de comportamentos. A outra metade dos trechos possibilitaram identificar duas ou mais classes de comportamentos, chegando até 10 classes

de comportamentos identificadas em um único trecho. Um único trecho, um pequeno fragmento do texto que compõe o capítulo utilizado como fonte de informação, possibilitou identificar uma classe de comportamentos ou até mais de uma constituintes de intervenções de psicólogos em contextos clínicos com o apoio de cães. Esses resultados confirmam que é possível identificar classes de comportamentos de forma indireta, a partir de documentos que contém informações a respeito dessas classes de comportamentos. Além disso, também evidenciam que o procedimento utilizado é útil para identificar de forma indireta, mais especificamente por meio da literatura, classes de comportamentos componentes de intervenções de um tipo de subcampo de atuação profissional.

A segunda etapa do método (Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que continham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães) permitiu evidenciar as informações que subsidiaram a identificação e registro de classes de componentes de comportamentos e/ou classes de comportamentos de um tipo específico de intervenção profissional de psicólogos em contextos clínicos tendo cães como apoio. A observação dos fragmentos destacados e das classes de componentes registrados na terceira etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos (Identificar e registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação) permite concluir que na literatura utilizada a maior parte das informações obtidas foram relacionadas àquilo com que um psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães lida (classes de estímulos antecedentes) e relacionadas àquilo que ele deve fazer com relação àquilo com que ele lida (classe de respostas). Há poucas referências aos produtos daquilo que o profissional faz com aquilo com que lida. Uma possível explicação para isso é o fato de que a literatura utilizada não é de análise do comportamento e, portanto, não identifica, nem enfatiza as conseqüências que a ação do profissional que intervém deve produzir e sob controle das quais deve estar. A ênfase na descrição do que acontece está mais sobre aquilo com que ele lida imediatamente e o que precisa fazer com o que lida.

É útil destacar que na terceira etapa, a maioria dos verbos e seus complementos encontrados foram classificados como classe de respostas para posterior análise nas etapas subseqüentes. Em outra etapa posterior esses verbos foram avaliados e verificados se de fato se referiam a classes de

respostas ou classes de comportamentos. Para distinguir um tipo de dado do outro foram consideradas classes de respostas as ações expressas por verbos que, no trecho selecionado, possuíam alguma outra classe (de estímulos antecedentes, de estímulos conseqüentes, ou ambas) relacionada a ela. As classes de comportamentos identificadas diretamente foram aquelas que não apresentavam no trecho selecionado nenhuma outra classe (de estímulos antecedentes ou de estímulos conseqüentes) relacionada a ela. Um exemplo de classe de respostas identificada é “*Definir critério de seleção de animais*” identificada no 17º trecho selecionado (Ver Anexo p. 289). No mesmo trecho foi possível identificar diretamente as classes de estímulos antecedentes “*Critérios de Seleção*” e “*Procedimentos para seleção de animais para terapia assistida por animais*”, assim como a classe de estímulos conseqüentes “*Estrutura para procedimentos de seleção*”. Com relação à classe de comportamentos, no 102º trecho selecionado (Ver Anexo p. 355), foi identificada classe de comportamento “*Trabalhar como protetor do animal*”. Nessa terceira etapa as expressões utilizadas para nomear classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos foram mantidas próximas as usadas originalmente pelo autor da obra utilizada como fonte de informação. A avaliação da linguagem utilizada e proposição de expressões mais apropriada foram realizadas somente na etapa seguinte (quarta etapa).

Na quarta etapa (Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação) foram avaliados os produtos da terceira etapa (Identificar e registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação) com relação à adequação das expressões utilizadas para expressar as classes de comportamentos ou classes de componentes de comportamentos identificadas. Como pode ser visto na Tabela 3.2, a maior proporção de aperfeiçoamentos da linguagem ocorreu com as classes de comportamentos e classes de respostas identificadas. Isso se deve ao tipo de informação que constitui cada uma dessas classes. Tanto as classes de comportamentos como as classes de respostas são constituídas por um verbo no infinitivo e um complemento. Em síntese, essa é a maneira como são expressas essas classes, contudo nos trechos selecionados foi possível detectar verbos substantivados, adjetivos ou verbos pouco precisos para expressar aquilo que precisa ser feito com o que se lida. Essa é a maneira como os comportamentos são geralmente expressos literariamente e

isso se torna a maneira como as pessoas passam a se referir a esses fenômenos, como aponta Skinner (1979/2007) ao examinar a linguagem utilizada pelas pessoas para expressar o que fazem. Nas categorias “classes de respostas” e “classes de comportamentos” os aperfeiçoamentos da linguagem realizados ocorreram com os verbos que as consistiam, com os complementos, ou com ambos. Na Tabela 3.6 estão apresentados alguns exemplos de classes de respostas ou classes de comportamentos cujo verbo foi aperfeiçoado.

TABELA 3.6

EXEMPLOS DE CLASSES DE RESPOSTAS OU CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS A PARTIR DOS TRECHOS SELECIONADOS CUJOS VERBOS QUE FORAM APERFEIÇADOS

Trecho selecionado da obra	Redação original da classe de respostas ou classe de comportamentos	Redação aperfeiçoada da classe de respostas ou classe de comportamentos
14° Trecho (Anexo p.287)	Dar atenção ao papel do condutor do animal	Avaliar o papel do condutor do animal
16° Trecho (Anexo p.288)	Advogar pelo animal	Defender o animal
64° Trecho (Anexo p.327)	Acessar realisticamente os ambientes nos quais os animais estão sendo requisitados para trabalhar	Avaliar os ambientes nos quais os animais estão sendo requisitados para trabalhar

Na Tabela 3.6 estão apresentados três exemplos de classes de respostas ou classes de comportamentos cujo verbo foi aperfeiçoado. No primeiro exemplo o verbo utilizado “*dar atenção*” não explicita o que precisa ser feito, uma vez que qualquer coisa que se faça implica em atentar para o que está ocorrendo. Além disso, atenção é um substantivo e “*dar atenção*” é uma metáfora, pois não se “*dá*” atenção para alguém. O verbo proposto como aperfeiçoamento é “*avaliar*”, pois dentro do trecho selecionado é um verbo que dá mais sentido ao complemento utilizado e a idéia que o autor apresentou no trecho selecionado. No segundo exemplo o verbo “*advogar*” não é preciso com relação ao que um psicólogo precisa fazer, o verbo “*defender*” descreve melhor aquilo que precisa ser feito. Nesse exemplo ainda há a necessidade de um complemento, defender do quê? Mas essa alteração foi realizada em outra etapa. No 64° trecho selecionado (ver Anexo p. 327) o verbo

“*acessar*” e o complemento “*realisticamente*” são pouco precisos, o verbo “*avaliar*” permite maior clareza com relação àquilo que um psicólogo que intervém em psicoterapia com apoio de cães precisa fazer.

Na Tabela 3.7 estão apresentados exemplos de classes de respostas ou classes de comportamentos cujo complemento foi aperfeiçoado. Os três exemplos apresentam pouca clareza nos seus complementos. No primeiro caso é preciso explicitar o que está em excesso. O trecho selecionado forneceu informações para complementar de forma mais apropriada o que deve ser evitado, neste caso “*graus elevados de stress do animal*”. No segundo exemplo o complemento “*animais*” é muito abrangente, é preciso saber o que dos animais precisa ser observado. Como o aspecto de interesse com relação ao cão é o seu comportamento, a delimitação do que nesta situação um psicólogo deve observar torna a classe de resposta mais clara. No último exemplo o termo “*questão*” é impreciso, não esclarece o que é que precisa ser testado. O trecho selecionado fornecia outras informações que possibilitaram identificar que a “*questão*” era referente aos comportamentos do cão em condições ambientais semelhantes às que ocorrem durante uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães.

TABELA 3.7

EXEMPLOS DE CLASSES DE RESPOSTAS OU CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADOS A PARTIR DOS TRECHOS SELECIONADOS CUJOS COMPLEMENTOS QUE OS NOMEAVAM FORAM APERFEIÇOADOS

Trecho selecionado da obra	Redação original da classe de resposta ou classe de comportamento	Redação aperfeiçoada da classe de resposta ou classe de comportamento
39º Trecho (Anexo p. 307)	Evitar excessos	Evitar graus elevados de stress do animal
42º Trecho (Anexo p.309)	Observar os animais	Observar os comportamentos dos animais em trabalho de terapia assistida por animais
57º Trecho (Anexo p.321)	Testar a questão em outro ambiente	Testar os comportamentos do cão em condições ambientais semelhantes à terapia assistida por animais

No caso das classes de respostas ou classes de comportamentos que tiveram o verbo e o complemento aperfeiçoado, a Tabela 3.8 permite visualizar três exemplos de alterações completas. O 47º trecho selecionado apresenta um verbo incompatível com o complemento ao se referir a algo que um psicólogo deve fazer. Ele não irá “*determinar*” “*se um animal irá responder a uma situação específica que está para ocorrer*”, ele precisa “*avaliar*” a probabilidade de ocorrência desse fenômeno, portanto o verbo avaliar é mais apropriado. Com relação ao complemento, o fenômeno com o qual o psicólogo lida não é apenas as respostas do cão, mas as respostas em relação ao ambiente em que o cão está – o comportamento. O que é necessário avaliar é a probabilidade de um comportamento ocorrer em uma ocasião específica. Desse modo, fica mais claro compreender com o quê o psicólogo está lidando e o quê ele precisa fazer com o que lida. No 48º trecho selecionado a ação está indicada por meio de um adjetivo “*alerta*”, e não por um verbo. O fato de utilizar o verbo “*estar*” indica um estado, não uma ação, algo que se faz. Assim como 47º trecho selecionado, o complemento do verbo e o trecho do qual foi destacado fornecem indícios de que o que o profissional precisa fazer é “*identificar*” alguma coisa. Neste caso, “*alterações de respostas dos animais em diferentes situações*”, contudo o complemento “*respostas*” é melhor substituído por “*comportamentos*”, pois esses são os fenômenos com os quais o psicólogo está lidando. No último exemplo da tabela o verbo “*alertar*” é utilizado como sinônimo de “*estar alerta*”, “*estar atento*”, “*prestar atenção*”, mas assim como no exemplo anterior, é uma expressão pouco precisa sobre o que é preciso fazer. O verbo “*identificar*” torna mais claro qual a classe de respostas a ser apresentada. No complemento inicialmente utilizado o termo “*resultado negativo*” indica um critério pouco claro de algo que precisa ser identificado. Nesse caso, “*consequência prejudicial*” qualifica melhor aquilo que precisa ser identificado.

TABELA 3.8

EXEMPLOS DE CLASSES DE RESPOSTAS OU CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADOS A PARTIR DOS TRECHOS SELECIONADOS CUJOS VERBOS E COMPLEMENTOS QUE OS NOMEAVAM FORAM APERFEIÇOADOS

Trecho selecionado da obra	Redação original da classe de respostas ou classe de comportamentos	Redação aperfeiçoada da classe de respostas ou classe de comportamentos
47° Trecho	Determinar se um animal irá responder a uma situação específica que está para ocorrer	Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos específicos do animal em situações específicas
48° Trecho	Estar alerta para alterações de respostas de animais em diferentes situações	Identificar alterações no comportamento do cão em diferentes situações
49° Trecho	Alertar para resultados potencialmente negativos	Identificar conseqüências prejudiciais ao trabalho terapêutico.

Os principais verbos utilizados para substituir os verbos inapropriados para expressar classes de respostas ou classes de comportamentos foram: “*identificar*”, “*caracterizar*” e “*avaliar*”. Esses verbos aumentam a perceptibilidade acerca do que precisa ser feito e qual o produto a ser obtido. O verbo “*identificar*” refere-se à distinção de um aspecto entre muitos, sendo que a classe de respostas apresentada pode variar. Por exemplo, no exemplo do 49° trecho selecionado, apresentado na Tabela 3.8, é necessário que se faça uma distinção das conseqüências prejudiciais do conjunto dos demais tipos de conseqüências produzidas em uma intervenção de psicoterapia por cães. A classe de respostas desse comportamento pode ser falar quais as conseqüências prejudiciais ou redigi-las em um protocolo. O verbo “*caracterizar*” indica uma descrição das características de algo que está em exame. O verbo “*avaliar*” indica uma comparação entre aspectos e definição, ou de uma distinção de uma organização entre esses aspectos.

O conteúdo do trecho selecionado e a natureza do complemento também foram considerados durante a avaliação da linguagem utilizada para expressar a classe de respostas e a classe de comportamentos e a proposição de uma nova expressão. Outras informações contidas nos trechos como classes de estímulos antecedentes (com o que o psicólogo lida), classes de estímulos conseqüentes (o que ele deve produzir como resultado da sua ação) e complementos dos verbos forneceram informações importantes para definição de um tipo de verbo mais apropriado. Por exemplo, no 25° trecho selecionado (ver Anexo p. 295), a classe de respostas inicialmente

identificada “*Retornar em intervalos regulares*” e expressa de forma similar à utilizada pelo autor do capítulo, foi aperfeiçoada para “*Manter nas sessões de TAA o mesmo cão, o mesmo condutor e frequência de visitação regular*”, pois o trecho selecionado demonstrava que não somente era preciso manter os intervalos das visitas regulares, mas também era preciso que essas visitas fossem feitas pelos mesmos condutores e pelos mesmos cães. O verbo “*retornar*” foi substituído por “*manter*” e os complementos dos verbos também foram alterados de modo a tornar mais completa a expressão daquilo que um psicólogo precisa fazer em uma psicoterapia assistida por cães.

Na Tabela 3.9 é possível observar alguns tipos de verbos encontrados e os verbos pelos quais foram substituídos. Para a substituição foram utilizados critérios semelhantes aos propostos por Luiz (2008) para avaliar os verbos utilizados para expressar classes de respostas de classes de comportamentos constituintes da classe mais geral “projetar a vida profissional”. É possível identificar também que alguns verbos foram substituídos por mais de um tipo de verbo. Isso ocorreu em função da natureza do complemento ou de outras informações que continha o trecho do qual o verbo fazia parte. Nesta etapa de avaliação e aperfeiçoamento das expressões utilizadas para nomear classes de componentes de comportamentos ou classes de comportamentos não só verbos inapropriados foram alterados, mas expressões que faziam referência a classe de respostas ou classes de comportamentos que estavam em forma de substantivo ou adjetivo também foram alteradas. Por exemplo, a expressão “*avaliações da equipe (condutor e cão)*” no 43º trecho selecionado (ver Anexo p. 309), indica uma etapa da terapia que aumenta previsibilidade sobre o que pode acontecer. Nesse caso a expressão está na forma substantivada que pode ser transformada em verbo e complemento (“*avaliar a equipe*”) para designar uma classe de respostas que compõe uma classe de comportamentos.

Os verbos propostos têm a função de aumentar a precisão com relação às classes de respostas e classes de comportamentos que expressam. Contudo, esse é um trabalho que requer aperfeiçoamentos. É um trabalho minucioso e encontra limitações de recursos lingüísticos para expressá-los de forma clara e objetiva segundo a noção de comportamento como a relação entre aquilo que um organismo faz e o ambiente antecedente e conseqüente a esse fazer. Posteriormente, na oitava etapa do método utilizado para identificar classes de comportamentos a partir da literatura, chamada “Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeadas a partir das classes de componentes desses comportamentos

identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação”, a linguagem utilizada para expressar todas as classes de comportamentos identificadas foi novamente avaliada e nova nomenclatura foi proposta.

TABELA 3.9

EXEMPLOS DE VERBOS IDENTIFICADOS NA OBRA UTILIZADA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA EXPRESSAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS E CLASSES DE RESPOSTAS, E VERBOS MAIS APROPRIADOS UTILIZADOS PARA SUBSTITUÍ-LOS

Crítérios de substituição	Verbos identificados diretamente dos trechos selecionados como classes de comportamentos e classes de respostas	Verbos propostos como aperfeiçoamento de linguagem
Metáforas	Ter claro (o contexto)	Caracterizar
	Alertar (para)	Identificar
	Ler (sinais)	Identificar
Ênfase em atividades (respostas)	Observar	Avaliar
	Observar	Identificar
	Verificar	Avaliar
	Determinar	Identificar
	Escolher	Selecionar
	Treinar	Ensinar
Ênfase em respostas encobertas	Compreender	Avaliar
	Compreender	Caracterizar
	Perceber	Identificar
Verbos pouco precisos	Facilitar (a intervenção)	Intervir
	Ter (compreensão)	Caracterizar

Outros verbos que apresentam problemas em sua expressão também foram identificados nos trechos selecionados como, por exemplo, “*reagir*” encontrado no 104º trecho selecionado (ver Anexo p. 355), “*responder*” encontrado no 64º trecho selecionado (ver Anexo p. 327), “*realizar*” encontrado no 55º trecho selecionado (ver Anexo p. 320), “*ser*” encontrado no 52º trecho selecionado (ver Anexo p.318) e “*estar*” encontrado no 48º trecho selecionado (ver Anexo p. 313). Esses verbos também são imprecisos e necessitam de aperfeiçoamentos. Os verbos “*reagir*”, “*responder*” e “*realizar*” não esclarecem o que precisa ser feito, pois qualquer coisa que se faça com relação a algo é uma reação, uma resposta ou uma realização. “*Ser*” e “*estar*” expressam estados, qualidades, mas não algo que precisa ser feito. Não houve definição de um tipo de verbo específico que substituiria mais adequadamente cada caso. As alterações foram feitas levando em consideração a natureza do complemento e as classes de estímulos antecedentes e classes de estímulos conseqüentes relacionados ao verbo em questão.

Na terceira etapa do método na qual foram identificadas e registradas classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, a quantidade de classes de estímulos antecedentes identificadas foi maior do que a soma das classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes identificadas, como pôde ser verificado na Tabela 3.1. As lacunas relacionadas a essas duas classes necessitaram ser preenchidas e em razão disso, na quinta etapa, nomeada “Derivar mais classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães de a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados da obra utilizadas como fonte de informação”, foram derivadas e propostas quantidades maiores de classes de estímulos conseqüentes e classes de respostas. Apenas uma classe de comportamentos foi derivada a partir de outras classes identificadas. Isso ocorreu no 26º trecho selecionado (ver Anexo p. 295) no qual a classe de estímulos conseqüentes possibilitou derivar uma classe de comportamentos e outras informações contidas no trecho possibilitaram derivar a classe de respostas deste comportamento. Essa quinta etapa constitui um exame mais aprofundado do trecho selecionado para derivar informações acerca das classes de componentes que permitirão obter as classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

As classes de componentes obtidas na quinta etapa (Derivar mais classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional

de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados da obra utilizadas como fonte de informação) foram derivadas de outras classes já identificadas. No caso de classes de comportamentos que apresentavam classes de estímulos antecedentes, classe de respostas e não apresentavam classe de estímulos conseqüentes, para poder completar a classe faltante a expressão da classe de respostas foi transformada na voz passiva e o verbo foi apresentado no particípio passado. Desse modo, é possível expressar um produto, mesmo que o grau de clareza sobre este produto não seja alto. Por exemplo, no 63º trecho selecionado (ver Anexo p. 326) a classe de respostas com a linguagem já aperfeiçoada era “*identificar os comportamentos que compõem uma cadeia comportamental*”, a classe de estímulos conseqüentes derivada foi “*comportamentos que compõem uma cadeia comportamental identificados*”. Nesse caso, o complemento do verbo passou a ser sujeito paciente e o verbo “*identificar*”, expresso no infinitivo, passa a ser expresso no particípio passado “*identificado*”.

Outra forma de derivar classes de estímulos conseqüentes foi a partir de informações do trecho selecionado que não designavam diretamente uma classe de estímulos conseqüentes. Por exemplo, no 58º trecho selecionado (ver Anexo p.322) “*O avaliador deve ter uma precisa compreensão das dinâmicas das interações em TAA e AAA de modo a realizar previsões de acordo com a adequação entre o condutor e o animal.*”, a “*maior probabilidade de realizar previsões de acordo com a adequação entre o condutor e o animal*” é uma decorrência de “*ter uma precisa compreensão das dinâmicas das interações em TAA e AAA*” que pôde ser derivada de outras informações contidas no trecho. Além disso, classes de estímulos conseqüentes também podem ser propostas a partir da avaliação de possíveis produtos de uma classe de respostas. No 19º trecho selecionado (ver Anexo p. 290) são listadas decorrências que puderam ser identificadas como produtos da classe de respostas “*antecipar comportamentos de um cão em uma situação específica*”, tais como “*maior probabilidade de alterar a probabilidade de ocorrência de comportamentos indesejados*”, “*maior probabilidade de interromper comportamentos indesejados*”, “*maior probabilidade de evitar acidentes*”.

Apesar da pouca quantidade de classes de estímulos antecedentes derivadas ou propostas, nos casos em que isso ocorreu, essas classes de estímulos antecedentes puderam ser obtidas a partir dos complementos das classes de respostas. No 56º trecho selecionado (ver Anexo p. 321) é possível verificar um exemplo disso. A partir da classe de respostas identificada e aperfeiçoada

“Identificar possíveis conseqüências das ações de TAA” foi possível derivar a classe de estímulos antecedentes *“Possíveis conseqüências das ações de TAA”*.

Para derivar ou propor classes de respostas foram avaliadas classes de estímulos antecedentes e conseqüentes para identificar verbos que nomeassem essas classes. As classes já identificadas constituintes do comportamento permitiam identificar qual a classe de resposta que constituía o que era necessário fazer em uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães.

Uma comparação entre as quantidades de classes de componentes identificadas e derivadas ou propostas permite concluir a relevância da quinta etapa para derivar e propor classes de componentes de modo a criar condições para nomear de forma apropriada as classes de comportamento que essas classes de componentes constituem. Essa nomenclatura da classe de comportamentos deve enfatizar a relação existente entre a ação do organismo e o seu meio e a complementação das lacunas dos componentes permite maior “visibilidade” sobre os componentes e suas relações.

Como a obra utilizada como fonte de informação continha muitas informações a respeito de com o que um psicólogo tem que lidar ao intervir em psicoterapia com apoio de cães houve pouca necessidade de derivar ou propor classes de estímulos antecedentes. Com as classes de estímulos conseqüentes ocorreu o contrário: como a fonte de informação apresentava poucas decorrências daquilo que um psicólogo precisa fazer em psicoterapia com apoio de cães, foi necessário derivar ou propor a maior parte das classes de estímulos conseqüentes encontradas. Das 223 classes de estímulos conseqüentes encontrada; 29,6% foram identificadas diretamente e 70,4% foram derivadas ou propostas. Mesmo assim, grande parte das classes de estímulos conseqüentes derivadas ou propostas foram transformações das classes de respostas na voz passiva com o verbo no particípio passado para que expressassem de forma mais clara uma conseqüência produzida por meio de uma ação (classe de respostas). Contudo, apenas passar uma expressão para a voz passiva não é suficiente para explicitar sob controle de quais conseqüências uma pessoa deve estar para fazer alguma coisa. Identificar as decorrências de uma classe de resposta é fundamental para quem deseja projetar o ensino de qualquer comportamento, pois ao ensinar um aprendiz um professor ensinará comportamentos compatíveis com a situação com a qual esse aprendiz irá se deparar. Uma possível forma de resolver essa questão é posteriormente à nomeação das classes de comportamentos e sua organização em um sistema de níveis de abrangência, analisar (decompor em suas partes constituintes) as classes de comportamentos encontradas. Com esse procedimento é

possível examinar com mais detalhes quais são as possíveis decorrências das classes de respostas apresentadas.

Após derivar ou propor novas classes de componentes de comportamentos a partir das classes de componentes que já haviam sido diretamente identificadas, essas classes foram avaliadas quanto à linguagem utilizada para expressá-las. Após avaliar todas as classes derivadas ou propostas foram necessárias apenas duas novas proposições de linguagem. No 26º trecho selecionado (ver Anexo p.295) o verbo da classe de comportamentos derivados foi alterado de “*controlar comportamentos*” para “*modificar comportamentos*”. No 62º trecho selecionado (ver Anexo p. 324) o verbo utilizado para nomear a classe de resposta derivada “*prever*” não era coerente com o seu complemento “*o nível de conforto do animal*”, desse modo o verbo foi alterado para “*identificar*”. O complemento dessa classe de respostas também é aperfeiçoado a partir de outras informações contidas no trecho selecionado que permitiram detalhar melhor esse complemento. O complemento “*o nível de conforto do animal*” foi aperfeiçoado para “*o nível de conforto do animal por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis*”. As classes de componentes propostas ou derivadas já apresentavam uma linguagem apropriada para expressá-las, por essa razão foram feitos apenas dois aperfeiçoamentos. Todavia, rever a linguagem proposta possibilita criar aperfeiçoamentos que constituam melhores insumos para as etapas seguintes até a obtenção de expressões de classes de comportamentos que nomeiem de forma apropriada a interação entre a ação de um organismo e o meio no qual esse organismo está agindo.

Na sétima etapa do método (Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas a partir dos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação) foram nomeadas 207 classes de comportamentos a partir dos conjuntos de classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes identificados diretamente, derivados ou propostos nas etapas anteriores. A maior parte das classes de comportamentos nomeadas possuíam em sua expressão o verbo e os complementos utilizados para nomear as classes de respostas da classe de comportamentos, com alguns acréscimos possibilitados pelas informações fornecidas pelas classes de estímulos antecedentes ou conseqüentes. Somadas às classes já identificadas diretamente (21 classes), até a sétima etapa foram identificadas 228 classes de comportamentos a partir das 24 páginas constituintes de um capítulo da obra utilizada como fonte de informação.

Depois de unir todas as classes nomeadas às classes identificadas diretamente, o conjunto total foi submetido a uma avaliação da linguagem realizada na oitava etapa (Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeados a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação). Das 228 classes de comportamentos identificadas, 80 tiveram a sua expressão aperfeiçoada. Desse total 23% tiveram apenas o verbo alterado, 57% tiveram apenas o complemento alterado e 15, (19%) tiveram o verbo e o complemento alterado.

Os verbos aperfeiçoados na oitava etapa seguiram os mesmos critérios utilizados na quarta etapa do procedimento para identificar as classes de comportamentos constituintes de intervenções em psicoterapia com apoio de cães, que consistiu em avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos identificados diretamente das partes destacadas dos trechos selecionados. Alguns exemplos de verbos aperfeiçoados estão apresentados na Tabela 3.10.

Na primeira coluna da Tabela 3.10 estão apresentados os critérios de substituição dos verbos encontrados: Verbos que expressam metáforas; Verbos que enfatizam atividades; Verbos que enfatizam respostas encobertas e Verbos pouco precisos. Na segunda coluna estão apresentados os verbos que foram encontrados e estão em linguagem similar à encontrada nos trechos selecionados e que foram substituídos por verbos mais apropriados que se encontram listados na terceira coluna.

Na segunda linha da tabela o verbo “*balancear*” é uma metáfora que remete à balança, o verbo “*equilibrar*” é um verbo mais apropriado para explicitar que é necessário uma distribuição igualitária entre as quantidades de duas coisas. No caso do verbo “*testar*” a sua substituição pelo verbo “*avaliar*” ocorre em virtude de que a aplicação do teste ser a atividade que compõe a avaliação do comportamento do cão. “*Identificar*” é um verbo que expressa a interação do organismo com o ambiente melhor do que o verbo “*reconhecer*” que enfatiza um processo cognitivo (ou mentalista). No caso do verbo “*prever*” sua precisão pode ser aumentada com a explicitação de que o que está sendo feito é “*avaliar a probabilidade*” (de ocorrência de algo).

TABELA 3.10

EXEMPLOS DE VERBOS UTILIZADOS PARA EXPRESSAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS E VERBOS MAIS APROPRIADOS UTILIZADOS PARA SUBSTITUÍ-LOS NA OITAVA ETAPA

Crítérios de substituição	Verbos identificados diretamente dos trechos selecionados como classes de comportamentos e classes de respostas	Verbos propostos como aperfeiçoamento de linguagem
Metáforas	Balancear	Equilibrar
Ênfase em atividades (respostas)	Testar	Avaliar
	Observar	Avaliar
	Adestrar	Ensinar
	Defender	Proteger
Ênfase em respostas encobertas	Reconhecer	Identificar
Verbos pouco precisos	Determinar	Avaliar
	Envolver	Inserir
	Prever	Avaliar a probabilidade

As mudanças na nomenclatura das classes de comportamentos não ocorreram somente por meio da alteração do verbo, do complemento ou de ambos. Além do aperfeiçoamento da linguagem, algumas classes de comportamentos foram desdobradas em mais classes, pois o verbo que as compunha possuía dois objetos, referenciando dois comportamentos. Ao total foram 12 classes decompostas em outras duas classes de comportamentos. Por exemplo, no 36º trecho selecionado (ver Anexo p. 304 a classe de comportamentos identificada foi “*Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor e do cão*”. Como o verbo “*identificar*” apresenta dois objetos “*variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor*” e “*variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do cão*”, a classe de comportamentos foi

decomposta em outras duas classes: “*Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor*” e “*Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do cão*”.

Na nona etapa (Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressavam classes de comportamentos), todas as classes nomeadas, que ao todo foram 228, foram avaliadas para identificar se não possuíam outra classe com nomenclatura idêntica ou semelhante e se, consistiam de fato uma classe de comportamentos e não uma atividade. Das 228 classes de comportamentos identificadas diretamente e indiretamente, 22 possuíam outra classe com a nomenclatura idêntica ou semelhante e foram eliminadas. Outras 13 classes foram excluídas, pois não consistiam classes de comportamentos e sim atividades a serem desempenhadas, ou por serem expressões ainda pouco precisas para expressar classes de comportamentos. Restaram ao final da nona etapa 193 classes de comportamentos que, somadas as 3 classes obtidas a partir das referências de Botomé e col. (2003) e Mattana (2004) totalizaram 196 classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

3.3 Aperfeiçoar as etapas de avaliação e aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos representa um avanço ainda maior na identificação de comportamentos a partir da literatura

Os dados obtidos em cada etapa do método para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães demonstram que é possível identificar classes de comportamentos sem estar presenciando-as diretamente e que essas etapas realizadas são úteis para essa identificação. Cada etapa produzia um conjunto de informações que eram tratadas em uma etapa seguinte e que, ao final do processo, produziram 196 classes de comportamentos. Ao longo de todo processo, as avaliações da linguagem utilizada para expressar classes de componentes de comportamentos ou classes de comportamentos ocorreram mais de uma vez. Aquilo que foi possível realizar de determinação de critérios de aperfeiçoamentos ainda precisa ser complementado: esses exames requerem critérios melhor definidos para que classes de comportamentos identificadas sejam expressas com

nomenclatura que tornem mais claras as relações entre a ação do organismo e o meio no qual esse organismo está agindo.

Os trechos selecionados que faziam referência a classes de comportamentos ou componentes das classes de comportamentos permitem identificar com maior frequência algumas classes de componentes de comportamentos. O conteúdo do capítulo que serviu de fonte de informação enfatiza aspectos do ambiente com o qual se lida, em menor proporção indica o que é necessário fazer com esses aspectos e quase não apresenta informações a respeito dos produtos a serem obtidos com aquilo que se faz com o que se lida. Essa diferença na proporção entre classes de estímulos antecedentes encontrados e estímulos conseqüentes prejudica a nomeação de classes de comportamentos, pois reduz a capacidade de indicar de forma mais clara quais são os aspectos do meio (anteriores e posteriores à ação do organismo) com os quais é preciso fazer algo e deve-se obter como resultado. Além da menor indicação de classes estímulos conseqüentes no texto examinado, também é mais rara alguma menção direta a uma classe de comportamentos. Isso porque as expressões compostas por verbos e complementos não evidenciam com tanta clareza a relação entre a ação do organismo e o ambiente no qual essa ação é realizada. É mais útil classificar expressões compostas de verbo e complemento como classes de respostas, pois informações adicionais podem complementar a expressão tornando mais explícita a interação existente entre a ação e o ambiente, inclusive, incluído o produto dessa ação. De qualquer forma, além da análise dos componentes do meio que compõem o comportamento, que geralmente são expressos na forma de substantivos e adjetivos, o exame de nomenclatura de classes de comportamentos também requer o estudo da gramática para o aumento da capacidade de escolher as expressões mais apropriadas para os nomes das classes de comportamentos.

A relevância dos estudos da gramática se aplicam não só aos substantivos e adjetivos que nomeiam as classes de estímulos antecedentes e conseqüentes, mas também aos verbos que nomeiam as classes de respostas e classes de comportamentos. Os critérios para aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar as classes de componentes de comportamentos e classes de comportamentos precisam ser mais bem definidos. Uma lista de verbos e sua aplicabilidade pode ajudar a aperfeiçoar o modo de nomear classes de comportamentos de forma mais apropriada. A lista de exemplos de verbos aperfeiçoados apresentada na Tabela 3.10 e os critérios que foram utilizados para realizar esses aperfeiçoamentos já representam os primeiros passos para examinar essa questão dos verbos. Uma ampliação dessa lista contendo todos os verbos alterados neste trabalho como também em outros já realizados sobre a identificação de comportamentos (Mattana,

2004; Luca, 2008; Luiz, 2008; Kienen, 2008; Viecele, 2008) podem contribuir ainda mais. O estudo dos métodos apresentados por esses autores também podem proporcionar uma sistematização de um procedimento mais aperfeiçoado ainda para identificar classes de comportamentos a partir da literatura.

O método utilizado para identificar classes de comportamentos indiretamente a partir da literatura é útil para o fim ao qual se propõe (identificar classes de comportamentos). Os resultados obtidos neste trabalho demonstram isso. Colocar em teste empírico os resultados obtidos aumenta a avaliação sobre esses resultados. Conferir se as classes de comportamentos identificadas se aplicam na realidade da intervenção de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com cães aumentaria a confiabilidade sobre o método caso os resultados demonstrassem que as classes de comportamentos identificadas de fato são necessárias na realização de um trabalho de psicólogos no contexto clínico com apoio de cães. De qualquer forma, aperfeiçoamentos no método com relação à avaliação e melhora da linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos são necessários e podem proporcionar avanços na determinação de quais classes de comportamentos constituem um tipo de intervenção em exame.

EXEMPLOS DO PROCEDIMENTO QUE CONSTITUI O MÉTODO PARA IDENTIFICAR CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES A PARTIR DA LITERATURA

No capítulo 3 foram apresentadas características relacionadas aos dados obtidos nas nove etapas constituintes do procedimento para identificar a partir da literatura classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Mas como ocorreu cada uma dessas etapas? Como foi feita a passagem de uma etapa para a seguinte? Como uma etapa possibilitava o avanço para a etapa seguinte? Qual a utilidade de cada uma dessas etapas para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães? É útil examinar exemplos concretos desse procedimento para obtenção de classes de comportamentos a partir da literatura para compreender e avaliar o processo todo, a relação entre cada uma das etapas e o produto final do procedimento.

Entre os vários tipos de trechos com os quais foi possível se deparar, é pertinente examinar alguns tipos para ilustrar como cada etapa pôde ser realizada diante dessas diferenças. Alguns trechos fornecem muitas informações que facilitam a identificação dos três tipos de classes de componentes (classe de estímulos antecedentes, classe de respostas e classes de estímulos conseqüentes), outros trechos oferecem apenas um ou dois tipos de classe de componentes. Certos trechos possibilitam a identificação de classes de comportamentos logo nas etapas iniciais, enquanto alguns só possibilitam isso nas etapas finais. Há trechos que não requerem a realização de determinadas etapas e outros requerem uma apreciação detalhada em cada uma delas. O exame de quatro amostras de coletas de dados com características diferentes ajuda a identificar passo a passo cada trecho com as suas respectivas etapas até a nomeação final das classes de comportamentos. Esse exame é uma ilustração do trabalho realizado diante dos 110 trechos selecionados ao longo do capítulo da obra utilizada como fonte de informação e que podem ser verificados, com a indicação da primeira à sétima etapas realizadas, no Anexo (p. 273 - 362) deste trabalho. Cada trecho apresentado neste capítulo foi selecionado por apresentar, destacar e ilustrar características do processo de identificar as classes de comportamentos, seja com relação ao trecho selecionado, às etapas realizadas, ou aos produtos obtidos (em cada etapa ou ao final de todo o processo). Cada trecho será destacado em um sub-ítem deste capítulo enfatizando algum aspecto do processo.

4.1 Trecho com classe de comportamentos e respectiva classe de respostas identificadas diretamente a partir do trecho selecionado como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

O 26º (Anexo p. 295) trecho selecionado, assim como os outros três trechos examinados como amostra do procedimento que constitui o método desta pesquisa, apresenta algumas características que ilustram possibilidades de tratamento de dados ao longo das nove etapas que compõem o método. No caso do 26º trecho, sua característica principal é a clareza com que é possível identificar uma classe de comportamentos diferente da classe de respostas identificada que compõe esse comportamento. A maior parte dos trechos selecionados permite identificar verbos e complementos que de forma geral, são classificados e organizados no protocolo de registro como classe de respostas, uma vez que não nomeiam com clareza uma relação entre uma ação do organismo e o meio. Nesses casos, somente nas últimas etapas é que é possível nomear a classe de comportamentos a partir da classe de respostas. Diferente desse conjunto geral que somente obtém a nomeação da classe de comportamentos nas últimas etapas, o 26º trecho possibilita identificar nas etapas intermediárias uma classe de comportamentos que não é derivada da classe de respostas. O detalhamento de cada etapa realizada possibilitará compreender com mais clareza essa característica desse trecho.

1ª ETAPA: Identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação, que façam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

No primeiro parágrafo da página 126 do Capítulo 7, intitulado “The Art of Animal Selection for Animal-Assisted Activity and Therapy Programs”, da obra “FINE, A. H. (2006). Handbook on Animal Assisted Therapy”, foi selecionado o seguinte trecho: “*Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães. Dependendo da idade e diagnóstico do jovem a experiência de ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais*”. Esse trecho foi selecionado, pois durante a sua leitura foi possível identificar diretamente duas decorrências (classe de estímulos conseqüentes) de algum tipo de intervenção específica que não estava clara na primeira leitura. A primeira classe de estímulos conseqüentes imediatamente identificada foi a aprendizagem de jovens

sobre como controlar seus próprios comportamentos, expressa na oração “*Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos*”. A segunda decorrência imediatamente identificada foi a possibilidade de o jovem estabelecer uma relação entre as características do cão e as suas, expressa na segunda frase do trecho selecionado “... *pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais*”. Em função dessa identificação, o trecho foi selecionado e transcrito na primeira coluna de um protocolo de registro ilustrado na Figura 4.1.

Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos

Figura 4.1: Modelo de protocolo de registro utilizado para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

2ª ETAPA: Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que contenham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

Após identificar, selecionar e transcrever um trecho que contém referências sobre classes de componentes de comportamento, teve início a segunda etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos. Como é possível observar na Tabela 4.1, na segunda etapa foram destacadas do trecho as seguintes partes “*jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães*” e “*ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais*”. Além das classes de estímulos conseqüentes observadas imediatamente durante a leitura do texto, o fragmento “*ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos*” também é uma informação a ser considerada como parte de outra classe de componentes de comportamentos, a classe de respostas.

TABELA 4.1

PARTES DESTACADAS DO 26º TRECHO SELECIONADO QUE CONTÉM INFORMAÇÕES ACERCA DE CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS

“Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães. Dependendo da idade e diagnóstico do jovem a experiência de ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais”

3ª ETAPA: Registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

A partir das duas partes selecionadas foi possível registrar duas classes de estímulos antecedentes identificadas imediatamente, “*Cães jovens, impulsivos e hiperativos*” e “*Jovens com desafios emocionais*”. Também foi possível identificar duas classes de estímulos conseqüentes “*Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos*” e “*Metáfora para os desafios emocionais dos jovens provida*”. Nesta etapa a forma de expressar as classes foi mantida o mais próxima da forma apresentada nos trechos selecionados. Na Tabela 4.2 estão apresentadas as classes de componentes imediatamente identificadas. Seguindo da esquerda para a direita na primeira coluna estão registradas as classes de estímulos antecedentes identificadas, expressas de forma similar a como estavam nas partes destacadas do trecho. Na coluna seguinte, referente às classes de resposta ainda não há nenhuma informação registrada. Na terceira coluna, estão registradas as classes de estímulos conseqüentes identificadas diretamente e na quarta coluna, referente à classe de comportamentos, não há registro de classes de comportamentos identificadas diretamente.

TABELA 4.2

CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS A PARTIR DAS PARTES DESTACADAS DO 26º TRECHO SELECIONADO

26º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<i>“Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães. Dependendo da idade e diagnóstico do jovem a experiência de ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais” (p.126)</i>	<ul style="list-style-type: none"> - “Cães jovens, impulsivos e hiperativos” - “Jovens com desafios emocionais” 	-	<ul style="list-style-type: none"> - “Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos” - “Metáfora para os desafios emocionais dos jovens provida” 	-

4ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.

Na terceira etapa as classes de estímulos antecedentes e conseqüentes identificados foram avaliadas com relação à linguagem utilizada para expressá-las. Das quatro classes de componentes identificadas, as duas classes de estímulos antecedentes tiveram sua linguagem aperfeiçoada e uma das duas classes de estímulos conseqüentes também. A classe de estímulos antecedentes “*Cães jovens, impulsivos e hiperativos*” foi aperfeiçoada para “*Cães que apresentam comportamentos inadequados, como comportamentos impulsivos e hiperativos*”, pois os comportamentos do cão que são inadequados é que são característica nuclear dos cães com as quais o psicólogo irá lidar para produzir como resultado uma metáfora para os jovens sobre seus comportamentos. Esse tipo de comportamento pode ocorrer também em outras fases da vida do cão além da sua juventude. No caso desse trecho o autor destaca os comportamentos impulsivos e hiperativos do cão, mas poderiam ser outros tipos de comportamentos como, por exemplo, timidez. Qualquer um desses

comportamentos poderiam ser apresentados em qualquer etapa da vida de um cão. São essas características do cão (os seus comportamentos inadequados) que irão produzir como resultado uma metáfora para os jovens sobre seus comportamentos, uma classe de estímulos conseqüentes identificada diretamente e registrada como “*Metáfora para os desafios emocionais dos jovens provida*”. Outro resultado a ser obtido por meio da intervenção expresso no trecho selecionado, que auxilia a aperfeiçoar a linguagem dessa primeira classe de estímulos antecedentes é a aprendizagem de jovens sobre como controlar seus comportamentos, registrada na terceira coluna, da esquerda para direita, da Tabela 4.2, expressa como “*Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos*”. Essa decorrência destaca que são os comportamentos o aspecto importante a ser desenvolvido. A segunda classe de estímulos antecedentes identificada, “*Jovens com desafios emocionais*”, teve a linguagem aperfeiçoada para “*Jovens que apresentam comportamentos emocionais inadequados, como comportamentos hiperativos e impulsivos*”, pois é uma descrição mais abrangente para vários tipos de problemas comportamentais que podem ocorrer com jovens e possíveis de serem modificados por meio de psicoterapia com apoio de cães. Neste caso o núcleo daquilo com que um psicólogo terá que lidar são os comportamentos dos jovens que precisam ser alterados.

Das duas classes de estímulos conseqüentes identificadas e registradas, apenas uma necessitou ter sua linguagem aperfeiçoada. A classe “*Metáfora para os desafios emocionais dos jovens provida*” foi aperfeiçoada para “*Relação entre os seus comportamentos e os comportamentos do cão identificada pelos jovens*”. Neste caso, a nova expressão é mais clara com relação ao produto da intervenção em termos de objetivos de uma intervenção tendo os jovens como o foco. Essa linguagem mais apropriada permite destacar um tipo de comportamento a ser ensinado aos jovens, enquanto que na linguagem inicial tal exame não era possível. A segunda classe de estímulos conseqüentes “*Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos*” está clara sobre o produto produzido em decorrência de algo que o psicólogo faz e, portanto, não há necessidade de ser aperfeiçoada.

Na Tabela 4.3 estão apresentadas, na segunda coluna da tabela, as classes de estímulos antecedentes e as classes de estímulos conseqüentes identificadas e registradas com linguagem próxima a utilizada pelo autor. Na terceira coluna estão apresentadas as proposições de linguagem aperfeiçoada para cada uma dessas classes de componentes identificadas na terceira etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos. Como não houve necessidade de aperfeiçoamento da classe de estímulos conseqüentes “*Jovens aprendem a controlar os seus*

próprios comportamentos”, no campo destinado ao seu aperfeiçoamento há apenas um hífen registrando a sua ausência.

TABELA 4.3

EXPRESSÃO DE CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS NO 26º TRECHO SELECIONADO, EM LINGUAGEM PRÓXIMA A UTILIZADA PELO AUTOR E PROPOSIÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DA LINGUAGEM PARA EXPRESSAR ESSAS CLASSES

26º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de componentes identificadas	Linguagem próxima ao original	Linguagem aperfeiçoada
<i>“Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães. Dependendo da idade e diagnóstico do jovem a experiência de ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais”</i> (p.126)	Classes de estímulos antecedentes	Cães jovens, impulsivos e hiperativos;	Cães que apresentam comportamentos inadequados, como comportamentos impulsivos e hiperativos;
		Garotos jovens com desafios emocionais;	Garotos jovens que apresentam comportamentos emocionais inadequados, como comportamentos impulsivos e hiperativos;
	Classes de estímulos conseqüentes	Metáfora para os desafios emocionais dos jovens provida;	Relação entre os seus comportamentos e os comportamentos do cão identificada pelos garotos jovens;
		Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos;	—

5ª ETAPA: Derivar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

A partir das partes destacadas dos trechos selecionados só foi possível identificar diretamente classes de estímulos antecedentes e classes de estímulos conseqüentes (não foi possível

identificar classes de respostas ou classes de comportamentos). A quinta etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães consiste em derivar mais classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos de outras informações, tanto classes de comportamentos ou componentes de comportamentos já identificadas, ou outras informações contidas no trecho selecionado. No trecho 26 foram derivadas uma classe de comportamentos, uma classe de respostas e uma classe de estímulos conseqüentes.

A primeira classe derivada foi a classe de comportamentos “*Ensinar jovens a controlar seus próprios comportamentos*”, essa classe foi derivada a partir da classe de estímulos conseqüentes “*Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos*”. Essa classe de estímulos conseqüentes evidencia um produto de algo que o psicólogo precisa fazer e possibilita nomear a classe de comportamentos que expressa aquilo que ele faz e que produz tal resultado. A classe de comportamentos que nomeia a relação está derivada, mas as demais classes não fornecem informações que permitem derivar uma classe de respostas. Entretanto, o trecho selecionado apresenta informações úteis que permitem derivar a classe de respostas constituinte da classe de comportamentos derivada “*Ensinar jovens a controlar seus próprios comportamentos*”. Como é possível observar na Tabela 4.1, o trecho explicita que ao ensinar um cão a modificar seus comportamentos, o jovem pode aprender a relacionar a condição do cão com a sua e aprender a modificar o seu próprio comportamento a partir da aprendizagem sobre como modificar comportamentos. A produção dessa condição para o jovem aprender a modificar comportamentos de cães constitui uma situação de ensino. Desse modo é possível derivar a classe de respostas “*Ensinar jovens a ensinar comportamentos adequados para cães que apresentam comportamentos inadequados*”. Com a derivação dessa classe de respostas também é possível derivar uma classe de estímulos conseqüentes decorrente da aprendizagem dos jovens sobre como ensinar comportamentos adequados para cães - “*Mudança de comportamentos de cães que apresentavam comportamentos inadequados*”.

A Figura 4.2 mostra a classe de comportamentos, a classe de respostas e a classe de estímulos conseqüentes derivadas e as informações que possibilitaram essa derivação. Nessa figura as classes de comportamentos, componentes de comportamentos e o trecho selecionado estão organizados no formato do protocolo já apresentado na Figura 4.1 para facilitar a visualização de todos os produtos obtidos até esta quinta etapa e a forma como eles se relacionam. Todas as partes envolvidas na quinta etapa estão destacadas com letras em tamanho maior que as das demais partes.

As classes derivadas, além de estarem redigidas com letras em tamanho maior, estão em negrito. As classes ou segmento do trecho que possibilitaram derivar as novas classes estão em itálico e em fonte maior do que o resto do trecho. No caso da classe de respostas “*Ensinar jovens a ensinar comportamentos adequados para cães que apresentem comportamentos inadequados*” sua apresentação está em negrito e itálico, pois é uma classe derivada e uma condição antecedente para a derivação de uma classe de estímulos consequentes. As setas demonstram a ligação entre a informação que possibilitou a derivação da classe e a classe derivada. Os círculos com números no centro indicam a seqüência de derivação de cada classe, pois no caso da classe de respostas derivada, além de possibilitar derivar um produto, também foi uma condição antecedente para a derivação de uma classe de estímulos consequentes.

26° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>“Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães. Dependendo da idade e diagnóstico do jovem a experiência de <i>ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais</i>” (p. 126)</p>	<p>-Cães que apresentam comportamentos inadequados ;</p> <p>-Jovens que apresentam comportamentos inadequados;</p>	<p><i>-Ensinar jovens a ensinar comportamentos adequados para cães que apresentem comportamentos inadequados;</i></p>	<p>-<i>Jovens aprendem a controlar os seus próprios</i> comportamentos;</p> <p>-Relação entre os seus comportamentos e os comportamentos do cão identificada pelos jovens;</p> <p>-Mudança de comportamentos dos cães que apresentavam comportamentos inadequados;</p>	<p>-Ensinar jovens a controlar seus próprios comportamentos;</p>

Figura 4.2: Protocolo de registro destacando a seqüência do processo de derivação de classe de comportamentos e classes de componentes de comportamentos, realizada na quinta etapa do processo para identificar classes de comportamentos no 26° trecho selecionado.

6ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Após a identificação e registro de classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos ocorrida na terceira etapa, a linguagem utilizada para expressar essas classes foi avaliada e aperfeiçoada quando necessário. O mesmo ocorreu com os produtos da quinta etapa. Após derivar uma classe de comportamento, uma classe de respostas e uma classe de estímulos conseqüentes, a linguagem utilizada para expressar essas classes foi avaliada para identificar maneiras mais apropriadas de expressá-las. Das três classes derivadas, a classe de comportamento derivada “*Ensinar jovens a controlar seus próprios comportamentos*” foi a única que necessitou de aperfeiçoamento. Nesta sexta etapa essa classe de comportamentos teve o seu complemento “*controlar seus comportamentos*” aperfeiçoado para “*modificar seus comportamentos*”. O controle que os jovens passariam a ter após aprender a modificar os comportamentos dos cães é o controle de possibilidade de alterar os seus comportamentos. Essa é uma expressão que torna mais perceptível a qual fenômeno o termo “controle” faz referência. Portanto a classe de comportamentos identificada passou a ser “*Ensinar jovens a modificar seus próprios comportamentos*”.

7ª ETAPA: Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fontes de informação.

O 26º trecho selecionado é um caso peculiar. Este trecho constitui uma exceção, pois dos 110 trechos selecionados do capítulo da obra utilizada como fonte de informação foi o único no qual foi derivada uma classe de comportamento e é um dos dois trechos que possui aperfeiçoamento de uma classe derivada. Isso ocorreu em virtude dessas duas condições: ter uma classe de comportamento que foi possível ser derivada e por já possuir um aperfeiçoamento dessa linguagem. Assim, não houve necessidade de nomear a classe de comportamento, uma vez que já havia sido nomeada. No Anexo (p. 295) pode ser observado o protocolo de registro com as etapas de 1 a 7 relacionadas ao 26º trecho selecionado.

8ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeadas a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fontes de informação.

Apesar da classe de comportamentos identificada já ter tido o seu nome derivado e avaliado com relação à necessidade de aperfeiçoamentos, após a identificação de todas as classes a partir de todos os trechos selecionados foi constatado que a classe de comportamentos “*Ensinar jovens a controlar seus próprios comportamentos*” poderia ser aperfeiçoada. Como as demais classes nomeadas a partir dos trechos selecionados do capítulo da obra utilizada como fonte de informação foram nomeadas de maneira a tornar as classes o mais abrangentes possível, o termo “*jovens*” limitava o tipo de participante que poderia passar por este tipo de intervenção. Desse modo, esse termo foi alterado para pessoas, de modo a ampliar a abrangência da intervenção. Após a oitava etapa para identificar classes de comportamentos a classe identificada no 26º trecho selecionado ficou nomeada como “*Ensinar pessoas a modificar seus próprios comportamentos*”.

9ª ETAPA: Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressam classes de comportamentos.

A classe de comportamentos identificada no 26º trecho selecionado expressava com clareza a relação entre uma ação e o ambiente (anterior e conseqüente a essa ação). Além disso, não apresentou nenhuma outra classe com nome semelhante. Desse modo, não foi excluída da lista de classes de comportamentos identificadas.

4.2 Trecho com várias classes de comportamentos identificadas como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

No 26º trecho selecionado foi identificada apenas uma classe de comportamentos. Na mesma página onde esse trecho foi obtido, outro trecho, o 30º selecionado, proporcionou a identificação de cinco classes de comportamentos. Esse trecho, que é composto apenas de uma

única frase, propiciou a identificação de várias classes de componentes de classes de comportamentos diferentes. Ao longo das etapas que compõem o método desta pesquisa foram sendo criadas condições para a identificação ou derivação das demais classes de componentes dos possíveis comportamentos a serem identificados, finalizando com a nomeação desses comportamentos.

1ª ETAPA: Identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação, que façam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

O 30º trecho selecionado (Ver Anexo p. 299) foi identificado, assim como o 26º trecho apresentado no sub-ítem anterior, na página de número 126 da mesma obra. No último parágrafo da página foi selecionado o trecho *“Por definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante, procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados.”*. Nesse trecho foi possível identificar logo na sua primeira leitura uma referência a uma possível classe de respostas ou classe de comportamentos expressa no fragmento *“definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante”*. Além dessa classe ainda indefinida com relação a ser uma classe de respostas ou uma classe de comportamentos, também foram identificadas outra classe de comportamentos ou classe de respostas e uma possível classe de estímulos conseqüentes. A outra possível classe de respostas ou classe de comportamentos foi identificada no fragmento *“identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”* e a possível classe de estímulos conseqüentes foi identificada no fragmento *“procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados”*.

2ª ETAPA: Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que contenham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

Depois de transcrever o texto no protocolo de registro um exame do trecho possibilitou destacar no trecho partes que continham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Como é possível constatar por meio da Tabela 4.4, todo o trecho foi selecionado por apresentar informações relevantes. Para facilitar a identificação das partes do trecho que fazem referência a classes de componentes de comportamentos ou classes de comportamentos os trechos estarão separados por colchetes e chaves. As chaves abrangem fragmentos maiores que contém fragmentos menores. Estes fragmentos menores que constituem o fragmento maior (separado por chaves) estão separados por colchetes.

TABELA 4.4

PARTES DESTACADAS DO 30º TRECHO SELECIONADO QUE CONTÉM INFORMAÇÕES ACERCA DE CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS

“[Por] [definir como a presença ou interação com o animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante], {[procedimentos de avaliação e seleção] podem ser projetados para [identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados]}.”

O primeiro fragmento do trecho selecionado a ser destacado foi *“definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante”*, pois indica alguma coisa que o psicólogo precisa fazer (uma classe de respostas ou classe de comportamentos). Outro fragmento do texto, *“procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”*, relacionado à expressão condicional “por”, contida no primeiro fragmento, que estabelece uma relação condicional entre as duas orações, indica uma possível classe de estímulos conseqüentes - procedimentos de avaliação e seleção projetados. Essa relação indica que por fazer determinada coisa (*“definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante”*) tem-se como resultado a possibilidade de fazer outra (*“procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados”*). O último fragmento destacado *“identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”*, indica, assim como o primeiro fragmento, alguma coisa que o psicólogo

precisa fazer (uma classe de respostas ou classe de comportamentos) quando intervém em psicoterapia com apoio de cães.

3ª ETAPA: Registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Com o destaque de todo o texto como referência foram nomeadas oito classes de componentes de comportamentos. Foram duas classes de estímulos antecedentes diretamente identificadas, três classes de respostas e três classes de estímulos conseqüentes. Na Tabela 4.5 estão apresentadas as oito classes de complementos identificadas diretamente nas partes destacadas do trecho selecionado.

TABELA 4.5**CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS A PARTIR DAS PARTES DESTACADAS DO 30º TRECHO SELECIONADO**

30º Trecho selecionado	“Por definir como a presença ou interação com o animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante, procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”
Classes de estímulos antecedentes identificadas diretamente	Características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente;
	Comportamentos do animal que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados (produzir uma experiência terapêutica);
Classes de respostas identificadas diretamente	Definir como a presença ou interação com o animal irá resultar em uma experiência terapêutica;
	Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente;
	Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente;
Classes de estímulos consequentes identificadas diretamente	Procedimentos de avaliação projetados;
	Procedimentos de seleção projetados;
	Maior probabilidade de identificar características ou comportamentos do animal que apresentem uma tendência de alcançar os resultados desejados;

Como é possível verificar na Tabela 4.5 no trecho selecionado as classes de estímulos antecedentes identificados diretamente foram “*Características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*” e “*Comportamentos do animal que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados (produzir uma experiência terapêutica)*”. Essas duas classes de estímulos antecedentes foram identificadas a partir da última parte destacada do trecho: “*identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados*”. Essa parte destacada do trecho selecionado também possibilitou identificar duas classes de respostas “*Identificar características do animal que*

apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente” e “Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente”. Outra classe de repostas, *“Definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica”*, foi identificada a partir do fragmento *“definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante”*. Duas classes de estímulos conseqüentes identificados diretamente foram: *“Procedimentos de avaliação projetados”* e *“Procedimentos de seleção projetados”*, que foram identificadas a partir do fragmento *“procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”*. A terceira classe de estímulos conseqüentes identificada, *“Maior probabilidade de identificar características ou comportamentos do animal que apresentem uma tendência de alcançar os resultados desejados”*, também resultou desse trecho que apresenta uma relação de conseqüenciação entre procedimentos de avaliação e seleção projetados e a possibilidade de identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar resultados desejados. Como a expressão *“é possível”* é pouco clara, pois muitas coisas são possíveis, expressá-la em termos de uma *“maior probabilidade”* torna mais claro o quanto fazer alguma coisa pode produzir determinado resultado. Por essa razão a classe identificada foi nomeada *“Maior probabilidade de identificar características ou comportamentos do animal que apresentem uma tendência de alcançar os resultados desejados”*;

4ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.

Das oito classes de componentes de comportamentos diretamente identificadas a partir das partes do texto selecionado, apenas três tiveram a sua linguagem aperfeiçoada. As demais mantiveram a sua expressão próxima à utilizada pelo autor. A Tabela 4.6 apresenta as classes que necessitaram de aperfeiçoamento da linguagem e os seus respectivos aperfeiçoamentos.

TABELA 4.6

EXPRESSÃO DE CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS NO 30º TRECHO SELECIONADO, EM LINGUAGEM PRÓXIMA A UTILIZADA PELO AUTOR E PROPOSIÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DA LINGUAGEM PARA EXPRESSAR ESSAS CLASSES

30º Trecho selecionado	Tipos de classes de componentes de comportamentos	Linguagem próxima ao original	Linguagem aperfeiçoada
<p>“Por definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante, procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”</p>	Classes de respostas	Definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica;	Definir o papel do animal na terapia;
	Classes de estímulos conseqüentes	Procedimentos de avaliação projetados;	Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia;
		Procedimentos de seleção projetados;	Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia;

Na segunda linha da Tabela 4.6 está apresentada a classe de respostas “*Definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica*” que apresenta uma linguagem próxima à utilizada pelo autor. Ao lado está proposta a linguagem aperfeiçoada para essa classe: “*Definir os comportamentos que constituem o papel do animal na terapia*”. O papel do animal na terapia é um aspecto importante a ser determinado pelo psicólogo ao examinar qual a participação de um cão em um processo psicoterapêutico para alcançar os resultados desejados. Com relação às classes de estímulos conseqüentes “*Procedimentos de avaliação projetados*” e “*Procedimentos de seleção projetados*”, a alteração foi semelhante nos dois casos. Essas classes foram complementadas de modo a explicitar um aspecto importante daquilo que serviu para que esses procedimentos de seleção e avaliação fossem projetados. Com a linguagem aperfeiçoada as classes passaram a ser expressas como “*Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel*

do animal na terapia” e “*Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia*”. Os aperfeiçoamentos dessas duas classes de estímulos conseqüentes foram possíveis a partir de informações do próprio trecho que indicavam uma relação de decorrência entre “avaliar o papel do animal” e a procedimentos de avaliação e seleção projetados.

5ª ETAPA: Derivar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

A partir das partes destacadas dos trechos selecionados foi possível identificar diretamente classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes. No entanto, essas classes indicavam constituir classes de comportamentos distintos que até a etapa anterior, possuíam apenas parte das classes de componentes identificadas. Era útil derivar as demais classes de componentes para que fosse possível nomear as classes de comportamentos constituídas por essas classes de componentes. A quinta etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães consiste em derivar mais classes de componentes de comportamentos de outras informações, tanto classes de comportamentos ou componentes de comportamentos já identificadas, ou outras informações contidas no trecho selecionado. No 30º trecho selecionado foram derivadas 10 classes de componentes. Do total de classes de componentes derivadas, quatro foram classes de estímulos antecedentes, duas foram classes de respostas e quatro foram classes de estímulos conseqüentes. Nesta etapa não foi derivada nenhuma classe de comportamentos como ocorreu no 26º trecho selecionado. Dessa forma, toda ação (identificada ou derivada) foi registrada inicialmente como classe de respostas podendo posteriormente ser alterada para classe de comportamentos.

Na Tabela 4.7 é possível observar, na primeira coluna, todas as classes de componentes de comportamentos derivadas na quinta etapa realizada no 30º trecho selecionado do capítulo da obra utilizada como fonte de informação. Além das classes de componentes derivadas, também estão apresentadas, na terceira coluna, as classes de componentes de comportamentos que possibilitaram essa derivação. A segunda coluna indica a qual tipo de classe de componente de comportamento a classe derivada pertence (classe de estímulos antecedentes, classe de respostas ou classe de

estímulos conseqüentes). A quarta coluna apresenta o mesmo tipo de informação, mas com relação às classes de componentes que possibilitaram a derivação.

TABELA 4.7
CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS DERIVADAS NO 30º TRECHO SELECIONADO, CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS QUE POSSIBILITARAM A DERIVAÇÃO E SUAS RESPECTIVAS CLASSIFICAÇÕES

30º Trecho Seleccionado	Classes de componentes derivadas	Tipo de classe de componentes de comportamento derivada	Classes de componentes identificadas que possibilitou a derivação	Tipo de classe de componentes de comportamento que possibilitou a derivação
<p>“Por definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante, procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados”</p>	Possíveis papéis do animal na terapia	Classe de Estímulos Antecedentes	Definir o papel do animal na terapia	Classe de Respostas
	Papel do animal na terapia definido	Classe de Estímulos Conseqüentes	Definir o papel do animal na terapia	Classe de Respostas
	Papel do animal na terapia definido	Classe de Estímulos Antecedentes	Papel do animal na terapia definido	Classe de Estímulos Conseqüentes
	Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia	Classe de Respostas	Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia;	Classe de Estímulos Conseqüentes
	Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia	Classe de Respostas	Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia	Classe de Estímulos Conseqüentes
	Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia	Classe de Estímulos Antecedentes	Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia	Classe de Estímulos Conseqüentes
	Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia	Classe de Estímulos Antecedentes	Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia	Classe de Estímulos Conseqüentes
	Características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente identificadas	Classe de Estímulos Conseqüentes	Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente	Classe de Respostas
	Maior probabilidade de selecionar o cão apropriado para intervenção em TAA	Classe de Estímulos Conseqüentes	Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente	Classe de Respostas
	Comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente identificados	Classe de Estímulos Conseqüentes	Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente	Classe de Respostas

Na segunda linha da Tabela 4.7 está apresentada a classe de componentes “*Possíveis papéis do animal na terapia*”, essa classe constitui uma classe de estímulos antecedentes que foi derivada a partir da classe de respostas “*Definir o papel do animal na terapia*”. Essa classe de estímulos antecedentes foi derivada, pois é uma condição anterior, ou na qual se define o papel do animal na terapia. Na terceira linha está indicada a classe de estímulos conseqüentes “*Papel do animal na terapia definido*” que também foi derivada da classe de respostas “*Definir o papel do animal na terapia*”, por ser uma decorrência desta que pode ser facilmente identificada. Na quarta linha, a classe de estímulos conseqüentes “*Papel do animal na terapia definido*” que havia sido derivada de uma classe de respostas, possibilitou derivar uma classe de estímulos antecedentes de mesmo nome. Isso ocorreu em função do trecho selecionado apresentar uma relação de encadeamento de comportamentos, onde o produto de um é condição para a ocorrência de outro. Outra classe de estímulos conseqüentes, “*Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia*”, possibilitou uma derivação. Neste caso, a partir dessa classe foi derivada a classe de respostas “*Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia*” que é a ação que produz a conseqüência expressa pela classe que pôde ser identificada diretamente a partir do trecho selecionado. O mesmo ocorreu na identificação da classe de respostas “*Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia*”, identificada a partir da classe de estímulos conseqüentes “*Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia*”. A classe de estímulos antecedentes “*Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia*” foi outra classe que foi derivada a partir de outra classe de estímulos conseqüentes de mesmo nome. A partir da classe de respostas “*Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*” foi derivada a classe de estímulos conseqüentes “*Características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente identificadas*”. Essa mesma classe de respostas também possibilitou a derivação da classe de estímulos conseqüentes “*Maior probabilidade de selecionar o cão apropriado para intervenção em TAA*”. A classe de respostas “*Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*” possibilitou identificar a classe de estímulos conseqüentes “*Comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente identificados*”. Essa classe também apresenta outra decorrência que já havia sido identificada na classe de respostas anterior, a classe de estímulos conseqüentes “*Maior probabilidade de selecionar o cão apropriado para intervenção em TAA*”, pois ambas as respostas

aumentam a probabilidade de selecionar o cão apropriado para a intervenção em psicoterapia com cães.

6ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Não houve necessidade de aperfeiçoar a linguagem de nenhuma das classes de estímulos antecedentes, classes de respostas ou classes de estímulos conseqüentes derivadas na etapa anterior. As expressões utilizadas apresentavam grau de clareza suficiente para possibilitar a realização da etapa seguinte.

7ª ETAPA: Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Após identificar e derivar as classes de componentes de comportamentos nas etapas anteriores, na sétima etapa as classes de comportamentos foram nomeadas. Todas as cinco classes de comportamentos nomeadas receberam o mesmo nome das classes de respostas identificadas ou derivadas, pois os nomes dessas classes de respostas já expressavam uma relação entre a ação do organismo e o ambiente, mais do que propriamente uma classe de respostas. Por exemplo, a classe de comportamentos nomeada “*Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*” pode ter diferentes classes de respostas como “*escrever os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*”, “*falar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*”, “*apontar com o dedo os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*”. Na Tabela 4.8 estão listadas as cinco classes de comportamentos identificadas e o trecho a partir do qual foram identificadas. Nessa tabela também é apresentado o 30º trecho selecionado, todo destacado em negrito, uma vez que o trecho inteiro foi utilizado para a realização do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura até a presente etapa. O protocolo de

registro com as etapas (primeira à sétima) do procedimento para identificar classes de comportamentos realizadas no 30º trecho selecionado pode ser observado no ANEXO (p.299).

TABELA 4.8

30º TRECHO SELECIONADO E AS CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS A PARTIR DELE

Trecho Selecionado	Classes de comportamentos identificadas
<p>“Por definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante, procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados.”</p>	Definir o papel do animal na terapia
	Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia
	Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia
	Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente
	Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente

8ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeados a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fontes de informação.

Após nomear as cinco classes de comportamentos identificadas na sétima etapa constituinte do procedimento para identificar classes de comportamentos, na oitava etapa essas classes foram avaliadas com relação à linguagem utilizada para expressá-las. Depois da avaliação foram propostos aperfeiçoamentos para as cinco classes de comportamentos nomeadas na etapa prévia. Na Tabela 4.9 estão apresentadas as cinco classes de comportamentos expressas na linguagem proposta na sétima etapa e as novas proposições de aperfeiçoamentos de suas expressões.

TABELA 4.9**CLASSES DE COMPORTAMENTOS NOMEADAS NA SÉTIMA ETAPA E SUAS RESPECTIVAS PROPOSTAS DE APERFEIÇOAMENTO**

Classes de comportamentos nomeadas na sétima etapa	Propostas de aperfeiçoamento de linguagem das classes de comportamentos nomeadas na sétima etapa
Definir o papel do animal na terapia	Caracterizar a função do animal na terapia
Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia	Projetar procedimentos de avaliação a partir da função do animal na terapia
Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia	Projetar procedimentos de seleção a partir da função do animal na terapia
Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente	Identificar características do animal que produzem mudança comportamental em pessoas.
Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente	Identificar comportamentos do animal que produzem mudança comportamental em pessoas.

Como é possível constatar a partir da Tabela 4.9 a classe de comportamentos “*Definir o papel do animal na terapia*” foi aperfeiçoado para “*Caracterizar a função do animal na terapia*”. A alteração no verbo deve-se à maior relevância e abrangência do verbo caracterizar com relação ao verbo definir. Ainda nessa classe de comportamentos, o complemento “*papel do animal na terapia*” foi aperfeiçoado para “*função do animal na terapia*”. O termo “papel” é uma metáfora, sendo a expressão “*função*” mais objetiva sobre o fenômeno em questão. Em virtude desse aperfeiçoamento do complemento as classes de comportamentos “*Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia*” e “*Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia*”, apresentadas na quarta e quinta linhas da Tabela 4.9, foram alteradas para “*Projetar procedimentos de avaliação a partir da função do animal na terapia*” e “*Projetar procedimentos de seleção a partir da função do animal na terapia*”. A classe de comportamentos “*Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*” foi aperfeiçoada para “*Identificar características do animal que produzem mudança comportamental em pessoas*”. Com relação a essa classe de comportamentos o verbo

“*identificar*” foi mantido, mas o complemento foi aperfeiçoado tornando mais claro aquilo que precisa ser identificado. O termo “*efeito terapêutico*” não é claro e a expressão “*mudança comportamental em pessoas*” evidencia qual é o efeito terapêutico de uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães. O mesmo ocorreu com a classe de comportamentos “*Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente*” que também teve o mesmo aperfeiçoamento de complemento como a classe de comportamentos anteriores.

9ª ETAPA: Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressam classes de comportamentos.

As classes de comportamentos identificadas no 30º trecho selecionado expressavam com clareza a relação entre uma ação e o ambiente (anterior e conseqüente a essa ação). Além disso, nenhuma delas possuía outra classe com nome semelhante. Desse modo, nenhuma classe de comportamentos identificadas nesse trecho foi excluída.

4.3 Trecho com classe de comportamentos muito específicas que permite identificar classes mais gerais constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

O presente trecho em exame constitui um exemplo de um relato de classes de comportamentos muito específicas, mas que permitem identificar diretamente classes de comportamentos mais abrangentes e relevantes para a intervenção de psicólogos em psicoterapia com o apoio de cães. Além disso, a classe de estímulos antecedentes relatada no trecho se refere à outra espécie de animal que não o cão. Apesar do trecho indicar um acontecimento com um gato, a mesma espécie de situação pode ocorrer também com um cão. A elevação da orelha do gato sinalizando sua probabilidade de agredir o paciente também pode ser identificada por meio da elevação da orelha do cão e também por outros sinais. Identificar a elevação da orelha é apenas uma classe menos abrangente que compõe uma classe mais ampla referente à identificação de sinais

do cão que indiquem a probabilidade de comportamentos inadequados para a situação terapêutica. No caso desse trecho selecionado, um exemplo bem específico de um tipo de sinalização por parte do animal de que pode agredir possibilita identificar uma classe mais geral de comportamentos referente aos cuidados que o psicólogo precisa ter ao intervir em psicoterapia utilizando cães como apoio.

1ª ETAPA: Identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação, que façam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

No penúltimo parágrafo da página 131 foi identificado o trecho *“Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés de ser pego o tempo todo, consequentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia.”*. Esse trecho foi selecionado, pois durante a sua leitura foi possível identificar diretamente duas coisas que um psicólogo precisa fazer ao intervir em psicoterapia com apoio de cães. Inicialmente essas ações foram identificadas como classe de respostas e foram, nas etapas subsequentes, avaliadas quanto à sua adequação para nomear uma classe de comportamentos.

O texto selecionado indica uma classe de respostas *“Perceber”* relacionada à classe de estímulos *“gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes”*. Contudo, apesar do texto se referir a um gato o mesmo tipo de situação pode ocorrer com um cão, é preciso que ele perceba quando um cão levante as suas orelhas ou erice os pelos das costas como um sinal de outros comportamentos que podem ocorrer na sequência. O que o trecho permite identificar é que existem aspectos do animal que precisam ser identificados na medida em que indicam a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos. A outra classe de respostas imediatamente identificada que sinalizou a relevância do trecho selecionado foi a classe *“Prever o potencial de um gato para arranhar alguém”*. Com a seleção do trecho a partir dessas informações contidas nele que fazem referência a classes de componentes de comportamentos da intervenção em psicoterapia com apoio de cães, o trecho foi examinado mais detalhadamente na etapa seguinte para destacar especificamente as partes que indicavam classes de componentes.

2ª ETAPA: Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que contenham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

Na Tabela 4.10 é possível verificar que no 50º trecho selecionado (Anexo p. 316) foram destacadas as seguintes partes: “*perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes*” e “*Prever o potencial de um gato para arranhar alguém*”. Além desses dois fragmentos, um terceiro fragmento, “*prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia*”, foi selecionado por fazer referência a uma decorrência de algo que foi feito. O termo “conseqüentemente” que aparece antes da parte destacada deixa claro a relação de conseqüência entre algo que é feito e o produto dessa ação.

TABELA 4.10

**PARTES DESTACADAS DO 50º TRECHO SELECIONADO QUE FAZEM REFERÊNCIA
CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS**

“Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés e ser pego o tempo todo, conseqüentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia.”

3ª ETAPA: Registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Com as partes do trecho selecionado destacadas foi possível identificar diretamente cinco classes de componentes de comportamentos. Dessas cinco classes identificadas, uma era classe de estímulos antecedentes, duas eram classes de respostas e as outras duas eram classes de estímulos conseqüentes. Essas classes possibilitaram identificar duas unidades de classes de comportamentos que posteriormente foram nomeadas. Todas as ações expressas nas partes destacadas do trecho selecionado foram classificadas como classes de respostas.

Na Tabela 4.11 está apresentado na primeira coluna o 50º trecho selecionado e as suas partes destacadas que possibilitaram a identificação das classes de componentes; na segunda coluna está a classe de estímulos antecedentes identificada, na terceira coluna estão apresentadas as duas classes de respostas e na quarta coluna as duas classes de estímulos conseqüentes diretamente identificadas. A partir da parte destacada “*perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes*” foi possível identificar a classe de respostas expressa da mesma forma, como é possível constatar na Tabela 4.11. Além da classe de respostas, essa parte destacada também permitiu identificar diretamente a classe de estímulos antecedentes “*gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes*”. O trecho demonstra que existe uma relação de conseqüência entre uma classe de repostas e a ocorrência de outra classe de repostas. Dessa forma, a classe de respostas identificada no trecho “*Prever o potencial de um gato para arranhar alguém*” possibilita também identificar a classe de estímulos conseqüentes de mesmo nome. A última parte destacada do trecho selecionado, “*prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia*”, possibilitou identificar a classe de estímulos conseqüentes “*Possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia previstos*”.

TABELA 4.11

**CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS
DIRETAMENTE A PARTIR DO 50º TRECHO SELECIONADO**

50º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes
<p>“Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés e ser pego o tempo todo, conseqüentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia.”</p>	-Gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes;	-Perceber gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes;	-Prever o potencial de um gato de arranhar alguém;
		-Prever potencial de um gato para arranhar alguém;	-Possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia previstos;

4ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.

Das cinco classes de componentes identificadas diretamente a partir do trecho selecionado, todas tiveram a linguagem utilizada para expressá-las aperfeiçoadas nesta quarta etapa. Para um exame mais direto dessa etapa, as classes de componentes expressas em sua linguagem próxima a utilizada pelo autor e suas respectivas proposições de aperfeiçoamentos estão apresentadas na Tabela 4.12.

TABELA 4.12

EXPRESSÃO DE CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS NO 50º TRECHO SELECIONADO, EM LINGUAGEM PRÓXIMA À UTILIZADA PELO AUTOR E PROPOSIÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DA LINGUAGEM PARA EXPRESSAR ESSAS CLASSES

50º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação	Tipos de classes de componentes	Linguagem próxima ao original	Linguagem aperfeiçoada
<p>“Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés e ser pego o tempo todo, conseqüentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia.”</p>	Classes de estímulos antecedentes	Gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes	Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados
	Classe de Respostas	Perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes	Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados
		Prever o potencial de um gato para arranhar alguém	Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados
	Classes de estímulos conseqüentes	Prever o potencial de um gato para arranhar alguém	Maior probabilidade de prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados
		Possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia previstos	Maior probabilidade de evitar a ocorrência de comportamentos indesejados do cão

Como é possível constatar na Tabela 4.12 a classe de estímulos antecedentes “*Gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes*” foi aperfeiçoada para “*Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados*”. A forma como originalmente a classe estava expressa citava um exemplo de uma classe de estímulos muito particular. Essa classe específica compõe uma classe de estímulos mais ampla que faz referência a todos os comportamentos do animal que ocorrem previamente a outro comportamento e pelo qual é possível prever a ocorrência desses comportamentos que se seguem e que podem ser inapropriados para a psicoterapia. A nova proposição possibilita identificar uma classe de respostas (ou comportamentos) mais geral e mais relevante, constituinte desse tipo de intervenção. Essa nova classe, chamada “*Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados*”, é proposta como linguagem mais apropriada para a classe de respostas identificada diretamente chamada “*Perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes*”. Mais do que perceber que o animal levantou a orelha, ou apresentou outro comportamento, é mais relevante que o psicólogo identifique qual a relação desse comportamento com os demais comportamentos que podem ocorrer no processo de psicoterapia. A classe de estímulos conseqüentes dessa mesma unidade comportamental relacionada às duas outras classes já aperfeiçoadas também foi aperfeiçoada. A expressão “*Prever o potencial de um gato para arranhar alguém*” foi aperfeiçoada para “*Maior probabilidade de prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados*”, pois expressa com mais clareza a relação de conseqüência entre a classe de respostas apresentada e as suas decorrências. Nesse caso, “*prever o potencial do gato para arranhar alguém*” não só é uma conseqüência muito específica como também é incongruente com a nova linguagem utilizada pelas classes de estímulos antecedentes e classe de respostas constituintes da unidade comportamental identificada e por essa razão foi especificada. Na segunda unidade comportamental identificada a classe de respostas de mesmo nome da classe de estímulos conseqüentes identificada diretamente na unidade comportamental anterior foi aperfeiçoada para “*Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados*”. A classe de estímulos conseqüentes desta mesma unidade comportamental foi aperfeiçoada de “*Possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia previstos*” para “*Maior probabilidade de evitar a ocorrência de comportamentos indesejados do cão*”. Isso destaca que o aspecto mais relevante é que ao prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados, o resultado é a possibilidade de evitar que esses comportamentos indesejados ocorram.

5ª ETAPA: Derivar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Com o aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar as classes de componentes identificadas diretamente na etapa anterior foi possível derivar novas classes de componentes para complementar as duas unidades comportamentais identificadas. Na Tabela 4.13 são apresentadas as classes de componentes derivadas e as classes de componentes identificadas diretamente das quais foi possível realizar a derivação.

TABELA 4.13

CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS DERIVADAS NO 50º TRECHO SELECIONADO, CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS QUE POSSIBILITARAM A DERIVAÇÃO E SUAS RESPECTIVAS CLASSIFICAÇÕES

50º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação	Classe de componentes derivada	Tipo de classe de componente de comportamento derivada	Classe de componentes identificada que possibilitou a derivação	Tipo de classe de componente de comportamento que possibilitou a derivação
“Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés e ser pego o tempo todo, conseqüentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia. ”	Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados	Classe de estímulos conseqüentes	Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados	Classe de Respostas
	Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados	Classe de estímulos antecedentes	Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados	Classe de estímulos conseqüentes
	Probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados prevista	Classe de estímulos conseqüentes	Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados	Classe de Respostas

Na primeira coluna da Tabela 4.13 está apresentado o trecho selecionado, na segunda coluna estão apresentadas as classes de componentes derivadas a partir das classes de componentes identificadas que estão apresentadas na quarta coluna. Na terceira coluna estão descritos os tipos de classes de componentes (estímulos antecedentes, respostas ou estímulos conseqüentes) das classes de componentes derivadas. Na quinta coluna estão descritos os tipos de classes de componentes (estímulos antecedentes, respostas ou estímulos conseqüentes) das classes de componentes identificadas diretamente que permitiram as derivações.

A primeira classe de componentes derivada foi a classe de estímulos conseqüentes chamada “*Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados*” que foi derivada a partir da classe “*Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados*”. Essa classe de estímulos conseqüentes derivada possibilitou derivar uma classe de estímulos antecedentes com o mesmo nome, pois as duas unidades comportamentais identificadas estavam relacionadas de modo encadeado, ou seja, a ocorrência de uma aumentava a probabilidade de ocorrência da outra. A última classe de componentes identificada foi a classe de estímulos conseqüentes “*Probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados prevista*” derivada da classe de respostas “*Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados*”.

6ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Não houve necessidade de aperfeiçoar a linguagem de nenhuma das classes de estímulos antecedentes, classes de respostas ou classes de estímulos conseqüentes derivadas na etapa anterior. As expressões utilizadas apresentavam grau de clareza suficiente para possibilitar a realização da etapa seguinte.

7ª ETAPA: Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação

profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados da obra utilizada como fontes de informação.

As unidades comportamentais identificadas no 50º trecho selecionado já possuíam suas classes de componentes descritas a ponto de permitir a nomeação dessas classes. Na Tabela 4.14 estão apresentadas as classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes das duas unidades comportamentais identificadas e os nomes dados a cada uma dessas unidades.

TABELA 4.14

CLASSES DE COMPONENTES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS E DERIVADAS NO 50º TRECHO SELECIONADO E AS CLASSES DE COMPORTAMENTOS QUE POSSIBILITARAM NOMEAR

50º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>“Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés e ser pego o tempo todo, conseqüentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia.”</p>	<p>Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados;</p>	<p>-Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados;</p>	<p>-Maior probabilidade de prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados; -Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados;</p>	<p>-Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados;</p>
	<p>-Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados;</p>	<p>-Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados;</p>	<p>-Maior probabilidade de evitar a ocorrência de comportamentos indesejados do cão; -Probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados prevista;</p>	<p>-Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados;</p>

A primeira unidade comportamental identificada foi nomeada “*Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados*” e a segunda unidade comportamental identificada foi nomeada “*Prever a probabilidade do animal*”

apresentar comportamentos inapropriados”. Nos dois casos o nome dado às classes de comportamentos foi o mesmo dado às classes de respostas dessas classes de comportamentos, durante a terceira e quarta etapas (identificar classes de componentes e aperfeiçoar a linguagem desses componentes). Isso se deve ao fato do nome de ambas as classes de respostas já indicarem relações da ação da pessoa com o seu ambiente, mais do que especificamente nomearem ações que indiquem apenas classes de respostas.

8ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeados a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fontes de informação.

No 50º trecho selecionado do capítulo da obra utilizada como fonte de informação foram identificadas duas unidades comportamentais que foram nomeadas na sétima etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura: “*Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados*” e “*Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados*”. Na oitava etapa essas classes foram avaliadas com relação à linguagem utilizada para expressá-las. Após serem avaliadas foram propostos aperfeiçoamentos para essas duas classes. A primeira classe, “*Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados*” recebeu apenas um acréscimo no complemento do verbo. A expressão “*probabilidade*” recebeu o complemento “*alta*” para destacar que um comportamento pode indicar a probabilidade de ocorrência de outro, mas é preciso especificar essa probabilidade. A relevância das classes de comportamentos do animal que indicam alta probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados é muito maior do que a de classes que indicam a baixa probabilidade. Essas classes de comportamentos do cão serão as classes de estímulos sob as quais o psicólogo deverá estar sob controle ao intervir em psicoterapia com apoio de cães. Esse aperfeiçoamento implica em uma pequena alteração na redação da frase, mas é um aspecto importante para especificar a relação entre o que o profissional faz e o ambiente no qual o faz. A segunda classe de comportamentos teve uma alteração em sua linguagem maior do que a classe anterior. A classe “*Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados*” foi aperfeiçoada para “*Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos inadequados do*

animal durante a intervenção de psicoterapia com apoio de cães”. Esse aperfeiçoamento foi proposto pois a expressão “*avaliar a probabilidade*” é mais precisa do que a expressão “*prever*”, que tornava a redação anterior “*prever a probabilidade*” inclusive redundante.

9ª ETAPA: Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressam classes de comportamentos.

Não houve eliminação de nenhuma classe de comportamentos identificada no 50º trecho selecionado. Todas as classes identificadas constituíam de fato classes de comportamentos que expressavam uma relação entre a ação de um psicólogo e ambiente no qual ele realiza essa ação. Nenhuma dessas classes nomeavam atividades ou classes de comportamentos pouco precisas. Além disso, não houve nenhuma classe de comportamentos identificada que apresentasse outra de nome similar no conjunto de todas as classes de comportamentos identificadas na pesquisa.

4.4 Trecho com classes de comportamentos identificadas diretamente a partir do 104º trecho selecionado como ilustração do procedimento que constitui o método para identificar classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

O 104º trecho (Anexo p. 357) trecho selecionado apresenta como característica de destaque o fato de conter diretamente uma lista de atividades que um psicólogo que intervém em psicoterapia com apoio de cães deve fazer. Esse trecho é prescritivo ao invés de descritivo, ou dissertativo, como os outros trechos examinados nos sub-itens 4.1, 4.2 e 4.3. Por apresentar essa característica, para identificação das classes de comportamentos nesse trecho não foi necessário realizar a terceira, a quarta e quinta etapas do procedimento para identificação destas classes de comportamentos.

1ª ETAPA: Identificar, selecionar e transcrever trechos da obra utilizada como fonte de informação, que façam referência a classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

No último parágrafo da página 143 da obra utilizada como fonte de informação a frase “Os componentes do papel do condutor incluem a habilidade para:” seguida por uma lista de 10 coisas que constituem aquilo que um condutor de um animal precisa fazer em uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães foram os aspectos determinantes da seleção do trecho. O trecho completo “Os componentes do papel do condutor incluem a habilidade para: Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais; Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA; Preparar para conduzir e concluir uma visita; Apresentar técnicas para interações em TAA e AAA com a população alvo; Manter a confidencialidade; Apresentar reação agradável, calma e amigável e atitude com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários; Demonstrar habilidade de condução pró-ativa (ao invés de reativa); Agir como defensor do animal em todas as situações; Efetivamente ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo; Proteger e respeitar as necessidades do animal” foi registrado apropriadamente na primeira coluna do protocolo de registro, que pôde ser visualizado na Figura 4.1.

2ª ETAPA: Identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que contenham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

No trecho selecionado na etapa anterior só não foram destacadas a primeira frase que introduz a apresentação da lista de possíveis classes de comportamentos e o fragmento “*Demonstrar habilidade de condução pró-ativa (ao invés de reativa)*”, pois não constitui uma possível classe de comportamentos; além do verbo “*Proteger*” da parte destacada “*Proteger e respeitar as necessidades do animal*”, pois o verbo e o complemento não estão em acordo: o complemento utilizado refere-se ao segundo verbo “respeitar”. Além disso, a classe de comportamentos “*Proteger o animal*” já havia sido identificada em outro trecho. Na Tabela 4.15 estão apresentadas as partes destacadas do 104º trecho selecionado.

TABELA 4.15

PARTES DESTACADAS DO 104º TRECHO SELECIONADO QUE CONTÉM INFORMAÇÕES ACERCA DE CLASSES DE DE COMPORTAMENTOS

*“Os componentes do papel do condutor incluem a habilidade para: **Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais; Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA; Preparar para conduzir e concluir uma visita; Apresentar técnicas para interações em TAA e AAA com a população alvo; Manter a confidencialidade; Apresentar reação agradável, calma e amigável para e atitude com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários; Demonstrar habilidade de condução pró-ativa (ao invés de reativa); Agir como defensor do animal em todas as situações; Efetivamente ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo; Proteger e respeitar as necessidades do animal”***

3ª ETAPA: Registrar classes de comportamentos e/ou classes componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de cada parte destacada nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

A partir das partes destacadas dos trechos selecionados foram registradas nove classes de comportamentos que apresentavam nomenclatura idêntica à utilizada no trecho selecionado. As possíveis classes de comportamentos descritas já indicavam relações entre algo que o psicólogo faz e o ambiente no qual o faz, sem necessidade de identificar classes de componentes que auxiliassem a nomear as unidades comportamentais.

4ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas em cada parte destacada nos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.

Como as classes de comportamentos registradas na terceira etapa estavam expressas em linguagem próxima à apresentada pelo autor, todas as classes foram avaliadas e quase todas foram aperfeiçoadas com relação a sua linguagem. Na Tabela 4.16 estão apresentadas todas as classes de comportamentos diretamente identificadas a partir do trecho selecionado e as suas respectivas proposições de aperfeiçoamento. Na primeira coluna da tabela estão apresentadas as classes de

comportamentos identificadas diretamente e expressas em linguagem próxima a utilizada pelo autor e na segunda coluna estão apresentadas as propostas de aperfeiçoamento de linguagem das classes de comportamentos identificadas diretamente e expressas em linguagem próxima a do autor. De todas as nove classes de comportamentos identificadas diretamente apenas uma não necessitou aperfeiçoamento. A classe “*Respeitar as necessidades do animal*” foi mantida com o mesmo nome nesta quarta etapa.

Os oito aperfeiçoamentos realizados nas classes identificadas diretamente ocorreram no complemento, no verbo, ou em ambos. A classe de comportamentos “*Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais*”, apresentada na segunda linha da tabela, foi aperfeiçoada para “*Tratar apropriadamente pessoas e animais*”, pois na linguagem original a classe estava expressa por dum verbo e um substantivo, sendo que o verbo “*apresentar*” não era útil para informar o que se faz. A apresentação de tratamento nada mais é do que a própria ação de tratar algo ou alguém. A classe seguinte, “*Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA*” foi aperfeiçoada para “*Interagir assertivamente com pessoas e com cães em TAA*”. Como na classe anterior, o verbo apresentar não tem função e o complemento habilidades sociais permite identificar uma qualificação de um tipo de interação. Dessa forma, foi proposto o verbo “interagir” seguido da qualificação “assertivamente”.

Na terceira linha a classe “*Preparar para conduzir uma visita*” juntamente com as classes seguintes “*Preparar para concluir uma visita*” e “*Manter a confidencialidade do que ocorre na TAA*” tiveram como aperfeiçoamento apenas uma especificação em seu complemento relacionada à sua ocorrência dentro da intervenção em TAA (Terapia Assistida por Animais). Nesta etapa da coleta e tratamento dos dados a nomenclatura utilizada nas classes de comportamentos ainda era a usualmente destinada a esse tipo de intervenção – TAA. Posteriormente, na oitava etapa essa terminologia foi aperfeiçoada para Psicoterapia com Apoio de Cães. A sexta classe identificada, chamada “*Apresentar reação agradável, calma e amigável com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários*” foi aperfeiçoada para “*Reagir de modo agradável, calmo e amigável aos comportamentos do cão*”. O verbo apresentar foi removido e o complemento foi melhor especificado com relação à classe de estímulos antecedentes com a qual o psicólogo lida ao intervir em psicoterapia com apoio de cães. Em seguida, a classe “*Agir como defensor do animal em todas as situações*” teve o seu verbo alterado para “proteger”, pois é mais abrangente e o verbo utilizado anteriormente “agir” tem pouco significado na expressão de uma classe de comportamento uma vez

que, todo comportamento constitui uma ação. A classe “*Ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo*” apresenta um verbo que expressa uma metáfora e o verbo “identificar” é mais claro com relação à classe de comportamentos a ser apresentada. A parte do complemento que diz “(...) *e agir de acordo*” não faz referência a uma classe de comportamentos e por essa razão foi eliminada da expressão.

TABELA 4.16

EXPRESSÃO DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS DIRETAMENTE NO 104º TRECHO SELECIONADO, EM LINGUAGEM PRÓXIMA À UTILIZADA PELO AUTOR, E PROPOSIÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DA LINGUAGEM PARA EXPRESSAR ESSAS CLASSES

104º Trecho selecionado	Classes de comportamentos identificadas diretamente e expressas em linguagem próxima à utilizada pelo autor	Propostas de aperfeiçoamento de linguagem das classes de comportamentos identificadas diretamente e expressas em linguagem próxima à utilizada pelo autor
<p>“Os componentes do papel do condutor incluem a habilidade para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais; - Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA. - Preparar para conduzir e concluir uma visita; - Apresentar técnicas para interações em TAA e AAA com a população alvo; - Manter a confidencialidade; - Apresentar reação agradável, calma e amigável para e atitude com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários; - Demonstrar habilidade de condução pró-ativa (ao invés de reativas); - Agir como defensor do animal em todas as situações; - Efetivamente ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo; - Proteger e respeitar as necessidades do animal;” 	Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais;	Tratar apropriadamente pessoas e animais;
	Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA;	Interagir assertivamente com pessoas e com cães em TAA;
	Preparar para conduzir uma visita;	Preparar a condução de uma sessão de TAA.
	Preparar para concluir uma visita;	Preparar a conclusão de uma sessão de TAA;
	Manter a confidencialidade;	Manter a confidencialidade do que ocorre na TAA;
	Apresentar reação agradável, calma e amigável com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários;	Reagir de modo agradável, calmo e amigável aos comportamentos do cão;
	Agir como defensor do animal em todas as situações;	Proteger o cão em todas as situações;
	Ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo;	Identificar os sinais de stress e de excitação do cão;
	Respeitar as necessidades do animal;	-

5ª ETAPA: Derivar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Por consequência da inexistência de classes de componentes identificadas não foi possível derivar outras classes de componentes. Além disso, da mesma forma que não foi necessário identificar diretamente essas classes de componentes, não haveria razão para derivá-las também.

6ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes já identificadas ou de outras informações contidas nos trechos selecionados na obra utilizada como fonte de informação.

Como não houve classes de componentes de comportamentos derivadas, uma vez que não havia classes de componentes identificadas, a sexta etapa de avaliação e aperfeiçoamento quando necessário da linguagem utilizada para expressar classes de comportamentos e/ou classes de componentes de comportamentos derivadas a partir de classes de componentes não foi realizada.

7ª ETAPA: Nomear classes de comportamentos a partir das classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fontes de informação.

Como todas as classes de comportamentos já haviam sido identificadas diretamente na terceira etapa do procedimento, não houve necessidade de nomeá-las. As expressões utilizadas pelo autor já eram suficientes para, inicialmente, nomear essas classes.

8ª ETAPA: Avaliar e aperfeiçoar quando necessário a nomenclatura das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, nomeados a partir das classes de componentes desses comportamentos identificadas, derivadas ou propostas nos trechos selecionados na obra utilizada como fontes de informação.

A sétima etapa não foi realizada em decorrência de um procedimento similar ter sido realizado na terceira etapa em virtude das características do trecho de apresentar uma lista contendo o que possivelmente seriam classes de comportamentos, nomeadas apropriadamente ou não. Além disso, na quarta etapa essas classes tiveram sua linguagem aperfeiçoada, mas apesar disso a oitava etapa foi realizada como um exame mais minucioso da nomenclatura utilizada para nomear esses comportamentos a partir de uma análise de todos os nomes utilizados em todas as classes de comportamentos identificadas nesta pesquisa. Em virtude disso, duas classes de comportamentos identificadas e aperfeiçoadas sofreram mais uma alteração em suas redações. As alterações realizadas constituíram derivações de uma classe em outras duas que puderam ser identificadas a partir do exame dos nomes de cada uma delas. Na Tabela 4.17 estão apresentadas as duas classes de comportamentos e as suas respectivas decomposições.

Em função do verbo “interagir” da classe “*Interagir assertivamente com pessoas e com cães em psicoterapia com apoio de cães*” possuir dois objetos, a classe de comportamentos foi decomposta em outras duas classes chamadas “*Interagir assertivamente com pessoas em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Interagir assertivamente com cães em psicoterapia com apoio de cães*”. O mesmo ocorreu com a classe de comportamentos “*Identificar os sinais de stress e de excitação do cão*” que originou as classes “*Identificar os sinais de stress do cão*” e “*Identificar os sinais de excitação do cão*”.

TABELA 4.17

CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS NO 104º TRECHO SELECIONADO QUE FORAM DECOMPOSTAS EM OUTRAS DUAS CLASSES

104º Trecho selecionado	Classes de comportamentos decomposta	Classes de comportamentos originadas a partir da classe de comportamentos decomposta
<p>“Os componentes do papel do condutor incluem a habilidade para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais; - Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA. - Preparar para conduzir e concluir uma visita; - Apresentar técnicas para interações em TAA e AAA com a população alvo; - Manter a confidencialidade; - Apresentar reação agradável, calma e amigável para e atitude com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários; - Demonstrar habilidade de condução pró-ativa (ao invés de reativas); - Agir como defensor do animal em todas as situações; - Efetivamente ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo; - Proteger e respeitar as necessidades do animal;” 	<p>Interagir assertivamente com pessoas e com cães em psicoterapia com apoio de cães</p>	<p>Interagir assertivamente com pessoas em psicoterapia com apoio de cães.</p>
		<p>Interagir assertivamente com cães em psicoterapia com apoio de cães.</p>
	<p>Identificar os sinais de stress e de excitação do cão</p>	<p>Identificar os sinais de stress do cão</p>
		<p>Identificar os sinais de excitação do cão.</p>

9ª ETAPA: Identificar e excluir classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães com nomes repetidos ou que não expressam classes de comportamentos.

Depois de identificar 11 classes de comportamentos a partir do 104º trecho selecionado, essas classes foram avaliadas para identificar se de fato constituíam classes de comportamentos ou se já haviam sido identificadas em outros trechos e, portanto, seriam repetidas. Após analisar todas as 228 classes que haviam sido identificadas em todo o 7º capítulo da obra utilizada como fonte de informação, foram excluídas oito classes de comportamentos identificadas a partir do 104º trecho

selecionado. As classes *“Tratar apropriadamente pessoas e animais”*, *“Interagir assertivamente com pessoas em psicoterapia com apoio de cães”*, *“Interagir assertivamente com cães em psicoterapia com apoio de cães”* e *“Reagir de modo agradável, calmo e amigável aos comportamentos do cão”* foram excluídas porque são expressões pouco claras de um comportamento e indicam mais uma maneira de fazer algo, do que algo que é necessário fazer. A classe *“Respeitar as necessidades do animal”* também é uma classe pouco clara e outras classes identificadas expressam de maneira mais apropriada o que precisa ser feito com relação às necessidades do animal. As classes *“Proteger o cão em todas as situações”* e *“Identificar os sinais de stress do cão”* também foram excluídas, pois já haviam sido identificadas em outros trechos selecionados.

Ao final, das 11 classes identificadas até a oitava etapa do procedimento para identificar comportamentos, apenas três restaram em função da avaliação realizada na nona etapa. Apesar da redução, todas as etapas foram importantes para produzir dados claros e relevantes para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

4.5 As etapas que compõem o procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura são uma contribuição útil, mas que ainda é passível de mais melhorias

Ao examinar essas quatro amostras da coleta e tratamento dos dados, etapa por etapa, fica melhor explicitado como ocorreu o processo de identificação das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. No Anexo deste trabalho, apresentado da página 271 à página 360, estão o 26º, 30º, 50º e 104º trechos selecionados, assim como os demais 106 trechos que compõem o total de trechos selecionados, apresentando todo o tratamento dos dados da primeira até a sétima etapa. Todos esses trechos possuem a numeração indicativa da etapa em que as classes de componentes ou classes de comportamentos foram geradas. A conferência dessas quatro amostras demonstra a aplicabilidade do procedimento com relação a diferentes tipos de trechos que apresentam características diferentes entre si. Os demais 106 trechos que foram utilizados e que estão apresentados no Anexo deste trabalho também embasam essa conclusão.

Existem muitas características diferentes dos trechos e diferentes formas como esses trechos vão possibilitando produzir, a cada etapa, condições para a realização da etapa seguinte. Por exemplo, no 26º trecho selecionado foi possível identificar nas primeiras etapas a distinção entre a classe de respostas e a classe de comportamentos. Isso não se repetiu com relação aos outros três trechos estudados. No 104º trecho selecionado não houve necessidade de realizar algumas etapas. Independentemente da forma de cada trecho ou do produto de cada etapa, o procedimento utilizado permite seguir uma seqüência lógica que parece “extrair”, a partir de documentos, neste caso a discussão de autores a respeito da seleção de animais para intervenções em terapia assistida por animais, classes de comportamentos a serem apresentadas por um profissional na realização da sua intervenção, ou até classes de comportamentos componentes de um plano de ensino para tornar aprendizes aptos a atuarem profissionalmente em um subcampo de atuação profissional.

Esse processo representa uma contribuição para a identificação de classes de comportamentos referentes a vários tipos de processos comportamentais. Kienen (2008) e Viecilli (2008) já produziram conhecimento relevante com relação à intervenção indireta por meio de ensino e de pesquisa com relação a fenômenos e processos psicológicos a partir de um procedimento com características em comum ao apresentado neste trabalho. Mas isso não indica que o procedimento está perfeito e que não requer aperfeiçoamentos. Luca (2008) em seu procedimento para identificar classes de comportamentos componentes do processo de “avaliar a confiabilidade de informações” apresenta outras etapas, além das observadas nestas quatro amostras de coleta, que o auxiliaram refinar e conferir os seus resultados.

Algumas observações com relação às necessidades e possibilidades de aperfeiçoamento também podem ser feitas a partir dos quatro exemplos examinados neste capítulo. A etapa de seleção de trechos acaba por delimitar partes do texto utilizado que podem excluir outras informações contidas em outras partes. Um trecho pode ser composto por uma única frase, mas é possível que outras frases que, juntamente com a frase selecionada compõem um parágrafo, possam fornecer mais informações para identificação de outras classes de comportamentos, ou fornecer mais informações para obter classes de comportamentos com nomenclaturas mais precisas. Uma possibilidade de avanço talvez seja a seleção de trechos maiores, ou a integração de diferentes trechos que tenham relação entre si, para que seja possível identificar com maior clareza classes de componentes e a relação entre essas classes, para nomear classes de comportamentos com maior clareza e precisão.

O estudo das nomenclaturas utilizadas pelo autor e a proposição de linguagem mais apropriada também é um aspecto do procedimento que merece maior atenção. É importante que haja uma coerência das nomenclaturas propostas como aperfeiçoamento com as descobertas com relação a processos psicológicos a partir das contribuições da análise do comportamento. Isso implica no exame de cada termo utilizado para identificar com clareza a que fenômeno ele faz referências, assim como também requer um exame em termos gramaticais da língua portuguesa. O estudo dos verbos para que sejam utilizados de forma a tornar mais claro aquilo que alguém faz com relação ao ambiente, assim como as próprias expressões utilizadas para descrever esse ambiente, possibilitarão maior clareza sobre os comportamentos identificados. No caso da literatura utilizada para identificar as classes de comportamentos de psicólogos que intervêm em contextos clínicos com apoio de cães, havia muitos termos imprecisos, tanto verbos como substantivos, até porque não se tratava de uma literatura própria da análise do comportamento. Uma possível forma de melhorar o procedimento utilizado seria examinar com maior detalhe as etapas de aperfeiçoamento da linguagem e até decompô-las em outras etapas mais específicas com relação à transformação da linguagem utilizada em outra mais apropriada de modo a tornar mais explícito o que precisa ser mudado, em que casos precisa ser mudado e no que precisa ser aperfeiçoado. A clareza decorrente de um melhor exame desses termos propiciará maior clareza para orientar um psicólogo para a sua intervenção ou um professor para programar o ensino de seu aprendiz de modo que ele se torne apto a realizar uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães.

De qualquer forma, a seleção de 110 trechos possibilitou a identificação de várias classes de comportamentos que tornam mais claro o tipo de trabalho que constitui uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães. As quatro amostras apresentam detalhadamente o processo de tratamento dos dados para a identificação de classes de comportamentos como resultado de um trabalho. Também ajudam a demonstrar o detalhamento e rigor do trabalho para que as informações obtidas sejam coerentes com aquilo que o autor apresenta e que precisa ser feito em uma psicoterapia que conta com o apoio de cães. Colocar em exame empírico essas classes identificadas é uma forma de avaliar a utilidade desse procedimento que permite identificar classes de comportamentos componentes de um tipo de intervenção profissional por meio da observação indireta que constituiu o exame da literatura (documento escrito por alguém que testemunhou, vivenciou, realizou ou examinou um determinado tipo de fenômeno).

ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS CONSTITUENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM O APOIO DE CÃES

Uma das possibilidades de organizar um sistema comportamental é fazê-lo por meio da organização desses comportamentos que o compõem em âmbitos de abrangência. Ao examinar as classes de comportamentos profissionais de psicólogos nos processos de intervenção indireta por meio de ensino e pesquisa sobre fenômenos e processos psicológicos, Kienen (2008) e Viecili (2008) definem um sistema comportamental como um conjunto de classes de comportamentos organizados de acordo com um referencial de amplitude, composto por classes inter-relacionadas de acordo com seus âmbitos de abrangência. Por exemplo, a classe de comportamentos “*cuidar de um cão*”, pode ser considerada uma classe mais abrangente, que pode envolver outras classes de comportamentos, tais como “*alimentar o cão*”, “*escovar o cão*”, “*higienizar o cão*”. Por sua vez, a classe “*higienizar o cão*” pode abranger outras classes ainda menos abrangentes que ela, como “*limpar as orelhas do cão*” e “*escovar os dentes do cão*”. Essas classes formam um conjunto que pode ser organizado a partir de seus âmbitos de abrangência, constituindo um sistema comportamental. Em suas teses de doutorado, Kienen (2008) e Viecili (2008) demonstram que as classes de comportamentos podem se relacionar em termos de abrangência, em que uma classe mais abrangente pode conter outras menos abrangentes. Mas qual a função de organizar as classes de comportamentos identificadas em um sistema comportamental? Quais as decorrências disso? Ao organizar classes de comportamentos constituintes da classe geral “Projetar a vida profissional” Luiz (2008) destaca que, por meio da organização de classes de comportamentos em um sistema comportamental de acordo com âmbitos de abrangência, é possível obter uma espécie de mapeamento de uma classe mais geral de comportamentos a ser ensinada. Desse modo, é possível identificar quais classes de comportamentos são pré-requisitos para o ensino de outras, destacando a função de cada classe em relação a todo o sistema. Além de poder identificar a relação de pré-requisito entre classes de comportamentos, a partir da organização de classes de comportamentos em um sistema comportamental por âmbitos de abrangência também é possível examinar com mais clareza a própria intervenção profissional e o que a constitui. Isso possibilita projetar e acompanhar a realização de uma intervenção desde as suas etapas mais iniciais até as conclusivas. Organizar em um sistema comportamental as classes de comportamentos constituintes de intervenções em psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir da literatura permite identificar lacunas e

propor aperfeiçoamentos para produzir “mapas” de ensino e “mapas” de intervenção direta que aumentem a eficiência e eficácia desses tipos de intervenção.

5.1 Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir da literatura.

Ao final das nove etapas constituintes do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura, foram identificadas 196 classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães. Essas classes de comportamentos estão apresentadas nas tabelas 5.1; 5.2; 5.3; 5.4; 5.5; 5.6; 5.7; 5.8; 5.9 e 5.10 na seqüência em que foram identificadas nos trechos selecionados ao longo do capítulo MacNamra, M. F. e Butler, K. (2006). *The art of animal selection for animal-assisted activity and therapy programs*. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp. 121-147). Essas 10 tabelas (5.1 a 5.10) estão organizadas da seguinte forma: na primeira coluna está apresentada a ordem do trecho selecionado e na segunda coluna estão as classes identificadas no trecho. Na primeira tabela estão apresentados o 1º, o 2º, o 3º, o 4º e o 5º trechos selecionados e nas tabelas seguintes são apresentados os trechos seguindo essa ordem, 6º, 7º, 8º até o 110º trecho. Ainda nessa primeira coluna, abaixo da indicação do trecho selecionado estão as referências indicando a página do Anexo onde se encontra o protocolo de registro referente ao trecho em questão, apresentando os produtos do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura até a sétima etapa. Nos protocolos, os registros estão numerados de acordo com as etapas do procedimento do qual são resultados. Na segunda coluna das tabelas 5.1 a 5.10 estão apresentadas as classes de comportamentos identificadas a partir de cada trecho selecionado. As classes apresentadas nessas tabelas apresentam a nomenclatura final depois de passarem pelas nove etapas do procedimento que compõem o método deste trabalho. Como os protocolos de registro encontrados no Anexo apresentam o procedimento realizado até a sétima etapa, pode haver a indicação de uma classe de comportamentos que não aparece nas tabelas a seguir ou pode haver diferença entre a classe de comportamentos registrada nos protocolos e as classes de comportamentos apresentadas nessas tabelas. Essa diferença ocorre em virtude do registro nos protocolos ter ocorrido até a sétima etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos (nomear as classes de comportamentos) e não apresentar a oitava e nona etapa (aperfeiçoar a nomenclatura da classe de comportamento utilizada e excluir nomenclaturas repetidas ou que não expressam classes de comportamentos).

TABELA 5.1

CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 1º AO 5º TRECHO SELECIONADO

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
1º Trecho (p. 273 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar comportamentos (de interesse) de cães relacionados a emoções humanas; - Identificar Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a emoções humanas; - Identificar comportamentos (de interesse) de cães relacionados a situações caóticas; - Identificar Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a situações caóticas; - Identificar cães sem prévio teste ou treinamento para psicoterapia com apoio de cães que demonstrem interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e situações caóticas; - Selecionar cães sem prévio teste ou treinamento para psicoterapia com apoio de cães que demonstrem interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e situações caóticas;
2º Trecho (p. 275 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none"> - Inserir animais que apresentam comportamentos que alterem os comportamentos de pessoas que participam de psicoterapia com apoio de cães; - Projetar programas de psicoterapia com apoio de cães de acordo com as necessidades das pessoas; - Caracterizar as necessidades das pessoas que serão participantes das intervenções de psicoterapia com apoio de cães; - Identificar em cães comportamentos que apresentam alta probabilidade de alterar comportamentos de pessoas que se quer alterar; - Caracterizar comportamentos de animais que apresentam alta probabilidade de alterar comportamentos de pessoas que se quer alterar.; - Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos do cão que alteram os comportamentos de pessoas que se quer alterar;
3º Trecho (p. 278 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none"> - Remover do trabalho de psicoterapia com apoio de cães cães que mudaram seus comportamentos graciosos e dedicados com relação a pessoas para comportamentos frios, distantes e agressivos; - Identificar os fatores determinantes de mudança comportamental dos animais;
4º Trecho (p. 279 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar a duração dos resultados; - Avaliar os resultados; - Avaliar o planejamento da intervenção; - Avaliar os modos de interação do condutor durante as sessões de psicoterapia com apoio de cães;
5º Trecho (p. 280 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzir o grau de monotonia por meio de atividade recreacional com apoio de cães; - Reduzir o grau de isolamento social de pessoas institucionalizadas por meio de atividade recreacional com apoio de cães;

TABELA 5.2

CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 6º AO 18º TRECHO SELECIONADO

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
6º Trecho (p. 281 do ANEXO)	- Minimizar a probabilidade de ocorrência de problemas de saúde relacionados a cães em pessoas; - Cuidar das condições de bem estar dos animais; - Cuidar das condições de saúde dos animais;
7º Trecho (p. 282 do ANEXO)	-
8º Trecho (p. 282 do ANEXO)	- Selecionar animais que apresentem comportamentos dóceis diante de equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme;
9º Trecho (p. 283 do ANEXO)	- Avaliar a possibilidade de inserção de animais em um ambiente;
10º Trecho (p. 284 do ANEXO)	-
11º Trecho (p. 285 do ANEXO)	- Seguir recomendações de procedimentos de trabalho em psicoterapia com apoio de cães;
12º Trecho (p. 286 do ANEXO)	- Avaliar a condição médica do cão; - Monitorar a condição médica do cão; - Avaliar o repertório comportamental do cão; - Monitorar o repertório comportamental do cão;
13º Trecho (p. 287 do ANEXO)	- Identificar possíveis problemas para pessoas participantes do trabalho de psicoterapia com apoio de cães, de contato com cães; - Avaliar a probabilidade de ocorrência de problemas advindos do contato com cães para pessoas participantes do trabalho de psicoterapia com apoio de cães; - Identificar o modo como o animal influencia o paciente;
14º Trecho (p. 287 do ANEXO)	- Avaliar a função do condutor do animal;
15º Trecho (p. 286 do ANEXO)	- Avaliar no processo de seleção do animal para trabalho de psicoterapia com apoio de cães os comportamentos do cão relacionados ao condutor;
16º Trecho (p. 288 do ANEXO)	- Registrar em documento as condições de saúde do animal; - Proteger o animal de condições que lhe possam causar dano ou prejuízo;
17º Trecho (p. 289 do ANEXO)	- Definir critérios de seleção dos animais;
18º Trecho (p. 289 do ANEXO)	- Selecionar cães que apresentam comportamentos que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes; - Ensinar o cão a apresentar o mesmo comportamento em uma série de situações e com uma variedade de participantes;

TABELA 5.3**CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 19º AO 29º TRECHO SELECIONADO**

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
19 ° Trecho (p. 290 do ANEXO)	- Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos indesejados do cão em situações específicas; - Interromper comportamentos indesejados do cão; - Guiar comportamentos do cão; - Administrar comportamentos do cão;
20 ° Trecho (p. 291 do ANEXO)	- Selecionar cão a partir das necessidades de segurança e conforto do participante com relação ao cão;
21 ° Trecho (p. 291 do ANEXO)	- Selecionar cães que apresentam facilidade em responder a sinais verbais e gestuais do condutor;
22 ° Trecho (p. 292 do ANEXO)	- Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães; - Selecionar cão para intervenção de psicoterapia com apoio de cães;
23 ° Trecho (p. 293 do ANEXO)	- Registrar os comportamentos do cão apresentados por um longo período em diferentes situações;
24 ° Trecho (p. 294 do ANEXO)	- Selecionar cães que apresentam boas condições de saúde e que sejam ensinados em obediência básica; - Ensinar obediência básica ao cão;
25 ° Trecho (p. 295 do ANEXO)	- Manter nas sessões de psicoterapia com apoio de cães o mesmo cão, o mesmo condutor e frequência de visitação regular;
26 ° Trecho (p. 295 do ANEXO)	- Ensinar pessoas a modificar seus comportamentos por meio do ensino de comportamentos adequados para cães que apresentem comportamentos inadequados;
27 ° Trecho (p. 294 do ANEXO)	- Reduzir graus elevados de stress do cão em situações de trabalho em psicoterapia com apoio de cães;
28 ° Trecho (p. 297 do ANEXO)	- Controlar o tempo de contato de animais com pessoas não familiares; - Instruir pessoas não familiares ao cão sobre como se comportar com relação ao animal;
29 ° Trecho (p. 298 do ANEXO)	- Caracterizar os objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais; - Projetar avaliação de animal para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; - Projetar seleção de animal para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados;

TABELA 5.4**CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 30º AO 40º TRECHO SELECIONADO**

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
30º Trecho (p. 299 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Caracterizar a função do animal na terapia;- Projetar procedimentos de avaliação a partir da função do animal na terapia;- Projetar procedimentos de seleção a partir da função do animal na terapia;- Identificar características do animal que produzem mudança comportamental em pessoas;- Identificar comportamentos do animal que produzem mudança comportamental em pessoas;
31º Trecho (p. 299 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Definir procedimentos de seleção apropriados para psicoterapia com apoio de cães em função do grau de contato que haverá entre participante e animal;
32º Trecho (p. 301 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Definir os procedimentos da intervenção de acordo com o grau de interação entre os participantes e o animal;
33º Trecho (p. 302 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Determinar os objetivos da intervenção;- Identificar as raças mais apropriadas para a intervenção;- Identificar o indivíduo mais apropriado para a intervenção;
34º Trecho (p. 303 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Selecionar cão que apresenta comportamentos específicos relacionados aos objetivos da intervenção;
35º Trecho (p. 304 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Caracterizar os comportamentos apropriados do animal para a situação psicoterapêutica;- Manter o grau de stress do cão em níveis baixos;
36º Trecho (p. 305 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Caracterizar o local onde será realizada a psicoterapia com apoio de cães;- Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor;- Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do cão;- Avaliar se um animal é apropriado para determinado trabalho em psicoterapia com apoio de cães;- Avaliar se um condutor é apropriado para determinado trabalho em psicoterapia com apoio de cães;
37º Trecho (p. 306 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Avaliar os comportamentos do cão com relação às características dos participantes da intervenção;
38º Trecho (p. 306 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Determinar até que grau é possível monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal;- Monitorar os sinais de stress do animal no trabalho de psicoterapia com apoio de cães;
39º Trecho (p. 307 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Monitorar os graus limites de stress dos animais no trabalho de psicoterapia com apoio de cães;
40º Trecho (p. 307 do ANEXO)	<ul style="list-style-type: none">- Determinar os objetivos dos procedimentos de seleção de cães em psicoterapia com apoio de cães;

TABELA 5.5**CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 41º AO 50º TRECHO SELECIONADO**

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
41 ° Trecho (p. 308 do ANEXO)	- Avaliar durante os procedimentos de seleção a probabilidade de ocorrência de comportamentos apropriados do cão para a intervenção de psicoterapia com apoio de cães; - Avaliar durante os procedimentos de seleção a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados do cão para a intervenção de psicoterapia com apoio de cães;
42 ° Trecho (p. 309 do ANEXO)	- Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos do condutor a partir de observações dos seus comportamentos; - Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos do animal a partir de observações dos seus comportamentos;
43 ° Trecho (p. 309 do ANEXO)	- Avaliar a equipe que realiza psicoterapia com apoio de cães;
44 ° Trecho (p. 310 do ANEXO)	- Avaliar o grau de previsibilidade dos comportamentos do cão;
45 ° Trecho (p. 311 do ANEXO)	- Avaliar os comportamentos do cão com relação aos tipos de participantes da intervenção com o qual irá lidar; - Avaliar os comportamentos do cão com relação aos ambientes no qual irá atuar em uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães; - Avaliar os comportamentos do condutor com relação aos tipos de participantes da intervenção com o qual irá lidar; - Avaliar os comportamentos do condutor com relação aos ambientes no qual irá atuar em uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães;
46 ° Trecho (p. 312 do ANEXO)	- Avaliar preliminarmente à intervenção as condições de saúde do animal necessárias para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães;
47 ° Trecho (p. 313 do ANEXO)	- Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos relacionados aos objetivos da intervenção;
48 ° Trecho (p. 313 do ANEXO)	- Avaliar os comportamentos do animal com determinada frequência; - Identificar alterações no comportamento do cão em diferentes situações;
49 ° Trecho (p. 315 do ANEXO)	- Avaliar os comportamentos de animais durante a intervenção de psicoterapia com apoio de cães; - Avaliar os comportamentos de condutores durante a intervenção de psicoterapia com apoio de cães; - Avaliar possíveis conseqüências prejudiciais da intervenção para o processo psicoterapêutico;
50 ° Trecho (p. 316 do ANEXO)	- Identificar comportamentos do animal que sinalizam a alta probabilidade de ocorrência de comportamentos inadequados; - Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos inadequados do animal durante a intervenção de psicoterapia com apoio de cães;

TABELA 5.6**CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 51º AO 63º TRECHO SELECIONADO**

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
51 ° Trecho (p. 317 do ANEXO)	- Caracterizar a situação na qual a equipe irá trabalhar; - Avaliar o animal com relação às características da situação na qual a equipe irá trabalhar; - Avaliar a probabilidade ocorrência de problemas relacionados ao animal;
52 ° Trecho (p. 318 do ANEXO)	- Avaliar as conseqüências da intervenção de psicoterapia com apoio de cães com o animal que irá trabalhar no ambiente em que irá trabalhar;
53 ° Trecho (p. 319 do ANEXO)	- Caracterizar o repertório comportamental de um animal;
54 ° Trecho (p. 319 do ANEXO)	- Avaliar o grau similaridade entre eventos quaisquer e eventos relacionados à psicoterapia com apoio de cães; - Avaliar os comportamentos do cão em situações similares às de psicoterapia com apoio de cães;
55 ° Trecho (p. 320 do ANEXO)	- Analisar os comportamentos do animal em um ambiente de psicoterapia com apoio de cães; - Avaliar os comportamentos do animal em ambiente familiar; - Identificar cadeias comportamentais de cães em trabalho de psicoterapia com apoio de cães;
56 ° Trecho (p. 321 do ANEXO)	- Avaliar possíveis conseqüências da intervenção em psicoterapia com apoio de cães;
57 ° Trecho (p. 321 do ANEXO)	-
58 ° Trecho (p. 322 do ANEXO)	- Identificar as relações entre os comportamentos do cão, comportamentos do condutor e comportamentos do paciente;
59 ° Trecho (p. 322 do ANEXO)	- Avaliar a interação entre os comportamentos do animal e os comportamentos do condutor com relação aos comportamentos do animal;
60 ° Trecho (p. 323 do ANEXO)	- Identificar comportamentos do cão que podem ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar;
61 ° Trecho (p. 323 do ANEXO)	- Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos do cão por meio de indicadores precedentes, fatores detectáveis que ocorrem antes desse comportamento que está sendo previsto;
62 ° Trecho (p. 324 do ANEXO)	- Identificar comportamentos do cão que antecedem e sinalizam a alta probabilidade de ocorrência de outros comportamentos; - Caracterizar os objetivos da intervenção; - Identificar o nível de conforto do animal por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis; - Avaliar o potencial do animal de causar danos ou ferimentos;
63 ° Trecho (p. 326 do ANEXO)	- Identificar os comportamentos que compõem uma cadeia comportamental; - Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos do animal a partir de comportamentos anteriores que constituem uma cadeia comportamental;

TABELA 5.7

CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 64º AO 74º TRECHO SELECIONADO

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
64º Trecho (p. 327 do ANEXO)	- Avaliar os ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar;
65º Trecho (p. 328 do ANEXO)	- Selecionar os animais a partir das suas características físicas, repertório comportamental, previsibilidade de seus comportamentos, comunicabilidade de suas atitudes por meio da linguagem corporal, grau de vinculação a humanos e relacionamento com o condutor;
66º Trecho (p. 328 do ANEXO)	- Introduzir o animal na sessão de psicoterapia com apoio de cães; - Selecionar cães que apresentam comportamentos acolhedores com relação a pessoas;
67º Trecho (p. 329 do ANEXO)	- Aumentar os graus de sensação de segurança conforto e conexão do paciente por meio do animal;
68º Trecho (p. 330 do ANEXO)	- Estimular comportamentos acolhedores do animal com relação a pessoas em psicoterapia com apoio de cães;
69º Trecho (p. 331 do ANEXO)	- Selecionar animais que iniciem contato físico com pessoas, que mantenham contato por tempo prolongado com pessoas, que contatem visualmente com pessoas, que obedeçam imediatamente a restrições de contato e que sigam orientações;
70º Trecho (p. 332 do ANEXO)	- Estimular o animal a contatar visualmente com pessoas;
71º Trecho (p. 333 do ANEXO)	- Identificar comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico; - Remover o animal do ambiente, ou da sessão de psicoterapia com apoio de cães quando apresentar comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico;
72º Trecho (p. 334 do ANEXO)	- Avaliar os efeitos dos comportamentos do cão sobre os comportamentos do paciente;
73º Trecho (p. 334 do ANEXO)	-
74º Trecho (p. 335 do ANEXO)	- Identificar condições inadequadas para o animal; - Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos do animal diante de condições aversivas; - Remover animal diante de situação inadequada para ele; - Alterar condição inadequada para o animal;

TABELA 5.8**CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 75º AO 86º TRECHO SELECIONADO**

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
75 ° Trecho (p. 337 do ANEXO)	- Ensinar animais a aceitar diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades; - Ensinar animais a tolerar diferentes sons e vocalizações; - Ensinar animais a focar nas pessoas com as quais estão trabalhando; - Selecionar animais que aceitam diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades, toleram diferentes sons e vocalizações e que focam nas pessoas com as quais estão trabalhando;
76 ° Trecho (p. 338 do ANEXO)	- Ensinar cães a manter o foco no trabalho durante o trabalho de psicoterapia com apoio de cães; - Ensinar cães a ignorar distrações durante o trabalho de psicoterapia com apoio de cães;
77 ° Trecho (p. 339 do ANEXO)	- Demonstrar vínculo existente com o animal;
78 ° Trecho (p. 340 do ANEXO)	- Avaliar os comportamentos do cão nos ambientes nos quais irá intervir; - Avaliar a adequabilidade de uma equipe a uma determinada situação;
79 ° Trecho (p. 341 do ANEXO)	- Avaliar a adequação entre população alvo, objetivos específicos para a população alvo, funcionários envolvidos, população total, atividades programadas de psicoterapia com apoio de cães, outros animais, outras atividades paralelas à psicoterapia com apoio de cães e cão em trabalho de psicoterapia com apoio de cães;
80 ° Trecho (p. 342 do ANEXO)	- Minimizar a probabilidade de ocorrência de acidentes relacionados a populações imprevisíveis com apoio dos funcionários apropriados do local onde é realizada a psicoterapia com apoio de cães;
81 ° Trecho (p. 342 do ANEXO)	- Aumentar os sentimentos das pessoas de segurança, proteção e acolhimento por meio dos comportamentos do cão;
82 ° Trecho (p. 343 do ANEXO)	- Avaliar se a intervenção com animais é adequada para o público alvo;
83 ° Trecho (p. 343 do ANEXO)	- Identificar pessoas que podem machucar o cão; - Identificar pessoas que podem machucar o condutor;
84 ° Trecho (p. 343 do ANEXO)	- Determinar quais participantes são apropriados para psicoterapia com apoio de cães;
85 ° Trecho (p. 344 do ANEXO)	- Projetar a intervenção de acordo com as características da população alvo;
86 ° Trecho (p. 344 do ANEXO)	- Remover temporariamente cães incapazes de manter o foco no trabalho na presença de outros animais ou cães agressivos ou medrosos com relação a outros animais; - Remover definitivamente cães incapazes de manter o foco no trabalho na presença de outros animais ou cães agressivos ou medrosos com relação a outros animais;

TABELA 5.9

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO
SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES
IDENTIFICADAS A PARTIR DO 87º AO 100º TRECHO SELECIONADO**

Trecho Selecionado	Classe de Comportamentos Identificadas
87º Trecho (p. 345 do ANEXO)	- Selecionar animais que ignorem outros animais em ambientes onde é realizada psicoterapia com apoio de cães; - Ensinar animais a ignorar outros animais no ambiente; - Limitar o acesso de outros animais a áreas onde ocorre a psicoterapia com apoio de cães;
88º Trecho (p. 345 do ANEXO)	- Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães;
89º Trecho (p. 344 do ANEXO)	- Ensinar o cão a apresentar comportamentos apropriados durante a intervenção de psicoterapia com apoio de cães na ausência do condutor no ambiente;
90º Trecho (p. 346 do ANEXO)	- Programar a utilização de cães no trabalho de psicoterapia com apoio de cães;
91º Trecho (p. 347 do ANEXO)	- Identificar as necessidades dos cães em trabalho de psicoterapia com apoio de cães; - Adequar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães às necessidades dos cães em trabalho de psicoterapia com apoio de cães; - Equilibrar as necessidades dos cães em trabalho de psicoterapia com apoio de cães com as necessidades dos pacientes;
92º Trecho (p. 347 do ANEXO)	-
93º Trecho (p. 348 do ANEXO)	- Aposentar o cão de psicoterapia com apoio de cães quando for impossível para este trabalhar confortavelmente nos ambientes disponíveis para ele;
94º Trecho (p. 348 do ANEXO)	- Identificar os estados emocionais do cão por meio dos sinais que ele apresenta;
95º Trecho (p. 349 do ANEXO)	- Interpretar os sinais emitidos pelo cão antes, durante ou após a sessão de psicoterapia com apoio de cães; - Minimizar os efeitos prejudiciais sinalizados pelo animal do trabalho de psicoterapia com apoio de cães sobre ele;
96º Trecho (p. 350 do ANEXO)	- Interpretar os comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos; - Identificar os comportamentos das pessoas que inadvertidamente sinalizam tensão aos animais; - Sinalizar tranquilidade para os animais;
97º Trecho (p. 351 do ANEXO)	- Avaliar a capacidade do animal em recuperar-se dos desgastes do trabalho em psicoterapia com apoio de cães;
98º Trecho (p. 351 do ANEXO)	- Avaliar a possibilidade de utilização de psicoterapia com apoio de cães com relação a características comportamentais da população alvo;
99º Trecho (p. 352 do ANEXO)	- Identificar o grau de stress do animal por meio das mudanças nos seus comportamentos;
100º Trecho (p. 353 do ANEXO)	- Identificar o grau de stress do cão por meio de sinais corporais;

TABELA 5.10

CLASSES DE COMPORTAMENTOS COMPONENTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DO 101º AO 110º TRECHO SELECIONADO

Trecho Selecionado	Classe de comportamentos Identificadas
101 º Trecho (p. 354 do ANEXO)	- Minimizar a probabilidade de ocorrência de ferimentos, infecções ou interações inapropriadas com quaisquer envolvidos na psicoterapia com apoio de cães;
102 º Trecho (p. 355 do ANEXO)	- Ensinar ao cão comportamentos apropriados para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães; - Higienizar o cão para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães; - Preparar o cão para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães; - Introduzir o cão em um programa de psicoterapia com apoio de cães;
103 º Trecho (p. 354 do ANEXO)	- Dirigir os comportamentos do cão úteis com relação às necessidades da população alvo; - Estimular os comportamentos do cão úteis com relação às necessidades da população alvo;
104 º Trecho (p. 357 do ANEXO)	- Preparar a condução de uma sessão de psicoterapia com apoio de cães; - Manter a confidencialidade do que ocorre na psicoterapia com apoio de cães; - Identificar os sinais de excitação do cão;
105 º Trecho (p. 359 do ANEXO)	- Antecipar os comportamentos inapropriados do cão que possam prejudicar a terapia;
106 º Trecho (p. 360 do ANEXO)	- Seguir regras, procedimentos e políticas do local onde é realizada a psicoterapia com apoio de cães;
107 º Trecho (p. 360 do ANEXO)	- Vacinar o cão; - Remover parasitas do cão; - Controlar infecções no cão;
108 º Trecho (p. 361 do ANEXO)	- Estimular o desenvolvimento da relação entre o paciente e o cão;
109 º Trecho (p. 361 do ANEXO)	-
110 º Trecho (p. 362 do ANEXO)	- Estimular por meio do cão o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos-objetivo;

As Tabelas 5.1 a 5.10 apresentam todas as classes de comportamentos identificadas até o final do processo de identificação dessas classes na obra utilizada como fonte de informação. Na primeira coluna dessas tabelas está apresentada a identificação dos trechos selecionados do capítulo utilizado da obra examinada. Na segunda coluna estão listados os nomes das classes de

comportamentos identificadas. No 7º, 10º, 57º, 73º, 92º e 109º trechos selecionados não há classes de comportamentos registrada; há apenas um hífen sinalizando a ausência de classes de comportamentos identificadas nesses trechos. Essa ausência de classes de comportamentos registrados nas tabelas decorre da avaliação das classes de comportamentos realizada na nona etapa do procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura. Nessa etapa todas as nomenclaturas das classes de comportamentos identificadas até a oitava etapa foram avaliadas verificando se existia outra classe com nome similar, ou se expressavam de fato uma classe de comportamentos. Desse modo, em alguns trechos certas classes identificadas até a oitava etapa que apresentavam nomenclatura repetida ou não designavam propriamente uma classe de comportamentos foram excluídas na nona etapa. No caso do 7º, 10º, 57º, 73º, 92º e 109º trechos selecionados todas as classes identificadas foram excluídas.

Das 196 classes de comportamentos identificadas em todo o processo, três delas foram identificadas a partir de outra referência. As classes de comportamentos “*Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*” apresentadas na Tabela 5.11 foram obtidas a partir do exame de Botomé, Kubo, Matanna, Kienen e Shimbo (2003) no qual esses autores identificam seis classes de comportamentos básicas constituintes de intervenções diretas e das contribuições de Mattana (2004) a respeito dessas classes em intervenções diretas sobre fenômenos ou processos psicológicos em contextos clínicos.

TABELA 5.11

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE ONTERVENÇÕES EM
PSICOTERAPIA COM PAOIO DE CÃES IDENTIFICADAS A PARTIR DE REFERÊNCIAS
SOBRE CLASSES DE COMPORTAMENTOS GERAIS DE PSICÓLOGOS EM
INTERVENÇÕES DIRETAS**

Classe de comportamentos Identificadas

- Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães;
 - Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada;
 - Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada;
-

As seis classes de comportamentos profissionais de psicólogos que compõem a intervenção direta propostas por Botomé e col (2003) são: “*Caracterizar necessidades sociais em relação a alterações em processos comportamentais*”, “*Projetar intervenções diretas relacionadas a*

processos comportamentais”, “*Executar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*”, “*Avaliar intervenções realizadas em relação a processos comportamentais*”, “*Aperfeiçoar intervenções em relação a processos comportamentais a partir de dados de avaliação*” e “*Comunicar descobertas feitas em intervenções sobre processos comportamentais*”. A partir dessas classes gerais de comportamentos profissionais da intervenção direta de psicólogos sobre fenômenos psicológicos, Mattana (2004) identificou as classes gerais de comportamentos profissionais referentes a intervenções de psicólogos em contexto clínico. Na Tabela 5.12 estão apresentadas as seis classes de comportamentos identificadas por Mattana (2004) e as classes gerais de comportamentos profissionais da intervenção direta de psicólogos sobre fenômenos psicológicos identificadas por Botomé e col (2003) que possibilitaram essa identificação.

TABELA 5.12

CLASSES GERAIS DE COMPORTAMENTOS PROFISSIONAIS REFERENTES A INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS EM CONTEXTO CLÍNICO IDENTIFICADAS A PARTIR DAS CLASSES GERAIS DE COMPORTAMENTOS PROFISSIONAIS DA INTERVENÇÃO DIRETA DE PSICÓLOGOS SOBRE FENÔMENOS PSICOLÓGICOS

Classes gerais de comportamentos profissionais da intervenção direta de psicólogos sobre fenômenos psicológicos	Classes gerais de comportamentos profissionais referentes a intervenções de psicólogos em contexto clínico
Caracterizar necessidades sociais em relação a alterações em processos comportamentais	Caracterizar necessidades de intervenção em relação a comportamentos num contexto clínico
Projetar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais	Projetar intervenções relacionadas com as necessidades caracterizadas com relação ao contexto clínico
Executar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais	Executar intervenções projetadas em relação a comportamentos em contexto clínico
Avaliar intervenções realizadas em relação a processos comportamentais	Avaliar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico
Aperfeiçoar intervenções em relação a processos comportamentais a partir de dados de avaliação	Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico
Comunicar descobertas feitas em intervenções sobre processos comportamentais	Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico

Como é possível verificar na Tabela 5.12 as classes gerais de comportamentos profissionais que compõem a intervenção direta tiveram alterações apenas na especificação do ambiente no qual ocorrem. A classe de comportamentos “*Caracterizar necessidades sociais em relação a alterações*

em processos comportamentais” deu origem à classe “*Caracterizar necessidades de intervenção em relação a comportamentos num contexto clínico*”, a classe “*Projetar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*” originou a classe “*Projetar intervenções relacionadas com as necessidades caracterizadas com relação ao contexto clínico*”, a classe “*Executar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*” possibilitou derivar a classe “*Executar intervenções projetadas em relação a comportamentos em contexto clínico*”, da classe “*Avaliar intervenções realizadas em relação a processos comportamentais*” foi derivada a classe “*Avaliar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*”, a classe “*Aperfeiçoar intervenções em relação a processos comportamentais a partir de dados de avaliação*” foi condição para a derivação da classe “*Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*” e, por fim, a classe “*Comunicar descobertas feitas em intervenções sobre processos comportamentais*” deu origem a classe “*Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico*”. Nessa última classe derivada, o destaque das descobertas é extrapolado para além das descobertas realizadas sobre o objeto de intervenção, sendo incluídas também as descobertas a respeito dos próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção.

Os avanços na especificação das classes gerais de comportamentos profissionais de psicólogos no contexto clínico possibilitam derivar classes gerais de comportamentos profissionais de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Dessa forma é possível derivar seis classes gerais de comportamentos relacionados à intervenção nesse tipo de subcampo de atuação. A classe geral de comportamentos “*Caracterizar necessidades de intervenção em relação a comportamentos num contexto clínico*” possibilitou derivar a classe “*Caracterizar necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”; a classe “*Projetar intervenções relacionadas com as necessidades caracterizadas com relação ao contexto clínico*” possibilitou derivar a classe “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”; a classe “*Executar intervenções projetadas em relação a comportamentos em contexto clínico*” deu origem a classe “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*”; a classe “*Avaliar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*” originou a classe “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”. A classe “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” também foi identificada a partir de informações contidas na obra utilizada como fonte de informação, o que vem a reforçar a relevância dessa classe

de comportamentos. As demais classes gerais de comportamentos profissionais, por estarem encadeadas a essa classe, também acabam por terem sua relevância reforçada indiretamente.

Da mesma forma que as demais classes de comportamentos de intervenções em contexto clínico, as classes “*Aperfeiçoar intervenções realizadas com relação a comportamentos em contexto clínico*” e “*Comunicar descobertas feitas sobre o objeto de intervenção e sobre os próprios processos comportamentais envolvidos na intervenção em relação a comportamentos em um contexto clínico*” também podem originar classes referentes a intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Como não foram identificadas no capítulo em exame da obra utilizada como fonte de informação classes menos abrangentes de comportamentos dessas classes mais gerais elas não foram incluídas na lista de classes identificadas. Mas isso não as tornam menos importantes que as demais. Tal fato demonstra a necessidade de outros trabalhos que tornem explícitas as classes menos abrangentes dessas duas últimas classes de comportamentos gerais.

Para organizar a classe mais geral de comportamento chamada “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, identificada a partir do 88º trecho selecionado, que é a classe mais geral de um tipo de intervenção direta em um subcampo de atuação profissional, foram utilizadas as quatro classes gerais de comportamentos dessa intervenção: “*Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”.

5.2 Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães organizadas em um sistema de âmbitos de abrangência das classes de comportamentos identificadas

A organização e distribuição das classes de comportamentos identificadas nas nove etapas que compõem o procedimento para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães pode ser visualizada de forma geral na Figura 5.1. Nessa figura, a classe mais geral de comportamentos, “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, constituinte do sub-âmbito “*Ocupação Geral*” é apresentada no primeiro retângulo de cor

branca, no canto esquerdo da figura. As quatro classes de comportamentos constituintes do sub-âmbito “Ocupação Específica” estão apresentadas em cinza e as demais classes de comportamentos identificadas estão apresentadas em representações geométricas menores de cor branca e estão distribuídas entre os demais sub-âmbitos de abrangência.

É possível observar na Figura 5.1 que a maior parte das classes de comportamentos identificadas estão concentradas no âmbito de abrangência “Classe de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito, sub-âmbitos “Operações envolvidas em uma tarefa” e “Ações constituintes de uma operação”, e no âmbito “Classe de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”, sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo”. Também é possível verificar que nos âmbitos menos abrangentes (“Classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer, ou deixar de fazer, algo” e “Classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer, ou deixar de fazer, algo”) foram identificadas poucas classes, indicando lacunas com relação à identificação dessas classes na obra consultada. Não foi identificada nenhuma classe pertencente ao âmbito “Classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo”.

Ainda com relação às classes de comportamentos apresentadas na Figura 5.1(e na apresentação do mapa completo com todas as classes de comportamentos descritas no Apêndice) é possível observar que estão organizadas de acordo com o critério de ordem de realização e de seqüência de aprendizagem. No sentido de cima para baixo é possível identificar a seqüência de realização das etapas que constituem intervenções em psicoterapia com apoio de cães. Seguindo o sentido da direita para esquerda, das classes menos abrangentes para as classes mais abrangentes é possível identificar a possível composição de uma seqüência de ensino das classes que compõem a intervenção. A decomposição das classes de comportamentos identificadas foi organizada de forma que a realização de uma classe facilite (e até crie condições para) a realização de outra. Essa organização foi executada de modo a garantir coerência na atuação realização de uma intervenção profissional.

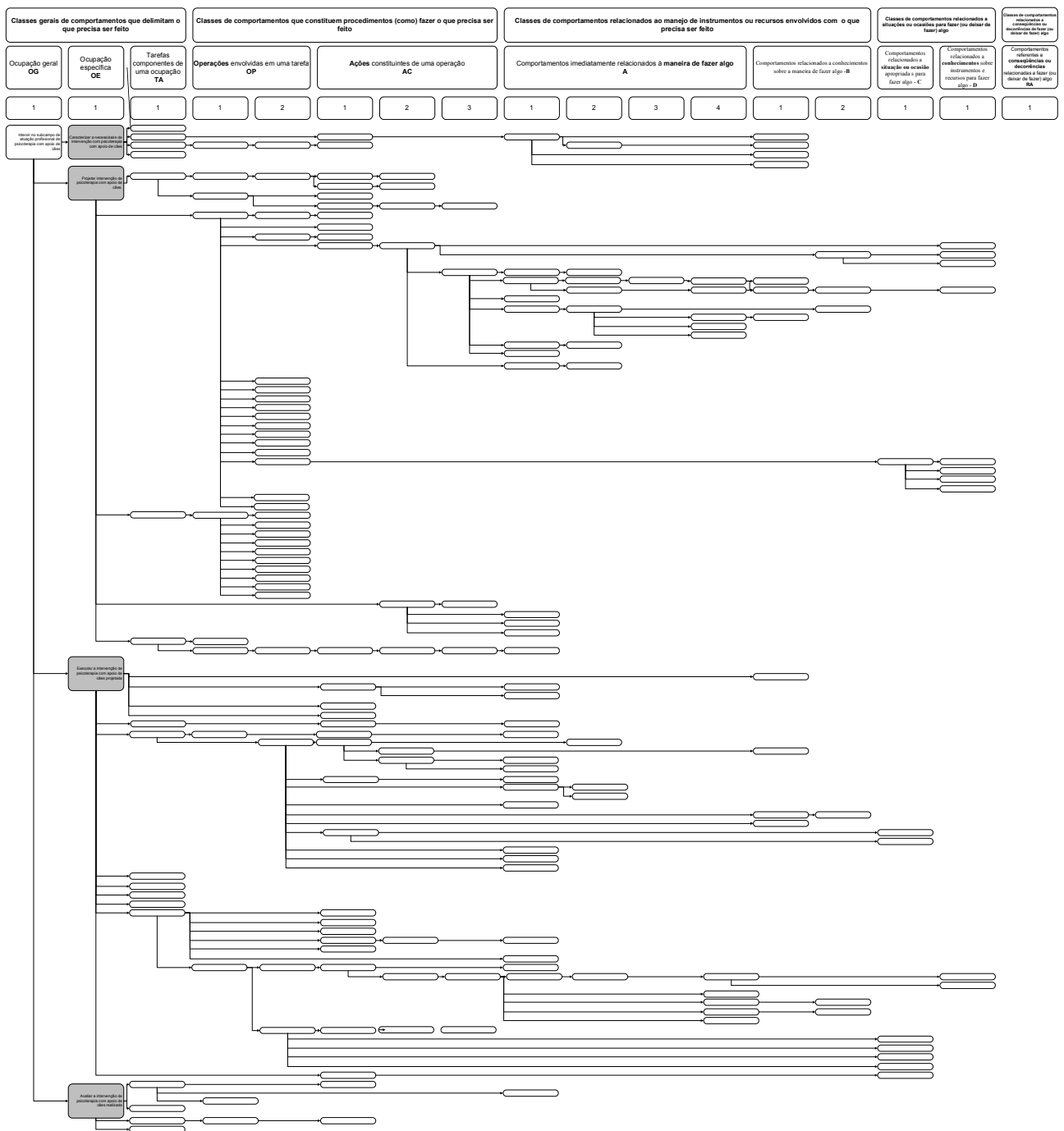


Figura 5.1: Mapa geral³ de classes de comportamentos constituintes da classe de comportamentos geral “Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães”.

³ O mapa completo com todas as classes de comportamentos apresentadas pode ser visualizado no Apêndice.

Na Tabela 5.1 está apresentada a distribuição das 196 classes de comportamentos identificadas nos âmbitos e sub-âmbitos de abrangência. Como é possível verificar na Figura 5.1, no âmbito de abrangência “Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito” estão alocadas 23 classes de comportamentos identificadas, sendo uma no sub-âmbito “Ocupação Geral - OG”, quatro no sub-âmbito “Ocupação Específica - OE” e 18 no sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação – TA”. Das 87 classes de comportamentos identificadas e alocadas no âmbito de abrangência “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito”, 41 estão alocadas no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP” e 46 no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação – AC”. No âmbito “Classes de comportamentos relacionadas ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito” as 68 classes alocadas estão distribuídas da seguinte forma: 51 classes no sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo- A” e 17 classes no sub-âmbito “Comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo - B”. O âmbito de abrangência “Classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo” tem 18 classes de comportamentos alocadas, sendo oito delas no sub-âmbito “Comportamentos relacionados à situação ou ocasião apropriada para fazer algo – C” e 10 classes no sub-âmbito “Comportamentos relacionados aos conhecimentos sobre instrumentos e recursos para fazer algo – D”. Não há nenhuma classe de comportamentos identificada alocada no âmbito “Classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo”.

TABELA 5.13

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS POR ÂMBITOS E SUB-ÂMBITOS DE ABRANGÊNCIA

	Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito			Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito		Classes de comportamentos relacionadas ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito		Classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo		Classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo	TOTAL
	OG	OE	TA	OP	AC	A	B	C	D	RA	
Sub-âmbitos de abrangência											
Quantidade de classes de comportamentos identificadas	1	4	18	41	46	51	17	8	10	0	196

A distribuição percentual das classes de comportamentos que compõem a classe mais geral de comportamentos chamada “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação e organizadas nos âmbitos de abrangência gerais está apresentada na Figura 5.2.

Como é possível observar na Figura 5.2, do total de 196 classes de comportamentos identificadas e distribuídas nos cinco âmbitos de abrangência gerais, 12% estão alocadas no âmbito de abrangência denominado “Classes gerais de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito”, 44 % estão alocadas no âmbito “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito”, 35% no âmbito “Classe de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”, 9% no âmbito de abrangência “Classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo” e nenhuma classe no âmbito “Classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo”.

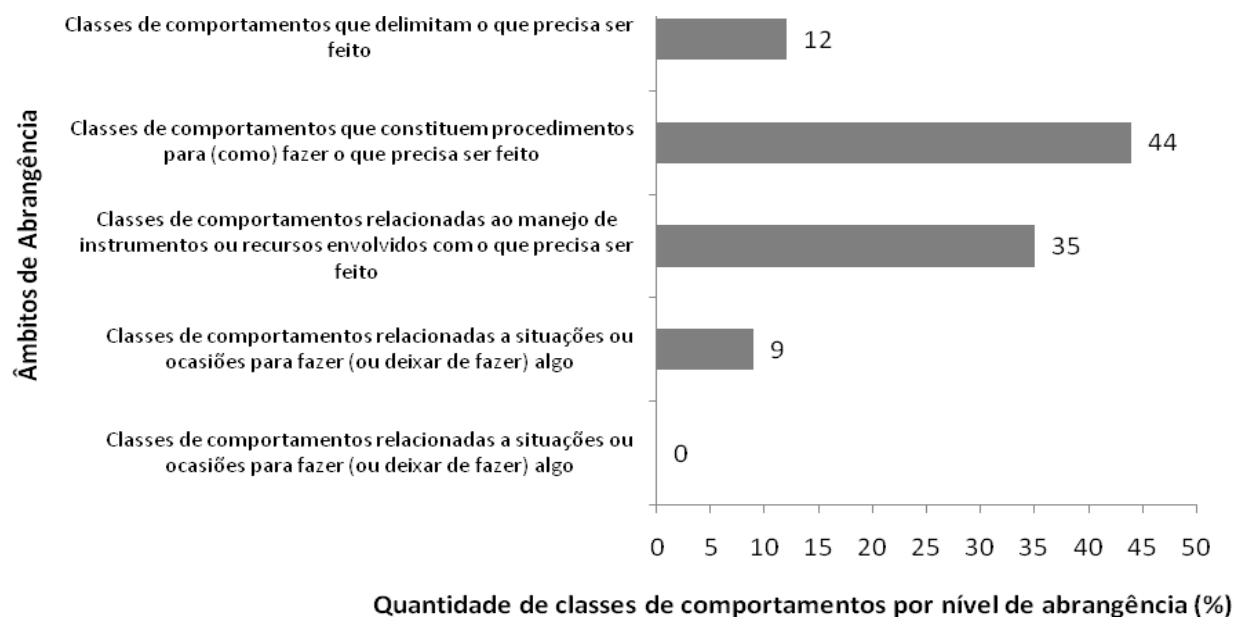


Figura 5.2: Distribuição das classes de comportamentos identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação nos âmbitos de abrangência mais gerais.

Além de organizar a distribuição das classes de comportamentos identificadas nos âmbitos e sub-âmbitos de abrangência, também é possível organizá-las de acordo com a sua distribuição nas quatro classes gerais de comportamentos do sub-âmbito de abrangência “Ocupação Específica – OP”. Desse modo, é possível verificar a distribuição das classes de comportamentos identificadas de acordo com as classes de comportamentos profissionais constituintes de uma intervenção direta. A distribuição das classes de comportamentos nas quatro classes mais gerais constituintes da classe “Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães” e alocadas no sub-âmbito de abrangência “Ocupação específica” está apresentada na Tabela 5.13.

TABELA 5.14

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS IDENTIFICADAS NAS CLASSES DE COMPORTAMENTOS GERAIS CONSTITUINTES DE UMA INTERVENÇÃO DIRETA EM PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES

Classes de comportamentos mais abrangentes identificadas constituintes de uma intervenção direta em psicoterapia com apoio de cães	Caracterizar as necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães	Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães	Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada	Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães realizada
Quantidade de classes de comportamentos identificadas	14	92	76	9

Excluindo as próprias quatro classes de comportamentos identificadas mais abrangentes constituintes de uma intervenção direta, utilizadas para organizar as demais classes identificadas, e a classe mais abrangente de todas “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, restam 191 classes de comportamentos identificadas. Desse total, 14 classes de comportamentos são classes menos abrangentes constituintes da classe “*Caracterizar as necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, 92 são classes menos abrangentes constituintes da classe “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, 76 constituem a classe “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e nove são classes menos abrangentes que compõem a classe “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães realizada*”.

A distribuição percentual das classes de comportamentos nas quatro classes gerais constituintes da classe “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” e alocadas no sub-âmbito de abrangência “*Ocupação específica*” é possível de ser verificada na Figura 5.3. Das 191 classes de comportamentos que constituem as quatro classes gerais da classe “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, 7% são classes menos abrangentes pertencentes à classe “*Caracterizar as necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, 48% são classes abrangidas pela classe de comportamentos mais geral “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, 40% constituem a classe “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e 5% são classes menos

abrangentes da classe de comportamentos mais geral “Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães realizada”.

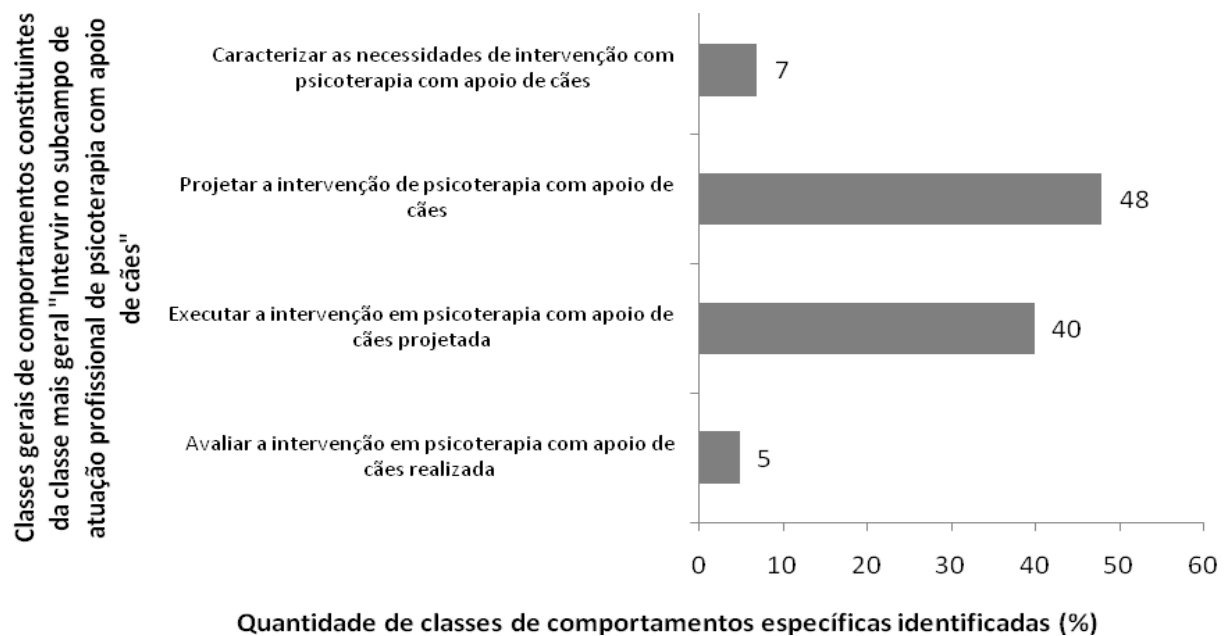


Figura 5.3: Distribuição das classes de comportamentos identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação nas classes de comportamentos gerais constituintes da classe mais geral “Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães”.

5.3 Distribuição não homogênea das classes de comportamentos identificadas nos diferentes âmbitos de abrangência do sistema comportamental indica classes ainda desconhecidas que necessitam serem descobertas

Ao analisar a Tabela 5.13 e a Figura 5.2 é possível constatar que as classes de comportamentos identificadas ficaram concentradas principalmente nos âmbitos de abrangência “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” e “Classes de comportamentos relacionadas ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”. No âmbito de abrangência “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” a distribuição nos sub-âmbitos fica mais equilibrada, 41 classes estão alocadas no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa – OP” e 46 no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação – AC”. Já com relação

ao âmbito de abrangência “Classes de comportamentos relacionadas ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito” não ocorre o mesmo. Das 68 classes alocadas nesse âmbito de abrangência, 51 classes estão alocadas no sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A” e 17 classes no sub-âmbito “Comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo – B”. Essa diferença revela a necessidade de identificar mais classes além das já identificadas com relação aos conhecimentos sobre a maneira de fazer algo.

A desproporção também existe entre os próprios âmbitos de abrangência. O âmbito de abrangência “Classes de comportamentos relacionadas a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo” tem 18 classes de comportamentos alocadas, o que representa 9% das 196 classes de comportamentos identificadas. Nesse âmbito de abrangência foram identificadas oito classes do sub-âmbito “Classe de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito” e 10 classes do sub-âmbito “Comportamentos relacionados aos conhecimentos sobre instrumentos e recursos para fazer algo”. É possível encontrar na literatura com mais facilidade descrições sobre como preparar uma intervenção e como executá-la em um âmbito mais abrangente (Delta Society, 1996; Burch, 2003; Dotti, 2005; Fine, 2006) do que exames mais detalhados dessas intervenções que descrevam comportamentos relacionados ao uso de instrumentos e aos conhecimentos relacionados ao uso desses instrumentos. Com relação ao sub-âmbito “Classes de comportamentos relacionadas a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo” a desproporção é maior ainda, pois não foi identificada nenhuma classe de comportamento pertencente a esse âmbito. Tal fato pode ser analisado levando em consideração que essas classes são as menos abrangentes de todas. Como os exames sobre a intervenção em psicoterapia com apoio de cães ainda são limitados, principalmente no que diz respeito à investigação dos processos psicológicos envolvidos, é provável que âmbitos mais microscópicos de análise sejam mais incomuns na literatura. Em sua obra sistematizadora sobre terapia assistida por animais Dotti (2005) destaca a necessidade de estudos que compreendam esse tipo de intervenção como processo psicológico.

Com a distribuição das classes de comportamentos identificadas nas classes gerais de comportamentos ocorreu o mesmo que com a distribuição dessas classes nos âmbitos de abrangência. Houve uma concentração das classes de comportamentos identificadas nas duas classes gerais “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” e “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*”. As duas classes juntas constituem 88%

das classes organizadas nessas classes mais abrangentes. Desse modo, também é possível perceber a necessidade de identificar mais classes de comportamentos referentes às classes mais gerais de “*Caracterizar necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”.

Ainda que as classes de comportamentos identificadas sejam provenientes de um único capítulo de uma obra que faz referência ao processo de seleção de animais para a intervenção, a distribuição das classes de comportamentos entre as classes mais abrangentes de comportamentos é compatível com a ênfase encontrada na literatura (Delta Society, 1996; Burch, 2003; Dotti, 2005; Fine, 2006) sobre a preparação da intervenção e a execução da intervenção propriamente. As classes identificadas e sua organização em um mapa geral dessas classes organizadas em âmbitos de abrangência podem, ainda que de forma incompleta, orientar o ensino desses comportamentos, ou intervenções diretas de profissionais de psicologia no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

5.4 A identificação de 196 classes de comportamentos de intervenções de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães é uma contribuição para a orientação da atuação de profissional nesse subcampo de atuação profissional, mas ainda é apenas um começo

Ao longo das 24 páginas do capítulo *The art of animal selection for animal-assisted activity and therapy programs* escrito por Frederickson-MacNamara e Kris Bulter e contido na obra *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* organizada por Aubrey H. Fine foram identificadas 193 classes de comportamentos referentes a intervenções em psicoterapia com apoio de cães. Outras três classes de comportamentos que somadas às 193 classes identificadas totalizam as 196 classes obtidas nesta pesquisa, foram obtidas por meio do exame de outras duas referências que tratavam especificamente de intervenções sobre fenômenos e processos psicológicos. Essas três classes de comportamentos obtidas por meio do exame dessas duas referências (Botomé e col., 2003 e Mattana, 2004) são classes gerais que possibilitaram, juntamente com outra classe de comportamentos identificada no capítulo de MacNamara e Butler (2006) organizar as demais classes de comportamentos identificadas nos âmbitos de abrangência do sistema comportamental elaborado como resultado deste trabalho.

Retirando a classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” e as quatro classes gerais “*Caracterizar necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*” restam 191 classes identificadas distribuídas entre essas quatro classes gerais. A grande maioria dessas classes, o equivalente a 88% do total, são classes menos abrangentes das classes “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” e “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*”. O capítulo utilizado orientado para o exame da seleção de animais apropriados para intervenções em atividades ou terapias assistidas por animais ajuda a compreender essa proporção de classes identificadas com relação a duas das quatro classes gerais. Como a seleção do cão está mais ligada com o “projetar” e “executar” a intervenção, as classes obtidas no capítulo utilizado diziam respeito a essas duas classes gerais. Esse resultado vai ao encontro do próprio objetivo da seleção do capítulo que visava identificar os comportamentos do psicólogo com relação aos comportamentos do cão. As demais classes de comportamentos identificadas pertencentes às classes “*Caracterizar necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*” proporcionam alguma visibilidade com relação a o que um psicólogo precisa fazer nessas etapas, mas a orientação proporcionada é pouca. É útil examinar outras referências que ajudem a completar melhor essas classes.

A quantidade de 193 classes de comportamentos identificadas é considerável diante do tamanho do capítulo utilizado para obtê-las. Esse valor demonstra que o procedimento é útil para identificar classes de comportamentos, pois de um capítulo composto por pouco mais de 20 páginas foi possível obter 193 classes. Mas o trabalho precisa ser complementado, pois as classes identificadas são referentes a comportamentos de âmbitos de abrangências intermediários (44% estão alocadas no âmbito “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para fazer o que precisa ser feito” e 35% no âmbito “Classe de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”). Isso dificulta a organização das classes identificadas, pois não há as classes de maior abrangência para orientar essa organização. Essas classes de maior abrangência são lacunas que necessitam serem preenchidas em trabalhos subsequentes. É necessário identificar as classes mais abrangentes para ter maior clareza sobre a própria intervenção, pois essas classes de âmbitos mais abrangentes são norteadoras desse tipo de trabalho. Essas classes mais abrangentes possuem aplicabilidade mais generalizada às várias atuações possíveis no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. São

classes que podem ser consideradas “gerais” dentro daquilo que define esse tipo de intervenção. Classes de menor abrangência são detalhes que complementam essa orientação proporcionada por essas classes “gerais”. Há uma vasta literatura a respeito do subcampo de atuação profissional em Terapia Assistida por Animais, basta conferir as referências dos artigos e livros que examinam esse tipo de trabalho. No entanto em psicoterapia com apoio de cães, a intervenção mais própria de psicólogos, a produção não é na mesma proporção. De qualquer forma, o conhecimento já produzido tanto sobre terapia assistida por animais, como em psicoterapia com apoio de animais é capaz de proporcionar a identificação de mais classes de comportamentos, especialmente as mais gerais. Essas novas descobertas ajudarão a completar o “mapa” produzido nesse trabalho, que já é uma contribuição inicial para aumentar a visibilidade sobre um tipo específico de intervenção profissional sobre fenômenos ou processos psicológicos em contextos clínicos que aos poucos vem se tornando conhecido dos psicólogos.

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL
"CARACTERIZAR A NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO COM PSICOTERAPIA COM
APOIO DE CÃES"**

O que significa “*caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”? Qual a importância de caracterizar a necessidade de intervenção? Qual a sua implicação em um processo de intervenção direta no subcampo de atuação profissional em psicoterapia com apoio de cães? A classe de comportamento mais abrangente em exame “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” pode ser decomposta em seis classes menos abrangentes que constituem esse tipo de intervenção, da mesma forma que a intervenção profissional de psicólogos em contexto clínico, um âmbito de atuação do psicólogo mais abrangente que a psicoterapia com apoio de cães, que foi decomposto por Mattana (2004). A decomposição realizada por essa autora partiu da contribuição de Botomé , Kubo, Matanna, Kienen e Shimbo (2003) que identificaram essas seis classes de comportamentos profissionais referentes a qualquer intervenção direta relacionada a processos psicológicos. Dentre essas seis classes propostas por Botomé e col. (2003), “*Caracterizar necessidades em relação a alterações em processos comportamentais*” é a primeira classe de comportamentos a ser apresentada em uma intervenção direta (produção de alterações em processos comportamentais). Da mesma forma em uma intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a classe “*Caracterizar necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*” é a primeira classe geral a ser apresentada por um psicólogo.

A participação de um cão em uma intervenção psicoterapêutica é a característica principal de um tipo específico de atuação em contexto clínico. Utilizar um cão como apoio para terapia envolve muitos cuidados e responsabilidades. O trabalho com um cão não é o mesmo que o trabalho direto envolvendo o psicoterapeuta e o psicólogo; ele possui uma série de particularidades que precisam ser levadas em conta pelo profissional ao projetar e executar essa intervenção. Um trabalho que conta com a participação de um cão requer uma cuidadosa avaliação de todas as variáveis envolvidas. Caracterizar necessidades de intervenção significa produzir o conhecimento referente a essas variáveis com as quais o psicólogo terá que lidar de modo a tornar possível projetar uma intervenção que produza resultados significativos para quem necessita dela.

6.1 Características da classe geral "Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães"

A classe geral de comportamentos "*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*" apresenta um número menor de classes menos abrangentes que a constituem quando comparada com outras classes gerais como "*Projetar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" e "*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*", e se assemelha à classe geral "*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*". Das 191 classes identificadas que estão distribuídas entre as quatro classes gerais, 14 delas, o equivalente a 7% do total, são classes menos abrangentes componentes da classe geral de comportamentos "*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*".

Como é possível observar na Figura 6.1 que apresenta um extrato do mapa apresentado na Figura 5.1, e uma localização desse extrato com relação ao mapa geral das classes de comportamentos identificadas, a classe geral de comportamentos "*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*", destacada em cinza, está no âmbito de abrangência "Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito", sub-âmbito "Ocupação específica" (OE). Essa classe de comportamentos está logo à direita da classe mais geral "*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*" que é a classe de comportamentos investigada e que está alocada no sub-âmbito mais geral "Ocupação Geral" (OG). A Figura 6.1 apresenta uma concentração das classes identificadas nos sub-âmbitos "Tarefas componentes de uma operação" (TA) e "Comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo" (B).

Das 14 classes pertencentes à classe geral "*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*" é possível perceber na Figura 6.1 uma concentração nos sub-âmbitos "Tarefas componentes de uma ocupação" (TA) e "Comportamentos relacionados ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo" (B). Nesses dois sub-âmbitos estão alocadas oito (quatro em cada sub-âmbito) das 14 classes que estão distribuídas. As demais classes de comportamentos identificadas menos abrangentes que compõem a classe mais geral "*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*" estão alocadas nos sub-âmbitos "Operações envolvidas em uma tarefa" (OP -1 e 2), "Ações constituintes de uma operação" (AC1) e "Comportamentos relacionados imediatamente à maneira de fazer algo" (A - 1 e 2).

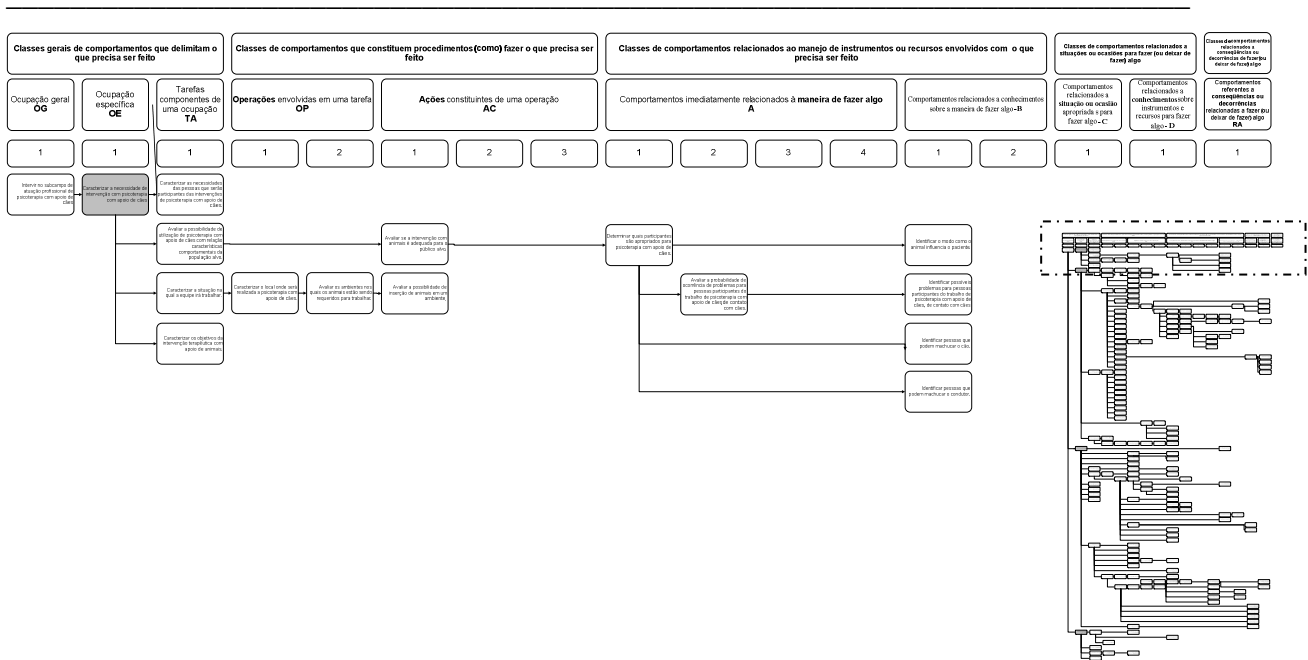


Figura 6.1⁴: Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral “*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” organizados em âmbitos de abrangência.

As quatro classes de comportamentos identificadas a partir da literatura pertencentes ao sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação” (TA) são “*Caracterizar as necessidades das pessoas que serão participantes das intervenções de psicoterapia com apoio de cães*”, “*Avaliar a possibilidade de utilização de psicoterapia com apoio de cães com relação às características da população alvo*”, “*Caracterizar a situação na qual a equipe irá trabalhar*”, “*Caracterizar os objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais*”. Dessas quatro classes pertencentes ao sub-âmbito TA, as classes “*Avaliar a possibilidade de utilização de psicoterapia com apoio de cães com relação às características comportamentais da população alvo*” e “*Caracterizar a situação na qual a equipe irá trabalhar*” possuem classes menos abrangentes identificadas.

A classe de comportamentos “*Avaliar a possibilidade de utilização de psicoterapia com apoio de cães com relação às características comportamentais da população alvo*” é composta pela classe “*Avaliar se a intervenção com animais é adequada para o público alvo*” organizada no sub-âmbito AC1, que é composta pela classe de comportamentos menos abrangente “*Determinar quais*

⁴ Para melhor visualização da Figura 6.1, assim como das figuras 7.1, 8.1 e 9.1 sugere-se consultar o Apêndice com o mapa completo apresentado em formato A0 do qual as partes apresentadas nas citadas figuras fazem parte.

participantes são apropriados para psicoterapia com apoio de cães". Por sua vez, essa classe, pertencente ao sub-âmbito AC1, é decomposta em mais 5 classes menos abrangentes, organizadas nos sub-âmbitos A2 e B1. A classe de comportamentos "*Caracterizar a situação na qual a equipe irá trabalhar*" é composta pelas classes "*Caracterizar o local onde será realizada a psicoterapia com apoio de cães*" e "*Avaliar os ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar*" que estão organizadas nos sub-âmbitos OP1 e OP2 respectivamente e pela classe "*Avaliar as possibilidades de inserção de animais em um ambiente*" alocada no sub-âmbito AC1.

Ao avaliar a Figura 6.1 é possível identificar que existem lacunas de classes de comportamentos que ainda precisam ser identificadas. O capítulo utilizado para identificar as classes de comportamentos, orientado para o exame do processo de selecionar animais para a terapia, é uma possível razão para a quantidade reduzida de classes identificadas e a presença de lacunas. A análise de outros capítulos da obra, ou até outras obras, é uma possibilidade de trabalho para a identificação de outras classes que venham a preencher essas lacunas.

6.2 "*Caracterizar a necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*": uma classe definidora das possibilidades de atuação no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães

A classe geral de comportamentos "*Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*" pode ser analisada por meio do exame do verbo e do complemento que a nomeiam. O verbo caracterizar indica que o psicólogo que se depara com uma situação que requer a sua intervenção profissional precisa produzir conhecimento sobre essa situação, um conhecimento que não é imediatamente dado a ele. Será necessário apresentar várias classes de comportamentos que estão contidas nessa classe geral e obter como produto esse novo conhecimento que possibilitará projetar a intervenção. Mas quais são esses conhecimentos que o psicólogo precisa produzir especificamente em intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães? Qual a importância deles para o processo? Quais as classes de comportamentos que compõem a classe geral "*Caracterizar a necessidade de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*"?

As classes de comportamentos identificadas na obra utilizada como fonte de informação fornecem algumas informações com relação a qual conhecimento o psicólogo precisa produzir antes

de projetar, executar e avaliar a sua intervenção. A primeira classe menos abrangente de comportamentos que compõe a classe geral “*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, aparece na Figura 6.1, logo após a classe geral em exame. É a classe “*Caracterizar as necessidades das pessoas que serão participantes das intervenções de psicoterapia com apoio de cães*”. Para poder intervir em psicoterapia com apoio de cães é necessário que o psicólogo produza conhecimento sobre qual a necessidade das pessoas que procuram uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães, ou das pessoas a quem é proposto esse tipo de intervenção, pois o conhecimento produzido nessa etapa é condição fundamental para a apresentação de classes de comportamentos subsequentes (projetar e executar a intervenção) de modo a produzir benefícios para o paciente.

Caracterizar as necessidades das pessoas não quer dizer realizar um psicodiagnóstico. Esse termo traz associada a idéia de que a pessoa que procura por psicoterapia, ou a qual é proposta esse tipo de intervenção, está “doente”. Uma das decorrências de intervir a partir de tal pressuposto é delimitação da atuação do profissional a apenas “curar”, “atenuar”, “reabilitar” condições comportamentais. Mattana (2004) em sua dissertação de mestrado propõe a classe de comportamentos “*Caracterizar contingências de reforçamento atuais em relação a um comportamento de interesse*”. Isso significa que o foco da intervenção está sobre o comportamento do paciente e não sobre uma “doença” ou alguma entidade formada por uma estrutura subjacente que está na “mente”. Uma das mudanças decorrentes de “caracterizar contingências” ao invés de “realizar um diagnóstico” é a possibilidade de atuar em outros âmbitos de atuação que extrapolem as ações de “atenuar sofrimento”, “compensar perdas”, “reabilitar condutas” e “recuperar danos comportamentais”. Uma intervenção fundamentada nas contribuições da análise do comportamento implica em lidar com as relações entre as ações apresentadas pelo paciente e o ambiente no qual ele apresenta essas ações. Caracterizar essas relações de forma a projetar ações que interfiram sobre essas variáveis é parte fundamental do trabalho do psicólogo que atua sobre fenômenos psicológicos em psicoterapia com apoio de cães.

Além de orientar o projeto e a execução da intervenção, caracterizar o paciente e as suas necessidades permite, anteriormente à realização dessas etapas, outra definição que terá impacto sobre suas possibilidades de realização. Caracterizar as necessidades de intervenção requer avaliar a possibilidade de intervir psicoterapeuticamente por meio de cães. Apesar dos reconhecidos benefícios para pessoas da interação com animais (Serpell, 1990; Baker & Dawson, 1998; Barak & Mavashev, 2001; MachNicholas e Collis, 2006.; McNicholas, Gilbery, Rennie, Ahmedzai, Dono &

Ormerod, 2005; Hart, 2006; Friedman & Tsai, 2006; Sobo, Eng & Krich, 2006), a psicoterapia com apoio de cães não é uma panacéia. Nem todas as necessidades podem, ou são melhor atendidas por meio desse tipo de intervenção. Um exemplo caricato, mas que pode ilustrar isso é o caso de pessoas que apresentam fobia de cães. Nesse caso, fazer a pessoa entrar imediatamente em contato com um cão seria provocar uma situação de muito sofrimento para o paciente. Em compensação, com relação a um outro tipo de fobia, como por exemplo, fobia de falar em público, a companhia e a atenção de um cão podem ser condições que minimizem a ansiedade de pessoas diante de condições que, outrora, seriam impossíveis de lidar. Fine (2006) propõe uma questão a ser considerada antes de iniciar uma intervenção em terapia assistida por animais: Que benefícios pode uma intervenção assistida por animais prover para o cliente? Se esses benefícios não forem suficientes ou não forem ao encontro das necessidades do paciente, é necessário avaliar outras possibilidades de intervenção para produzir os resultados desejados.

Não só as necessidades do paciente delimitam a utilização da psicoterapia com apoio de cães como possibilidade de intervenção: as características do paciente também são aspectos a serem levadas em consideração para determinar a viabilidade de uma psicoterapia apoiada por um cão. Pessoas que apresentam problemas alérgicos não são bons candidatos a uma intervenção que implica na participação de cães. A alergia a cães e gatos abarca aproximadamente 15% da população geral (Morales, 2005). Pacientes asmáticos, com alergia identificada a cães ou com patologias respiratórias com componentes obstrutivos, devem ser excluídos. Pessoas imunocomprometidas também não devem participar de intervenções com cães devido ao maior risco de infecções. Pessoas que apresentam comportamentos imprevisíveis que podem ferir o cão ou o psicólogo também devem ser evitadas como participantes deste tipo de intervenção. A psicoterapia com apoio de cães também não é apropriada para pessoas que apresentam comportamentos imprevisíveis que podem machucar o cão e provocar reações indesejadas do animal, ou até pessoas que também podem machucar o psicólogo. Nem todas as pessoas gostam de cães. Aqueles que têm medo ou simplesmente não gostam de cães, por qualquer razão que seja, não devem participar desse tipo de trabalho. A preocupação com o bem estar do paciente deve ser prioridade para o profissional que avalia a possibilidade de introduzir um cão como parte de sua intervenção.

No caso de pessoas que não apresentam fobia de cães e nem condições de saúde que impliquem em restrições de contato com esses animais é possível avaliar o seu interesse com relação aos cães. Isso permite identificar de que forma o animal poderá ser utilizado na intervenção

como recurso psicoterapêutico. Quanto mais uma pessoa gostar de cães, ou em outras palavras, quanto maior for o valor reforçador do animal, maior serão as possibilidades de aproveitamento do cão para produzir os resultados desejados. Há modelos de protocolos de avaliação utilizados para identificar o valor reforçador de cães para pessoas, inclusive para aquelas que apresentam limitações para expressar-se verbalmente (Burch, 2003; Anderson, 2006).

Apenas avaliar a possibilidade de utilização de cães com relação às necessidades de intervenção não é suficiente para determinar a possibilidade ou não dessa intervenção. Caracterizar as pessoas que participarão da intervenção é tão importante quanto caracterizar as suas necessidades. As características de uma criança com depressão são completamente diferentes de uma criança com transtorno de déficit de atenção⁵. O mesmo ocorre com uma paciente com síndrome de down e um paciente que apresente paralisia cerebral. Em cada caso a intervenção precisa levar em consideração esses aspectos para que produza os resultados desejados. Do contrário, a psicoterapia com apoio de cães corre o risco de ser reduzida a uma mera técnica a ser aplicada repetitivamente da mesma forma com decorrências insignificantes ou até prejudiciais para as pessoas que participam dela. Outro exemplo que ajuda a ilustrar a relevância de caracterizar o público alvo da intervenção é o caso de pessoas que apresentam comportamentos violentos com alta frequência. Nesses casos, por mais que a condição chamada ansiedade na qual essas pessoas se encontram possa ser alterada por procedimentos que têm o cão como um participante atuante, a probabilidade de ocorrência de acidentes é alta e inviabiliza o trabalho. Há cuidados e procedimentos específicos de acordo com as características de cada um. Isso, caso seja determinado que é possível e útil um processo psicoterapêutico com apoio de cães. Pessoas que apresentam fortes alergias a pêlo de animais, ou que se encontram em estado imunológico debilitado são pessoas na qual há sérias restrições e contra-indicações a esse tipo de trabalho. As características das pessoas alvo da intervenção também serão definidoras da forma como ocorrerá a relação com o cão. A maneira como o cão influencia a pessoa é um aspecto nuclear para projetar toda a intervenção, determinando como será a participação do cão no processo. Portanto, “*avaliar a maneira como o cão influencia o paciente*” é outra importante classe de comportamentos que deverá ser apresentada pelo psicólogo ao caracterizar as necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães.

⁵ Nesse momento não é pertinente discutir sobre a nomenclatura utilizada para nomear características de um possível paciente de uma psicoterapia com apoio de cães. Os termos depressão e transtorno de déficit de atenção neste caso são apenas utilizados como referências a um conjunto de características a serem identificadas pelo leitor como um exemplo de uma condição consideravelmente diferente da outra.

Outra razão pela qual uma das primeiras coisas a serem feitas em uma intervenção de psicoterapia com apoio de cães é caracterizar a necessidade das pessoas que serão alvo dessa intervenção é o fato de que essas necessidades devem ser as classes de estímulos sob as quais as respostas do psicólogo deverão estar sob controle. É recorrente que pessoas se interessem por intervenção em psicoterapia com apoio de cães pelo fato de adorarem seus mascotes e desejarem que os outros o façam também. Ou então por acreditarem que o prazer que sentem pela companhia de seus animais também será sentido por outras pessoas. Nesses casos a intervenção, se é que é possível chamar dessa forma o que acontece nessas situações, corre o risco de ter o seu foco totalmente invertido. O cão torna-se o centro das atenções, o “herói da história”, sobre o qual toda a ação será orientada. O cão é um participante fundamental do processo, do contrário a intervenção não levaria o nome de psicoterapia com apoio de cães, no entanto é preciso ter claro que sua participação no processo é orientada por um aspecto mais relevante e determinante da intervenção – a necessidade do paciente.

“Caracterizar as necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães” significa apresentar uma classe de comportamentos de caráter ético e social. Atuar levando em consideração a avaliação de haver necessidade ou não de intervenção revela a preocupação do profissional com as pessoas que podem, ou não, se beneficiar de sua atuação profissional. Intervir no subcampo de atuação profissional é mais que simplesmente inserir um cão no meio do que se está fazendo. Introduzir um animal e utilizá-lo como recurso para uma psicoterapia somente é pertinente quando a sua participação tem função e valor dentro de um trabalho. Do contrário não passa de mero modismo e atuação voltada para as próprias necessidades de quem intervém, com sérios riscos de impedir que outros procedimentos mais eficientes sejam adotados ou ainda, produzindo prejuízos a quem estiver envolvido (seja o paciente ou o próprio cão).

Da mesma forma que caracterizar as necessidades do público alvo com relação à intervenção em psicoterapia com apoio de cães e suas características gerais é fundamental para avaliar a possibilidade de intervenção, a caracterização da situação e, em última análise, do ambiente no qual será realizada essa intervenção também são. Nem todos os locais aceitam, ou têm condições para aceitar a presença de cães. O contrário também é verdadeiro, nem todos os locais são apropriados para recebê-los. As características desses ambientes além de determinarem a viabilidade do trabalho, terão outras decorrências sobre outras classes de comportamentos constituintes da classe geral *“Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães”* a serem apresentadas no futuro pelo psicólogo. O ambiente no qual a equipe irá atuar, bem como os tipos de pessoas envolvidas,

sejam aquelas que constituem o público alvo, ou aquelas que de alguma forma estão relacionadas à intervenção, seja por serem profissionais que trabalham em parceria como fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, ou qualquer outra profissão, seja por serem profissionais que são responsáveis pelas pessoas e locais no qual a intervenção irá ocorrer, serão determinantes para projetar a intervenção.

Além das características do participante da psicoterapia com apoio de cães, das características das suas necessidades, do ambiente físico e social no qual será realizada a intervenção, há mais aspectos constituintes da etapa de caracterizar as necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães. A caracterização dos objetivos da intervenção é mais um deles. A classe de comportamentos “*Caracterizar os objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais*” é parte das classes mais abrangente “*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”. Isso porque a atuação do psicólogo se dá sobre o fenômeno psicológico - o comportamento. Sendo assim, a necessidade caracterizada implica, de qualquer forma, em processos comportamentais que precisam ser alterados, seja porque são danosos para uma determinada pessoa que os apresenta, ou para aquelas que com ela convivem; porque são passíveis de manutenção, ou por poderem ser aperfeiçoados de modo a promover bem-estar. Independentemente do âmbito da intervenção, uma certa definição a respeito dos objetivos do trabalho começa a surgir já na caracterização das necessidades de intervenção. Identificar que novas relações com o seu ambiente precisam ser ensinadas a uma pessoa já é uma classe menos abrangente que ocorre na etapa de caracterização das necessidades de intervenção e se estende até a etapa de projetar a intervenção, onde esses objetivos são melhor detalhados e especificados.

Com base nas contribuições da análise do comportamento, os objetivos de uma psicoterapia com apoio de cães podem ser descritos na forma de objetivos de ensino. Isso implica em reconhecer um caráter educacional de uma psicoterapia, ou seja, o psicoterapeuta como alguém responsável por ensinar novas classes de comportamentos ao paciente ou ajudá-lo a manter aquelas que já são bem adaptadas. Ensinar significa apresentar classes de comportamentos que tenham como decorrência a aprendizagem de um aluno (Botomé e Kubo, 2001), no caso específico de uma psicoterapia, o paciente. Ao trabalhar com objetivos de ensino um psicólogo estará trabalhando com aquilo que ele pretende obter como resultado da sua intervenção sobre o seu paciente – “comportamentos-objetivo”. Ensinar “comportamentos-objetivo” significa tornar o aprendiz (paciente) capaz de fazer algo que antes não era capaz de fazer. De acordo com Botomé (1980), a descrição de um

“comportamento-objetivo” deve conter: a) as características das classes de respostas de um organismo (paciente), responsáveis pela obtenção de determinado efeito ou produto de interesse no ambiente no qual a pessoa vive ou irá viver (fora da situação psicoterapêutica); b) características das classes de estímulos antecedentes existentes nas situações onde a classe de respostas deve ocorrer e que estejam relacionadas com essa classe de respostas e c) as características das classes de estímulos conseqüentes que especificam os efeitos ou os produtos (mudança no ambiente) resultantes da classe de respostas, diante da situação caracterizada pelas classes de estímulos antecedentes descritas. A descrição dos objetivos de uma psicoterapia com apoio de cães em termos de comportamentos objetivos permite uma visibilidade maior sobre quais os resultados a serem obtidos e, por conseqüência, permite projetar uma intervenção efetiva sobre as necessidades caracterizadas.

As classes de comportamentos identificadas que compõem a classe geral “*Caracterizar a necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*” ainda são poucas para compreender com clareza o que um psicólogo precisa fazer para produzir o conhecimento necessário para projetar uma intervenção segura, eficiente e eficaz. A classe “*Caracterizar as necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*” envolve mais classes do que foi possível identificar no exame de um capítulo de uma obra referente à atividade e terapia assistida por animais. A relevância dessa classe geral de comportamentos torna-se clara ao avaliar quais os produtos obtidos ao apresentá-la. Essa relevância também pôde ser avaliada e explicitada por meio do exame das implicações de cada classe menos abrangente para a produção do conhecimento necessário para orientar o projeto de uma intervenção. Sem caracterizar quais as necessidades das pessoas e avaliar se a psicoterapia com apoio de cães é uma intervenção apropriada, não há como pensar em realizar qualquer espécie de trabalho sobre fenômenos ou processos psicológicos no contexto clínico utilizando cães. Da mesma forma, caracterizar o local onde será realizado o trabalho também é determinante de importantes decisões que precisarão ser tomadas como condição para a realização do trabalho. A avaliação da importância dos produtos de cada classe de comportamentos demonstra a relevância de cada uma delas como classes a serem apresentadas por um profissional que atuará sobre o comportamento de pessoas com o apoio de cães. No entanto, a quantidade reduzida de classes identificadas indica a necessidade de mais estudos para identificar outras classes que ajudem a orientar a atuação e a formação do psicólogo para atuar nesse subcampo de atuação profissional.

6.3 "*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" é uma classe de comportamentos envolvida na produção de conhecimento sobre aquilo que um psicólogo lida ao realizar esse tipo de trabalho

Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães implica em modificar classes de comportamentos de pessoas por meio de procedimentos que envolvem cães como parte das contingências que auxiliarão na mudança dessas classes de comportamentos. Mas para que isso seja feito de maneira responsável, ética e comprometida com os envolvidos e com os resultados obtidos, é necessário que sejam criadas condições básicas para isso. Qualquer trabalho direto sobre fenômenos ou processos psicológicos tem início com a caracterização das necessidades desse tipo de trabalho, conforme as descobertas de Botomé e col. (2003) permitiram identificar. O exame mais detalhado sobre a intervenção direta sobre fenômenos ou processos psicológicos no contexto clínico foi realizado por Mattana (2004). Os conhecimentos produzidos por esses autores criaram condições para identificar que qualquer intervenção em contexto clínico com apoio de cães requer uma caracterização das necessidades desse tipo de intervenção como a primeira classe geral de comportamentos profissionais a ser apresentada por um psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. A classe de comportamentos "*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" quer dizer que é preciso produzir conhecimento que torne possível a realização de outras classes de comportamentos relacionadas à intervenção nesse subcampo de atuação profissional.

As classes gerais de comportamentos identificadas que seguem a classe geral "*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*", chamadas "*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*", "*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*" e "*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*", estão organizadas em cadeia, de forma que cada uma é condição para a ocorrência da classe seguinte. Apesar da classe "*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" ter tido uma quantidade pequena de comportamentos menos abrangentes identificadas (7% das classes menos abrangentes identificadas) quando comparada com as classes "*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*", "*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*", que correspondem a mais da metade das classes menos abrangentes identificadas, a classe "*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" e as suas respectivas classes de comportamentos menos abrangentes possibilitam identificar

aspectos importantes com os quais o psicólogo precisa lidar ao realizar uma psicoterapia com apoio de cães e o que ele precisa fazer com aquilo que ele lida.

“*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” é uma classe geral de comportamentos que implica na produção de conhecimentos sobre com que um psicólogo irá lidar. No caso da psicoterapia com apoio de cães, esse conhecimento é direcionado às variáveis que compõem esse tipo de intervenção. Um psicólogo antes de projetar sua intervenção, precisará ter claro com que pessoas estará lidando, que características elas têm, o que elas necessitam, de que forma elas podem se beneficiar de uma psicoterapia que conta com o apoio de cães, em que local essas pessoas se encontram, o que se pretende obter como resultado do trabalho etc. Esses são alguns exemplos de variáveis com as quais um profissional irá lidar em um trabalho de psicoterapia com apoio de cães. Esses aspectos levantados produzirão avaliações que culminarão em decisões importantes que têm como função principal o aumento da probabilidade de obter os resultados desejados. Todas as variáveis envolvidas implicarão em classes de comportamentos relacionadas a elas que serão condições precedentes para outras classes de comportamentos componentes de classes mais abrangentes identificadas (“*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”).

Além dos aspectos envolvidos com o ambiente no qual a psicoterapia irá ocorrer, das características do público alvo, das suas necessidades, dos objetivos gerais da intervenção, outros aspectos e, principalmente, outras classes de comportamentos, podem ainda ser identificadas por meio do exame de outras fontes de informação ou do próprio exame e decomposição das classes já identificadas. As classes identificadas a partir do capítulo utilizado como fonte de informação permitiram um aumento da perceptibilidade a respeito de parte do conhecimento que precisa ser produzido previamente à projeção, execução e avaliação de uma intervenção, mas ainda há lacunas nesse conhecimento que precisam ser preenchidas. Como decorrência dessas novas classes identificadas, outras classes de comportamentos, pertencentes às classes abrangentes “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*” também poderão ser descobertas. O aumento da perceptibilidade sobre quais as características das necessidades de intervenção possibilitará a projeção de intervenções mais eficientes e eficazes, executadas com maior precisão e controle das variáveis envolvidas, além do aumento da clareza sobre quais aspectos precisam ser avaliados para a verificação dos resultados da intervenção.

Caracterizar necessidades de intervenção é uma etapa fundamental para que a psicoterapia com apoio de cães não acabe se tornando uma atividade com o fim em si mesma, uma mera atividade lúdica com uma pequena possibilidade de algum benefício psicológico para quem participa dela, ou até um malefício para as pessoas envolvidas. Ao tentar introduzir um trabalho de atividade assistida por cães em algumas escolas dos Estados Unidos, Burch (2003) relata que recebeu o veto dos responsáveis pelas instituições em virtude de acidentes ocasionados anteriormente por pessoas que tentaram esse tipo de trabalho. Caracterizar as necessidades de intervenção envolve, como uma classe de comportamentos menos abrangente, avaliar as variáveis envolvidas na situação em que irá ser realizada a intervenção e quais as decorrências da interação entre essas variáveis. Relatos de intervenções realizados sem muita preocupação com a caracterização de necessidades, simplesmente orientada pela intenção de uma pessoa em levar o seu animal para fazer “bem” a outra pessoa, ainda podem ser encontradas com facilidade nas descrições de trabalhos de pessoas que afirmam fazer psicoterapia, mesmo passados mais de 40 anos que esse tipo de trabalho tem sido realizado. “*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” não é apenas uma classe de comportamentos geral que cria condições para a apresentação de outras classes, é acima de tudo uma classe de comportamentos ética, envolvida com o controle das variáveis que compõem a intervenção e que serão determinantes do seu sucesso ou fracasso, uma vez que a preocupação com o benefício e bem-estar dos envolvidos é parte integrante de todo o processo de intervenção.

CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL "PROJETAR INTERVENÇÃO DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES"

A partir da caracterização das necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães, o psicólogo tem como produto um conhecimento sobre “o quê” ele estará atuando.

Após essa etapa concluída, qual é a etapa seguinte? Que classes de comportamentos um psicólogo precisa apresentar após ter caracterizado as necessidades da sua intervenção? Uma psicoterapia com apoio de cães é um tipo de intervenção com muitas variáveis envolvidas sobre as quais um psicólogo precisará tomar várias decisões com relação a como ele irá executar a sua intervenção. Essa etapa de organização das condições para a execução do seu trabalho de forma que aumente a probabilidade de sucesso da sua intervenção é constituída pela classe geral “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”.

Examinar a projeção de uma intervenção requer a avaliação de questões importantes para orientar um trabalho que envolva essa classe de comportamentos. Mas seria “projetar uma intervenção” o mesmo que “planejar uma intervenção”? Se não são a mesma coisa, qual a diferença? Quais as decorrências de projetar uma intervenção? Que classes de comportamentos menos abrangentes compõem essa classe geral de comportamentos? As classes de comportamentos identificadas a partir da literatura permitem examinar essas questões e proporcionam um aumento da perceptibilidade a respeito do que consiste projetar intervenções de psicoterapia com apoio de cães e de lacunas que ainda precisam ser preenchidas para tornar ainda mais claro aquilo que foi descoberto.

7.1 Características da classe geral "*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*"

Diferentemente da classe geral de comportamentos “*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, que abarca uma pequena parcela (7%) das classes de comportamentos identificadas distribuídas nas classes gerais, a classe “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” possui 48% das classes de comportamentos identificadas distribuídas nas classes gerais em seus âmbitos menos abrangentes. No total, das 191 classes menos abrangentes de comportamentos que compõem uma das quatro classes gerais (“*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar intervenção de*

psicoterapia com apoio de cães”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*”), 92 constituem classes em âmbitos menos abrangentes da classe geral de comportamentos “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”.

A Figura 7.1 apresenta o fragmento do mapa geral de classes de comportamentos componentes da classe mais geral de comportamentos “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” apresentado previamente na Figura 5.1. Esse fragmento corresponde à classe geral de comportamentos chamada “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” e as demais classes menos abrangentes de comportamentos identificadas que a compõem. Ainda na Figura 7.1, no canto inferior direito, há uma representação de todas as classes de comportamentos identificadas, com um recorte tracejado do fragmento que corresponde ao conjunto de classes abrangido pela classe geral “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”.

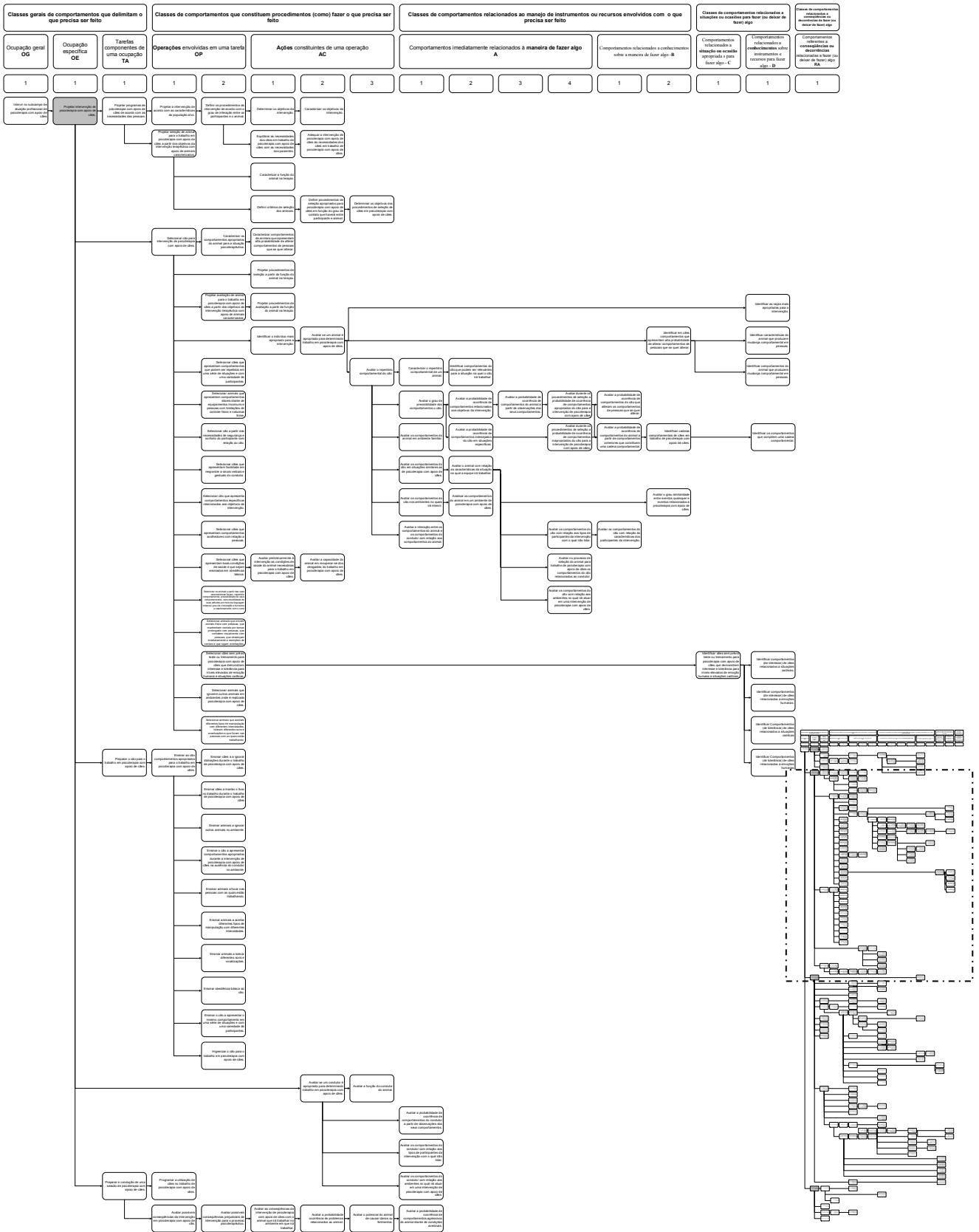


Figura 7.1: Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral “Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães” organizados em âmbitos de abrangência.

Por meio da Figura 7.1 é possível perceber que, das 92 classes menos abrangentes de comportamentos que compõem a classe geral “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, três estão alocadas no âmbito “Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito”, sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação - TA”. Essas três classes estão alocadas imediatamente após a classe geral em exame, que se encontra no sub-âmbito “Ocupação específica - OE”. No âmbito seguinte, intitulado “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” foram organizadas 53 classes menos abrangentes de comportamentos, sendo 32 classes no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP” e 21 classes no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação - AC”. Outras 27 classes menos abrangentes de comportamentos foram alocadas no âmbito “Classes de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”, com 21 classes organizadas no sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo - A” e seis classes no sub-âmbito “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre a maneira de fazer algo - B”. As nove classes restantes estão alocadas no âmbito “Classes de comportamentos relacionados a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo”. Dessas nove classes, uma está organizada no sub-âmbito “Comportamentos relacionados à situação ou ocasião apropriadas para fazer algo - C” e oito classes estão no sub-âmbito “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre instrumentos e recursos para fazer algo - B”. Nenhuma classe foi alocada no âmbito “Classes de comportamentos relacionados a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo - RA”.

Assim como a classe geral de comportamentos “*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, a classe “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” apresenta uma distribuição não proporcional das classes menos abrangentes de comportamentos que constituem a classe geral em exame. A maior parte das classes menos abrangentes de comportamentos identificados estão concentradas nos âmbitos “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” e “Classes de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”. As classes menos abrangentes alocadas nesses dois âmbitos correspondem a 87% do total de classes menos abrangentes da classe geral “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”. O âmbito “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” representa 58% do total de classes menos abrangentes que compõem a classe geral “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e o âmbito “Classes de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o

que precisa ser feito” representa 29%. No âmbito “Classes de comportamentos relacionados a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo” as classes alocadas representam 10% da quantidade total de classes menos abrangentes e no âmbito mais abrangente “Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito” as classes alocadas representam 3% do total. Como pôde ser visto na Figura 7.1 não há classes de comportamentos alocadas no âmbito “Classes de comportamentos relacionados a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo”.

7.2 Distribuição não proporcional das classes menos abrangentes de comportamentos identificadas componentes da classe geral “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”

Em mais uma classe geral de comportamentos das quatro classes (“*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”) que compõem a classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” ocorreu uma distribuição não proporcional das classes menos abrangentes de comportamentos identificadas componentes de uma classe geral. A classe geral “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” possui as classes menos abrangentes centralizadas nos âmbitos “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” e “Classes de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito”. A quantidade de classes identificadas organizadas no âmbito “Classes de comportamentos relacionados a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo” são menores do que as dos demais âmbitos e não há nenhuma classe alocada no âmbito “Classes de comportamentos relacionados a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo”.

Diferentemente da classe geral de comportamentos “*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, na classe “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” aparecem algumas classes de comportamentos relacionadas aos conhecimentos necessários sobre a maneira de fazer algo e sobre instrumentos e recursos utilizados para fazer algo. Essa diferença pode ter ocorrido devido ao tipo de capítulo utilizado para a coleta de dados. Como

esse capítulo refere-se à seleção de cães para as intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, uma classe de comportamentos que compõe a classe mais geral "*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*", a probabilidade de identificar mais classes de comportamentos dessa classe geral é maior do que das outras três. Por consequência, também é maior a probabilidade de identificar classes que sejam alocadas em sub-âmbitos que não tenham sido ocupados em outras classes gerais. Mesmo assim, a quantidade de classes nesses âmbitos ainda é menor (cerca de 15% do total de classes componentes da classe geral "*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*") do que as classes de comportamentos referentes a procedimentos de como fazer e a instrumentos a serem utilizados na intervenção

Não há nenhuma classe no último âmbito de abrangência, o que ajuda a demonstrar que não é freqüente na literatura avaliações a respeito de intervenções em psicoterapia com apoio de cães. Avaliar as consequências e decorrências de fazer ou deixar de fazer algo significa um exame detalhado daquilo que se fez, se faz e que poderá ser feito como atuação nesse subcampo de atuação profissional. Isso também permite supor que não são muito comuns os estudos sobre o ensino de intervenções nesse tipo de subcampo de atuação profissional, pois não há discriminações iniciais a respeito das decorrências de fazer ou deixar de fazer algo que auxiliam os primeiros passos da aprendizagem de um repertório profissional de um aprendiz. Obras como Fine (2006), que constitui um manual sobre psicoterapia com apoio de cães, não apresentam orientações sobre a preparação de profissionais para esse tipo de intervenção. Burch (2003) relata que a preparação de cães e condutores para intervenções seguem padrões específicos de cada entidade organizada que atua nesse subcampo. No entanto tais padrões, como por exemplo, Delta Society (1996) são orientações sobre procedimentos que são aplicáveis a qualquer ação que se classifique como atividade ou terapia assistida por animais, desde um programa de visitação até trabalhos de fisioterapia, fonoaudiologia e psicoterapia com apoio de animais. É possível identificar a necessidade de produzir conhecimento sobre a avaliação das decorrências de agir ou deixar de agir de determinada maneira nas intervenções que vêm sendo realizadas em psicoterapia com apoio de cães e sobre o ensino de profissionais para intervir nesse subcampo de atuação profissional. Tais exames constituirão fontes para identificação das classes de comportamentos componentes de âmbitos menos abrangentes e possibilitarão compor repertórios profissionais mais complexos e bem estabelecidos

Não são apenas as restrições do capítulo utilizado, nem as limitações das pesquisas realizadas sobre psicoterapia com apoio de cães que podem explicar a distribuição não proporcional

das classes de comportamentos identificadas. O capítulo referente à seleção de cães possivelmente restringe a quantidade de referências a classes de comportamentos que não sejam sobre a maneira de fazer algo, mas outro fator que pode explicar a distribuição ocorrida é a limitação das referências existentes sobre a intervenção no subcampo de psicoterapia com apoio de cães que ainda não produziram conhecimento a respeito de determinadas classes de comportamentos que constituem intervenções e que dizem respeito a âmbitos menos abrangentes de um sistema comportamental. Tais limitações de classes identificadas também podem resultar do método utilizado para identificar as classes de comportamentos. O método utilizado possibilitou identificar certa quantidade de classes de comportamentos, no entanto novos aperfeiçoamentos talvez possibilitem identificar mais classes. Além disso, os próprios comportamentos do pesquisador para produzir este trabalho também constituem uma variável a ser considerada para avaliar as limitações para a identificação de classes de comportamentos de outros âmbitos.

A distribuição não proporcional não ocorreu somente quando analisadas as classes identificadas nos âmbitos de abrangência. Com relação às classes de comportamentos constituintes da classe geral "*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*" é possível identificar cinco conjuntos de classes de comportamentos menos abrangentes formadas por outras classes de comportamentos menos abrangentes ainda. Das 92 classes de comportamentos que compõem a classe geral "*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*", 54 estão concentradas em um desses conjuntos e as restantes estão mais proporcionalmente distribuídas nos demais.

O primeiro conjunto identificado é formado pela classe de comportamentos "*Projetar programas de psicoterapia com apoio de cães de acordo com as necessidades das pessoas*" que está alocada no sub-âmbito "Tarefas componentes de uma ocupação - TA". Essa classe é composta por outras duas classes alocadas no sub-âmbito "Operações envolvidas em uma tarefa - OP1" chamadas "*Projetar a intervenção de acordo com as características da população alvo*" e "*Projetar a seleção de animal para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados*". A primeira classe é composta por mais uma classe no sub-âmbito "Operações envolvidas em uma tarefa - OP2" e outras quatro no sub-âmbito "Ações constituintes de uma operação - AC", a segunda é composta por quatro classes no sub-âmbito "Ações constituintes de uma operação - AC". O primeiro conjunto formado pela classe de comportamentos "*Projetar programas de psicoterapia com apoio de cães de acordo com as necessidades das pessoas*" e suas classes menos abrangentes podem ser visualizadas na Figura 7.2.

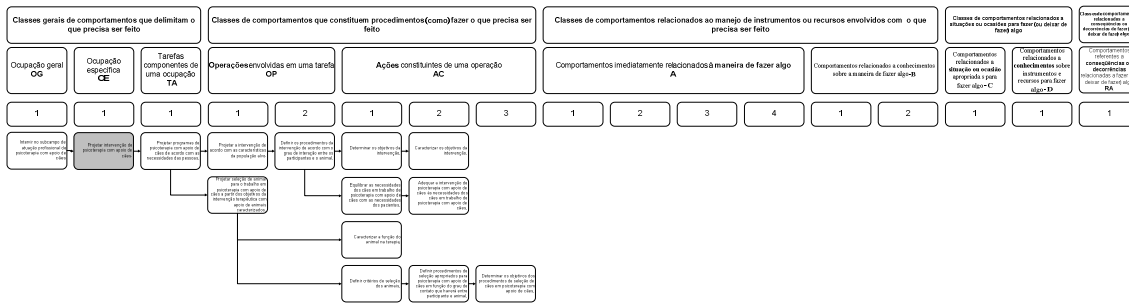


Figura 7.2: Primeiro conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral "Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães" organizadas em âmbitos de abrangência.

As classes de comportamentos abrangidas por “Projetar a intervenção de acordo com as características da população alvo”, pertencente ao sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP2”, referem-se a quatro variáveis: procedimentos a serem utilizados na intervenção, objetivos da intervenção, necessidades dos cães, necessidades dos pacientes. As classes abrangidas por “Projetar a seleção de animal para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados” referem-se a quatro variáveis: função do animal na terapia; critérios de seleção do animal; procedimentos de seleção; e grau de contato entre participantes da psicoterapia e cães.

O segundo conjunto identificado é formado pela classe de comportamentos “Selecionar cão para intervenção em psicoterapia com apoio de cães” que está alocada no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP1” e possui 54 classes de comportamentos menos abrangentes. Desse total 14 classes estão organizadas no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP2”. Além dessas 14 classes alocadas no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP2”, a classe de comportamentos “Selecionar cão para intervenção em psicoterapia com apoio de cães” é composta por mais duas classes menos abrangentes alocadas no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação - AC1”. Uma dessas classes, chamada “Projetar procedimentos de seleção a partir da função do animal na terapia”, não possui nenhuma classe menos abrangente identificada. A outra classe, chamada “Identificar o indivíduo mais apropriado para a intervenção” é composta por 27 classes menos abrangentes distribuídas em todos os demais sub-âmbitos, com exceção do sub-âmbito “Classes de comportamentos relacionados a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo - RA” que não possui nenhum comportamento alocado nesse conjunto, nem em qualquer outro conjunto de todos os comportamentos que foram identificados neste trabalho. Na

Figura 7.3 é possível verificar o conjunto formado pela classe de comportamentos “*Selecionar cão para intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e as demais classes menos abrangentes que a compõem.

As classes de comportamentos abrangidas por “*Selecionar cão para intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” que está alocada nos sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP1” referem-se às seguintes variáveis: comportamentos apropriados do cão; comportamentos do cão que apresentam alta probabilidade de alterar comportamentos de pessoas que se quer alterar; comportamentos do cão que orientam a sua seleção; procedimentos de avaliação, objetivos da intervenção, indivíduo apropriado para a intervenção; repertório comportamental do cão; situação na qual o cão irá trabalhar; características dos participantes da intervenção; situações nas quais avaliar o cão. Muitas dessas variáveis são referentes a classes de comportamentos do subconjunto formado pela classe “*Avaliar o repertório comportamental do cão*” do sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação - AC3” e as 23 classes de comportamentos menos abrangentes que a compõem.

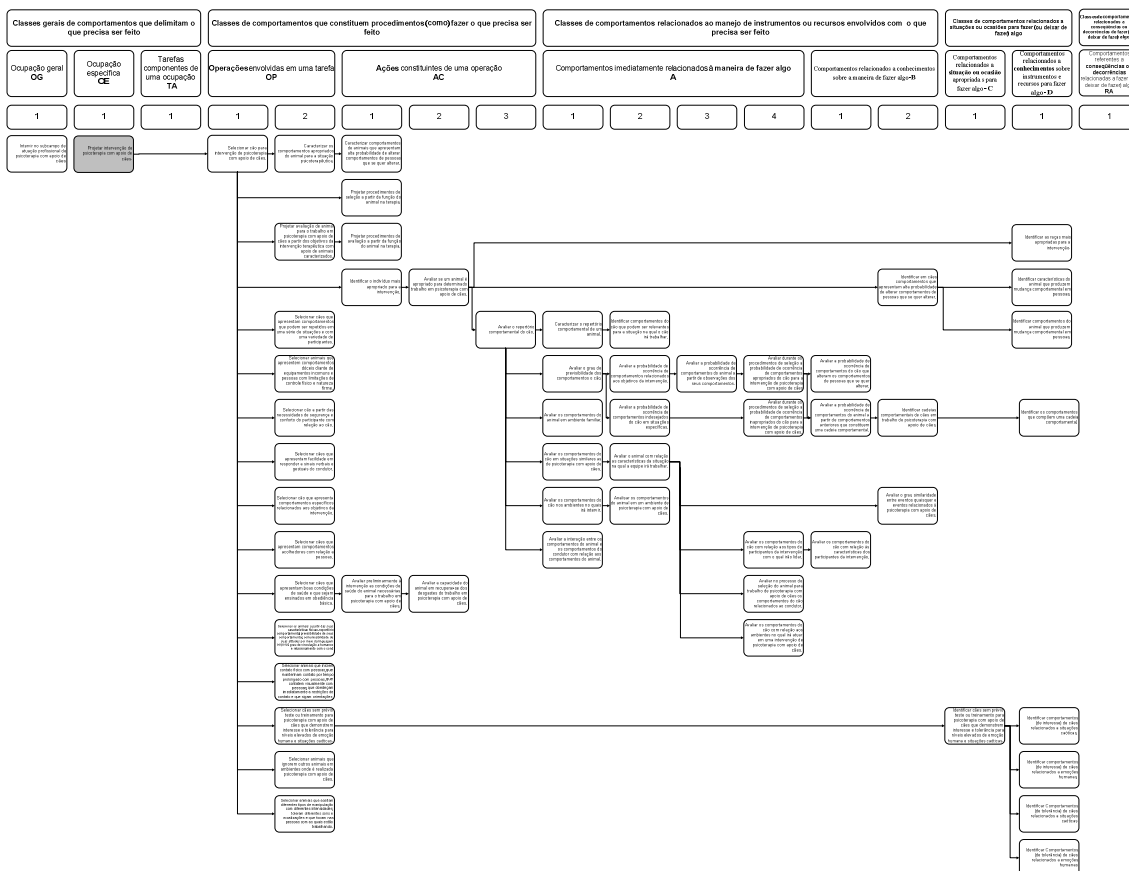


Figura 7.3: Segundo conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral "Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães" organizadas em âmbitos de abrangência.

O terceiro conjunto de classes de comportamentos identificadas é formado pela classe “Preparar o cão para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães” que está alocada no sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação - TA” e possui 11 classes de comportamentos menos abrangentes. Todas essas classes menos abrangentes estão organizadas nos sub-âmbitos “Operações envolvidas em uma tarefa - OP1 e OP2” como é possível constatar na Figura 7.4. Há uma classe de comportamentos no âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP1” chamada “Ensinar ao cão comportamentos apropriados para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães”, essa classe de comportamentos é composta por outras 10 classes que estão alocadas no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP2”.

Nesse terceiro conjunto as classes de comportamentos abrangidas pela classe “Preparar o cão para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães” do sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação - TA” referem-se basicamente a variável “comportamentos a serem ensinados ao cão que irá atuar na psicoterapia”. Há apenas uma classe de comportamentos que não é relacionada a essa variável, que é a que se refere à higienização do animal para atuar na psicoterapia.

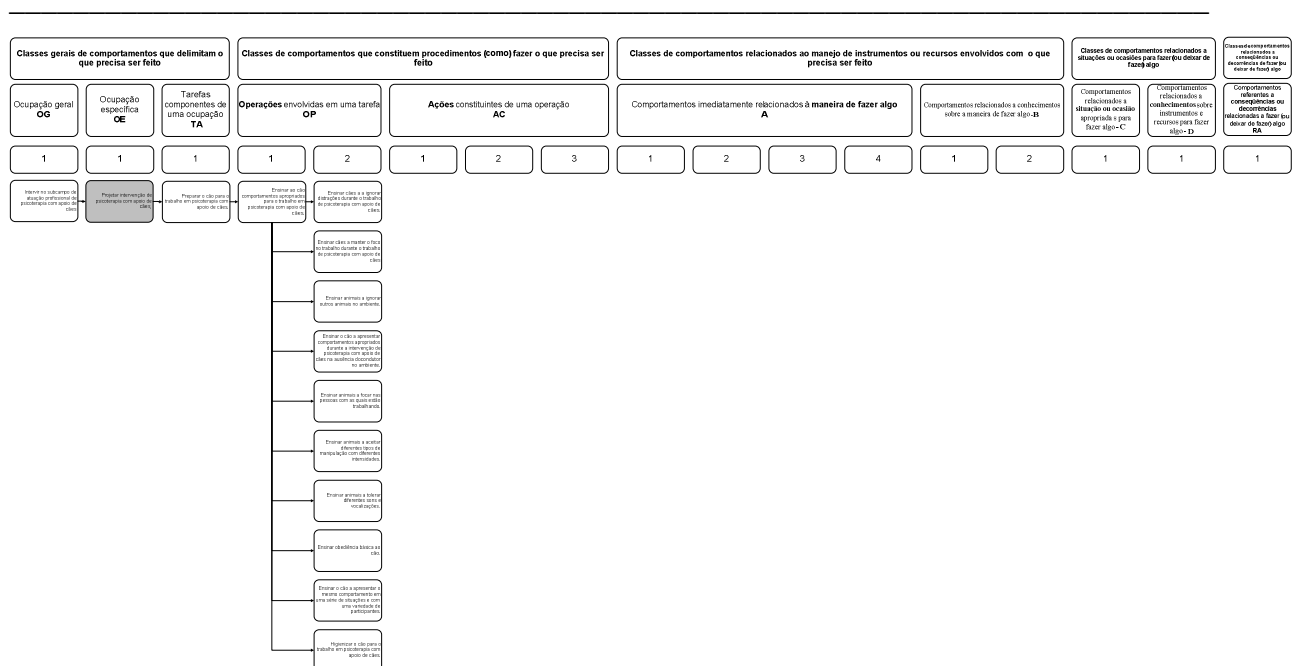


Figura 7.4: Terceiro conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral "Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães" organizadas em âmbitos de abrangência.

O quarto conjunto de classes de comportamentos é formado por cinco classes. A classe mais abrangente desse conjunto está presente no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação - AC2” e é nomeada “*Avaliar se um condutor é apropriado para determinado trabalho em psicoterapia com apoio de cães*”. Essa classe é composta por uma classe no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação - AC3” e outras três classes no sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A1” como pode ser percebido na Figura 7.5. Esse conjunto é composto por classes de comportamentos nomeadas todas com o verbo “Avaliar” e se referem a aspectos referentes ao condutor do cão utilizado na intervenção de psicoterapia.

Na Figura 7.5 também é possível identificar o quinto e último conjunto de classes de comportamentos identificadas componentes da classe geral “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”. Esse último conjunto é formado pela classe de comportamentos “*Preparar a condução de uma sessão de psicoterapia com apoio de cães*”, que está alocada no sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação - TA” e é composta por duas classes menos abrangentes no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP1” chamadas “*Programar a utilização de cães no trabalho de psicoterapia com apoio de cães*” e “*Avaliar possíveis conseqüências da intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”. Essa última classe é composta por outras cinco classes menos abrangentes que se estendem do sub-âmbito “OP2” até o sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A1”.

As classes pertencentes a este quinto conjunto abrangido pela classe “*Preparar a condução de uma sessão de psicoterapia com apoio de cães*”, que está alocada no sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação - TA” referem-se dois tipos de variáveis: utilização do cão e conseqüências da intervenção com o cão. Essa última variável é decomposta em outras variáveis como: ocorrência de problemas com o animal; comportamentos inapropriados que este pode apresentar; e danos ou prejuízos que pode causar.

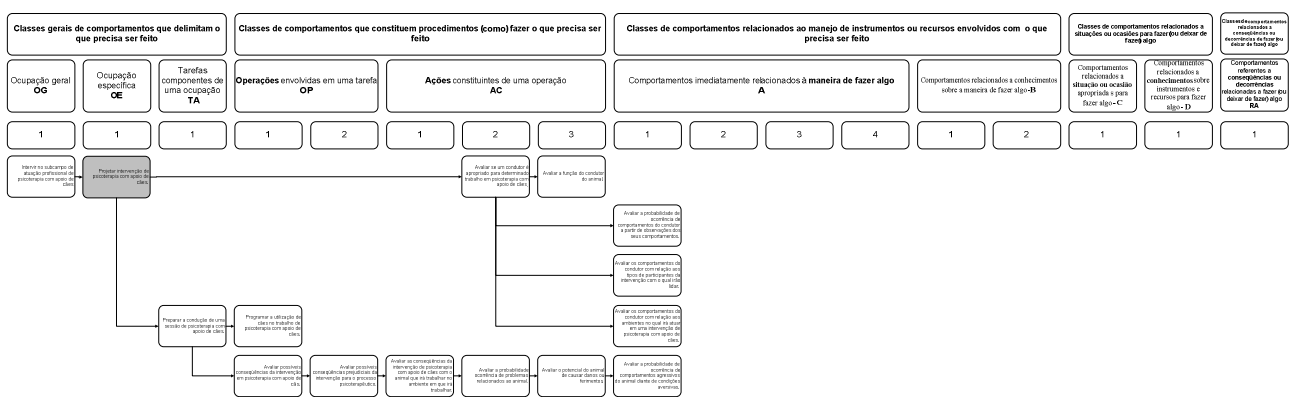


Figura 7.5: Quarto e quinto conjuntos de classes de comportamentos componente da classe geral "Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães" organizadas em âmbitos de abrangência.

7.3 Projetar programas de psicoterapia com apoio de cães ou planejar programas de psicoterapia com apoio de cães, no que diferem esses verbos e as classes de comportamentos que nomeiam?

Após caracterizar as necessidades de intervenção por meio de psicoterapia com apoio de cães, o psicólogo tem como consequência um conhecimento produzido acerca daquilo com o que ele está se deparando, quais as características dessa situação. Mas, diante desse conhecimento o que ele precisa fazer? Agir diretamente sobre essa situação a partir do que já lhe é conhecido é suficiente? Repetir aquilo que em outras vezes pode ter sido bem sucedido é garantia de outro sucesso? Se não, qual a etapa seguinte? Que classes de comportamentos constituem essa etapa?

É comum encontrar relatos de intervenções que descrevem em grande parte as ações diretas sobre a situação. Em trabalhos que relatam intervenções psicoterapêuticas com o apoio de cães são poucas as referências à caracterização da necessidade dos pacientes; há maior frequência de descrições de ações diretas sobre o paciente ou sobre pacientes (Burch, 2003; Organização Brasileira e Interação Homem-Animal Cão Coração [OBIHACC], 2007). Algumas vezes é possível identificar que se tratam de pessoas ou profissionais que simplesmente levam seus cães para entrar em contato com outras pessoas sem muita clareza do que está acontecendo e de como realizar o processo de modo a produzir resultados terapêuticos significativos (OBIHACC, 2007). Outras vezes, são descrições de intervenções de visitaçao com cães que são classificadas equivocadamente como intervenções terapêuticas (Burch, 2003). Mas será que isso é suficiente? Será que apenas

colocar uma pessoa em uma certa condição que requer uma intervenção em contato com um cão constitui um processo terapêutico? Será que não é necessário fazer nada antes e além disso?

Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é um tipo de intervenção profissional direta como as demais que constituem a psicologia como campo de atuação profissional como Botomé (1988) explicitou. E como uma intervenção direta relacionada a fenômenos psicológicos é composta de classes de comportamentos profissionais menos abrangentes que a constituem: “*Caracterizar necessidades sociais em relação a alterações em processos comportamentais*”, “*Projetar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*”, “*Executar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais*”, “*Avaliar intervenções realizadas em relação a processos comportamentais*”, “*Aperfeiçoar intervenções em relação a processos comportamentais a partir de dados de avaliação*” e “*Comunicar descobertas feitas em intervenções sobre processos comportamentais*” (Botomé e col., 2003). A partir dessa contribuição, Mattana (2004) identificou seis classes constituintes de intervenções direta em contexto clínico, como pôde ser visto no capítulo anterior. A psicoterapia com apoio de cães é um subcampo de atuação profissional que faz parte de um conjunto mais abrangente formado pelo campo de atuação profissional de intervenção em contextos clínicos. Sendo assim, as classes gerais de comportamentos profissionais que constituem intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães são semelhantes às do contexto clínico com o acréscimo das especificidades próprias desse subcampo. Neste caso, após a classe geral “*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” está a classe “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”. Então o que significa “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”? Qual a sua relevância para a intervenção profissional em psicoterapia com apoio de cães? Quais classes de comportamentos constituem essa classe geral?

Em sua dissertação de mestrado Luiz (2008) examina o verbo “projetar” e sua distinção do verbo “planejar”. Essa autora se baseia na definição de planejamento encontrada no Dicionário REFA (1985, p.112) que consiste “na busca e determinação sistemática de objetivos, assim como na preparação de tarefas cuja execução é imprescindível para se alcançar tais objetivos. Previsão e fixação de desenvolvimento e dados futuros da empresa (dados previstos). O ‘planejamento’ é a antecipação mental sistemática e orientada a uma finalidade concreta da futura atividade econômica”. A partir dessa citação da obra é possível identificar diretamente três aspectos concernentes ao planejamento. O primeiro deles é a determinação de objetivos, resultados pré-determinados a serem produzidos. O segundo refere-se à “preparação de tarefas”, em outras

palavras, à criação de condições que aumentem a probabilidade de que determinados eventos ocorram, o que está diretamente relacionado ao terceiro aspecto, descrito no dicionário como “antecipação mental sistemática”, ou seja, a determinação da probabilidade de ocorrência de eventos no futuro.

A autora ainda destaca que no mesmo dicionário, o termo “projeto” é definido como “um plano de realização de proporções consideráveis, único e complexo, em cujo planejamento, coordenação e controle, assim como execução, participam, em geral, várias empresas” (Dicionário REFA, 1985; p.113). A partir dessas definições apresentadas, Luiz (2008) conclui que projetar é uma classe de comportamentos mais abrangente que planejar, pois envolve o próprio planejamento, além do controle e da execução. No entanto, o exame da autora referia-se à relação desses conceitos com a classe de comportamentos “*Projetar a vida profissional*” que constitui a classe mais abrangente em exame na sua dissertação. Ao analisar a classe “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” é útil considerar que a classe de comportamentos “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” encontra-se no mesmo âmbito de abrangência da classe “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*”. Portanto, “projetar” implica em sistematizar o planejamento de vários aspectos que constituem intervenções de modo que seja possível executar essa intervenção.

Tal exame de nomenclatura destaca a possibilidade de reavaliação dos nomes das classes de comportamentos que compõem a classe geral “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” ou até mesmo identificar lacunas referentes às classes de comportamentos identificadas. Outras classes que possuem em seus nomes o verbo “projetar” como, por exemplo, as classes “*Projetar a intervenção de acordo com as características da população alvo*” e “*Projetar seleção de animal para o trabalho de psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados*” talvez fossem melhor nomeadas com o verbo “planejar”. Desse modo, as classes fariam mais sentido como âmbitos menos abrangentes de uma classe nomeada com o verbo “projetar”. Organizar a seqüência como o projeto será realizado é uma classe de comportamento de menor abrangência que a classe “planejar a intervenção” e por conseqüência, de menor abrangência que a classe “projetar a intervenção”. Esse tipo de classe de comportamento pode ser melhor nomeada pelo verbo “programar”, um verbo referente à determinação do momento de ocorrência dos eventos que constituem a intervenção. Na literatura utilizada como fonte de informação foi encontrada apenas uma referências a classes de comportamentos relacionadas a este verbo – a classe “*Programar a utilização de cães no trabalho*

de psicoterapia com apoio de cães". No entanto, o exame do processo de planejar permite identificar essa lacuna referente a esse tipo de classe de comportamentos que possibilita um exame em âmbitos menos abrangentes das classes de comportamentos que constituem o planejamento da intervenção.

Uma vez que projetar e, em menor abrangência e mais especificamente, planejar, implica em determinar objetivos, resultados pré-determinados a serem produzidos, é necessário que um psicólogo que irá realizar uma intervenção psicoterapêutica com o apoio de cães determine os objetivos de sua intervenção. Uma vez que a determinação de tais objetivos está diretamente relacionada à caracterização das necessidades de intervenção é questionável a apresentação da classe de comportamentos "*Caracterizar os objetivos da intervenção*" somente como parte da classe mais abrangente "*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*". Por essa razão também é possível encontrar essa classe de comportamentos como uma classe menos abrangente da classe "*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*". Ao produzir o conhecimento sobre a situação com a qual irá se deparar, um psicólogo também produz, quase que simultaneamente, uma espécie de objetivo da sua intervenção, mesmo que seja mais geral e pouco claro. Alterar uma determinada condição identificada já é um objetivo que se apresenta mediante a constatação dessa condição como algo que necessita de uma intervenção. Mas como é preciso detalhar e examinar com maior precisão quais resultados precisam exatamente ser produzidos em um processo, de forma a orientar um projeto e o planejamento das partes que compõem esse projeto, a classe "*Caracterizar os objetivos da intervenção*" também é uma classe constituinte da classe mais geral "*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*". São níveis de detalhamento diferentes com relação a algo que precisa ser feito. Na classe "*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" esses objetivos são mais simples e amplos, enquanto ao "*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*" é possível identificar vários objetivos mais detalhados referentes a diversos aspectos que compõem a intervenção.

Os objetivos da intervenção irão determinar quais procedimentos serão utilizados para atingir esses objetivos. Cada procedimento implicará num grau de contato entre o paciente e o cão, que precisará ser avaliado. Nesse ponto há uma confusão apresentada pelos autores do capítulo utilizado como fonte de informação para identificação de classes de comportamentos. Por um lado, eles apontam a necessidade de se definir os procedimentos a partir do grau de interação que haverá entre o cão e o paciente, por outro, também afirmam que o grau de interação será determinado pelos

procedimentos projetados em função dos objetivos a serem atingidos. É possível compreender que as duas proposições de procedimentos são possíveis e serão definidas a partir das características da situação com a qual o psicólogo irá se deparar. Caso não exista nenhum tipo de restrição a priori com relação ao grau de contato entre o cão e o paciente, definir os procedimentos necessários para produzir os resultados desejados irá determinar qual grau de contato existirá entre o cão e o paciente. Todavia, se alguma condição do paciente determinar previamente qual o grau de interação deverá existir, os procedimentos utilizados terão que ser planejados para atender a esse critério.

Antes de selecionar o cão é preciso projetar a sua seleção, determinar quais os critérios de seleção e quais procedimentos serão utilizados para avaliar o animal. Cada procedimento terá um objetivo específico que, em última análise, significa avaliar se um animal atinge o critério estabelecido para ser considerado um cão apropriado para o trabalho psicoterapêutico.

7.4 Selecionar o cão para a intervenção em psicoterapia com apoio de cães é parte de projetar uma intervenção e uma forma de prever e determinar a ocorrência de eventos no futuro.

Nem todas as espécies domésticas de animal são adequadas para se tornarem animais de assistência. É difícil imaginar um gato guia de cegos, um cavalo auxiliar de surdos, ou um coelho de guarda. Na prática, o cão talvez seja a única espécie doméstica que possa ser treinada confiavelmente para executar uma variedade de tarefas para atender as necessidades humanas. No entanto, dentro da população composta pelos cães domésticos, há uma considerável variabilidade em termos de suas características e sua adequabilidade aos diferentes tipos de funções que podem exercer. A questão a se determinar nesse ponto no qual já se tem produzido o conhecimento sobre a necessidade da intervenção, os objetivos da intervenção, e se está preparando as condições para executá-la é: Qual o cão mais apropriado para esse tipo de intervenção? A partir desse questionamento é possível derivar outros ainda. Será que qualquer um serve? Qualquer cão é apropriado para apoiar uma psicoterapia? Se não, então como saber qual o cão apropriado? Que características ele deve ter? Como fazer para identificar essas características? Como pôde ser constatado ao distinguir os verbos “projetar” e “planejar”, “projetar” constitui uma unidade complexa composta por várias partes, que podem ser entendidas como os planejamentos relacionados a diferentes variáveis envolvidas em uma intervenção. Dessa forma, selecionar o cão apropriado para uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães significa a preparação de uma tarefa, ou seja, selecionar o cão apropriado é uma forma de aumentar a probabilidade de que os

comportamentos desejados do cão ocorram em uma situação terapêutica, o que implica simultaneamente na avaliação da probabilidade de que esses comportamentos ocorram no futuro.

Ao descrever os aspectos de um cão que precisam ser levados em consideração a psicóloga Mary R. Burch (2003) afirma que a seleção de um animal deve contemplar três grandes áreas: saúde, comportamento/treinamento e temperamento. Apesar de ser um avanço em termos de análise daquilo que um selecionador precisa levar em consideração para identificar o cão apropriado para o trabalho, os aspectos levantados pela a autora podem ser examinados a partir dos avanços da noção de comportamento. Nesse caso, é possível superar a noção de temperamento do cão apresentada pela autora, como um aspecto determinado e imutável deste, para uma questão referente ao seu repertório comportamental. Além da saúde e do repertório comportamental é possível acrescentar mais uma dimensão referente ao cão a ser levada em consideração – as características físicas do animal. Em síntese, um processo seletivo de um cão para uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães deve levar em consideração as características físicas do cão, as condições de saúde do animal e o seu repertório comportamental.

As características físicas do cão são a dimensão mais rápida e simples de se analisar dentre as três dimensões constituintes de um cão que são avaliadas durante a sua seleção. Isso porque muitas das características dos cães são imediatamente perceptíveis ao mais leigo observador. Praticamente qualquer pessoa é capaz de avaliar o tamanho de um cão, classificando-o em níveis básicos como pequeno, médio, grande ou gigante. Também podem fazer afirmações acerca de sua pelagem, se é curta, média ou longa, lisa ou crespa. Há também características que já não são tão simples de serem examinadas e exigem um pouco mais de conhecimento do observador acerca de características anatômicas, morfológicas e funcionais de cães. Mas o aspecto central a ser determinado é quais são as características físicas dos cães que são úteis às situações nas quais elas serão necessitadas. Por essa razão a caracterização do público alvo, de suas necessidades e do ambiente no qual a intervenção será realizada implica em uma etapa prévia ao planejamento da intervenção e, neste caso, mais especificamente, à seleção do cão adequado. Por exemplo, em um ambiente hospitalar, ou em uma casa de repouso para idosos, pessoas que passam muito tempo sentadas, seja em cadeira de rodas, sofás ou camas podem se beneficiar da interação direta de um pequeno cão em seu colo. Crianças com grande nível de atividade e com dificuldade de controlarem a intensidade de seus movimentos requerem um cão com estrutura física mais robusta de modo que empurrões, puxões ou movimentos mais bruscos não assustem o animal ou provoquem reações indesejadas. Evidentemente, isso não quer dizer que o psicoterapeuta deve deixar o cão à própria

sorte ao interagir com o paciente. Ele precisa controlar essa interação, mas no caso de cães pequenos e mais frágeis, diante desse tipo de paciente, o contato poderia ferir o cão, que poderia reagir mordendo ou fugindo da situação, o que seria prejudicial ao trabalho. Ou então, teria que a todo o tempo desviar o foco da intervenção para o controle do paciente, o que de certa forma poderia ser desestimulante para este. Mas a condução da sessão é uma questão a ser tratada mais especificamente com relação à execução da intervenção e cabe apenas mencioná-la como ilustração da relevância de avaliar as características do cão com relação à intervenção.

Cães que apresentam comissuras labiais muito pendentes tendem a babar e em termos de higiene não é uma condição muito apropriada para a psicoterapia. Um cão que saliva em excesso pode ser um incômodo para o paciente que pode perder o interesse em tocar o cão e um estorvo para o psicoterapeuta que necessitaria secar a boca do animal o tempo todo. Esse é mais um exemplo de como as características físicas do animal são uma condição relevante a ser levada em consideração na hora de selecionar o animal adequado para a intervenção.

Um exemplo ilustrativo de como as características físicas de um cão podem influenciar pessoas em uma condição de debilidade é descrito por Straw (2002). Segundo a autora, Marilyn Putz da cidade de Lincolnshire no Illinois, Estados Unidos, coordena um grupo de 25 pessoas que visitam seis casas de repouso, dois hospitais, uma instituição para adultos com deficiências mentais e uma instituição para mulheres viciadas ou violentadas e seus filhos. Marilyn possuía três cães da raça Setter Irlandês, certificados para o trabalho em terapia assistida por animais pela Delta Society. Tegan, um desses cães, teve uma de suas patas amputadas devido ao câncer e, justamente por causa dessa característica Marilyn descreve Tegan como um ótimo cão para o trabalho, pois permite que pacientes com membros amputados estabeleçam uma relação muito próxima com ele. Segundo ela, os pacientes freqüentemente dizem “Se ele é capaz de se virar sem uma perna, então eu também sou”.

Na literatura examinada referente à interação entre humanos e cães, há pouca ou quase nenhuma informação sobre a influência das características físicas do animal sobre o comportamento humano. Além de avaliar de que maneira essas características físicas podem facilitar ou dificultar a execução da psicoterapia, as características físicas também podem ser examinadas com relação à sua capacidade de aumentar ou diminuir a probabilidade de ocorrência de comportamentos humanos. Os cães de porte pequeno, com destaque aos classificados como “toy”, são cães que por via de seleção artificial tiveram suas características anatômicas alteradas de modo a manterem, durante a fase adulta, traços físicos de filhotes. Cães que apresentam essas características parecem

suscitar nas pessoas comportamentos de cuidado com esses animais, pois mesmo como adultos aparentam ser filhotes. Da mesma forma, outras características físicas do cão também requerem ser examinadas em termos dos efeitos que produzem sobre o comportamento. As influências das características físicas de um cão em um processo psicoterapêutico e a constatação de pouca literatura referente a esse assunto apontam para uma necessidade de produção de conhecimento específico que venha a contribuir para a intervenção em psicoterapia com apoio de cães.

Uma discussão recorrente no processo de seleção de cães refere-se definição de qual a raça mais apropriada para intervir em psicoterapia com apoio de cães. De acordo com Burch (2003), existe um mito de que certas raças são mais apropriadas do que outras. Para a autora a raça do cão pouco importa, o que importa são os comportamentos e as características necessárias favoráveis para a situação na qual será realizada a intervenção. Serpell, Coppinger e Fine (2006) apontam que para os trabalhos de assistência à pessoas com deficiências visuais ou em cadeiras de rodas há uma ênfase na utilização basicamente de três raças: Labradores, Pastores Alemães e Golden Retrievers. Essa seleção se dá principalmente em função das características físicas dessas raças que atendem aos requisitos das tarefas a serem realizadas. A seleção de um cão deve estar orientada para as necessidades da intervenção, sem uma determinação a priori de uma raça mais apropriada para o trabalho. Apesar de priorizar uma raça como sendo a mais apropriada para qualquer tipo de intervenção em psicoterapia ser um equívoco, é preciso lembrar que uma raça significa um conjunto de indivíduos que apresentam características em comum e que se destacam dos demais indivíduos que compõem o universo total dos exemplares da espécie. Identificar quais raças apresentam as características que estão sendo requisitadas aumenta a probabilidade de sucesso de identificar o indivíduo apropriado para o trabalho. Se houver a necessidade de um cão que consiga permanecer por um tempo prolongado parado e tranquilo enquanto é manipulado, raças de alta excitabilidade e nível de atividade como pastores belga malinois e borders collies não são os mais indicados. A probabilidade de identificar um indivíduo que se adéque à necessidade nesses dois conjuntos de cães será baixa, pois os cruzamentos e a seleção desses animais privilegiaram exemplares mais ativos para as funções às quais foram designados. Pelo contrário, buscar um animal com menor nível de atividade em raças como bulldogues ingleses e boiadeiros berneses terá maior chance de sucesso. Identificar as raças mais apropriadas para apoiar uma psicoterapia constitui uma classe de comportamentos relacionada ao conhecimento sobre a maneira de fazer algo e uma classe relevante a ser apresentada ao projetar uma intervenção.

Apesar de ser um aspecto relevante para a determinação do cão mais apropriado para apoiar uma psicoterapia, as características físicas do cão não apresentam o mesmo nível de importância e de complexidade como as outras duas dimensões (condições de saúde e repertório comportamental). As condições de saúde do cão precisam ser examinadas com cuidado, pois é preciso garantir, em primeiro lugar, a segurança e a saúde daqueles que estão envolvidos em uma psicoterapia com apoio de cães. A avaliação das condições médicas deve ser realizada por um profissional qualificado, no caso um médico veterinário, uma vez que psicólogos não possuem a formação apropriada para isso. Contudo, um psicólogo que intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães deve ser capaz de realizar uma avaliação básica, uma vez que não terá sempre a disposição uma avaliação diária de um veterinário. Avaliar se um cão apresenta parasitas, se apresenta infecções, se está em condições mínimas para o trabalho e para a interação com seres humanos são classes de comportamentos que constituem a seleção de um animal e o acompanhamento do processo de intervir psicoterapeuticamente com o apoio de cães. De acordo com Weinberg, Fuchs, Pals, e Call (2004) a preocupação principal relacionada a questões médicas se refere às zoonoses, à transmissão de doenças ou parasitas de animais para humanos. Segundo esses autores, a transmissão pode ocorrer por contato físico direto com o animal, com restos de seu excremento ou por vias aéreas. Mais de 200 doenças infecciosas podem ser transmitidas de animais para seres humanos. Bewley (1985) apresenta a sua preocupação com o contato de seres humanos com cães descrevendo malefícios que o contato com estes pode provocar na sociedade. Nora (2003) também reforça a preocupação com relação às doenças transmitidas por animais para seres humanos, ou reações alérgicas provocadas por estes. Mas a autora afirma que não é preciso tanta apreensão, pois segundo ela, no ano de 2002 não houve casos documentados de danos à saúde de pessoas provocados pelo contato com cães em terapias assistidas. A transmissão de infecções por animais em programas de assistência com animais é pouco freqüente. Os maiores riscos de contaminação são com animais não treinados ou manejados por pessoas com pouca experiência (Moralles, 2005).

O exame mais completo e detalhado das condições de saúde do cão fica a cargo de um veterinário que irá avaliar se o cão possui condições de saúde apropriadas para realizar o trabalho e se pode entrar em contato com seres humanos e atuar nos ambientes em que se encontram. Caberá a ele realizar um exame detalhado do cão, bem como averiguar seu histórico de saúde, vacinação e desvermifugação, por meio de documentos e de entrevistas com os responsáveis pelo cão. Um animal não deve ser exposto a uma situação se não possui condições de saúde para isso. Tal

atividade pode lhe causar danos ou prejuízos, da mesma forma que pode causar danos ou prejuízos às pessoas submetidas a este tipo de intervenção.

A terceira dimensão a ser levada em consideração ao selecionar um cão para uma psicoterapia é referente ao seu repertório comportamental. Selecionar um cão significa avaliar o seu repertório com relação às situações com as quais esse animal irá se deparar durante um trabalho de psicoterapia. Mas que aspectos do repertório comportamental devem ser avaliados? Quais seriam esses comportamentos a serem avaliados? Como preparar condições para avaliar o repertório comportamental do cão?

Para avaliar um cão com relação a sua capacidade de participar de uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães é preciso primeiro caracterizar quais são os comportamentos apropriados que ele apresente durante a intervenção. Determinar quais são esses comportamentos implica em retomar o conhecimento produzido durante a fase de caracterização das necessidades de intervenção. O local onde será realizada a intervenção, as características do participantes da psicoterapia, os objetivos da intervenção e a função do animal são classes de estímulos antecedentes que estarão controlando os comportamentos do psicólogo ao definir os comportamentos do cão que serão necessários para o trabalho psicoterapêutico. Esclarecer quais comportamentos do cão serão necessários para o trabalho são condições prévias para identificar o indivíduo apropriado para a intervenção.

Após caracterizar os comportamentos do cão necessários para a situação com a qual o cão e o psicólogo irão lidar, será necessário projetar os procedimentos de como será realizada essa avaliação. A avaliação do cão consistirá de entrevista com o responsável pelo animal que fornecerá informações sobre o seu histórico e de situações práticas para avaliar os seus comportamentos. A Delta Society (1996) oferece algumas pistas de critérios para avaliar os comportamentos de um cão para o trabalho em psicoterapia. De acordo com os padrões da prática estipulados por essa organização existem quatro critérios de avaliação:

- **Confiabilidade:** Avaliar o histórico de comportamentos do cão com relação a diferentes contextos sociais. Identificar incidentes ocorridos na história do animal que possam diretamente ou indiretamente afetar a saúde ou a segurança de pessoas que se relacionam com ele.

- Controlabilidade: Avaliar se o animal é capaz de ser dirigido e inserido e removido de interações ou tarefas facilmente de modo a produzir sensação de confiança em pacientes e demais envolvidos na intervenção.

- Previsibilidade: Avaliar a probabilidade de ocorrência dos comportamentos do cão.

- Adequabilidade: Avaliar se os comportamentos do cão vão ao encontro das características da população alvo e dos objetivos da intervenção.

Esses critérios não indicam especificamente quais comportamentos precisam ser avaliados, mas fornecem alguns critérios que auxiliam o psicólogo a projetar o processo de avaliação de um cão para a psicoterapia com apoio de cães. Ao projetar a avaliação dos cães é útil considerar o local e as situações nas quais o cão será avaliado. Ao avaliar os comportamentos do cão, o psicólogo precisará avaliar a similaridade das situações de teste com a situação real. Quanto maior a similaridade entre os eventos, maior a garantia de fidedignidade do conhecimento produzido na seleção. Isso quer dizer que o psicólogo terá maior segurança com relação à maneira como o cão irá se comportar diante da situação real. Nesse ponto, MacNamara e Butler (2006), autores do capítulo utilizado como fonte de informação, apresentam uma contradição. Os autores inicialmente destacam a importância de avaliar o animal no local onde irá trabalhar, em seguida chamam a atenção para a questão ética de não testar o animal no local onde irá trabalhar para não submeter as pessoas envolvidas a riscos de acidentes. Uma avaliação de um cão consistirá de etapas sucessivas para avaliação de requisitos mínimos com relação ao seu repertório comportamental, até questões mais detalhadas e comportamentos mais específicos relacionados à especificidade da situação com a qual irá lidar. O processo seletivo será composto de etapas sucessivas que, aos poucos, vão se aproximando cada vez mais da situação real. Quanto maior a necessidade de comportamentos específicos do cão, maior a necessidade de avaliá-lo em situações próximas à real. À medida que um cão avança no processo avaliativo, a segurança que ele fornece ao avaliador sobre a maneira como se comporta podem elevar o nível da avaliação, passando de ambientes simulados e controlados para situações reais.

Uma das ferramentas utilizadas para avaliar e certificar cães em termos gerais é o Teste *Canine Good Citizen* (CGC). Esse teste é utilizado por organizações de terapia assistida por animais, como a TDI (Therapy Dogs International), e foi um teste desenvolvido pelo Kennel Clube Norte Americano para inicialmente avaliar comportamentos do cão em ambientes sociais. Esses testes são utilizados pelo Kennel Clube para certificar os animais com relação a sua capacidade de

freqüentar esses ambientes. As organizações de Terapia Assistida por Animais aproveitaram o teste como instrumento de avaliação de possíveis cães a serem utilizados em programas de atividade assistida por animais ou terapia assistida por animais. Além dos Estados Unidos, países como Canadá, Inglaterra, Austrália e Japão também utilizam o teste *Canine Good Citizen* como procedimento de seleção dos animais para TAA (Burch, 2003).

O teste *Canine Good Citizen* é composto basicamente de dez etapas⁶:

1. *Aceitar um estranho amigável.* Nesse teste o cão demonstra que permitirá amigavelmente a aproximação de um estranho para falar com o condutor. O cão não deverá demonstrar sinais de timidez ou de agressividade com relação ao estranho e nem sair da posição sem autorização do condutor. Em uma situação de psicoterapia, um cão irá lidar com pessoas estranhas e deve estar apto a recebê-las com tranquilidade e aguardar a orientação do condutor para entrar em contato com a pessoa. O paciente é quem indica se está pronto ou não para entrar em contato com o animal e o animal deve estar sob controle pronto para estabelecer esse contato quando autorizado.
2. *Sentar educadamente para ser afagado.* Nesse teste o cão demonstra se autorizará um estranho amigável a tocá-lo enquanto está com seu condutor. O avaliador fará carinho no cão e irá circulá-lo e ao condutor. O cão não deverá mostrar sinais de timidez ou agressividade. MacNamara e Butler (2006) chamam a atenção para a intensidade da interação que existe em uma situação terapêutica com relação a qualquer outro tipo de interação entre cães e pessoas. De acordo com esses autores nenhuma outra atividade assistida por um cão exige que um estranho adentre no espaço pessoal do animal de forma tão intensa e permaneça lá por tanto tempo. Um cão de psicoterapia precisa aceitar, e até gostar, desse grau de proximidade com estranhos, para que produza a sensação de acolhimento no paciente necessária para o processo psicoterapêutico.
3. *Aceitar manipulação para exame e higienização.* Nesse teste o cão demonstra que recebe bem a higienização e o exame de um estranho. O avaliador inspeciona o cão, escova-o e examina as orelhas e cada pata dianteira. Esse nível de contato com uma pessoa é de um grau mais intenso do que o examinado no teste anterior. Dependendo dos procedimentos

⁶ Mais informações sobre o programa Canine Good Citizen do Kennel Clube Norte Americano estão disponíveis no site <http://www.akc.org/events/cgc/inex.cfm>

utilizados para atingir os objetivos da intervenção, os graus de contato com o cão irão variar. Um cão deve estar apto a lidar com diferentes tipos de contato físico, inclusive aqueles advindos de pacientes com dificuldade de controle da intensidade de seus movimentos ou que podem apresentar comportamentos pouco previsíveis.

4. *Caminhar com guia frouxa.* Nesse teste o cão demonstra o quanto está sob controle do condutor durante a caminhada mantendo-se sempre próximo do condutor durante a locomoção. O avaliador pode indicar um percurso pré-determinado ou defini-lo durante a execução do exercício. Apesar da necessidade que o animal desconsidere outros estímulos concorrentes no ambiente e mantenha seu interesse no paciente, ele deverá estar sempre pronto a obedecer às instruções do condutor para interagir ou interromper uma interação.
5. *Caminhar através de uma multidão.* Nesse teste o cão demonstra que está sob controle do condutor, mesmo diante de estímulos concorrentes mais fortes do que na situação anterior. O cão deverá caminhar ao lado do condutor e passar próximo de várias pessoas sem desligar-se do condutor. O controle sobre o animal é um fator determinante para a segurança da intervenção. Quanto maior o nível de controle sobre o cão em diferentes situações, maior a segurança em uma intervenção.
6. *Sentar e deitar sob comando e permanecer no local.* Nesse teste o cão demonstra que possui treinamento básico e que responde a comandos do condutor. Quanto maior o repertório comportamental do cão referente a comandos do condutor, maior será a capacidade de aproveitá-lo e orientá-lo em uma psicoterapia. Um cão com alto grau de controle além de proporcionar uma intervenção segura, também permite maior variedade de formas de ser utilizado em um trabalho.
7. *Vir quando chamado.* Nesse teste o cão demonstra que retornará ao condutor quando chamado. Esse é mais um exercício sobre o grau de controle do condutor sobre o cão. Assim como o animal deverá iniciar o contato com autorização do condutor, ele também deverá prontamente interromper o contato mediante o comando do condutor.
8. *Reação a outro cão.* Nesse teste o cão demonstra agir educadamente diante de outros cães. Dois cães e seus condutores se aproximarão do cão examinado e seu condutor, se cumprimentarão, conversarão brevemente, caminharão por alguns metros juntos e então, se distanciarão. O cão não deverá demonstrar mais que um leve interesse nos outros animais.

Em uma psicoterapia pode haver a presença de outros animais no ambiente, sejam assistindo alguma atividade ou não. É comum que cães ao identificarem outros indivíduos de sua espécie percam o interesse em outros estímulos que antes os controlavam. Um cão deve manter seu foco no paciente e deverá encerrá-lo apenas sob orientação do paciente ou do condutor.

9. *Reação a distrações.* Nesse teste o cão demonstra que é capaz de lidar com situações com distrações. O cão poderá expressar interesse e curiosidade pela nova situação, ou surpresa, mas não acanhar-se, entrar em pânico, fugir, demonstrar agressividade ou latir. Esse teste examina os comportamentos do cão diante de uma variedade maior de estímulos e situações do que as etapas anteriores. Quanto maior o número de condições as quais o animal for exposto para ser avaliado, e quanto maior a similaridade dessas situações com relação às situações com as quais irá se deparar durante uma intervenção em psicoterapia, maior a garantia de estar produzindo um conhecimento fidedigno sobre a maneira como o animal poderá se comportar em uma situação real.
10. *Separação supervisionada.* Nesse teste o cão demonstra que pode ser deixado com outra pessoa que não o seu dono e que mantém a sua obediência e boas maneiras. O cão é deixado com o avaliador enquanto o condutor se afasta. O cão não deverá latir, ganir, rosnar, ou tentar desesperadamente acompanhar o condutor. Um cão deve estar sempre atento às orientações de seu condutor, mas deve ser um animal capaz de interagir e se apegar a outras pessoas. Em uma situação psicoterapêutica, o cão poderá livremente interagir com o paciente mantendo suas “boas maneiras” mesmo à distância ou na ausência do condutor.

O teste *Canine Good Citizen* avalia classes de comportamentos do cão básicas necessárias para o convívio social. Esse teste constitui uma espécie de caracterização de comportamentos apropriados e básicos do animal para o convívio com diferentes pessoas e diferentes ambientes físicos. Esses comportamentos podem ser aproveitada uma vez que parte do que é necessário para um cão apoiar uma psicoterapia consiste nos seus comportamentos de convívio em ambientes sociais. As especificidades das situações psicoterapêuticas na qual o cão irá atuar precisam ser incorporadas ao teste de modo a tornar mais completo o conhecimento sobre como o cão se comporta diante de situações específicas e qual a probabilidade de se comportar assim diante de uma situação real.

A Delta Society, outra organização para terapia assistida por animais, possui o seu próprio programa de avaliação e seleção de cães. Em seu programa chamado *Pet Partner*,⁷ a Delta Society não só certifica cães, como também gatos, cavalos, pássaros, coelhos e outros animais que podem ser registrados como animais para terapia. O sistema de avaliação do programa *Pet Partner* é dividido em duas partes. A primeira parte consiste em um teste de habilidade chamado *Pet Partners Skill Test* no qual a equipe, cão e condutor, são avaliados com relação à interação um com o outro, com o avaliador, com o auxiliar do avaliador e aspectos do ambiente que circundam o cão e o condutor. Esse primeiro teste foi adaptado do teste *Canine Good Citizen* do Kennel Clube Norte Americano e inclui mais dois itens além de variáveis ambientais como cadeiras de rodas e andadores que não faziam parte do teste originalmente. Os procedimentos de certificação do Programa *Pet Partner* passou por várias modificações, especificamente com relação à categorização de cães em função do tipo de local no qual irão atuar.

O segundo teste do Programa *Pet Partner* é chamado de *Pet Partners Aptitude Test* e é um teste de aptidão mais detalhado relacionado a situações que podem ocorrer em uma situação terapêutica. Esse teste ajuda a determinar o ambiente mais apropriado para o condutor e para o animal. Diferentemente da Therapy Dogs International, o “termo avaliação do temperamento” foi abandonado pela Delta Society, pois essa organização reconhece que o termo faz alusão a uma noção equivocada de imutabilidade do comportamento.

Testes como o *Canine Good Citizen*, *Pet Partners Skill Test* e o *Pet Partners Aptitude Test* além de avaliar o cão também o certificam. O processo de certificação dos animais não é nada mais do que é um processo de seleção. Contudo, os critérios para essa certificação variam em seus graus de exigência de organização para organização. Há organizações que são mais rigorosas e organizações que são menos. Nos Estados Unidos, algumas instituições além, de solicitarem essa certificação do animal, ainda solicitam do condutor treinamento no trabalho com as pessoas com as quais irão lidar nestas instituições.

Organizações como a Therapy Dogs International e a Delta Society são organizações que aceitam voluntários que desejam participar de programas de visitação. Esses testes servem para avaliar esses candidatos e orientá-los com rela o a suas interven es voluntárias de visita o. Muitas dessas pessoas não são profissionais que estão intervindo profissionalmente sobre fenômenos de seus campos de atua o profissional. São pessoas que simplesmente desejam

⁷ Mais informa es sobre o programa *Pet Partner* da Delta Society estão disponíveis no site <http://www.deltasociety.org>

promover uma condição de bem-estar em pessoas com determinadas necessidades por meio de seus animais de estimação. De qualquer forma, os programas de avaliação de cães ainda são procedimentos que auxiliam os profissionais a projetarem sua intervenção. Os testes apresentados por essas organizações auxiliam a identificar cães que preencham os critérios mínimos necessários para participar de uma intervenção em terapia assistida por animais, e no caso de psicólogos, de psicoterapia com apoio de cães.

Há classes de comportamentos do cão que são requisitos mínimos para que ele possa participar de um trabalho em psicoterapia com apoio de cães, como os utilizados no teste *Canine Good Citizen*, e também há classes de comportamentos mais específicas que aumentam o rigor da avaliação a ser feita. Cada situação de intervenção necessitará de características diferentes do animal. Cabe ao psicólogo adequar o processo de seleção a partir das características da situação na qual ele irá intervir.

O processo de avaliação do cão para atuar em um trabalho de psicoterapia com apoio de cães visa identificar quais comportamentos o cão apresenta diante de situações com as que ele irá se deparar, sejam esses comportamentos apropriados ou inapropriados, e qual a probabilidade de ocorrência desses comportamentos. Um dos aspectos mais enfatizados com relação a seleção de cães diz respeito à previsibilidade dos comportamentos do cão (Delta Society 1996, Burch 2003, MacNamara e Butler, 2006). A probabilidade do cão apresentar comportamentos apropriados ou inapropriados irá determinar a aptidão ou não do cão para o trabalho. Cães que apresentam alta probabilidade de apresentar os comportamentos apropriados e baixa probabilidade de apresentar comportamentos inapropriados são cães que garantirão que a intervenção do psicólogo ocorrerá da forma como planejado.

O repertório de um cão não é formado apenas de comportamentos que podem ser classificados como necessários (apropriados para a intervenção) e comportamentos desnecessários (comportamentos apresentados pelo cão, que não exercem influência relevante no trabalho de psicoterapia). Ao selecionar um cão, o psicólogo não deve estar orientado para identificar somente os comportamentos apropriados do cão, pois seu repertório é composto de outros comportamentos que podem não ter valor algum para a psicoterapia, mas também pode apresentar comportamentos que são inadequados para a intervenção. Assim como existem comportamentos básicos que são necessários para uma intervenção em psicoterapia, também existem comportamentos básicos que são inapropriados em qualquer atuação psicoterapêutica. Além de mencionar algumas classes de

comportamentos apropriadas para o trabalho, Burch (2003) também lista algumas classes de comportamentos inadequados do cão:

- Cheirar inapropriadamente: O sentido mais aguçado dos cães é o seu olfato. Cheirar é a maneira pela qual eles conhecem e exploram algo novo. Cada pessoa e ambiente novo proporcionam uma situação de estimulação olfativa muito grande. Alguns animais passam muito tempo cheirando e isso é desagradável, pois gera desconforto e constrangimento para a pessoa cheirada, além de ser um desvio do cão da sua função no momento.

- Urinar inapropriadamente: Quando um cão cheira urina ou outro tipo de odor não familiar, tende a urinar sobre o local “marcando-o”. Cães que constantemente urinam sobre locais para marcá-los são indesejados para situações como a de psicoterapia, na qual estarão em contato constante com pessoas e ambientes físicos que apresentam odores variados e não familiares.

- Comer inapropriadamente: Alguns ambientes no qual um psicólogo e o cão atuam podem estar repletos de coisas que um cão possa comer. Em determinados locais como hospitais ou asilos, comprimidos caídos podem representar um sério risco para o animal caso ele venha a ingeri-los.

- Roubar: Apesar de não ser um bom termo para nomear os comportamentos que o cão pode apresentar, a autora se refere à manipulação do animal de objetos do ambiente com a boca. Um cão que se apossa de objetos do ambiente e os manipule com a sua boca pode contaminá-los com sua saliva, pode danificar esse objeto, ou distrair-se da situação de trabalho.

Além das classes de comportamentos exigidas em uma avaliação para certificação como aquelas solicitadas no teste *Canine Good Citizen*, que são pistas de classes de comportamentos úteis para a intervenção em psicoterapia com apoio de cães, também é possível obter, por meio da literatura, outras classes de comportamentos do cão que são relevantes para a intervenção psicoterapêutica. Algumas dessas classes de comportamentos do cão ou propriedades de classes de comportamentos podem ser encontradas nas classes de comportamentos menos abrangentes identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação, que estão localizadas no sub-âmbito “OP1” e que constituem a classe “*Selecionar um cão para intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”. Essas classes enfatizam que, para intervir no subcampo de psicoterapia com apoio de cães, é importante selecionar cães que: apresentem interesse e tolerância por emoções humanas e situações caóticas (provavelmente situações diferentes de situações tradicionais com as quais se depara um cão de família); que apresentem comportamentos dóceis diante de equipamentos

incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme; que apresentem comportamentos que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes; que apresentem facilidade em responder a sinais verbais e gestuais do condutor; que sejam ensinados em obediência básica; que apresentem comportamentos acolhedores com relação a pessoas; que iniciem contato físico com pessoas, que mantenham contato por tempo prolongado com pessoas, que contatem visualmente com pessoas, que obedeçam imediatamente a restrições de contato e que sigam orientações. Selecionar cães que apresentem em seu repertório essas classes de comportamentos implica necessariamente que o selecionador seja capaz de identificá-las.

Algumas classes de comportamentos podem ser identificadas genericamente como classes úteis ou apropriadas para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães. Contudo, não existe exame detalhado de quais classes são necessárias para cada tipo de intervenção. Assim como é necessário produzir conhecimento sobre como as características dos cães influenciam os comportamentos das pessoas, é necessário também produzir conhecimento a respeito de como os comportamentos do cão influenciam as pessoas. A questão não é mais se influenciam ou não, mas sim como influenciam? De que forma isso acontece? Quais comportamentos dos cães produzem quais efeitos em pessoas? Pouco se sabe e se examinou com detalhe esse tipo de questão. Produzir conhecimento sobre essas questões aumenta a visibilidade sobre o que é necessário que um cão apresente como pré-requisito para poder apoiar intervenções em psicoterapia, bem como propiciará orientação sobre como preparar esse cão para trabalhar nesse subcampo de atuação, uma vez que um cão não nasce pronto para esse tipo de trabalho e necessita ser capacitado para isso.

7.5 Cães não nascem prontos para apoiarem psicoterapias, eles precisam ser capacitados para isso

Selecionar o cão é uma etapa criteriosa e detalhada para obtenção do animal apropriado para a intervenção. Contudo, a noção de obter o animal ideal pronto para o trabalho mediante um processo de seleção pode ser um tanto ingênua. Poucos, ou é possível até arriscar, nenhum animal apresentará todo o repertório necessário para a intervenção em um contexto psicoterapêutico. Ambientes terapêuticos geralmente estão carregados de cheiros e sons incomuns com os quais os cães não estão acostumados. Sem contar a presença de pessoas que jamais viu e que apresentam características e comportamentos com que dificilmente já teve que se deparar. Preparar os cães para essas situações por meio de um programa de ensino que os habilitem a atuar nessas condições é parte da classe de comportamentos geral “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”.

O cão pode apresentar pré-disposições para o trabalho, ou seja, classes de comportamentos básicas que facilitam aprendizagem de novas classes. Isso não quer dizer que já estão prontos para trabalhar. Cães guias de cegos requerem milhares de dólares em investimentos para passarem por meses de treinamento até estarem aptos a auxiliar uma pessoa com deficiência visual (Dotti, 2005). São comportamentos complexos que levam meses para serem ensinados e requerem trabalho constante de treinadores para a manutenção desses comportamentos. O processo de seleção de um cão fornecerá informações sobre quais comportamentos o cão já apresenta e quais precisarão ser mantidos ou aperfeiçoados, quais ele ainda não possui e que ainda terão que ser ensinados e quais ele já apresenta e precisam ser extintos.

Algumas classes de comportamentos que o cão apresenta durante a sua avaliação são suficientes para atestá-lo como um cão útil para a intervenção em psicoterapia. Mesmo assim, é provável que o animal nunca tenha se deparado com as situações que irá encontrar ao participar desse tipo de trabalho. Por isso a preparação do cão envolve ir além daquilo que ele já apresenta como pré-disposição para a intervenção em um contexto clínico.

Ainda não é claro, exatamente, quais comportamentos do cão produzem mudanças em comportamentos de pessoas, por isso não é uma tarefa simples determinar quais comportamentos devem ser ensinados ao cão. No entanto, os critérios de seleção de um animal já são pistas sobre quais classes de comportamentos esses animais devem apresentar e quais delas que, não sendo apresentadas em grau suficiente para tornar um cão apto ao trabalho, orientam um programa de ensino que habilite a um cão a participar de uma intervenção psicoterapêutica. Mesmo que um animal apresente as classes de comportamentos necessárias para ser certificado como um cão apto a apoiar uma psicoterapia, é preciso que esses comportamentos sejam refinados ao ponto de que sua ocorrência seja certa quando forem requeridos.

Algumas classes de comportamentos do cão são requisitos mínimos para o cão ser aceito como animal apropriado para apoiar uma psicoterapia. Outros comportamentos precisarão ser ensinados, tanto comportamentos básicos que são úteis em praticamente qualquer situação, como também comportamentos bem específicos necessários para as particularidades de uma determinada situação. Burch (2003) cita alguns comportamentos que o cão pode apresentar sob comando do condutor que são úteis para situações terapêuticas: ir em direção a uma pessoa, retornar ao condutor, cumprimentar, latir, apoiar a cabeça em local indicado, posicionar a pata em local indicado, pular sobre um local, deixar algo que está fazendo, sentar-se, deitar-se, permanecer parado sobre as quatro patas, caminhar junto, mover-se mais delicadamente (para aceitar carinhos ou

petiscos), carregar algum objeto na boca até outra pessoa, manter um objeto na boca. Esses podem parecer muitos comportamentos de obediência a serem atendidos por um cão, mas nem todos serão requisitados no trabalho de psicoterapia. Mesmo assim, segundo Burch (2003), um de seus cães era capaz de reconhecer quase 200 comandos diferentes.

Muitos desses comportamentos listados são componentes de programas de ensino de obediência básica a cães. Treinamento de obediência é o nome que se dá a um conjunto de comportamentos básicos que cães precisam apresentar sob comando do condutor. Algumas organizações titulam cães e elaboram provas que avaliam o nível de obediência. Os comportamentos mais comuns a serem apresentados pelo cão são sentar sob comando, deitar sob comando, andar junto, buscar um objeto e manter-se focado no condutor diante de distrações. O fundamental do treino de obediência é ensinar o cão a ficar sob controle de orientações do condutor. Isso é muito útil para o psicólogo que precisa lidar com muitas variáveis enquanto realiza uma sessão psicoterapêutica. Um dos critérios de seleção determinados pela Delta Society (1996) é a controlabilidade do cão. Esse critério diz respeito à capacidade do cão ser dirigido, inserido e removido de interações ou tarefas facilmente de modo a produzir sensação de confiança em pacientes e demais envolvidos na intervenção. Os exercícios de obediência são uma maneira de ensinar ao cão a prestar atenção no condutor e obedecê-lo prontamente.

Outras classes de comportamentos úteis a serem ensinadas para o cão, mas que não são indispensáveis são aquelas que podem ser classificadas como truques. São classes sem muita função prática para o exercício de uma psicoterapia, mas que podem ser úteis para gerar uma boa impressão do cão e facilitar a aproximação do paciente. Alguns truques simples podem aumentar o interesse do paciente sobre o cão, atrair sua atenção ou aumentar a sua aceitação com relação ao animal. É uma maneira de “quebrar o gelo”. Saltar objetos, cumprimentar pessoas, fingir-se de morto, rolar no chão são comportamentos que quando apresentados sob comando do psicólogo ou até mesmo do paciente, podem apresentar esse efeito de aproximação.

Truques são comportamentos dispensáveis do cão. Os comportamentos que são avaliados em testes de aptidão do animal já não o são. Comportamentos que compõem um repertório de obediência são desejados e os demais comportamentos que serão identificados como necessários para a intervenção no subcampo de atuação de psicoterapia com apoio de cães são requisitos obrigatórios para a participação do animal em uma intervenção. Cada situação determinará quais são esses comportamentos. No entanto, um repertório básico composto por classes de comportamentos derivadas dos testes e avaliações descritos no sub-ítem anterior são base para a

formação de um cão apropriado para apoiar um psicólogo em sua intervenção em psicoterapia. Cabe ao psicólogo determinar quais são as classes de comportamentos necessárias à intervenção para avaliar quais o cão já apresenta e em que grau apresenta para poder planejar quais deverão ser ensinadas e quais deverão ser extintas.

7.6 A classe de comportamentos “Preparar o cão para o trabalho de psicoterapia com apoio de cães” envolve outras classes menos abrangentes além de selecionar o cão apropriado para a intervenção.

Por mais características que esse animal possa apresentar em uma avaliação prévia a uma intervenção que o certifique para apoiar uma psicoterapia, ainda é preciso deixá-lo em condições mais adequadas ainda. Se o cão já apresenta características físicas e comportamentais úteis para as necessidades da intervenção, essas características físicas e repertório comportamental ainda requerem aperfeiçoamentos, ou pelo menos manutenção. Por exemplo, cães que apresentam pelagem longa e macia requerem que sejam tosados de modo que pelo menos sejam deixados em uma condição de higiene mais apropriada para um intervenção. Pêlos muito longos tendem a acumular mais sujeira ou a dificultar o exame para identificação da presença de parasitas ou infecções. Não é possível banhar o cão todos os dias, pois isso lhe tira a proteção natural da pele e o torna mais suscetível a doenças, no entanto, a escovação pode ser realizada diariamente para higienizar o cão e remover os pêlos mortos. Os banhos e a escovação são medidas que ajudam a diminuir os alérgenos (substâncias que podem provocar uma reação alérgica) (Moralles, 2005). Em termos de repertório comportamental, por mais que o cão apresente uma predisposição a se aproximar de pessoas e contatá-las, é necessário que aprenda a fazer esse contato mediante autorização do condutor, além de realizá-la de modo sutil e delicado. Um cão que tenha prazer em estar em contato com pessoas estranhas pode arrastar um condutor para se aproximar de um estranho e acabar assustando-o, ou pode, em virtude dessa vontade de se aproximar, fazê-lo de modo abrupto e acabar machucando essa pessoa.

Assim como a intervenção em psicoterapia com apoio de cães requer que o animal esteja limpo e preparado para apresentar os comportamentos necessários para o trabalho, com as suas condições de saúde a exigência também será a mesma. Manter um animal capacitado para a terapia implica mais do que mantê-lo bem treinado para trabalhar; sua condição de saúde também deverá estar plena, tanto para que o animal possa agüentar as exigências físicas do trabalho, como também

para que não transmita qualquer tipo de zoonose àqueles que estão participando da intervenção. Todos esses aspectos envolvem outras atividades que serão realizadas fora da situação psicoterapêutica e que implicam em aprendizagens específicas do psicólogo não mais com relação ao fenômeno psicológico, mas as especificidades das variáveis com as quais lida ao optar por intervir psicoterapeuticamente com apoio de cães. O psicólogo poderá contar com a ajuda de outros profissionais como veterinários, tratadores, adestradores para manter sempre o animal em ótimas condições para o trabalho, mas é útil enfatizar que a coordenação da intervenção estará sob sua responsabilidade.

7.7 Projetar uma intervenção implica mais do que avaliar exclusivamente o cão. O condutor desse cão também precisa ser avaliado.

O cão não é o único que precisa ser avaliado com relação à sua capacitação para atuar em uma psicoterapia. É por isso que as avaliações para certificação de cães para trabalhar em terapia assistida por animais também levam em consideração o condutor do animal. Nesses processos, não são só os comportamentos do cão são avaliados, mas também os comportamentos do condutor em relação aos comportamentos do cão, com relação ao ambiente físico em que se encontra e com as pessoas com as quais irá se relacionar durante a intervenção também precisam ser avaliados. Esse tipo de avaliação é recorrente nos casos de pessoas que se voluntariam para programas de visitação e para isso necessitam da certificação de algum órgão. Independentemente de se tratar de uma prática de visitação ou de uma psicoterapia individual, na qual só estarão presentes o psicólogo, o paciente e o cão, avaliar os comportamentos do condutor é uma parte constituinte de projetar a intervenção.

Conduzir um cão em uma psicoterapia é uma função que pode variar em diferentes âmbitos de abrangência. Avaliar a função do condutor é uma classe de comportamentos que compõe a classe geral projetar a intervenção, pois implica em níveis diferentes de responsabilidade sobre a intervenção e de diferentes aprendizagens da pessoa que exerce esse papel para a realização desse tipo de prática. A condução pode variar da simples condução na guia que pode ser realizada por um voluntário em um programa de visitação, um ajudante do terapeuta que mantém o cão atrelado à guia e orienta aonde este animal deve estar, um adestrador que acompanha a intervenção e orienta os comportamentos a serem apresentados pelo cão, ou o próprio psicólogo que irá orientar a intervenção e os comportamentos do cão para produzir os resultados desejados sobre o paciente.

A avaliação do condutor do animal não deve ocorrer somente como instrumento de uma organização para avaliar voluntários interessados em participar de programas de terapia e psicoterapia assistida por animais. Avaliar um condutor significa examinar se o mesmo se encontra em condições para executar a tarefa a que se propõe. Isso quer dizer que é uma classe a ser apresentada por um psicólogo com relação a outras pessoas que desejam atuar nesse subcampo ou ser apresentada com relação a si mesmo como condição anterior à execução do que foi projetado. Um psicólogo deve estar apto para lidar com variáveis que em outros tipos de intervenção, como por exemplo, uma intervenção psicoterapêutica em um consultório na presença apenas do paciente, ele não encontraria. Em uma psicoterapia com apoio de cães, um psicólogo precisa estar em condições de lidar de forma apropriada com o paciente, com o cão e com as demais variáveis que constituem o ambiente dessa intervenção. Avaliar sua condição em busca de aspectos que ainda não estão apropriados ao trabalho é uma forma de trabalho ético e de compromisso com a segurança, o bem estar e os resultados do trabalho.

7.8 Determinar e preparar as condições futuras compõem a função do projeto de uma intervenção psicoterapêutica com apoio de cães

Após caracterizar as necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães, a etapa seguinte dentro do que constitui intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é a etapa de projetar como essa intervenção será executada. O exame da discussão de Luiz (2008) sobre projetar e planejar a vida profissional e da definição proposta pelo Dicionário REFA (1985) possibilita estabelecer uma distinção entre projetar e planejar, na qual projetar implicaria uma sistematização (algo mais amplo) do planejamento de vários aspectos que constituem intervenções de modo que seja possível executar essa intervenção. A análise dessa distinção conduz à identificação de três aspectos concernentes ao planejamento. O primeiro deles é a determinação de objetivos, resultados pré-determinados a serem produzidos. O segundo refere-se à “preparação de tarefas”, em outras palavras, à definição de condições que aumentem a probabilidade de que determinados eventos ocorram, o que está diretamente relacionado ao terceiro aspecto, descrito no dicionário como “antecipação mental sistemática”, ou seja, a determinação da probabilidade de ocorrência de eventos no futuro. No conjunto das 191 classes de comportamentos identificadas pertencentes às classes mais abrangentes, 92 classes dizem respeito a esses três aspectos concernentes ao planejamento. Dessas 92 classes de comportamentos é possível identificar cinco conjuntos de classes de comportamentos que abrangem outras classes que as detalham.

Dentro da classe geral de comportamentos *“Projetar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães”* há duas classes principais relacionadas a seleção de cães apropriados para apoiar uma intervenção psicoterapêutica. A primeira classe é *“Projetar a seleção de animal para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados”* e a segunda classe é *“Selecionar cão para intervenção em psicoterapia com apoio de cães”*. A classe *“Projetar a seleção de animal para o trabalho em psicoterapia com apoio de cães a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados”* diz respeito à definição de condições para a realização da seleção e envolve outras classes menos abrangentes como planejar e programar. Ambas as classes se encontram na etapa de projetar a intervenção, pois são condições fundamentais para a execução da intervenção. Ao intervir o psicólogo já deve ter definido qual o cão, ou cães, ele irá utilizar no trabalho. Isso também será orientador de outros planejamentos que ele irá realizar de modo a obter o melhor aproveitamento das características do animal que já foram selecionadas e especificamente orientadas para as necessidades da situação com a qual irá lidar. Ao projetar a seleção, o psicólogo irá definir quais procedimentos irá utilizar para identificar em cães as características específicas desses animais que ele necessita para o seu trabalho. Já existem algumas orientações específicas a respeito da seleção de animais (Delta Society, 1996; Burch, 2003; Fine, 2006) e de características gerais de cães que são desejáveis para o trabalho. No entanto a definição precisa de quais serão essas características e de que maneira elas podem ser melhor identificadas irá depender da caracterização das necessidades de intervenção. Após projetar a seleção, ainda na etapa de projetar a intervenção psicoterapêutica com apoio de cães, a seleção do cão envolverá a execução daquilo que foi projetado e terá como resultado a identificação dentro de um universo de possíveis cães, daquele mais apropriado para o trabalho a ser realizado.

O processo de seleção de um cão para apoiar uma psicoterapia, mesmo quando bem feita, não é garantia da obtenção de um cão apto para o trabalho. O processo seletivo visa identificar dentro de um universo de animais disponíveis, quais apresentam a maior quantidade de características desejáveis para a intervenção, mas será difícil obter um cão “pronto” para o trabalho, seja porque o universo de cães disponíveis é limitado e não fornece cães com qualidades suficientes, ou porque é possível constatar que não existe cão “pronto” para um trabalho específico de qualquer espécie. Por exemplo, não se encontram cães de polícia “prontos” que não precisem de treinamento para apresentar alto desempenho, assim como não existem cães guia de cegos aptos sem uma extensa preparação. Para exercer a função de policiamento ou de cão-guia, são selecionados animais que apresentem características desejáveis que são pré-requisitos para o desenvolvimento de outras.

O trabalho de psicoterapia também exigirá preparação do animal em termos de um repertório complexo para atingir um bom nível de desempenho nas atividades na qual ele será requerido. Além do desenvolvimento de um repertório apropriado, a preparação das condições físicas do animal também é importante como condição de adequabilidade do animal ao trabalho que será feito. O banho para deixá-lo em condições de higiene apropriadas para o contato humano, a tosa e escovação para eliminação de pêlos que podem provocar alergia, assim como o corte das unhas para evitar arranhões são parte da preparação de um cão para torná-lo apto a apoiar uma psicoterapia. Quanto mais bem preparado estiver esse animal, maiores serão as chances de sucesso do trabalho.

A classe de comportamentos identificada “*Avaliar se um condutor é apropriado para determinado trabalho em psicoterapia com apoio de cães*” indica que não é apenas para o cão que as atenções precisam estar voltadas. A condução do animal é uma função importante dentro de uma intervenção que conta com o apoio de cães para a modificação do comportamento de pessoas. O cão, como uma variável de grande relevância dentro da intervenção que conta com o seu apoio para obter os resultados desejados, requer que sua participação no processo seja orientada por alguém capacitado para tal tarefa. Como conduzir o animal pode ser algo que pode ser feito pelo próprio psicólogo, pois também há a opção de uma outra pessoa realizar essa tarefa enquanto o psicólogo possui uma função de coordenação do trabalho, avaliar o condutor também faz parte de uma preparação para a execução da intervenção. Caso o condutor não se encontre adequadamente preparado para o trabalho, o mesmo precisará ser capacitado para que possa trabalhar. As classes de comportamentos menos abrangentes identificadas que compõem “*Avaliar se um condutor é apropriado para determinado trabalho em psicoterapia com apoio de cães*” destacam a relevância dessa classe de comportamento e apontam lacunas a serem preenchidas de mais classes de comportamentos que precisam ser apresentadas dentro do conjunto de classes de comportamentos que compõem a classe geral “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”.

As classes de comportamentos identificadas referentes à classe geral de comportamentos “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, apesar de apresentar a maior quantidade de classes de comportamentos identificadas quando comparadas às outras três classes gerais (“*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*”), ainda requer identificação de mais classes de comportamentos. A seleção e preparação de cães são partes importantes do que constitui projetar uma intervenção, a avaliação do condutor também tem uma função relevante como parte da preparação das condições

que aumentem a probabilidade de ocorrência dos resultados desejados. Todavia, a definição de quais resultados são desejados, ou seja, quais são os objetivos a serem atingidos, assim como a avaliação da probabilidade de ocorrência de vários fatores envolvidos em uma psicoterapia com apoio de cães são classes que precisam ser melhor examinadas de forma a compor um projeto de intervenção que possibilite a execução de uma intervenção controlada, orientada e bem sucedida.

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL
"EXECUTAR A INTERVENÇÃO DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES
PROJETADA"**

A partir do conhecimento produzido sobre as condições com as quais irá lidar e das decisões tomadas sobre aquilo que precisará fazer para produzir os resultados desejados, a etapa que segue na realização de uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães correspondente a classe geral de comportamentos “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*”. É útil fazer uma distinção entre os verbos “intervir” e “executar”, pois esses dois verbos são comumente confundidos. Intervir é a classe mais geral referente à atuação profissional sobre um determinado fenômeno ou processo, é uma classe que possui outras classes menos abrangentes que podem ser identificadas como etapas de um trabalho. Executar aquilo que foi projetado para uma psicoterapia é uma classe de comportamentos componente (menos abrangente) da classe mais geral intervir sobre fenômenos ou sobre processos psicológicos. Significa que tem como etapas anteriores “caracterizar as necessidades de intervenção” e “projetar essa intervenção” que tornam possíveis a execução dessa intervenção. “Executar uma intervenção projetada” é uma classe de comportamentos profissionais constituinte do processo de intervenção direta. Mas quais são as classes de comportamentos menos abrangentes que compõem essa classe mais geral? O que elas possibilitam perceber com relação aquilo que um psicólogo deve aprender e deve realizar quando estiver em contato com o cão e com o seu paciente? Quais as limitações das classes identificadas e quais as necessidades de complementação?

As classes de comportamentos identificadas por meio da análise do sétimo capítulo da obra *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* representam apenas uma parte do que constitui a execução de uma intervenção. As 76 classes menos abrangentes de comportamentos identificadas examinam basicamente duas partes importantes do processo de intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães – os cuidados com as condições de bem-estar do animal e a condução do animal como condição facilitadora para produzir a aprendizagem dos comportamentos-objetivos na psicoterapia. Esses dois aspectos fazem parte do conjunto de classes de comportamentos relevantes a serem apresentadas por psicólogos que se propõem a atuar no contexto clínico com o suporte de cães para

a sua prática. No entanto, constituem apenas uma parte daquilo que ele precisa fazer para produzir resultados benéficos, valorosos e duradouros para aqueles que necessitam do seu trabalho.

8.1 Características da classe geral “Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada”

A classe de comportamentos “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” é semelhante à classe “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” em termos de proporção com relação a quantidade de classes menos abrangentes que a compõem. A classe “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” possui 76 classes de comportamentos menos abrangentes, o que representa 40% das 191 classes de comportamentos que estão distribuídas nas quatro classes gerais pertencentes à classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, enquanto a classe “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” representa 48% desse total.

As classes de comportamentos componentes da classe geral “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” organizadas nos âmbitos de abrangência estão apresentadas na Figura 8.1. No canto inferior direito há uma representação reduzida do “mapa” geral com todas as classes de comportamentos, no qual é possível ver o mapa organizado com todas as classes de comportamentos identificadas, com um recorte tracejado do fragmento que corresponde ao conjunto abrangido pela classe “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*”.

Por meio da Figura 8.1 é possível identificar que a classe de comportamentos “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” apresenta uma distribuição de suas classes menos abrangentes mais proporcional do que as classes “*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães*” examinadas previamente. Das 76 classes de comportamentos que constituem a classe “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” sete classes estão no âmbito “Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito”, sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação - TA”. No âmbito seguinte, intitulado “Classes de comportamentos que constituem procedimentos para (como) fazer o que precisa ser feito” foram organizadas 28 classes de comportamentos. Desse total, cinco classes estão alocadas no sub-âmbito “Operações

envolvidas em uma tarefa - OP” e 23 estão no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação – AC”. No âmbito “Classes de comportamentos relacionados ao manejo de instrumentos ou recursos envolvidos com o que precisa ser feito” foram organizadas 32 classes de comportamentos, sendo 25 classes no sub-âmbito “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A” e sete classes no sub-âmbito “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre a maneira de fazer algo - B”. No âmbito “Classes de comportamentos relacionados a situações ou ocasiões para fazer (ou deixar de fazer) algo” foram organizadas nove classes de comportamentos, das quais sete estão no sub-âmbito “Comportamentos relacionados à situação ou ocasião apropriadas para fazer algo – C” e duas estão no sub-âmbito “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre instrumentos e recursos para fazer algo - D”. Assim como nas classes gerais já examinadas (“*Caracterizar a necessidade de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”) na classe geral “*Executar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” não foi alocada nenhuma classe menos abrangente no âmbito “Classes de comportamentos relacionados a conseqüências ou decorrências de fazer (ou deixar de fazer) algo”.

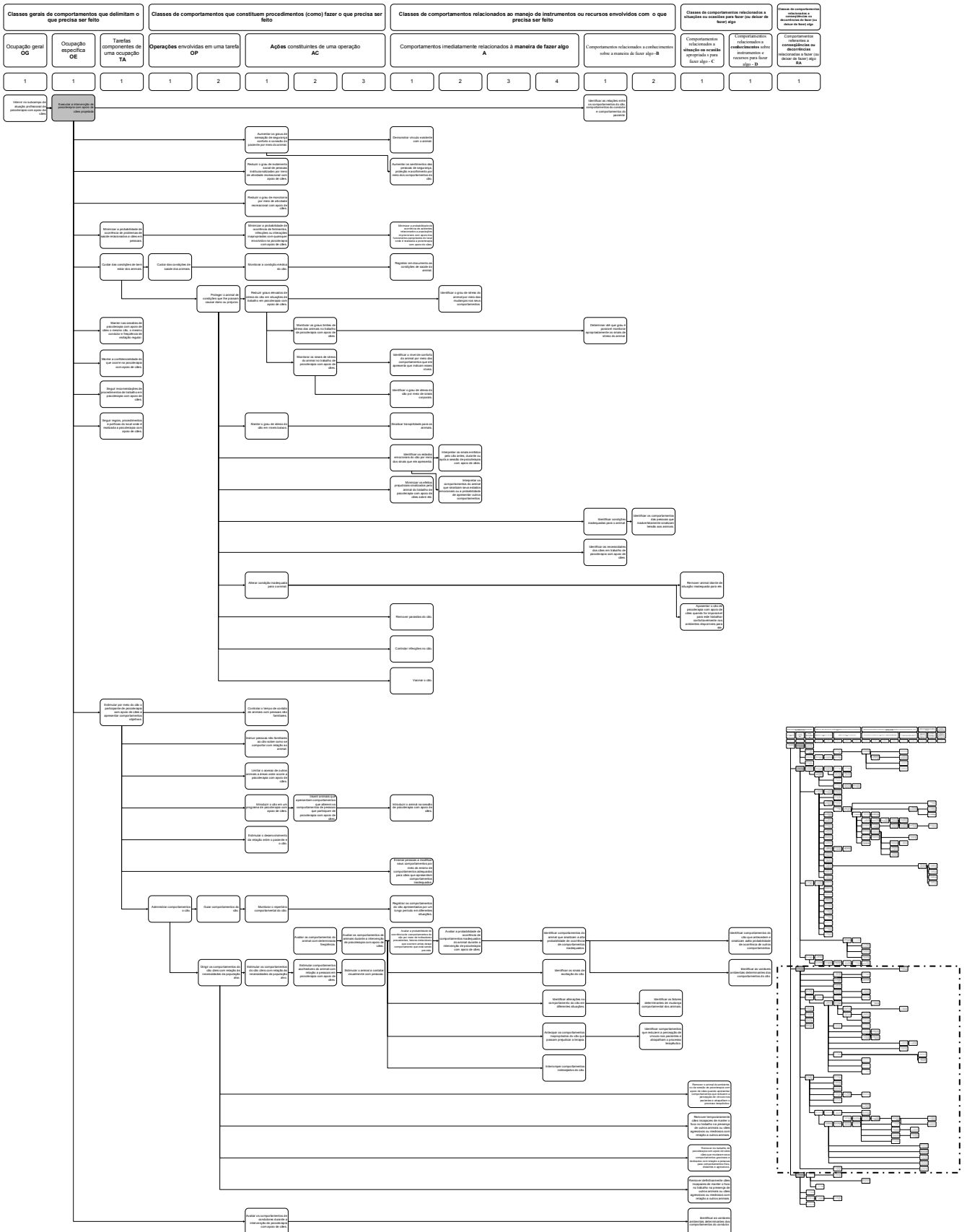


Figura 8.1: Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral “Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada” organizados em âmbitos de abrangência.

Ao observar a Figura 8.1 é possível destacar dois conjuntos de classes de comportamentos formados pelas classes de comportamentos “*Cuidar das condições de bem-estar dos animais*” e “*Estimular por meio do cão o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos-objetivo*” que estão alocadas no sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação – TA”. O primeiro conjunto, formado pela classe de comportamentos “*Cuidar das condições de bem-estar dos animais*” e suas classes menos abrangentes estão apresentadas na Figura 8.2. Ao analisar essa figura é possível verificar que a classe “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” possui 26 classes de comportamentos menos abrangentes e é composta pelas classes “*Cuidar das condições de saúde dos animais*” que está no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa – OP1” e “*Proteger o animal de condições que possam lhe causar dano ou prejuízo*” que está no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa - OP2”. A classe de comportamentos “*Cuidar das condições de saúde dos animais*” possui duas classes menos abrangentes alocadas nos sub-âmbitos “Ações constituintes de uma operação – AC1” e “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A1” e a classe “*Proteger o animal de condições que possam lhe causar dano ou prejuízo*” possui 22 classes distribuídas nos sub-âmbitos “Ações constituintes de uma operação – AC”, “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A”, âmbito “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre a maneira de fazer algo - B” e “Comportamentos relacionados à situação ou ocasião apropriadas para fazer algo – C”. Esse primeiro conjunto formado pela classe de comportamentos “*Cuidar das condições de bem-estar dos animais*” está apresentado na Figura 8.2.

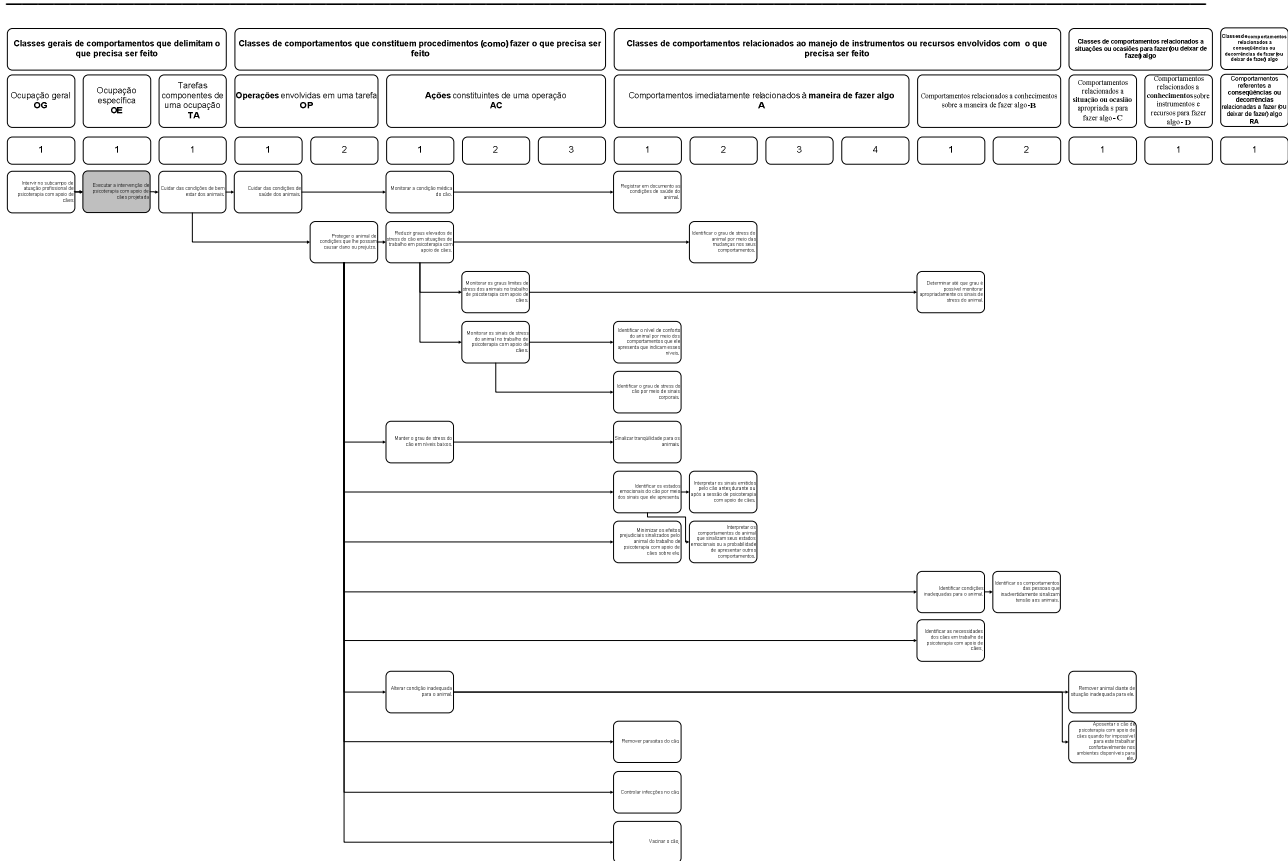


Figura 8.2: Primeiro conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral "Executar intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada" organizadas em âmbitos de abrangência.

O segundo conjunto é composto pela classe de comportamentos “Estimular por meio do cão o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos-objetivo” e suas classes menos abrangentes e estão apresentadas na Figura 8.3. Como é possível verificar na Figura 8.3 a classe “Estimular por meio do cão o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos objetivos”, localizada no sub-âmbito “Tarefas componentes de uma ocupação – TA”, é composta por 33 classes de comportamentos menos abrangentes, distribuídas nos sub-âmbitos “Operações envolvidas em uma tarefa – OP”, “Ações constituintes de uma operação – AC”, “Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo – A”, “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre a maneira de fazer algo - B”, “Comportamentos relacionados à situação ou ocasião apropriadas para fazer algo – C” e “Comportamentos relacionados a conhecimentos sobre instrumentos e recursos para fazer algo - D”.

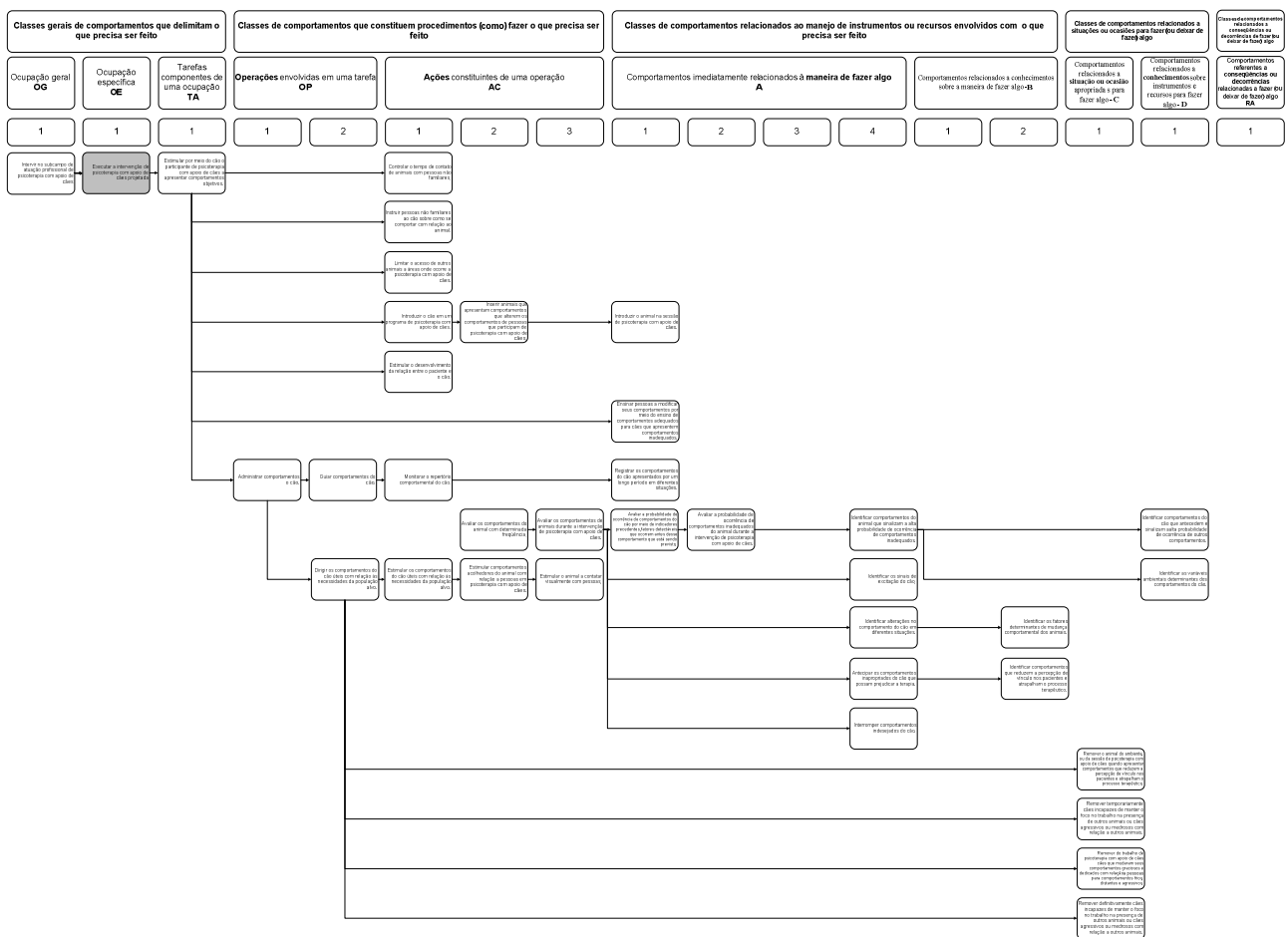


Figura 8.3: Segundo conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral "Executar intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada" organizadas em âmbitos de abrangência.

As classes de comportamentos pertencentes ao primeiro conjunto formado pela classe "Cuidar das condições de bem-estar dos animais" e suas classes menos abrangentes referem-se a variáveis como: condições de saúde do animal; condições que podem causar dano ou prejuízo ao animal; grau de stress do animal; grau de conforto do animal; estados emocionais do animal; e sinais que o animal apresenta que possibilitam identificar seus âmbitos de stress, conforto e estados emocionais. No segundo conjunto constituído pela classe de comportamentos "Estimular por meio do cão o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos objetivos" e suas classes menos abrangentes as variáveis as quais as classes de comportamentos estão relacionadas são: tempo de contato do paciente com o animal; comportamentos do paciente com

relação ao cão; relação entre o paciente e o cão; outros animais que podem estar presente no ambiente e comportamentos do cão.

8.2 “Cuidar das condições de bem-estar dos animais” é uma classe de comportamentos que vai além da preocupação com o cão; implica numa preocupação maior com o bem-estar do próprio paciente.

A preocupação e os cuidados com as condições de saúde do cão são partes integrantes da etapa de seleção do cão apropriado para apoiar uma psicoterapia. Identificar o cão adequado para o trabalho envolve avaliar as suas características físicas, o seu repertório comportamental com relação a situações com as quais ele irá se deparar em uma intervenção psicoterapêutica e também requer avaliar as suas condições de saúde. Como pôde ser visto no capítulo anterior, o exame das condições de saúde do cão deve ser feito por um profissional apropriado para esta tarefa, um médico veterinário. No entanto, um psicólogo também precisa aprender algumas classes de comportamentos relacionadas às condições de saúde de um cão para poder avaliá-lo e cuidá-lo durante a execução da intervenção projetada.

Mais do que apresentar classes de comportamentos com relação à saúde do cão, um psicólogo precisará apresentar classes de comportamentos relacionados às condições de bem-estar do animal. Nesse caso, o bem-estar do animal é considerado como uma condição vivida pelo animal que é composta por variáveis menos abrangentes como as condições de saúde, como propõem Broom e Molento (2004) ao examinar a noção de bem-estar animal. Nas classes de comportamentos identificadas foi possível verificar quatro variáveis componentes do bem-estar do cão: condições de saúde, condições de stress, condições de conforto e estados emocionais. Essas variáveis identificadas estão todas relacionadas, não é possível pensar no stress sem pensar nas condições de saúde do cão, assim como também não é possível deixar de lado as condições de conforto inadequadas que podem estar estressando o animal que, por conseqüência, busca evitar a situação aversiva, caracterizando um processo comportamental que pode ser chamado de medo. Essas variáveis estão fortemente relacionadas e compõem aquilo que, para organizar um fenômeno complexo, está sendo chamado de “bem-estar”, um aspecto do ambiente com o qual o psicólogo terá que lidar ao ter consigo um cão como parte da sua intervenção.

Outra variável componente do bem-estar lembrado por Broom e Molento (2004) e sobre o qual não foram identificadas classes de comportamentos diz respeito à satisfação das necessidades do animal. Apesar de haver apenas uma referência à variável “necessidades do animal” nas classes de comportamentos identificadas, outros autores (Fine, 2006, MacNamara e Butler, 2006; Serpell, Coppinger e Fine, 2006) destacam preocupações relevantes com relação aos cuidados com as necessidades do cão. Fornecer intervalos de descanso, disponibilizar água limpa para a hidratação do animal, prover um local onde o cão poderá recolher-se caso sinta a necessidade disso, são exemplos de classes de comportamentos relevantes a serem aprendidas e apresentadas pelo psicoterapeuta durante a sua atuação que conta com o apoio de um cão e requer que o profissional aprenda comportamentos específicos sobre como lidar com ele. A análise de outras fontes de informação pode prover dados que possibilitem identificar classes de comportamentos que venham a preencher essa lacuna.

Ao discutir considerações sobre o bem-estar de animais em terapias assistidas por animais Serpell, Coppinger e Fine (2006) chamam a atenção para aspectos morais envolvidas na relação entre seres humanos e não humanos, especificamente nos casos em que o uso de animais por seres humanos podem infligir nos animais qualquer espécie de sofrimento seja por impor-lhe uma condição danosa ou por remover-lhe ou privar-lhe de alguma condição gratificante ou satisfatória de suas necessidades. A partir do momento que uma intervenção em psicoterapia incorpora um cão como parte do seu processo, é preciso dirigir considerável atenção a ele. O animal não escolhe o trabalho, ele é escolhido. Isso implica numa responsabilidade com relação ao seu bem-estar por parte de quem o solicita para contribuir na realização do seu trabalho.

Os cuidados com o bem-estar não estão restritos apenas à etapa de execução da intervenção; elas começam muito antes de se chegar a essa fase de uma intervenção. As situações as quais cães são expostos em uma psicoterapia são diferentes das situações as quais normalmente esses animais estão acostumados. Diferentes de alguns tipos de cães de serviço que são frutos de cruzamentos selecionados de modo a apresentarem uma maior pré-disposição ao trabalho que irão exercer e que são preparados desde filhotes para atuarem em suas funções, os cães utilizados em terapia assistida por animais geralmente são cães familiares que acabam sendo direcionados para essa função. Em poucos casos, são cães de abrigos para animais resgatados ou animais que já exerceram algum outro tipo de trabalho (cães-guia, cães de esportes de competição, cães de polícia). No caso da maioria dos cães cuja origem é o lar de pessoas e seus familiares que lhes proveram todo o tipo de conforto, receber um trabalho para executar é uma mudança considerável em suas vidas. Dessa forma,

capacitar os cães para apoiar uma psicoterapia já revela um tipo de cuidado com relação ao animal de modo a torná-lo apto a exercer sua função sem que isso seja uma situação estranha e até aversiva que possa lhe causar algum tipo de sofrimento.

Outra preocupação e cuidado com o animal que ocorre em etapa prévia à execução da intervenção consiste na avaliação da possibilidade de utilização de um cão como apoio em uma psicoterapia com relação à necessidade de intervenção caracterizada. Inserir um animal em uma situação sem ter avaliado as decorrências disso é um grande risco para os envolvidos e uma irresponsabilidade. Nem todas as pessoas são bons “candidatos” à psicoterapia que conta com o apoio de um cão. Como pôde ser visto no Capítulo 6, pessoas que apresentam comportamentos imprevisíveis não são indicadas como potenciais pacientes devido aos riscos de machucarem o cão. Além das características do público alvo, as características do ambiente onde será realizado o trabalho também são aspectos a serem levados em consideração na avaliação da viabilidade de intervir com a participação de um canídeo. Há ambientes que, do ponto de vista do bem-estar do cão, não oferecem condições adequadas para a sua presença.

Avaliar a condição de saúde do animal para sua seleção como animal apropriado é outra classe de comportamentos que pode ser agrupada no conjunto das classes que implicam nos cuidados com o bem-estar do cão. Essa avaliação não só determina a viabilidade de inserção do animal preocupando-se com a segurança e a saúde do paciente, como também leva em conta a preocupação com a segurança e a saúde do animal. Se um animal não está em condições de saúde para apoiar uma psicoterapia, isso não incorre só em riscos para a saúde das pessoas que irão interagir com ele, como também riscos para a saúde do próprio animal. Um animal em condição debilitada que é exposto a uma situação que irá requerer o seu esforço tenderá a piorar ainda mais a sua condição. MacNamara e Butler (2006) afirmam que nada se compara as interações sociais intrinsecamente estressantes que envolvem as intervenções terapêuticas com apoio de animais. Nenhum outro evento canino, esporte, competição exige que um cão entre nas zonas de intimidade de pessoas não familiares e permaneça lá por vários minutos. Apesar de parecer uma afirmação exagerada, parece realmente não haver outra situação na qual um cão precisa permanecer em contato social com pessoas não familiares por tanto tempo e de modo tão intenso.

Uma das muitas responsabilidades que cabe a quem utiliza cães como apoio para suas intervenções são relacionadas aos cuidados com as condições de saúde do cão. A classe de comportamentos “*Cuidar das condições de saúde do cão*” é uma das classes que precisam ser aprendidas por um profissional que tem no cão um participante ativo da sua intervenção. Isso

implica em “*Monitorar as condições de saúde do cão*”, avaliando-o constantemente durante o seu trabalho. Ao preparar o cão para o início de uma sessão é preciso saber que o animal está em boas condições para trabalhar, que não há nada de errado com a sua saúde que possa prejudicar a qualquer um dos envolvidos e a própria psicoterapia. Da mesma forma, ao concluir o trabalho, o mesmo tipo de avaliação também é pertinente.

Um psicólogo não é um médico veterinário. O exame que deve ser capaz de fazer não é tão complexo quanto o de um profissional com formação superior para tal atribuição, mas ele precisará ser capaz de identificar sinais do animal que indiquem alguma anormalidade. Isso não isenta o animal das avaliações periódicas realizadas, aí sim, por um profissional especializado. Registrar em documentos as condições de saúde do animal é forma de acompanhamento e controle do trabalho que inclui a avaliação constante do condutor do cão acrescida das avaliações mais pormenorizadas do médico veterinário.

Em comparação e delimitação das atribuições de cada profissional de áreas de conhecimento diferentes é possível constatar que cada profissional possui um conjunto de classes de comportamentos que precisam ser aprendidas durante a sua formação. Algumas dessas classes, como por exemplo, as classes identificadas e apresentadas na Figura 8.2 “*Remover parasitas*”, “*Controlar infecções*” e “*Vacinar o cão*” são classes de comportamentos a serem apresentadas pelo psicoterapeuta, mas também são classes que são apresentadas por médicos veterinários. Mas apesar de parecer haver uma confusão entre atribuições de cada profissão, isso não é verdadeiro, pois as classes de respostas apresentadas por um psicólogo atuando em psicoterapia com apoio de cães não são as mesmas de um veterinário. Por exemplo, a classe de respostas apresentadas por um psicólogo no comportamento de “*Vacinar o cão*” é “conduzir o cão até o profissional apropriado”, enquanto a de um veterinário seria “inserir a agulha de uma seringa contendo os anticorpos para determinadas doenças no local “x” e de forma “y” de modo que o animal seja imunizado”. Essa confusão pode ser resolvida com uma renomeação mais apropriada das classes de comportamentos ou por um exame mais aprofundado que torne explícito quais são os componentes do comportamento e quais são as relações existentes entre esses componentes. Para tornar claro quais são as relações envolvidas nas classes de comportamentos que constituem as aprendizagens de um psicólogo que irá intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é útil analisar esses comportamentos. Outros estudos que envolvam esse nível de exame serão relevantes contribuições no estudo das classes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos nesse subcampo de atuação profissional.

Cuidar das condições de saúde do cão é parte dos cuidados com as suas condições de bem estar. Outra parte envolve os cuidados com as suas condições de stress. Assim como “*Monitorar as condições de saúde do cão*” faz parte da intervenção, a classe de comportamentos “*Monitorar as condições de stress*” também faz. MacNamara e Butler (2006) afirmam que os ambientes de terapia assistida por animais e atividade assistida por animais são estressantes para cães devido às constantes mudanças de locais e de programações as quais esses animais são submetidos. Segundo Straw (2002) o stress ao qual o animal é submetido aumenta a produção de adrenalina, que pode suprimir ou até encolher a glândula do timo. Como essa glândula é responsável pela produção de células brancas sanguíneas, o stress pode levar a uma deficiência dessas células e supressão do sistema imunológico, o que torna o animal mais suscetível a doenças.

Um psicólogo deve ser capaz de identificar os graus de stress do cão por meio de seus comportamentos e sinais corporais de modo a evitar o sofrimento do animal e acidentes potenciais. Burch (2003), Fine (2006) e Serpell, Coppinger e Fine (2006) apresentam alguns sinais de stress que podem ser identificados em cães, como pode ser visto na Tabela 8.1

TABELA 8.1

SINAIS DE STRESS QUE PODEM SER IDENTIFICADOS EM CÃES

- Respiração ofegante;	- Afastar-se;
- Queda de pêlos;	- Evitar contato visual;
- Diarréia;	- Tremores;
- Urinar com muita frequência;	- Bocejar;
- Lamber os lábios;	- Suor nas patas;
- Tossir;	- Aumento ou decréscimo súbito de atividade;
- Vagar de um lado para o outro;	- Arranhar;
- Espirrar;	- “Congelar” (permanecer imóvel, paralisado)
- Ganir;	- Perda de apetite;
- Rosnar para a aproximação do condutor;	- Esconder-se ou esgueirar-se;

As classes de respostas apresentadas por um cão em condições estressantes também podem apresentar uma função de estímulos discriminativos para o psicólogo da probabilidade de

ocorrência de determinadas classes de comportamentos indesejadas para a psicoterapia. Quando um animal em uma determinada situação “congela” em uma posição, eriça os pêlos do dorso e evita o contato visual ele está apresentando sinais claros de desconforto diante de algo que lhe é aversivo e a probabilidade de que alguma resposta inapropriada para o contexto psicoterapêutico ocorra é alta. Caso a estimulação aversiva persista, a probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos na tentativa de remover a condição aversiva diante dele é alta. MacNamara e Butler (2006) chamam essas classes de comportamentos que antecedem outras classes de comportamentos e indicam a probabilidade de ocorrência dessas outras classes de “indicadores precedentes”. Elas possibilitam avaliar a probabilidade de ocorrência de outras classes de comportamento e ajudam a controlar os comportamentos do cão seja para prevenir a ocorrência de acidentes, ou para aproveitá-los para favorecer a ocorrência de comportamentos objetivos do paciente. Rugaas (2006) examina alguns desses sinais de uma outra perspectiva; essa autora chama alguns desses comportamentos de sinais calmantes⁸. Segundo a autora esses comportamentos são sinais que têm como função controlar as relações sociais entre os cães, acalmando-os e evitando conflitos. Para ela muitas vezes esses sinais são ignorados, desconhecidos ou mal interpretados pelos seres humanos.

Em cada situação na qual o cão estiver inserido ele, irá comunicar uma necessidade sua que exigirá uma diferente reação do condutor. Se o animal estiver levemente estressado por um odor não familiar ou por um movimento inesperado apresentado pelo paciente, um leve afago atrás da orelha ou o som da voz amigável do condutor podem ser suficientes para diminuir o stress do cão. No entanto, caso a condição não mude e se perceba que o cão está se sentindo ameaçado, que seus pêlos das costas estão eriçados, chegando ao ponto de rosnar para o paciente, o cão precisa ser imediatamente removido. Caso o bem-estar do cão esteja sendo afetado de qualquer forma, seja pelo tratamento inadequado dado pelo paciente, seja por uma necessidade sua de excretar, ou por qualquer outra razão, cabe ao psicólogo identificar o que o cão está comunicando e protegê-lo de qualquer condição que lhe cause dano ou prejuízo, alterando a condição prejudicial ao animal ou então removendo esse animal do ambiente. Se uma condição prejudicial para o cão é constante, mesmo que ele não demonstre que a situação está lhe provocando algum prejuízo, o cão deve ser removido. Nem sempre o cão indicará que está sentindo algum desconforto. Cabe à pessoa responsável por ele avaliar as situações as quais ele está sendo exposto para identificar alguma ameaça ao seu bem estar.

⁸ Calming Signals

Cuidar das condições de bem-estar do animal é um aspecto fundamental não só da execução da intervenção, mas de todo o processo. Os cuidados com o cão já começam na avaliação da própria possibilidade de inserção do animal como apoio para a psicoterapia e se estendem até a avaliação da intervenção. Mas os cuidados do animal não são uma preocupação exclusiva e individual com o canino que participa da psicoterapia; é uma preocupação maior, uma preocupação com todos os participantes do processo (cão, psicoterapeuta e paciente). Envolver esses participantes para realizar uma psicoterapia é tarefa do psicólogo e, portanto, cuidar de todos os aspectos envolvidos nesse processo é sua responsabilidade. Isso implica em um cuidado especial com aqueles que estão sob sua responsabilidade, o paciente e o cão. Cuidar das condições de bem-estar do cão é criar condições apropriadas para a realização da psicoterapia e por conseqüência, proporcionar condições de bem-estar para o paciente também.

8.3 A função do cão de facilitador da apresentação por parte do paciente de comportamentos objetivos finais ou intermediários

Na classe de comportamentos geral “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” foram identificados dois grandes conjuntos de classes de comportamentos. O primeiro conjunto é abrangido pela classe “*Cuidar das condições de bem-estar do animal*” que é composta por 26 classes de comportamentos menos abrangentes e o segundo conjunto é formado pela classe de comportamentos “*Estimular, por meio do cão, o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos objetivos*” que é composta por 33 classes de comportamentos menos abrangentes. Os dois conjuntos correspondem a 78% do total de classes de comportamentos identificadas pertencentes à classe geral “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*”. Apenas a classe “*Estimular, por meio do cão, o participante de psicoterapia com apoio de cães a apresentar comportamentos-objetivo*” e suas classes de comportamentos menos abrangentes identificadas correspondem a 45% do total de classes de comportamentos que compõem a classe geral “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e lançam o foco da discussão sobre a característica nuclear da psicoterapia com apoio de cães – o uso do cão como apoio para uma intervenção psicoterapêutica. As questões centrais nesse momento são: Como se utiliza um cão como apoio para a modificação de comportamentos de uma pessoa? De que forma o cão possibilita isso? A análise dos processos envolvidos na utilização de um cão para a modificação de comportamentos de pessoas em contextos clínicos ainda não está bem esclarecida, como Dotti (2005) mesmo coloca em seu livro *Terapia &*

Animais, a primeira obra brasileira diretamente orientada para examinar a atividade e a terapia assistida por animais. Mas é possível, por meio das descobertas de classes de comportamentos a partir do exame de literatura e das contribuições da análise do comportamento, propor uma caracterização dos processos comportamentais que estão envolvidos em intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

Parte importante de uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães diz respeito aos cuidados em geral com cão, uma variável componente da intervenção que não existe quando a psicoterapia envolve apenas o psicoterapeuta e o paciente. Por se tratar de um ser vivo o cão requer maior atenção do que um outro tipo de suporte utilizado em uma intervenção em contexto clínico como, por exemplo, instrumentos musicais em musicoterapia. Por essa razão, é necessário prestar cuidados com relação às suas condições de bem-estar. Mas além da atenção à sua condição de bem-estar é necessário atentar para os seus comportamentos. Aí se encontra a questão chave para a realização de uma psicoterapia com apoio de cães. Os comportamentos do cão são aquilo que lhe confere o caráter especial como recurso em uma psicoterapia. São os seus comportamentos que o diferenciam de um animal de pelúcia ou dos demais animais que podem ser utilizados como apoio em intervenções psicoterápicas. Mas o que o psicólogo deve fazer com relação a esses comportamentos?

Em termos gerais é possível dizer que a classe mais geral de comportamentos a ser apresentada pelo psicólogo com relação aos comportamentos do cão é “*Administrar os comportamentos do cão*”, alocado no sub-âmbito de abrangência “OP1”, como pode ser visualizado na Figura 8.3. Com o cão capacitado (treinado) para atuar no contexto terapêutico durante a etapa de projetar a intervenção, durante a execução cabe ao psicoterapeuta direcionar os comportamentos do cão para os objetivos do trabalho. Isso envolve avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos apropriados e inapropriados e agir de modo a elevar a probabilidade de ocorrência de comportamentos apropriados e diminuir a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados. Mas quais seriam os comportamentos apropriados? Como pôde ser visto no capítulo anterior ao discutir o que é necessário ensinar ao cão para torná-lo apto a apoiar uma psicoterapia, isso ainda é uma incógnita. Para preparar um cão, ainda são pouco conhecidos quais comportamentos são necessários. Há um esclarecimento ainda pouco aprofundando sobre determinados comportamentos que são úteis em uma intervenção psicoterapêutica com apoio de cães. Sendo assim também não há um exame detalhado sobre quais comportamentos devem ser aproveitados em quais situações. O que as classes de comportamentos identificadas a partir da fonte

de informação consultada e que estão apresentadas na Figura 8.3 permitem perceber é que cabe ao psicólogo criar contingências por meio do cão para possibilitar ao paciente estabelecer novas relações com seu ambiente, sejam estas relações os objetivos finais da terapia ou objetivos intermediários que possibilitem alcançar os objetivos finais.

Apesar de não haver clareza com relação a quais comportamentos especificamente devem ser apresentados pelo cão em uma psicoterapia, até porque esses comportamentos tenderiam a variar em função da necessidade de cada caso, Fine (2006) apresenta uma análise das possíveis funções que um animal pode ter em uma intervenção psicoterapêutica. Uma das funções descritas pelo autor é de “lubrificante social”. Segundo o autor, o animal diminui a reserva inicial que algumas pessoas podem apresentar no início de uma psicoterapia, fornecendo um assunto sobre o que conversar. O animal funciona como um elo entre o paciente e o psicoterapeuta criando uma pré-disposição para uma conversa confortável e segura, evitando entrar diretamente nas questões que afligem o paciente e que, provavelmente o deixariam ansioso. Messent (1984) verificou em uma pesquisa que pessoas que estavam acompanhadas de um cão tiveram mais conversas ao longo de uma caminhada do que pessoas que carregavam um bebê, ou andavam sozinhas. A presença do cão proporcionaria uma condição facilitadora para interações sociais. Esse mesmo efeito também parece ocorrer no contexto clínico.

Além de “lubrificante social”, o cão também facilitaria a redução da ansiedade do paciente no início da terapia por meio de seus comportamentos acolhedores. Um cão sociável, ao ver uma pessoa diferente tende a se aproximar de modo alegre, balançando a cauda, isso proporcionaria uma sensação de “boas vindas” a um paciente. Evidentemente, tais efeitos são considerados esperados nos casos de pessoas que gostam ou toleram a presença de um cão, fato que já deve ter sido examinado ao caracterizar as necessidades de intervenção. Levinson (1965) afirma que introduzir um animal no início de uma psicoterapia freqüentemente ajuda um paciente reservado a superar a sua ansiedade com relação à terapia. Fine (2006) descreve que o modo como seus cães costumam receber as crianças que são seus pacientes diminui a tensão no começo de cada encontro. Para muitos pacientes, a mera presença de um cão produz sensações agradáveis e elicia respostas como sorrir e rir. Aparentemente, não só a capacidade de promover aconchego e acolhimento fazem parte do conjunto de efeitos produzidos por cães, mas também é possível perceber que podem produzir alegria e bem-estar. O cão também propicia alguns tipos de interação que não convém à função do psicoterapeuta. Um cão pode deitar aos pés do paciente, subir ou apoiar-se em seu colo para ser afagado e ajudá-lo a se sentir calmo ao se envolver em temáticas difíceis de lidar na terapia. Outro

papel que o cão pode apresentar é o de regulador da intensidade de certos comportamentos, proporcionando mais estabilidade para a pessoa. Crianças muito ativas parecem se tornar mais cuidadosas na presença de um animal, assim como adultos pareceram regular sua reatividade quando na presença de um cão (Fine, 2006).

Essas funções de “lubrificante social” ou de propiciador de um ambiente seguro e acolhedor para tratar questões que trazem sofrimento ao paciente não se restringem apenas ao início da terapia. O cão também pode mobilizar sentimentos e emoções do paciente ao servir de estímulo para falar de assuntos dolorosos para ele. Fine (2006) cita o caso de uma paciente que atendeu que, após tentar pegar um de seus pássaros de terapia e perceber a reação do animal, começou a conversar com o terapeuta relatando que compreendia o animal. Em pouco tempo de trabalho o psicoterapeuta descobriu um caso de abuso sexual envolvendo a criança. Esse exemplo ajuda a compreender como os comportamentos do animal e a interação desses comportamentos com os comportamentos do paciente proporcionam ocasiões para que sejam apresentados “comportamentos-objetivo” intermediários ou finais definidos para a psicoterapia.

Outra maneira como o cão pode ser útil em uma psicoterapia é como um modelo de organismo para compreender a noção de comportamento e aprender como operar sobre o comportamento para produzir mudanças comportamentais. Nesse caso, aprender sobre como analisar e modificar os comportamentos do cão pode ser generalizado para a análise e modificação dos próprios comportamentos do paciente. Zamignani, Silva Neto e Meyer (2008) ao examinarem a terapia analítico-comportamental como aplicação dos princípios da análise do comportamento para o contexto clínico, discutem a utilização da interpretação funcional do comportamento como o tratamento em si ou como um dos componentes do tratamento. De acordo com esses autores, ainda há muita controvérsia sobre o assunto, mas há aqueles que defendem que o psicólogo deveria trabalhar com o cliente para que este desenvolva uma análise funcional do seu próprio comportamento e para ajudá-lo a utilizar a análise funcional para modificar o seu próprio comportamento. Isso implicaria numa participação mais ativa do cliente no próprio tratamento.

Nos apêndices do seu *Standards of Practice* a Delta Society (1996) apresenta uma lista de objetivos de uma psicoterapia e algumas atividades a serem realizadas pelo paciente para alcançar esses objetivos. Contudo, apesar de ser um avanço em termos de detalhamento do que de fato pode ser feito em uma psicoterapia com apoio de cães, esses objetivos apresentados não constituem objetivos de ensino conforme define Botomé (1985) e se tem como orientação da elaboração de objetivos para uma psicoterapia. No caso desses objetivos apresentados pela Delta Society, se

tratam mais especificamente de intenções do psicoterapeuta. O problema desses tipos de objetivo é que não dizem nada (ou dizem muito pouco) a respeito do que deverá ser produzido como resultado pelas ações do psicoterapeuta ao lidar com seus pacientes. Objetivos como esses continuam a não dizer o que o paciente irá desenvolver como capacidade nova para lidar com a realidade que o cerca. Na Tabela 8.2 estão apresentados alguns objetivos da terapia e algumas atividades a serem realizadas pelo paciente para alcançar esses objetivos, conforme apresenta a Delta Society (1996). Na primeira coluna estão dispostos objetivos para a psicoterapia e na segunda coluna atividades a serem realizadas para atingir os objetivos determinados. Por exemplo, para aperfeiçoar a habilidade do paciente em expressar seus sentimentos pode ser útil fazer com que observe os comportamentos do cão e discuta sobre possíveis sentimentos que esse animal pode estar sentindo, de forma que gradativamente seja possível falar e examinar os próprios comportamentos do paciente.

TABELA 8.2

OBJETIVOS DA PSICOTERAPIA E ATIVIDADES COM CÃES A SEREM REALIZADAS PELO PACIENTE PARA ATINGIR ESSES OBJETIVOS⁹

Objetivos da Psicoterapia	Atividades a serem realizadas para atingir os objetivos
<ul style="list-style-type: none"> - Aperfeiçoar a habilidade para expressar sentimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observar os comportamentos do animal; - Receber educação a respeito dos significados dos comportamentos do animal; - Fornecer afeição apropriada para o animal; - Receber afeição do animal; - Observar o animal e discutir sobre as suas respostas a comportamentos humanos; - Discutir sobre como o animal pode se sentir se sua mãe o deixasse, ou se outros animais não gostassem dele etc. (assuntos relacionados às necessidades do paciente);
<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar a socialização; - Aumentar a comunicação; - Reduzir o isolamento; - Reduzir a solidão; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensinar algo novo ao animal; - Brincar com o animal; - Aprender a cuidar do animal; - Relembrar e repetir informações sobre o animal; - Apresentar o animal a outras pessoas; - Receber aparente aceitação do animal; - Fornecer afeição apropriada ao animal;

⁹ Adaptado de Delta Society. (1996). *Standards of practice for animal-assisted activities and animal-assisted therapy*. Washington: Delta Society.

Independentemente de que função especificamente o cão pode ter num processo psicoterapêutico, o que é possível concluir é que o animal serve como uma contingência relevante para a apresentação de classes de comportamentos objetivos para a psicoterapia. No caso de uma pessoa com dificuldade para falar sobre seus sentimentos, falar sobre os sentimentos do cão pode ser um comportamento intermediário mais fácil de ser apresentado, conforme pôde experimentar Fine (2006) com o seu paciente que comentou compreender o que o pássaro que ele havia tentado apertar estava sentindo. Esse é um exemplo de classe de comportamentos intermediários, que por meio de aproximações sucessivas vão modelando o comportamento do paciente (Skinner, 2007). O uso do cão para o desenvolvimento de uma relação de confiança entre o paciente e o psicoterapeuta também é uma forma de manipulação das variáveis ambientais para obtenção de comportamentos do paciente que auxiliem a obter os comportamentos-objetivo. Criar uma condição assim não é o objetivo final de uma psicoterapia, mas é uma questão fundamental para o seu bom andamento. Um cão que facilite e agilize essa primeira etapa, contribuirá para um trabalho mais rápido e agradável para atender as necessidades do paciente. Da mesma forma, ensinar o paciente a operar sobre o seu ambiente de forma a modificar o seu comportamento, seja ele qual for, pode ser facilitado tendo o cão como modelo para compreensão do que é o comportamento e quais os seus determinantes. Além disso, o cão ainda pode ser aproveitado como estímulo com propriedades reforçadoras para respostas desejáveis, ou como estímulo eliciador para a ocorrência dessas mesmas respostas. No caso de crianças com mutismo seletivo, pronunciar o nome do cão é imediatamente reforçado pela aproximação do animal. Seja qual for a função do cão, há uma necessidade específica de mais exames com relação às suas possibilidades de contribuições para o processo psicoterapêutico.

8.4 As contribuições da análise do comportamento para a elaboração de um procedimento para caracterizar o processo psicoterapêutico que constitui uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães.

A partir da análise das contribuições de Fine (2006) a respeito das funções do cão, das classes de comportamentos identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação e das contribuições dos avanços com relação à noção de comportamento, é possível propor uma caracterização do processo comportamental que constitui a psicoterapia com apoio de cães a partir da análise geral das interações entre os comportamentos apresentados pelos participantes da intervenção (paciente, psicólogo e cão). Na Tabelas 8.3, 8.4 e 8.5 estão apresentadas

respectivamente as análises dos processos comportamentais de psicólogos, de cães e de pacientes em uma psicoterapia com apoio de cães.

TABELA 8.3

ANÁLISE GERAL DO COMPORTAMENTO DO PSICÓLOGO AO UTILIZAR CÃES COMO APOIO DE SUA INTERVENÇÃO EM PSICOTERAPIA

Classes de Estímulos Antecedentes	Classes de Respostas	Classes de Estímulos Conseqüentes
<ul style="list-style-type: none"> - Necessidades do paciente caracterizadas; - Intervenção projetada; - Características do ambiente onde ocorre a psicoterapia com apoio de cães; - Características do paciente; - Comportamentos do paciente; - Comportamentos do cão; - Objetivos da psicoterapia; (...) 	<ul style="list-style-type: none"> - Qualquer classe de respostas que envolva o cão como contingência para a apresentação de comportamentos objetivo (finais ou intermediários) do paciente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cão envolvido na psicoterapia como uma classe de estímulos antecedentes ou conseqüentes dos comportamentos do paciente; - Aumento da probabilidade de apresentação de classes de comportamentos objetivo (finais ou intermediários) pelo paciente; (...)

Como é possível verificar na Tabela 8.3, estão apresentadas, na primeira coluna, as classes de estímulos antecedentes, ou seja, aquilo com o qual o psicólogo se relaciona ao realizar uma psicoterapia com apoio de cães. Nesse tipo de intervenção o psicólogo estará se relacionando com muitas classes de estímulos produzidas em etapas anteriores da intervenção (Caracterizar necessidades de intervenção e Projetar intervenção), estará lidando com características do ambiente onde ocorre a psicoterapia com apoio de cães, com características do paciente, seus comportamentos, com os comportamentos do cão, com os objetivos da psicoterapia e outros estímulos que podem compor a situação na qual ele precisará fazer algo e que estão expressos pelo símbolo “(...)”. Diante dessas classes de estímulos antecedentes, o psicólogo terá que apresentar classes de respostas (aquilo que ele precisa fazer com o que se relaciona para produzir determinado resultado) que envolvam o cão como uma contingência para o aumento da probabilidade de apresentação de comportamentos-objetivo do paciente. Não há uma determinação de quais classe de respostas específicas constituem esse comportamento, pois elas irão variar de acordo com a ocasião. Por exemplo, no caso de uma pessoa ansiosa diante das primeiras sessões de psicoterapia, apenas comandar o cão para que fique próximo ao paciente para que este o acaricie é uma possibilidade de uma classe de respostas a ser apresentada, enquanto que solicitar que a pessoa observe os comportamentos do cão para aprender a identificar os seus determinantes seria uma outra classe de

respostas possível. O aspecto mais importante é que o resultado produzido por essas classes de respostas seria o cão assumindo o papel de uma classe de estímulos (antecedentes ou conseqüentes) que aumentem a probabilidade de ocorrência de comportamentos-objetivo do paciente, sejam esses objetivos finais ou intermediários. Na terceira coluna onde estão apresentadas as classes de estímulos conseqüentes também há o símbolo “(…)” indicando a possibilidade de outras decorrências das classes de respostas do psicólogo.

Na Tabela 8.4 estão apresentados os componentes da classe geral de comportamentos do cão envolvida em uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães. Na primeira coluna estão apresentadas as classes de estímulos antecedentes. Em uma intervenção psicoterapêutica que conta com o apoio de cães um cão terá de lidar com as características do ambiente em que está, podendo ser um quarto de hospital, um consultório, ou até mesmo um parque; as características do paciente, os comportamentos apresentados por esse paciente com relação ao cão, os comportamentos do psicólogo com relação ao cão, podendo haver outras classes de estímulos, que na tabela são representadas pelo símbolo “(…)”. Diante dessas situações o cão irá apresentar diversas classes de respostas, mas no caso de uma psicoterapia com apoio de cães, as classes de respostas de interesse serão aquelas que produzam como resultado a apresentação de alguma classe de comportamentos objetivo por parte do paciente. Além da conseqüência produzida no paciente, é provável que o psicólogo ou até mesmo o próprio paciente forneça algum tipo de reforço artificial para a situação, seja com um afago, um contato visual, um petisco ou um brinquedo, de forma a manter a relação entre os componentes do comportamento do cão, uma vez que, para ele, a apresentação de determinados comportamentos do paciente que são objetivos da terapia não são necessariamente reforçadores.

TABELA 8.4**ANÁLISE GERAL DO COMPORTAMENTO DO CÃO EM UMA INTERVENÇÃO EM PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES**

Classes de Estímulos Antecedentes	Classes de Respostas	Classes de estímulos Conseqüentes
-Características do ambiente onde ocorre a interação; - Características do paciente; - Comportamentos do paciente com relação ao cão; - Comportamentos do psicólogo com relação ao cão; (...)	- Qualquer classe de respostas que produza como resultado a apresentação de alguma classe de comportamentos objetivo por parte do paciente;	- Classe de comportamentos objetivo apresentada pelo paciente; - Reforço artificial apresentado pelo psicólogo (carinho, contato visual, elogio, petisco, brinquedo) - Reforço artificial apresentado pelo paciente (carinho, contato visual, elogio, petisco, brinquedo) (...)

Na Tabela 8.5 está apresentada a análise geral do comportamento do paciente em uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães. Em uma sessão psicoterapêutica, o paciente terá como classe de estímulos antecedentes os comportamentos do cão que apóiam a intervenção, as características físicas desse animal e os comportamentos do psicólogo. Essas classes de estímulos articuladas em um contexto clínico elevam a probabilidade de que o paciente apresente as classes de respostas que compõem os comportamentos objetivos da psicoterapia, que são as classes de respostas registradas na coluna do meio da Tabela 8.5. Essas classes de respostas serão seguidas de comportamentos do cão e do psicólogo que terão propriedades reforçadoras de modo a aumentar a probabilidade de que essas respostas voltem a ocorrer na terapia e, posteriormente, ocorram fora dessa situação.

TABELA 8.5

ANÁLISE GERAL DO COMPORTAMENTO DO PACIENTE EM UMA INTERVENÇÃO EM PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES

Classes de Estímulos Antecedentes	Classes de Respostas	Classes de estímulos Conseqüentes
- Comportamentos do cão; - Características físicas do cão; - Comportamentos do psicólogo; (...)	- Qualquer classe de respostas que componha um comportamento objetivo da psicoterapia.	- Comportamentos do cão decorrentes da resposta do paciente que apresentem propriedades reforçadoras. - Comportamentos do psicólogo que apresentem propriedades reforçadoras. (...)

A partir das análises gerais dos comportamentos dos envolvidos em uma psicoterapia com apoio de cães é possível propor uma caracterização das interações entre esses três participantes. Na Figura 8.4 é possível perceber como os comportamentos do psicólogo, do cão e do paciente estão relacionados em uma intervenção psicoterapêutica com apoio de cães.

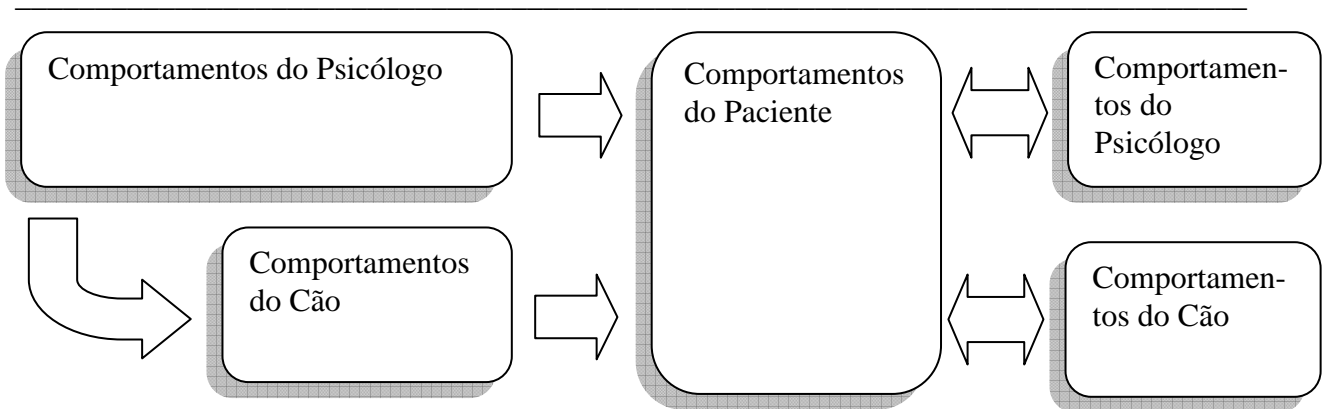


Figura 8.4: Caracterização da interação entre os comportamentos do psicólogo do cão e do paciente em uma psicoterapia com apoio de cães.

Na Figura 8.4 estão apresentadas as relações existentes entre os comportamentos do psicólogo, os comportamentos do cão e os comportamentos do paciente. Seguindo da esquerda para direita é possível verificar a seqüência de interações entre esses comportamentos. Os comportamentos apresentados pelo psicólogo são condições antecedentes dos comportamentos do cão e do paciente. Como antecedente dos comportamentos do cão, os comportamentos do psicólogo visam a orientar os comportamentos do cão para que se tornem estímulos antecedentes de

comportamentos-objetivo a serem apresentados pelo paciente. Da mesma forma, os próprios comportamentos do psicólogo também podem ser classes de estímulos antecedentes para comportamentos do paciente. Os comportamentos do cão e do psicólogo não têm apenas função de estímulos antecedentes, mas também de estímulos conseqüentes, como pode ser visto na figura com as setas de duplo sentido que ligam os comportamentos do cão e os comportamentos do psicólogo aos comportamentos do paciente. Aquilo que o paciente faz pode ter como conseqüência comportamentos apresentados pelo cão ou pelo psicólogo que tenham função reforçadora dos comportamentos apresentados pelo paciente. As classes de comportamentos apresentadas pelo paciente também se tornam novas classes de estímulos antecedentes para classes de comportamentos do psicólogo e do cão. Tendo o comportamento do paciente como ponto de análise, é possível concluir que os comportamentos do cão e do psicólogo são contingências ambientais que aumentam a probabilidade de ocorrência dos comportamentos-objetivo do paciente na psicoterapia.

Essa proposição de caracterização da interação entre os comportamentos dos envolvidos em uma psicoterapia auxilia a compreender um pouco mais sobre o processo que constitui a intervenção psicoterapêutica no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Ela ajuda a explicar, em parte, como um cão pode ser utilizado como apoio no contexto clínico. No entanto, ainda existem lacunas com relação a como esse processo ocorre, como ele pode ser realizado, que tipos de componentes dos comportamentos de cada participante estão envolvidos especificamente em cada tipo de necessidade do paciente. É necessário produzir conhecimento sobre os processos envolvidos em cada tipo de caso no qual a intervenção psicoterapêutica assistida por cães é uma opção para modificação de comportamentos de pessoas em contextos clínicos. Tais estudos são valiosos para compreender como as intervenções funcionam e para proporcionar melhorias para projetar e executar procedimentos mais acurados e bem sucedidos.

8.5 As classes de comportamentos menos abrangentes relativas à classe geral “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” constituem apenas uma pequena parte do que um psicólogo precisa fazer ao executar uma intervenção

As classes de comportamentos identificadas por meio da análise do sétimo capítulo da obra *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* representam apenas uma parte do que constitui a execução de uma intervenção. As 76 classes de

comportamentos menos abrangentes de comportamentos identificadas examinam basicamente duas partes importantes do processo de intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães – os cuidados com as condições de bem-estar do animal e a condução do animal como condição facilitadora para produzir a aprendizagem dos comportamentos objetivos na psicoterapia. Esses dois aspectos fazem parte do conjunto de classes de comportamentos relevantes a serem apresentadas por psicólogos que se propõem a atuar no contexto clínico com o suporte de cães para a sua prática. No entanto, constituem apenas uma parte daquilo que ele precisa fazer para produzir resultados benéficos, valorosos e duradouros para aqueles que necessitam do seu trabalho.

Apesar de representar 40% do total de classes de comportamentos menos abrangentes que compõem as quatro classes gerais (“*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”) constituintes da classe mais geral de comportamentos “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, as classes de comportamentos identificadas referentes à classe “*Executar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada*” são referentes a duas partes da execução de um trabalho. A primeira parte refere-se aos cuidados com as condições de bem-estar do animal e a segunda parte refere-se à condução do animal de forma que este seja uma contingência que aumente a probabilidade de ocorrência de comportamentos objetivos do paciente na terapia. Esses dois conjuntos já proporcionam alguma orientação para a execução da intervenção, no entanto, outras variáveis que foram identificadas nas classes de comportamentos gerais “*Caracterizar necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”, como por exemplo, o ambiente físico no qual a psicoterapia será realizada ou até outras pessoas que estão envolvidas no processo, como outros profissionais que atuam com o paciente e familiares desse paciente, são exemplos de outras variáveis as quais são necessários a apresentação de classes de comportamentos durante a execução da intervenção.

Identificar as condições de saúde do animal é uma classe de comportamentos importante durante a avaliação e seleção de cães para apoiarem uma psicoterapia. Durante a execução da intervenção um psicólogo precisará atentar para as condições de saúde do animal e outras condições que irão compor o “quadro” de bem-estar desse animal, tais como as condições de stress, condições de conforto, estados emocionais e necessidades do animal. A partir do momento que uma intervenção em psicoterapia incorpora um cão como parte do seu processo, é preciso dirigir

considerável atenção a ele. O animal não escolhe o trabalho, ele é escolhido. Isso implica numa responsabilidade com relação ao seu bem-estar por parte de quem o solicita para contribuir na realização do seu trabalho. Cuidar do bem-estar do cão não só é uma espécie de comportamento ético relacionado ao animal, como também ao próprio paciente que estará exposto ao contato com esse animal. Um cão saudável, tranquilo, descansado, disposto a trabalhar possibilita um trabalho com maior segurança para todos os envolvidos.

O segundo conjunto de classes de comportamentos menos abrangentes que pode ser destacado no conjunto das classes de comportamentos que compõem a classe geral “*Executar intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” diz respeito à condução para a facilitação da apresentação, por parte do paciente, de comportamentos-objetivo da terapia. Fine (2006) apresenta algumas funções que podem ser atribuídas ao cão em uma psicoterapia, mas em última análise, a partir das contribuições da análise do comportamento, é possível identificar que o cão e, mais precisamente seus comportamentos, têm a função principal de servir como uma contingência para apresentação de comportamentos-objetivo tanto intermediários como finais da terapia. Quais comportamentos do cão, especificamente, são os desejados ainda não é claro o suficiente para cada situação, mas o debate sobre as funções do cão já ajudam a elucidar um pouco o assunto. Examinar essas funções pode auxiliar a identificar quais os comportamentos são os desejados que o animal apresente em cada situação para que oriente o psicólogo a conduzir esses comportamentos do cão para obter os comportamentos desejados do paciente.

Com maior clareza sobre quais comportamentos do cão são úteis para o trabalho também será necessário identificar quais os comportamentos do psicoterapeuta a serem apresentados para coordenar esses comportamentos do cão. Obras referentes à intervenção psicoterapêutica que envolve apenas o psicoterapeuta e o paciente podem fornecer informações úteis para identificar classe de comportamentos do psicólogo referentes ao uso de cães para modificar o comportamento de pessoas. Não se trata de adequar uma coisa a outra, uma maneira de apenas inserir um cão em um processo terapêutico para produzir o resultado desejado e comprovar a utilidade desse tipo de trabalho. Isso seria um grande equívoco. O uso de cães como apoio em psicoterapias já apresentou resultados pertinentes a serem discutidos como evidência de sucesso desse tipo de intervenção. No entanto, a falta de clareza sobre os processos envolvidos nesse tipo de trabalho podem dificultar a definição do que exatamente precisa ser feito diante das necessidades com as quais os psicoterapeutas se deparam e precisam lidar. O uso de fontes que examinem e esclareçam sobre procedimentos a serem realizados durante a execução de uma intervenção psicoterapêutica podem

ser valiosos para aumentar a compreensão sobre como o cão funciona como uma contingência que aumenta a probabilidade de ocorrência de determinados comportamentos que são desejáveis que ocorram na terapia e, especialmente, fora dela. O estudo da função do cão na psicoterapia, destacando casos práticos também pode propiciar um detalhamento a respeito do que deve ser feito com relação àquilo com que o psicólogo está lidando diretamente ao executar uma intervenção.

O núcleo da intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães está justamente naquilo que define o seu nome; no apoio fornecido pelo cão para a realização do processo psicoterapêutico. Examinar o processo de utilização do cão como contingência para a modificação de comportamentos de pessoas constitui o aspecto central para determinar as classes de comportamentos que compõem a intervenção em psicoterapia com apoio de cães. As descobertas decorrentes desse estudo possibilitarão derivar mais classes de comportamentos que precisarão ser apresentadas não só para a execução de uma intervenção, mas também para a caracterização da necessidade de intervenção, para a projeção dessa intervenção e também para a avaliação desse trabalho, principalmente para avaliar os benefícios do trabalho.

**CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE GERAL
"AVALIAR A INTERVENÇÃO DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES
EXECUTADA"**

Apesar dos já documentados efeitos benéficos da interação entre seres humanos e animais (Serpell, 1990; Baker & Dawson, 1998; Barak & Mavashev, 2001; McNicholas, Gilbery, Rennie, Ahmedzai, Dono & Ormerod, 2005; McNicholas e Collis, 2006; Hart, 2006; Friedman & Tsai, 2006; Sobo, Eng & Krich, 2006) é preciso ter claro que somente porque a interação com um animal pode ser agradável não quer dizer que é terapêutico. Muitos relatos anedóticos são utilizados como referência para comprovação dos benefícios desse tipo de intervenção, no entanto não parece haver por parte daqueles que descrevem esses relatos qualquer espécie de avaliação criteriosa dos resultados obtidos. O fato de já se ter estabelecido que o uso de cães como apoio de uma terapia pode trazer benefícios para pessoas em diferentes condições parece ser garantia suficiente para a obtenção certa dos resultados desejados. Mas a utilização de cães não implica diretamente em sucesso. Voelker (1995, citado por Fine 2006) enfatiza que a maior dificuldade em obter informações sobre os resultados de intervenções em terapia assistida por animais é que muitos dos profissionais envolvidos nesses trabalhos não vêm necessidade de conduzir pesquisas sobre os resultados produzidos, ou não estendem suas atuações para validar os resultados. Essa falta de avaliação produz uma carência de evidências da eficiência desse tipo de intervenção. Mas não somente isso, também deixa uma lacuna em termos de avaliação da intervenção realizada. O conhecimento produzido a partir da avaliação da intervenção realizada não só permite identificar benefícios e sucessos, mas também problemas a serem resolvidos e lacunas no conhecimento a ser produzido. É possível imaginar que não só melhorias nas condições de vida das pessoas são proporcionadas por intervenções assistidas por animais, há dúvidas e percalços que permeiam essas intervenções. Uma intervenção responsável não implica apenas nos cuidados ao projetar a intervenção e executá-la. Envolve também avaliar os resultados obtidos para identificar problemas e propor soluções de modo que tais problemas não voltem mais a ocorrer. Sendo assim, que aspectos precisam ser avaliados em uma intervenção que conta com o apoio de cães para modificar o comportamento de pessoas? Quais as classes de comportamentos a serem apresentadas por um psicólogo que atua no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães compõem a classe geral de comportamentos “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”?

9.1 Características da classe geral “Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada”

A classe geral de comportamentos “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*” é a classe que apresenta o menor número de classes de comportamentos menos abrangentes identificadas do conjunto das classes gerais que compõem a classe de comportamentos mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”. Essa classe possui um número menor de classes menos abrangentes que a constituem quando comparada com outras classes gerais como “*Projetar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*”, e se assemelha a classe geral “*Caracterizar as necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, que mesmo assim ainda apresenta cinco classes menos abrangentes a mais. Das 191 classes identificadas que estão distribuídas nas quatro classes gerais, nove delas, o equivalente a 5% do total, são classes menos abrangentes componentes da classe geral de comportamentos “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*”.

Como é possível observar na Figura 9.1 que apresenta um extrato do mapa apresentado na Figura 5.1 e uma localização desse extrato com relação ao mapa geral das classes de comportamentos identificadas, a classe geral de comportamentos “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*”, destacada em cinza, está no âmbito de abrangência “Classes de comportamentos que delimitam o que precisa ser feito”, sub-âmbito “Ocupação específica – OE”. Essa classe de comportamentos está logo à direita da classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” que é a classe de comportamentos investigada e que está alocada no sub-âmbito mais geral “Ocupação Geral – OG”.

Na Figura 9.1 é possível perceber que as classes menos abrangentes pertencentes à classe geral “*Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada*” estão distribuídas nos sub-âmbitos “Tarefas componentes de uma operação - TA”, “Operações envolvidas em uma tarefa – OP”, “Ações constituintes de uma operação – AC” e “Comportamentos imediatamente relacionados a maneira de fazer algo - A”. No sub-âmbito “Tarefas componentes de uma operação - TA” estão alocadas as classes de comportamentos “*Avaliar os resultados*”, “*Avaliar o planejamento da intervenção*”, “*Avaliar a equipe que realizou a psicoterapia com apoio de cães*” e “*Avaliar as condições médicas do cão*”. A classe “*Avaliar os resultados*” possui três classes menos abrangentes:

“Avaliar os efeitos dos comportamentos do cão sobre os comportamentos do paciente” localizado no sub-âmbito “AC1”; “Avaliar adequação entre população alvo, objetivos específicos para a população alvo, funcionários envolvidos, população total, atividades programadas de psicoterapia com apoio de cães, outros animais, outras atividades paralelas à psicoterapia com apoio de cães”, localizada no sub-âmbito Comportamentos imediatamente relacionados à maneira de fazer algo - A1”; e “Avaliar a duração dos resultados”, localizada no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa – OP1”. A classe “Avaliar a equipe que realiza a psicoterapia com apoio de cães”, alocada no sub-âmbito “TA” possui duas classes menos abrangentes chamadas “Avaliar a adequabilidade de uma equipe a uma determinada situação”, localizada no sub-âmbito “Operações envolvidas em uma tarefa – OP1” e “Avaliar os modos de interação do condutor durante as sessões de psicoterapia com apoio de cães”, localizada no sub-âmbito “Ações constituintes de uma operação – AC1”.

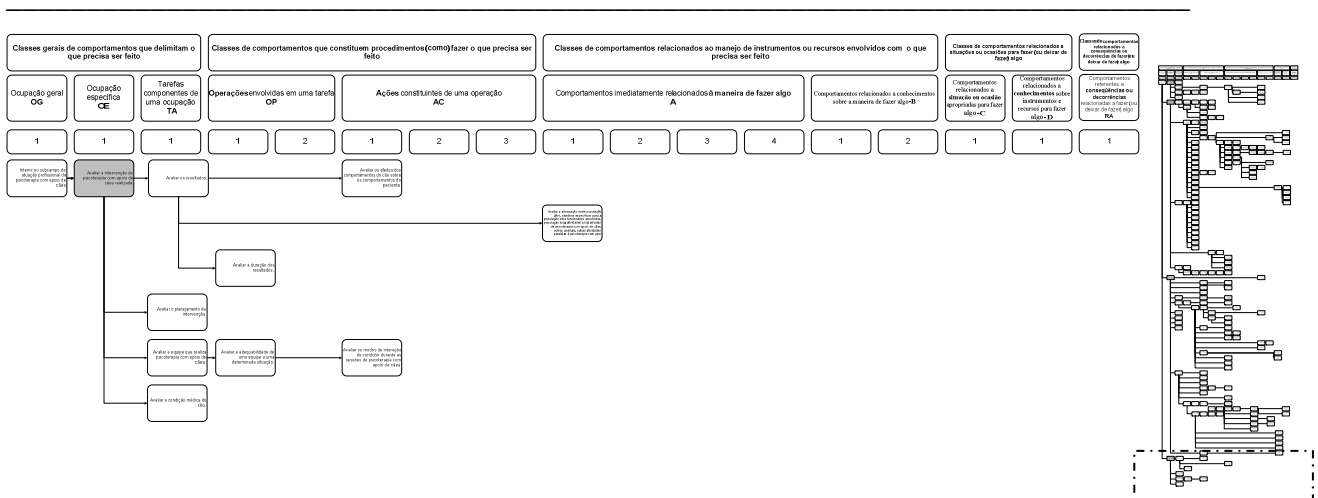


Figura 9.1: Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral “Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada” organizados em âmbitos de abrangência.

As classes de comportamentos componentes da classe geral “Avaliar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães executada”, apesar de apresentar quantidade reduzida de classes menos abrangentes quando comparada a outras classes gerais, apresentam variáveis diversificadas as quais essas classes menos abrangentes fazem referência. Essas classes menos abrangentes fazem referência a variáveis como: resultados obtidos, comportamentos dos pacientes, planejamento da

intervenção, adequação da equipe à situação, condição médica do cão e adequação entre múltiplas outras variáveis que compõem a intervenção em psicoterapia com apoio de cães.

9.2 São necessários investimentos em pesquisa para descobrir outras classes de comportamento componentes da classe geral “Avaliar a intervenção em psicoterapia com cães executada”.

As poucas classes de comportamentos identificadas pertencentes à classe geral “Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada” permitem algumas conclusões. A primeira delas é que, como pôde ser visto anteriormente nos outros capítulos, o capítulo utilizado como fonte de informação oferece poucos dados para identificação de classes de comportamentos outras que não aquelas relacionadas à seleção de cães para intervenção, uma vez que é desse assunto que trata o capítulo. Portanto, classes de comportamentos correspondentes a outras etapas de uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães têm probabilidade menor de serem identificadas. A outra conclusão possível diz respeito a quanto essa classe de comportamentos ocorre com pouca frequência em uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães e também apresentam poucos estudos na literatura. Tal conclusão é sustentada pelas afirmações de Volker (1995, citado por Fine 2006) que destaca que a maior dificuldade em obter informações sobre os resultados de intervenções em terapia assistida por animais advêm do fato de que muitos dos profissionais envolvidos nesses trabalhos não vêem necessidade de conduzir pesquisas sobre os resultados produzidos.

De qualquer, forma é possível avaliar as classes de comportamentos que foram identificadas como contribuições pertinentes a serem examinadas. A classe de comportamentos “Avaliar os resultados” indica que independentemente das pesquisas realizadas que comprovam os benefícios da interação de pessoas com cães e dos relatos de experiências bem sucedidas, cada intervenção precisa identificar se os resultados determinados no início da intervenção foram alcançados. Houve mudança dos comportamentos do paciente? Pelo menos foi possível que os comportamentos-objetivo intermediários ou finais fossem apresentados pelo paciente durante a terapia? E mais do que isso, é possível indagar se esses resultados se estenderam para além da situação psicoterapêutica. As classes de comportamentos identificadas “Avaliar os efeitos dos comportamentos do cão sobre os comportamentos do paciente” e “Avaliar a duração dos resultados” dizem respeito a essas indagações. É preciso saber se a presença do cão representou

algum benefício à terapia ou se não passou de uma mera variável irrelevante do processo, ou pior ainda, se trouxe algum prejuízo para o trabalho. Resultados bem sucedidos não podem ser diretamente atribuídos à presença do cão. É preciso verificar a correlação entre a presença do cão e a melhora do paciente. Além disso, é necessário também verificar a extensão desses benefícios, se foram apenas pontuais, circunscritos a um determinado momento da psicoterapia ou se puderam ser generalizados para outros momentos da psicoterapia, facilitando a ocorrência de outros comportamentos desejados na situação de trabalho ou até para além da situação controlada do contexto clínico. Isso não só é uma questão relevante para a avaliação de cada intervenção para posteriores aperfeiçoamentos, mas também como uma importante produção de conhecimento a respeito da validade da utilização de cães como apoio para psicoterapias.

Mas não são só os resultados que precisam ser avaliados. As diferentes variáveis envolvidas nas classes de comportamentos identificadas indicam que há outros aspectos a serem avaliados em uma intervenção. As classes de comportamentos “*Avaliar o planejamento da intervenção*”, “*Avaliar a equipe que realiza psicoterapia com apoio de cães*” e “*Avaliar a condição médica do cão*” apresentadas na Figura 9.1 indicam que a preocupação não deve estar somente orientada para os resultados, mas também para os meios pelos quais esses resultados são obtidos. Retomar o planejamento da intervenção é uma medida para aperfeiçoar o que foi feito principalmente nos casos em que os resultados obtidos não foram os desejados. A identificação dessa classe permite concluir que também precisarão ser avaliadas outras etapas da intervenção e outras decisões realizadas até a conclusão do trabalho. A avaliação da equipe já envolve uma preocupação com a adequação entre os comportamentos do cão e os comportamentos do condutor e os frutos dessa interação com relação ao paciente. Isso também não deixa de ser uma avaliação das decisões tomadas e daquilo que foi projetado. A seleção do cão e a sua orientação para um determinado trabalho são decisões importantes tomadas no início de uma intervenção e precisam ser confrontadas com os resultados obtidos para determinar que aspectos contribuíram para o sucesso ou o fracasso da intervenção. Por sua vez, a avaliação das condições de saúde do cão, uma preocupação constante ao longo de toda a intervenção, realizada no encerramento do trabalho, diz respeito à preocupação com a maneira como o animal encerra essa atividade, se poderá continuar trabalhando ou não.

Provavelmente existem mais aspectos a serem avaliados, no entanto o conteúdo do capítulo utilizado como fonte de informação permitiu identificar somente esses. Outras obras que tenham como fonte de informação outros trabalhos provavelmente possibilitarão a descoberta de outras

classes de comportamentos pertencentes à classe geral “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães identificada*”. As classes de comportamentos a serem descobertas que ajudarão a preencher as lacunas existentes relativas à classe geral “*Avaliar a intervenção executada*” juntamente com as classes já identificadas provavelmente terão como produto geral o aumento da probabilidade de aperfeiçoar essa intervenção, além do que já seria possível com a apresentação das classes de comportamentos já identificadas até agora.

CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DA CLASSE “INTERVIR NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES” POSSIBILITAM UM EXAME MAIS CLARO ACERCA DA FUNÇÃO DO PSICÓLOGO E DO CÃO EM INTERVENÇÕES QUE UTILIZAM CÃES COMO APOIO PARA A PSICOTERAPIA

O trabalho apresentado por Botomé e Col. (2003) destaca dois tipos de intervenção profissional, a intervenção direta e a intervenção indireta. Esses autores descobriram seis classes de comportamentos básicas relacionadas à intervenção direta de psicólogos sobre fenômenos ou processos psicológicos. Mattana (2004), fundamentada no trabalho de Botomé e col. (2003), propõe seis classes de comportamentos básicos constituintes de intervenções direta de psicólogos sobre processos ou fenômenos psicológicos em contextos clínicos. O exame de um capítulo de uma obra sobre terapia assistida por animais possibilitou a identificação de várias classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Essas classes de comportamentos, orientadas por quatro das classes básicas constituintes de intervenções diretas sobre fenômenos e processos psicológicos puderem ser organizadas em um sistema comportamental que pode orientar a prática da atuação de psicólogos em contextos clínicos com apoio de cães ou até professores tornando seus aprendizes capazes de atuarem nesse subcampo.

Mas além de apresentar uma orientação sobre como realizar um tipo de intervenção em um subcampo de atuação profissional, as classes de comportamentos componentes da classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” identificadas a partir de uma obra utilizada como fonte de informação e sua conseqüente organização em um sistema comportamental disposto em âmbitos e sub-âmbitos de abrangência possibilitaram avaliar as contribuições e limitações dos procedimentos para obter e organizar os dados, sintetizar as principais descobertas, identificar lacunas referentes ao processo de “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, avaliar as possibilidades de avanço na realização de psicoterapia com apoio de cães e indicar necessidades e possibilidades de novas pesquisas relativas ao fenômeno investigado.

10.1 Contribuições das classes de comportamentos componentes da classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, identificadas a partir de uma obra utilizada como fonte de informação e sua conseqüente organização em um sistema comportamental disposto em âmbitos e sub-âmbitos de abrangência, para a realização de psicoterapias com apoio de cães

Desde o início dos trabalhos de terapia assistida por animais que começaram com Boris Levinson em seu consultório na década de mil novecentos e sessenta, as atividades nesse subcampo de atuação profissional cresceram muito. De acordo com Dotti (2005), os trabalhos de terapia ou atividade assistida por animais já totalizam 6.400 grupos com aproximadamente 1.400 cães registrados para esse tipo de trabalho ajudando cerca de um milhão de pessoas. Em função de um perceptível crescimento de trabalhos envolvendo organizações, pessoas e animais para prover ajuda terapêutica para uma variedade de populações em diferentes ambientes a Delta Society, uma das mais antigas e importantes organizações a desenvolver a terapia e atividade assistida por animais, em sua conferência anual em outubro de 1990, formou um comitê para a elaboração de um padrão para a realização de atividades e terapias assistidas por animais. Esse padrão da prática (*Standards of practice*) foi publicado em 1996. Outra obra contendo informações sobre bases teóricas e guias para a prática foi publicada em 2001 sob o título “*Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*”. No Brasil, em 2005, foi publicada a primeira obra nacional voltada especificamente para o exame de intervenções em terapia e atividade assistida por animais. Apesar dessas obras apresentarem um conjunto de instruções sobre intervenções em terapia e atividade assistida por animais, será que as informações contidas nelas são suficientes para orientar psicólogos que desejam atuar sobre fenômenos e processos psicológicos em contextos clínicos? Será que terapia assistida por animais é a mesma coisa que psicoterapia com apoio de cães? E se não for, quais classes de comportamentos compõem intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães? Como se realiza esse processo e no que ele se constitui? Será que as descobertas dessas classes de comportamentos profissionais ajudariam a caracterizar os processos envolvidos na utilização de cães como apoio em psicoterapias?

As terminologias utilizadas para expressar a participação de animais para produzir resultados terapêuticos ainda são controversas. Mais controversas ainda são as confusões que envolvem diferentes áreas de conhecimento e campos de atuação profissional na utilização de cães em terapias com pessoas. A própria noção de terapia precisa ser revista para que possa ser melhor esclarecido o que constitui o trabalho envolvendo animais para produzir benefícios “terapêuticos em

pessoas”. No caso de diferentes profissionais que utilizam cães em suas práticas, é provável haver uma distinção em suas práticas, uma vez que o fenômeno com o qual um fisioterapeuta trabalha é distinto daquele com que um psicólogo trabalha. Da mesma forma, os fenômenos com os quais lidam veterinários, fonoaudiólogos, enfermeiros e terapeutas ocupacionais. Apesar de serem claras as distinções entre essas profissões e seus fenômenos de trabalho, o que parece ocorrer é que todas realizam terapia assistida por animais. Mas se os fenômenos com os quais lidam são diferentes, os trabalhos realizados também o são. No entanto, todos esses profissionais realizam suas intervenções sob o título de “terapia assistida por animais”. Há aspectos em comum na utilização de animais como apoio para intervenções terapêuticas, mas devido às diferenças relacionadas aos fenômenos de trabalho em cada campo de atuação profissional, é necessário identificar quais as classes de comportamentos profissionais que compõem cada tipo de intervenção. A identificação de classes de comportamentos constituintes de intervenção de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães possibilita não só essa distinção, como também a caracterização do que constitui esse processo.

As nove etapas do procedimento para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães possibilitaram identificar 193 classes de comportamentos que, somadas a outras três classes baseadas nos trabalhos de Botomé e col. (2003) e Mattana (2004), resultaram em 196 classes de comportamentos. As descobertas dessas classes possibilitam uma orientação sobre a forma como pode ser realizada uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães. As classes de comportamentos identificadas e organizadas em um sistema comportamental por âmbitos de abrangência fornecem uma espécie de “mapa” para guiar uma atuação sobre fenômenos ou processos psicológicos em contextos clínicos utilizando cães como apoio, seguindo uma seqüência desde a caracterização das necessidades da intervenção, projetando essa intervenção, executando-a e avaliando seus resultados.

Mesmo com 196 de classes de comportamentos identificadas, essas classes não dão conta de explicitar totalmente como pode ser realizada uma intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Mas as descobertas propiciam um aumento da perceptibilidade sobre como ele pode ser conduzido. Há limitações em todas as quatro classes gerais de comportamentos examinadas (“*Caracterizar necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães*”, “*Projetar a intervenção de psicoterapia com apoio de cães*”, “*Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada*” e “*Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada*”), principalmente nas classes “*Caracterizar*

necessidades de intervenção com psicoterapia com apoio de cães” e “Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada” nas quais foram identificadas poucas classes de comportamentos menos abrangentes delas constituintes.

Embora existam lacunas a serem preenchidas, as classes de comportamentos identificadas, juntamente com as contribuições da análise do comportamento propiciaram uma caracterização do processo de utilizar cães como apoio para psicoterapias. Em uma psicoterapia com apoio de cães, o animal é uma contingência controlada pelo psicólogo para aumentar a probabilidade de ocorrência de comportamentos do paciente. Esses comportamentos podem ser comportamentos-objetivo terminais ou intermediários. Em pessoas que iniciam um trabalho psicoterapêutico, a redução de sua ansiedade não é o objetivo terminal do trabalho, mas é um objetivo intermediário que possibilitará atingir os objetivos terminais da psicoterapia. Nesse tipo de caso o psicólogo conduzirá os comportamentos do cão e do paciente de forma que este tenha sua ansiedade diminuída. Solicitando ao paciente, por exemplo, que fale com o cão, que o acaricie, o psicoterapeuta coloca o animal como uma classe de estímulos antecedentes que aumentam a probabilidade de respostas mais afetuosas e tranqüilas do paciente. Ao apresentar essas respostas de acariciar calmamente o cão e falar com ele, o paciente tem sua atenção desviada de aspectos do ambiente que estão lhe provocando ansiedade, ao mesmo tempo em que atenção do cão para a sua fala e o abanar da cauda reforçam as respostas calmas e afetuosas apresentadas. Assim como os comportamentos do psicoterapeuta podem ser classes de estímulos antecedentes e conseqüentes constituintes dos comportamentos do paciente, as características do cão e seus comportamentos também podem ser classes de estímulos. Como muitas classes de respostas relacionadas aos cães produzem sensações agradáveis, esse potencial pode ser aproveitado em benefício do processo psicoterapêutico considerando, obviamente, que o cão é uma contingência agradável, ou no mínimo neutra para o paciente. Avaliar previamente à introdução do cão o modo como um paciente pode se comportar com relação ao animal é uma das etapas mais importantes e iniciais do trabalho que conta com o apoio de cachorros para modificar o comportamento de pessoas.

A descoberta de 196 classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães possibilita compreender com maior clareza como se realiza esse tipo de intervenção. A organização em um sistema de comportamental por âmbitos de abrangência propicia um guia sobre as etapas que constituem o uso de cães como apoio de psicoterapias, assim como serve de insumo para a elaboração de um programa de ensino para ensinar pessoas a realizar esse tipo de trabalho. O exame desses resultados

permite uma caracterização da intervenção psicoterapêutica com apoio de cães que apresenta uma análise do processo que ocorre entre psicoterapeuta, paciente e cão de modo a produzir mudanças no comportamento do paciente. Essas descobertas estão longe de esgotar o assunto. As quantidades de classes de comportamentos identificadas ainda são poucas para dar conta de explicitar todos os comportamentos a serem apresentados por psicólogos ao lidarem com as muitas variáveis que compõem esse tipo de trabalho. Examinar outras fontes de informação e aperfeiçoar o método para examinar essas fontes poderá fornecer mais avanços para orientar intervenções diretas em psicoterapia com apoio de cães e programas de ensino mais eficientes e eficazes no ensino de classes de comportamentos profissionais para intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.

10.2 Contribuições das classes de comportamentos componentes da classe mais geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*”, identificadas a partir de uma obra utilizada como fonte de informação e sua conseqüente organização em um sistema comportamental disposto em âmbitos e sub-âmbitos de abrangência, para avaliar as contribuições e limitações dos procedimentos para identificar classes de comportamentos a partir da literatura.

O produto obtido a partir desta pesquisa permite avaliar as contribuições e limitações dos procedimentos para identificar classes de comportamentos por meio de observação indireta. As 193 classes de comportamentos identificadas que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio e de cães, identificadas a partir de um capítulo de uma obra a respeito das bases teóricas e guias para a prática de atividade e terapia assistida por animais, e a sua conseqüente organização em um sistema comportamental disposto em âmbitos e sub-âmbitos de abrangência possibilitam avaliar a utilidade das nove etapas componentes do método utilizado para identificar classes de comportamentos a partir da literatura. Serão apresentadas as decorrências do procedimento utilizado para identificar classes de comportamentos do psicólogo ao intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães para a produção de conhecimento sobre esse tipo de trabalho. Estará em exame que tipo de avanços na compreensão de um processo comportamental que constitui uma intervenção em um subcampo de atuação profissional de psicólogos é possível com um procedimento que ao longo de nove etapas vai “extraíndo” classes de comportamentos por meio da observação indireta. Mas além de apontar os avanços, no que foi possível melhorar a perceptibilidade com relação a intervenções em

psicoterapia com apoio de cães, a avaliação do resultado obtido com este trabalho também ajudará a identificar limitações e necessidades de aperfeiçoamentos do procedimento utilizado.

10.2.1 Decorrências do procedimento utilizado para identificar classes comportamentos do psicólogo ao intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães para a produção de conhecimento sobre esse tipo de trabalho

As terminologias mais recentes e difundidas a respeito da utilização de animais como apoio para intervenções em contextos terapêuticos permitem duas distinções. A primeira delas diz respeito ao envolvimento de animais em visitação de pessoas que estão em alguma instituição e podem se beneficiar em algum grau de uma interação com alguma espécie de animal. Esse tipo de trabalho pode ser realizado por um profissional ou apenas por um voluntário que conduzirá um animal (dentre as várias espécies possíveis) para que possa fornecer à pessoa visitada alguma condição de bem-estar. Esse tipo de intervenção leva o nome de Atividade Assistida por Animais (AAA). A segunda delas, denominada Terapia Assistida por Animais (TAA), diz respeito a um subcampo de atuação profissional na qual um profissional (de algumas áreas de conhecimento) utiliza o animal como parte integrante da sua intervenção para atingir objetivos específicos. Essas duas nomenclaturas foram determinadas em 1996 pela Delta Society com a elaboração do seu Padrões da Prática (*Standards of Practice*). A utilização da nomenclatura Terapia Assistida por Animais acabou designando um conjunto muito abrangente de intervenções realizadas por vários tipos de profissionais de diferentes áreas de conhecimento. Fisioterapeutas, Fonoaudiólogos, Terapeutas Ocupacionais, Psicólogos, Médicos e até mesmo Veterinários acabam realizando intervenções que são chamadas de TAA. Não é preciso muito conhecimento sobre cada profissão para reconhecer que, por exemplo, a atuação de um fisioterapeuta é diferente daquela realizada por um psicólogo, uma vez que é clara a distinção entre os fenômenos com os quais cada profissional lida. Contudo, tanto a intervenção de um como a intervenção de outro são intituladas terapia assistida por animais. Isso acaba fazendo com que as práticas acabem se confundindo e as fronteiras entre as possibilidades de cada tipo de profissional acabem se misturando. Por isso é necessário uma distinção entre o tipo de atuação de cada profissional com relação ao fenômeno de trabalho para que cada um atue dentro dos limites e necessidades do seu campo de atuação. Desse modo fica mais claro compreender que um fisioterapeuta está realizando uma fisioterapia com o apoio de animais e um psicólogo uma psicoterapia com apoio de animais. O maior benefício dessa delimitação fica para as pessoas que são clientes desses profissionais, pois os limites claros impedem modismos e atuações inócuas de pessoas envolvidas, muitas vezes bem intencionadas, mas incapazes de atuar de

modo eficiente e eficaz. O fato da intervenção ser chamada de terapia não lhe confere nenhuma garantia de resultado terapêutico. A identificação de classes de comportamentos de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães é uma contribuição nessa distinção de um tipo de trabalho que difere dos demais que utilizam cães para produzirem benefícios terapêuticos para pessoas. As classes de comportamentos orientadas para a intervenção apoiada por cães sobre fenômenos psicológicos explicita um subcampo de atuação profissional restrito para psicólogos. A partir disso é possível evitar confusões para os envolvidos e delimitações para aqueles que buscam atuar sobre um fenômeno complexo sem qualquer capacitação para isso.

Além de proporcionar uma orientação sobre a sua própria distinção como intervenção mediante a um conjunto de outros tipos de intervenções que utilizam cães e acabam sendo todas classificadas como terapia assistida por animais, a identificação de classes de comportamentos da intervenção de psicólogos em psicoterapia com apoio de animais e sua consequente organização em um sistema comportamental também possibilita uma orientação sobre o que constitui esse tipo de trabalho e como ela pode ser feita. Não existe uma orientação específica sobre como deve ser conduzida a prática por psicólogos de psicoterapia com apoio de cães. O que há disponível na literatura existente são instruções que na maioria das vezes são direcionadas a programas de visitação (Delta Society, 1996; Burch 2003) e que podem ser aproveitadas como orientadores de terapias e de certa forma em psicoterapias também. Os padrões estabelecidos por organizações como a Delta Society (1996) colocam critérios a serem atendidos e obrigações a serem cumpridas por aqueles que pretendem realizar atividade ou terapia assistida por animais. Essas obrigações são o que mais se aproximam de classes de comportamentos de profissionais com relação a intervenções que utilizem cães como parte do trabalho. No entanto elas estão organizadas de acordo com as variáveis as quais fazem referência e não apresentam uma sistematização de como deve ser conduzida (seqüência) a sua prática.

A identificação e caracterização das classes de comportamentos componentes de *“Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães”* é uma forma de transformar e integrar os conhecimentos disponíveis produzidos por diferentes autores de diferentes áreas de conhecimento em comportamentos de valor. As fontes de informação contam experiências práticas, proposições ou exames de questões pertinentes a intervenções terapêuticas que envolvem animais. Examinar essa literatura para identificar classes de comportamentos que constituem a prática profissional é uma maneira de tornar conhecimentos de várias fontes e sobre várias questões

envolvendo o uso de cães em psicoterapia em comportamentos profissionais a serem ensinados em programas de ensino ou a serem realizados por um profissional que empreenda tal atuação.

As classes de comportamentos identificadas nesta pesquisa e organizadas em um sistema comportamental possibilitam enxergar lacunas a serem preenchidas com relação às classes de comportamentos que compõem a intervenção. A organização também possibilita derivar outras classes de comportamentos que compõem a atuação de psicólogos em psicoterapia com apoio de cães que ampliem as descobertas realizadas até o momento. Isso exigirá o aperfeiçoamento do método já existente para que seja possível obter novas classes derivadas apresentando a mesma coerência e aplicabilidade das classes identificadas e que não sejam apenas delírios ou elucubrações do autor. A discussão dos limites entre derivações de dados e elucubrações é um aspecto a ser examinado com maior atenção na projeção e aperfeiçoamento de um método para identificar classes de comportamentos de forma indireta, por meio da literatura.

Além de possibilitar identificar lacunas e servir como ponto de partida para derivações de novas classes de comportamentos a partir do que já foi descoberto, especificamente a organização das classes de comportamentos identificadas em um sistema comportamental permite claramente outros dois tipos de contribuições. A primeira delas é com relação à composição de um mapa orientador da prática, indicando etapas a serem executadas no sentido de que os resultados de cada etapa sejam condições que facilitem ou melhorem as condições de ocorrência de etapas subsequentes. Esse mapa também garante que a ocorrência do processo transcorra de modo a garantir a segurança e a obtenção dos melhores resultados possíveis. A segunda contribuição se dá na forma de uma orientação de um possível programa de ensino. A sistematização das classes identificadas em níveis de abrangência facilita a programação de ensino envolvendo a aprendizagem de classes de comportamentos intermediários até a aprendizagem de comportamentos complexos. Nesta pesquisa não foram examinadas as possibilidades com relação à elaboração de um programa de ensino, mas as descobertas proporcionadas pela organização em um sistema comportamental possibilitariam tal empreendimento.

O uso de um método para identificar classes de comportamentos realça a necessidade de avaliar conceitos e pressupostos envolvidos nas classes de comportamentos. Os cuidados com os termos e adaptação da linguagem utilizada inicialmente pelo autor para que seja coerente com o referencial utilizado para examinar os fenômenos é parte integrante de várias etapas do método para identificação das classes de comportamentos a partir da literatura. O processo de transformação da linguagem requereu o exame das expressões do autor de forma a tornar as variáveis envolvidas no

fenômeno em exame mais evidentes, evitando encobri-las em parafernalias terminológicas ou sujeitando-as à determinação de entidades metafísicas.

A necessidade de avaliar e substituir verbos para se referir apropriadamente a comportamentos é outro cuidado que merece destaque como parte de um procedimento para identificar classes de comportamentos a partir da literatura. Botomé (2001) evidencia a necessidade de avaliar a linguagem para se referir ao comportamento, pois alguns verbos se referem apenas à relação entre situação antecedente e ação, outros se referem apenas à ação da pessoa, e outros enfatizam a relação entre a ação e a consequência. Isso também tem repercussão no aperfeiçoamento dos complementos dos verbos de modo que o complemento contribua para identificação de uma relação existente entre a ação do organismo e o ambiente.

O método utilizado tem aplicações para além do subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. É possível identificar classes de comportamentos em literatura referente a diversos tipos de fenômenos. Luca (2007) utiliza um procedimento semelhante para identificar classes de comportamentos da classe geral “*Avaliar a confiabilidade de informações*”. Luiz (2008) realizou um exame da literatura para identificar classes de comportamentos de “*Projetar a vida profissional*”. Kienen (2008), também utilizou um método com características em comum para o exame das diretrizes curriculares a fim de identificar as classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos psicológicos. Viécile (2008) realizou um trabalho semelhante para identificar comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de pesquisa, sobre fenômenos e processos psicológicos.

10.2.2 Limitações e necessidades de aperfeiçoamentos do procedimento utilizado

As classes de comportamentos identificadas para compor a classe “Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães” são suficientes para representar todas os comportamentos necessárias para realizar uma psicoterapia com apoio de cães? As constatações registradas ao longo dos capítulos destinados aos exames das classes gerais constituintes da classe geral “*Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” permitem responder com clareza essa pergunta. Há muitas lacunas a serem preenchidas apesar de serem 191 classes de comportamentos identificadas componentes das classes gerais examinadas. Muitas dessas

classes fazem referência a classes de pouca abrangência, ou a classes de comportamentos com nomes diferentes, mas que podem fazer referência a uma única classe. Isso contribui para composição desse volume considerável de classes identificadas e a constatação de que ainda há muitas outras classes a serem identificadas. Uma das limitações que contribuíram para esse resultado se refere à fonte de informação utilizada. Um único capítulo utilizado como fonte de informação proporcionou uma considerável quantidade de classes de comportamentos identificadas. Contudo, muitas delas se referem à seleção dos cães para intervenção ou classes relacionadas aos cuidados com o animal. Isso porque o capítulo utilizado se referia especificamente a essa etapa da intervenção. Outros capítulos da mesma obra, ou outras fontes de informação como livros, artigos, podem ser utilizadas na continuidade dos esforços para descobertas de outras classes que componham esse tipo de intervenção.

Além da identificação de lacunas com relação às classes identificadas, outra constatação realizada a partir dos dados obtidos diz respeito à distribuição não proporcional das classes de comportamentos identificadas. Mas não são apenas as restrições do capítulo utilizado, nem as limitações das pesquisas realizadas sobre psicoterapia com apoio de cães que ajudam explicar a distribuição não proporcional das classes de comportamentos identificadas. O capítulo referente à seleção de cães possivelmente restringe a quantidade de referências a classes de comportamentos que não sejam alocadas nos níveis referentes à maneira de fazer algo e à classe geral de projetar a intervenção e, mais especificamente de selecionar o cão apropriado. Mas outra possível explicação para as limitações de identificação de outras classes de comportamentos pode ser atribuída aos próprios comportamentos do pesquisador ao produzir esse trabalho. A aprendizagem de classes de comportamentos constituintes dos procedimentos para a realização da pesquisa e refinamento do repertório referente a essas classes é uma variável que pode ser levada em consideração com relação à produção do conhecimento que pode ser obtido.

Examinar os comportamentos do pesquisador significa examinar os procedimentos utilizados para obter os dados da pesquisa. Esse exame das classes de comportamentos que compõem o método da pesquisa permite propor algumas constatações a respeito do que foi encontrado como resultado e que ajudam a aperfeiçoar os procedimentos utilizados para identificar classes de comportamentos. Uma reavaliação que parece ser pertinente é com relação aos nomes das classes de comportamentos identificadas. Algumas classes de comportamentos continuam como complemento especificações das classes de estímulos antecedentes. O fato é que os nomes das classes de comportamentos que contém referências a classes de estímulos constituintes dessa classe

de comportamentos parece gerar ambigüidade ou um aumento de classes de comportamentos identificados. A utilização da classe de estímulos para nomear o comportamento pode resultar em um número elevado de nomes de classes de comportamentos que possivelmente correspondem a uma única classe. Por exemplo, o nome da classe de comportamento “*Projetar a intervenção a partir das características da população alvo*” faz, provavelmente, referência à mesma classe de comportamentos nomeada “*Projetar a intervenção a partir das necessidades da população alvo*”. O nome mais apropriado para a classe de comportamentos mais geral seria “*Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e as informações na literatura usada como fonte que resultaram nos nomes “*Projetar a intervenção a partir das características da população alvo*” e “*Projetar a intervenção a partir das necessidades da população alvo*” permitiriam identificar classes menos abrangentes mais claras chamadas “*Identificar as necessidades da população alvo ao projetar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães*” e “*Identificar as características da população alvo ao projetar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães*”.

Outra questão a ser examinada é referente à organização nos âmbitos de abrangência a partir dos verbos utilizados. Seriam alguns verbos mais abrangentes que outros? Esses verbos serviriam como pistas dos âmbitos de abrangência no qual as classes de comportamentos encontrados se encontram? Os resultados de diferentes pesquisas são controversos. Os dados obtidos por Luiz (2008) levam a crer que sim. A autora agrupa os mesmos verbos em certos níveis de abrangência, estabelecendo uma hierarquia de abrangência entre eles, onde alguns verbos são sempre mais abrangentes que outros. Os dados obtidos no presente trabalho não possibilitam a mesma conclusão. Um determinado verbo como “caracterizar” foi utilizado para nomear classes de comportamentos diferentes pertencentes a uma classe comum, mas se encontravam em níveis de abrangência diferentes, podendo até uma abranger a outra. Como essa variável da nomenclatura da classe de comportamento proporcionava a orientação sobre o nível de especificidade da classe e em que âmbito ela estava inserida.

Questões como essas indicam que o método precisa ser revisto para que sejam refinados e definidos com maior precisão os procedimentos adotados de modo a produzir um tratamento mais eficiente dos dados obtidos das fontes de informação. Isso garantirá maior correspondência entre o conhecimento produzido e a realidade na qual esse conhecimento será aplicado.

10.3 Possibilidades de avanço em intervenções psicoterapêuticas apoiadas por cães

O exame da intervenção especificamente em psicoterapia com apoio de cães é um campo de pesquisa recente, até mesmo porque parece ser um subcampo de atuação profissional indefinido para os próprios psicólogos. Aqueles que atuam em terapia assistida por animais parecem ainda não ter claro qual a sua função, qual o seu fenômeno de trabalho e quais as suas possibilidades de atuação. As descobertas referentes à definição de um subcampo de atuação profissional e não apenas de um mercado de trabalho significa que algumas dessas questões começam a ser respondidas. Isso possibilita consolidar a psicoterapia com apoio de cães como um trabalho sério capaz de produzir resultados concretos diferentes de atuações orientadas por novidades ou modismos.

Além das possibilidades de avanço em termos da definição de um subcampo de atuação profissional, também é possível progredir no exame dos mecanismos envolvidos em uma intervenção psicoterapêutica que tem no cão um recurso de apoio valioso para produzir resultados benéficos com relação a alguns tipos de necessidades. As classes de comportamentos identificadas e as contribuições da análise do comportamento possibilitaram uma proposição de um modelo para compreender a função básica do cão na psicoterapia. Mas esse exame dessa interação de processos comportamentais entre psicólogo, cão e paciente ainda é superficial e pode ser mais aprofundado de modo a tornar mais claros quais comportamentos deverão ser aprendidos por psicólogos para a realização de uma psicoterapia com apoio de cães.

10.4 Necessidades de avanços e possibilidades de novas pesquisas sobre psicoterapia com apoio de cães

As classes de comportamentos identificadas que compõem a classe geral “*intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*” constituem um sistema que aumenta a perceptibilidade sobre um processo comportamental no qual se utiliza cães como apoio para psicoterapia. No entanto, essas classes de comportamentos identificadas ainda não são suficientes para responder de forma completa a pergunta “Quais classes de comportamentos compõem a classe geral ‘*intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães*’?”. As classes de comportamentos identificadas se referem ainda a uma porção pequena daquilo que constitui uma intervenção psicoterapêutica com apoio de cães. Outras perguntas podem

ser derivadas a partir das descobertas deste trabalho: “Quais são as classes de comportamentos necessárias para completar o sistema comportamental de *“Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães”*”? Quais, dentre as classes de comportamentos identificadas são de fato relevantes para quem intervém no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães? Uma possibilidade de responder essas perguntas são os exames de outras literaturas e investimentos em pesquisas de experimentação. É pertinente colocar em teste as descobertas feitas para sua validação como avanço na visibilidade sobre um subcampo de atuação profissional.

Outras possíveis perguntas a serem respondidas são: “Qual a melhor forma de organizar as classes de comportamentos identificadas?”, uma vez que a organização das classes também precisa ser reavaliada, no sentido de rever os âmbitos de abrangência nos quais as classes identificadas estão alocadas e as relações de abrangência entre essas classes (quais classes são mais abrangentes, a que conjunto pertencem). Além dessa questão, ainda podem ser proporcionadas melhorias para o método utilizado, o que propicia outro questionamento: “De que forma os procedimentos utilizados para a identificação de classes de comportamentos podem ser aperfeiçoados de modo a ampliar as descobertas de comportamentos relevantes a partir da literatura?”. Várias questões podem ser propostas como forma de continuar o presente trabalho contribuindo para a composição de um conjunto de conhecimentos que aumentem a capacidade de atuação de psicólogos em um subcampo de atuação profissional ainda pouco conhecido por eles. Em outras palavras, ainda é necessário um aperfeiçoamento desse trabalho que ainda encontra-se incompleto.

Apesar dos já documentados efeitos benéficos da interação entre seres humanos e animais é preciso ter claro que somente porque a interação com um animal pode ser agradável não quer dizer que é terapêutico. Por isso há a necessidade de que o processo seja orientado por um profissional que identifica seus objetivos, planeja a sua intervenção e atua de forma coerente com o seu campo de atuação profissional sobre as necessidades do seu cliente por meio do uso das características ou comportamentos de animais como parte de seus recursos. O cão é parte do processo psicoterapêutico, ele não é “todo” o processo. A psicoterapia envolve diversas aprendizagens gerais que compõem tanto uma psicoterapia que envolve apenas o psicoterapeuta e o paciente, como uma que envolva esses dois participantes e mais um animal. Intervir com apoio de um cão requer que antes mesmo de aprender a como utilizar o cão como recurso o aprendiz aprenda a como realizar uma psicoterapia. As aprendizagens relacionadas à intervenção em psicoterapia com apoio de cães são complementos para uma formação já existente para atuar em contextos clínicos. Isso

proporciona a formação de fato de um profissional capacitado para atuar diante de necessidades reais que podem se beneficiar desse tipo específico de intervenção. Desse modo a descoberta de classes de comportamentos componentes da intervenção em psicoterapia com apoio de cães e sua organização é uma contribuição para a formação e orientação de profissionais para atuarem de forma valorosa, ética e bem sucedida em psicoterapias que contam com o apoio de cães.

REFERÊNCIAS

- Althausen, S. (2006). *Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de São Paulo.
- Anderson, D. C. (2006). Measuring the Bond: Instruments used to assess the impact of animal assisted therapy. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.391-411).
- ANDE-BRASIL (s.d.). *Quem somos*. Obtido em 16/10/2008 do World Wide Web: <http://www.equoterapia.org.br>.
- Baker, S. B. & Dawson, K. S. (1998). The effects of Animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients. *Psychiatric Services*, 49, 797-801
- Barak, Y. & Mavashev, S. (2001). Animal-assisted therapy for elderly schizophrenic patients. *American Journal of Geriatric Psychiatry*. 9 (4), 439-442.
- Beck, A. M. & Katcher, A. H. (1984). A new look at pet-facilitated therapy. *J. Am. Vet. Med. Assoc.* 184 (4), 414-421.
- Bewley, B. R. (1985). Medical hazards from dogs. *British Medical Journal*, 291, 761-762.
- Botomé, S. P. (1975). *Um procedimento para encontrar os comportamentos que constituem as aprendizagens envolvidas em um objetivo de ensino*. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos. Não publicado.
- Botomé, S. P. (1980). *Objetivos comportamentais no ensino: a contribuição da análise experimental do comportamento*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Botomé, S. P. (1985). O problema dos falsos “objetivos de ensino”. Em S. P. Botomé, (Org.). *Objetivos de ensino, necessidades sociais e tecnologia educacional*, (PP. 102-122). (Trabalho Premiado no Concurso Nacional de Monografias sobre Tecnologia Educacional) II Concurso Roquete Pinto de Monografias, FUNVETE, Ministério da Educação.
- Botomé, S. P. (1988). Em busca de perspectivas para a psicologia como área de conhecimento e como campo profissional. Em: *Conselho Federal de Psicologia. Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon*.
- Botomé, S. P. (2001). Sobre a noção de comportamento. Em: H. P. M. Feltes & U. Zilles (Org.), *Filosofia: diálogo e horizontes*, (pp. 687-708). Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Botomé, S. P. & Kubo, O. M. (2001). Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação*, 5, 123-132.
- Botomé, S. P. & Kubo, O. M. (2002). Responsabilidade social dos programas de pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. *Interação em Psicologia*, 6(1), 81-110.

- Botomé, S. P. & Kubo, O. M. (2007a). *Procedimento para observação de comportamentos em documentos*. Comunicação pessoal realizada em aula do Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Botomé, S. P. & Kubo, O. M. (2007b). *Decomposição da classe de comportamentos “realizar higiene bucal”*. Comunicação pessoal realizada em aula do Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Botomé, S. P.; Kubo, O. M.; Mattana, P. E.; Kienen, N. & Shimbo, I. (2003). *Processos comportamentais básicos como objetivos gerais, ou classes gerais de comportamentos, ou competências para a formação do psicólogo*. Anais do XII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Londrina, PR, Brasil.
- Botomé, S. S. (2007). *Representação gráfica da noção de níveis abrangência de classes de comportamentos*. Comunicação pessoal realizada em aula do Programa de Pós-graduação de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bowen, J. (2003). *Health benefits of the human-animal bond*. Senior Seminar Paper. Cornell University College of Veterinary Medicine.
- Brickel, C. M. (1985). Initiation and maintenance of the human animal-bond: Familial roles from a learning perspective. *Marriage Family Rev.* 8(3/4), 31-48.
- Broom, D. M. & Molento, C. F. M. (2004). Bem-estar animal: conceito e questões relacionadas – revisão. *Archives of Veterinary Science.* 9 (2), 1-11.
- Burch, M. R. (2003). *Wanted! Animal Volunteers*. Nova York: Wiley Publishing
- Catania, A. C. (1973). The concept of the operant in the analysis of behavior. *Behaviorism*, 1, 103-116.
- Delarissa, F. A. (2003). *Animais de estimação e objetos transicionais: uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.
- Delta Society. (1996). *Standards of practice for animal-assisted activities and animal-assisted therapy*. Washington: Delta Society.
- Delta Society. (s.d.). *Animal Assisted Therapy FAQs*. Recuperado em 19 de março, 2007 do <http://www.deltasociety.org/AnimalsFAQFAQ.htm>
- Delta Society. (s.d.). *Introduction to Animal-assisted activities and therapy (AAA/AAT)*. Recuperado em 19 de março, 2007 do <http://www.deltasociety.org/AnimalsAAAAbout.htm>
- Dicionário REFA. (1985). *Organização empresarial: estudo do trabalho, planejamento, coordenação controle*. São Paulo: REFA.
- Dotti, J. (2005). *Terapia & Animais*. São Paulo: PC Editorial.

Faraco, C. B. (2003). *Animais em sala de aula: um estudo das repercussões psicossociais da intervenção mediada por animais*. Dissertação de mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ferreira, L. (2007, outubro). Brasil é segundo no mercado pet. *Uol Tecnologia*. Obtido em 26/10/2007 do World Wide Web: <http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2007/10/26/ult4213u170.jhtm>

Fine, A. H. (2006). Incorporating animal-assisted therapy into psychotherapy: Guidelines and suggestions for therapists. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.167-206).

Friedmann, E., Katcher, A. H., Lynch, J. J., & Thomas, S. A. (1980). Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Rep.* 95, 307-312.

Friedmann, E. F. & Tsai, C. C. (2006). The animal-human bond: Health and wellness. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.95-117).

Fuchs, H. (1988). *O animal em casa- um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo.

Granger, B. & Kogan, L. (2000). Animal assisted therapy in specialized settings. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*.

Gomes, A. R. W. (2004). *Característica da interação psicoterapêutica entre criança com paralisia cerebral, terapeutas e cavalo em sessões de equoterapia*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Gomes, F. C. A. (1993). *A odisséia em forma de narrativa*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Grogan, J. (2005). *Marley & eu – Vida e amor ao lado do pior cão do mundo*. São Paulo: Prestígio.

Hart, L. A. (2006). Community context and psychosocial benefits of animal companionship. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.39-48).

Hines, L. M. (2003). *Historical perspectives on the human-animal bond*. *American Behavioral Scientist*, vol. 47, n° 1, 7-15

Hooker, S. D; Freeman, L. H. & Stewart, P. (2002). *Pet Therapy Research: A Historical Review*. *Holist Nurse Pract*, 16(5): 17-23.

Johnson, R. A.; Odendaal, J. S. J. & Meadows, R. L. (2002). Animal-Assisted interventions research: Issues and Answers. *Western Journal of Nursing Research*, 24(4), 422-440.

Katcher, A. H. & Beck, A. M. (2006). New and old perspectives on the therapeutic effects of animals and nature. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.39-48).

- Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1968). *Princípios de psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento*. São Paulo: Herder.
- Kienen, N. & Viecili, J. (2007). *Método - organização de um sistema para identificar e organizar classes de comportamentos profissionais específicas ou intermediárias em relação a uma classe geral de comportamentos*. (parte das teses de doutorado apresentadas ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina). Trabalho não publicado.
- Kienen, N. (2008). *Classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares, da formação desse profissional e de um procedimento de decomposição de comportamentos complexos*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Kruger, K., Trechtenberg, S. & Serpell, J. A. (2004). Can animals help humans heal? Animal assisted interventions in adolescent mental health. Disponível em http://www2.vet.upenn.edu/research/centers/cias/pdf/CIAS_AAI_white_paper.pdf
- Kruger, K & Serpell, J. A. (2006). Animal-assisted interventions in mental health: Definitions and theoretical foundations. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.21-38).
- Kubo, O. M. & Botomé, S.P. (2001). Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação*. Revista do Departamento de Psicologia da UFPR. V.5, jan/dez. 2001. Curitiba: Departamento de Psicologia da UFPR, 133-171.
- Levinson, B. (1965). Pet psychotherapy: Use of household pets in the treatment of behavior disorder in childhood. *Psychol. Rep.* 17, 695-698.
- Luca, G. G. (2007). *Método para observar as características dos componentes dos comportamentos básicos que constituem a classe geral de comportamentos denominada “avaliar a confiabilidade de informações”*. (parte do ante-projeto de dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina). Trabalho não publicado.
- Luca, G. G. (2008). *Características de componentes de comportamentos básicos constituintes da classe geral de comportamentos denominada “avaliar a confiabilidade de informações”*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina.
- Luiz, E. C. (2008). *Classes de comportamentos componentes da classe geral “projetar a vida profissional” organizado em um sistema comportamental*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina.
- MacNamra, M. F. & Butler, K. (2006). The art of animal selection for animal-assisted activity and therapy programs. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp. 121-147)

- Mattana, P. E. (2004). *Comportamentos profissionais do terapeuta comportamental como objetivos para sua formação*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Mechner, F. (1974). *Análise comportamental de tarefas*. EDUTEK – Tecnologia da educação S/C Ltda, p. 1-53.
- Menzies Inc. (2003). *Animal Assisted Therapy and Young People. A review of selected literature*. Recuperado em 30 de outubro, 2006 de <http://www.menzies.org.au/publications/Animal-Assisted-Therapy-Report.pdf>
- Messent, P. R. (1984). Correlates and effects of pet ownership. Em Anderson, B. L., Hart, b. L., Hart, L. A. (1984), *The pet conenection, CENSHARE*. Unversidade de Minnesota, Mineápolis. (p.331-340).
- McNicholas, J., Gilbery, A. Rennie, A., Ahmedzai, S., Dono, J. & Ormerod, E.(2005). Pet ownership and human health a brief review of evidence and issues. *British Medical Journal*. 331, 1252 – 1254.
- McNicholas, J. & Collis, G. M. (2006). Animals as social supports: Insights for understanding animal-assisted therapy. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.39-48).
- Morales, L. J. (2005). Visita terapeutica de mascotas en hospitals. *Revista Chilena de Infectologia*, 22 (3), 257-263.
- Neto, E. M. C. (1999). *Tradicional use and sale of animals as medicines in Feira de Santana City, Bahia, Brazil: Indigenous Knowledge and Development Monitor* Vol. 7, issue 2.
- Nora, A. (2003). Pet therapy: An affective approach to treatment. *Alternative Medicine*, 11, 17-29.
- Oliveira, S. B. C. (2006). *Sobre cães e homens: um estudo antropológico sobre a afetividade*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração. (2007). Anais do I Congresso de Atividade, Educação e Terapia Assistida por Animais. São Paulo, SP.
- Os mais vendidos (11 de janeiro de 2009). *Revista Veja*, p.101.
- Rebelatto, J. R. & Botomé, S. P. (1999). *Fisioterapia no Brasil – fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais*. São Paulo: Editora Manole.
- Rugaas, T. (2006). *On talking terms with dogs: Calming signals*. Washington: Dogwise Publishing.
- Serpell, J. A. (1990). *Evidence for long term effects of pet ownership on human health*. Pets, Benefits and Practice. Waltham Symposium 20
- Serpell, J. A. (1991). Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behavior. *Journal of the Royal Society of Medicine*, vol. 84, 717-720.

Serpell, J. A. (1996). *In the company of animals: A study of human-animal relationships*. (Canto ed). Cambridge University Press, Cambridge.

Serpell, J. A. (1997) *The Domestic Dog: Its Evolution, Behaviour and Interactions with People*. Cambridge: Cambridge University Press.

Serpell, J. A. (2006). Animal-assisted interventions in historical perspective. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp.3-20).

Serpell, J. A.; Coppinger, R. & Fine, A. H. (2006). Welfare considerations in therapy and assistance animals. Em A. H. Fine (Org.), *Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice* (pp. 453-474).

Skinner, F. B. (1979/2007). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.

Straw, D. (2002) *Is animal assisted therapy good for animals?* Chicago Concious Choice. Obtido em 30/10/2006 do World Wide Web: <http://www.counciouschoice.com/2002/cc1506/animalassisted1506.html>.

Sobo, E. J.; Eng, B. & Krich, N. K. (2006). Canine visitation (pet) therapy: Pilot data on decreases in child pain perception. *Journal of Holistic Nursing*, 24 (1), 51-57.

Vieçili, J. (2008). *Classes de comportamentos profissionais que compõem a capacitação do psicólogo para intervir por meio de pesquisa sobre fenômenos psicológicos, derivadas das diretrizes curriculares nacionais para cursos de graduação em psicologia e da formação desse profissional*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Voelker, R. (1995). Puppy love can be therapeutic, too. *J. Am. Med. Assoc.* 274, 1897-1899.

Weinberg, A. D., Fuchs, B. C., Pals, J. K. e Call, T. J. (2004). Pet therapy/companion programs in nursing facilities: Policies, procedures, potencial complications, and clinical issues. *Annals of Long-Term Care*, 12 (7), 36-40.

Zamignani, D. R.; Silva Neto, A. C. P.; Meyer, S. B. (2008, agosto). Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental. *Boletim Paradigma*, 3, p.9-16.

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1	Distribuição das ocorrências e percentual das ocorrências de classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos identificados diretamente nos trechos selecionados.....	66
Tabela 3.2	Distribuição das ocorrências e do percentual das ocorrências de aperfeiçoamento das nomenclaturas de classes de comportamentos e classes de componentes de comportamentos identificadas diretamente nos trechos selecionados.....	68
Tabela 3.3	Distribuição das ocorrências e percentual das ocorrências de classes de componentes de classes de comportamentos derivadas ou propostas.....	69
Tabela 3.4	Distribuição das ocorrências e dos percentuais das ocorrências de classes de componentes de classes de comportamentos identificadas diretamente e derivadas ou propostas a partir dos trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação.....	70
Tabela 3.5	Distribuição das ocorrências e do percentual das ocorrências de aperfeiçoamentos na nomenclatura das classes de comportamentos a partir da avaliação da nomenclatura utilizada para expressar essas classes.....	72
Tabela 3.6	Exemplos de classes de respostas ou classes de comportamentos identificados a partir dos trechos selecionados cujos verbos que os nomeavam foram aperfeiçoados.....	76
Tabela 3.7	Exemplos de classes de respostas ou classes de comportamentos identificados a partir dos trechos selecionados cujos complementos que os nomeavam foram aperfeiçoados.....	77
Tabela 3.8	Exemplos de classes de respostas ou classes de comportamentos identificados a partir dos trechos selecionados cujos verbos e complementos que os nomeavam foram aperfeiçoados.....	79
Tabela 3.9	Exemplos de verbos identificados na obra utilizada como fonte de informação para expressar classes de comportamentos e classes de respostas, e verbos mais apropriados utilizados para substituí-los.....	81
Tabela 3.10	Exemplos de verbos utilizados para expressar classes de comportamentos e verbos mais apropriados utilizados para substituí-los na oitava etapa.....	87
Tabela 4.1	Partes destacadas do 26º trecho selecionado que contém informações acerca de classes de componentes de comportamentos.....	94
Tabela 4.2	Classes de componentes de comportamentos identificadas a partir das partes destacadas do 26º trecho selecionado.....	95

Tabela 4.3	Expressão de classes de componentes de comportamentos identificadas no 26º trecho selecionado, em linguagem próxima a utilizada pelo autor e proposição de aperfeiçoamento da linguagem para expressar essas classes	97
Tabela 4.4	Partes destacadas do 30º trecho selecionado que contém informações acerca de classes de componentes de comportamentos.....	103
Tabela 4.5	Classes de componentes de comportamentos identificadas a partir das partes destacadas do 30º trecho selecionado.....	105
Tabela 4.6	Expressão de classes de componentes de comportamentos identificadas no 30º trecho selecionado, em linguagem próxima a utilizada pelo autor e proposição de aperfeiçoamento da linguagem para expressar essas classes	107
Tabela 4.7	Classes de componentes de comportamentos derivadas no 30º trecho selecionado, classes de componentes de comportamentos que possibilitaram a derivação e suas respectivas classificações.....	109
Tabela 4.8	30º trecho selecionado e as classes de comportamentos identificadas a partir dele.....	112
Tabela 4.9	Classes de comportamentos nomeadas na 7ª etapa e suas respectivas propostas de aperfeiçoamento.....	113
Tabela 4.10	Partes destacadas do 50º trecho selecionado que fazem referência classes de componentes de comportamentos.....	116
Tabela 4.11	Classes de componentes de comportamentos identificadas diretamente a partir do 50º trecho selecionado.....	117
Tabela 4.12	Expressão de classes de componentes de comportamentos identificadas no 50º trecho selecionado, em linguagem próxima a utilizada pelo autor e proposição de aperfeiçoamento da linguagem para expressar essas classes	118
Tabela 4.13	Classes de componentes de comportamentos derivadas no 50º trecho selecionado, classes de componentes de comportamentos que possibilitaram a derivação e suas respectivas classificações.....	120
Tabela 4.14	Classes de componentes de comportamentos identificadas e derivadas no 50º trecho selecionado e as classes de comportamentos que possibilitaram nomear.....	122
Tabela 4.15	Partes destacadas do 104º trecho selecionado que contém informações acerca de classes de componentes de comportamentos.....	126
Tabela 4.16	Expressão de classes de comportamentos identificadas diretamente no 104º trecho selecionado, em linguagem próxima a utilizada pelo autor, e proposição de aperfeiçoamento da linguagem para expressar essas classes	128

Tabela 4.17	Classes de comportamentos identificadas no 104° trecho selecionado que foram decompostas em outras duas classes.....	131
Tabela 5.1	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 1° ao 5° trecho selecionado.....	137
Tabela 5.2	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 6° ao 18° trecho selecionado.....	138
Tabela 5.3	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 19° ao 29° trecho selecionado	139
Tabela 5.4	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 30° ao 40° trecho selecionado.....	140
Tabela 5.5	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 41° ao 50° trecho selecionado	141
Tabela 5.6	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 51° ao 63° trecho selecionado.....	142
Tabela 5.7	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 64° ao 74° trecho selecionado.....	143
Tabela 5.8	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 75° ao 86° trecho selecionado	144
Tabela 5.9	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 87° ao 100° trecho selecionado.....	145
Tabela 5.10	Classes de comportamentos componentes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães identificadas a partir do 101° ao 110° trecho selecionado.....	146
Tabela 5.11	Classes de comportamentos de processos de intervenção direta identificadas a partir de referências sobre classes de comportamentos gerais de psicólogos em intervenções diretas.....	147

Tabela 5.12	Classes gerais de comportamentos profissionais referentes a intervenções de psicólogos em contexto clínico identificadas a partir das classes gerais de comportamentos profissionais da intervenção direta de psicólogos sobre fenômenos psicológicos.....	148
Tabela 5.13	Distribuição das quantidades de classes de comportamentos identificadas por âmbitos e sub-âmbitos de abrangência.....	154
Tabela 5.14	Distribuição das quantidades de classes de comportamentos identificadas nas classes de comportamentos gerais constituintes de uma intervenção direta em psicoterapia com apoio de cães.....	156
Tabela 8.1	Sinais de stress que podem ser identificados em cães.....	223
Tabela 8.2	Objetivos da psicoterapia e atividades com cães a serem realizadas pelo paciente para atingir esses objetivos.....	229
Tabela 8.3	Análise geral do comportamento do psicólogo ao utilizar cães como apoio de sua intervenção em psicoterapia.....	231
Tabela 8.4	Análise geral do comportamento do cão em uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães.....	233
Tabela 8.5	Análise geral do comportamento do paciente em uma intervenção em psicoterapia com apoio de cães.....	234

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1	Quadro comparativo dos conceitos de Mercado de Trabalho e Campo de Atuação Profissional.....	22
Figura 1.2	Especificação dos três componentes constituintes da definição de comportamento como “relação entre o que um organismo faz e o ambiente (anterior e posterior à ação) em que o faz”. Reproduzido de Botomé (2001, p. 693).....	29
Figura 1.3	Diferentes tipos de relações básicas entre os três tipos de componentes de um comportamento. Reproduzido de Botomé (2001, p. 701).....	30
Figura 2.1	Representação esquemática dos três componentes de comportamento de intervenção no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.....	36
Figura 2.2	Representação do protocolo de observação utilizado para o registro de classes de comportamentos e classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de terapia com apoio de cães.....	37
Figura 2.3	Exemplo de trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e a transcrição desse trecho no Protocolo de observação, indicando a página de onde foi extraído (p.173) e o número indicativo da etapa realizada “(1)”	38
Figura 2.4	Exemplo de destaque de partes que continham informações acerca de classes de comportamentos e/ou classes de componentes dos comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães, em trechos selecionados da obra utilizada como fonte de informação e o registro da realização da segunda etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.....	39
Figura 2.5	Exemplo de caracterização de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de partes destacadas de um trecho selecionado de uma das obras que será utilizada como fonte de informação da realização e registro da terceira etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.....	40
Figura 2.6	Exemplo de avaliação e alteração da linguagem utilizada para expressar componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães a partir de partes destacadas e registro da quarta etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.....	42

Figura 2.7	Exemplo de derivação de mais classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães derivadas a partir de classes de componentes já identificadas e registro da quinta etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.....	44
Figura 2.8	Exemplo de avaliação e aperfeiçoamento da linguagem utilizada para expressar classes de componentes de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães derivadas a partir de classes de componentes já identificadas, e registro da sexta etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.....	46
Figura 2.9	Exemplo de classe de comportamentos que constituem intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães nomeada e registro da sétima etapa do procedimento que compõem o método da pesquisa.....	48
Figura 2.10	Representação gráfica dos âmbitos de abrangência das classes de comportamentos que constituem a classe “realizar a higiene bucal”.....	51
Figura 2.11	Diagrama de representação de categorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais e características definidoras dessas categorias de acordo com seus graus de abrangência (reproduzido de Kienen & Viecili, 2007, p.10).....	53
Figura 2.12	Diagrama de representação de categorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais de acordo com a decomposição dessas classes a partir de seus graus de abrangência (reproduzido de Kienen & Viecili, 2007, p. 6).....	54
Figura 2.13	Diagrama de representação de categorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais e características definidoras dessas categorias de acordo com a decomposição das classes de comportamentos profissionais a partir de seus graus de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 13).....	55
Figura 2.14	Diagrama de representação de categorias e subcategorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais de acordo com seus âmbitos de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 15).....	56
Figura 2.15	Diagrama de representação de categorias e subcategorias que nomeiam classes de comportamentos profissionais de acordo com a decomposição dessas classes a partir de seus graus de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 19).....	59

Figura 2.16	Diagrama de representação da decomposição da classe de comportamento “Cuidar de crianças” e das classes constituintes dela, a partir de seus graus de abrangência (reproduzido de Kienen e Viecili, 2007, p. 21).....	61
Figura 3.1	Distribuição das porcentagens de trechos selecionados pela quantidade de classes de comportamentos identificadas na obra utilizada como fonte de informação.....	64
Figura 4.1	Modelo de protocolo de registro utilizado para identificar classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.....	92
Figura 4.2	Protocolo de registro destacando a seqüência do processo de derivação de classe de comportamentos e classes de componentes de comportamentos, realizada na 5ª etapa do processo para identificar classes de comportamentos no 26º trecho selecionado.....	98
Figura 5.1	Mapa geral de classes de comportamentos constituintes da classe de comportamentos geral “ <i>Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães</i> ”.....	151
Figura 5.2	Distribuição das classes de comportamentos identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação nos âmbitos de abrangência mais gerais.....	154
Figura 5.3	Distribuição das classes de comportamentos identificadas a partir da obra utilizada como fonte de informação nas classes de comportamentos gerais constituintes da classe mais geral “ <i>Intervir no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães</i> ”.....	156
Figura 6.1	Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral “ <i>Caracterizar as necessidades de intervenção em psicoterapia com apoio de cães</i> ” organizados em âmbitos de abrangência.....	163
Figura 7.1	Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral “ <i>Projetar intervenção em psicoterapia com apoio de cães</i> ” organizados em âmbitos de abrangência.....	176
Figura 7.2	Primeiro conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral “ <i>Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães</i> ” organizadas em âmbitos de abrangência.....	181
Figura 7.3	Segundo conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral “ <i>Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães</i> ” organizadas em âmbitos de abrangência.....	182
Figura 7.4	Terceiro conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral “ <i>Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães</i> ” organizadas em âmbitos de abrangência.....	183

Figura 7.5	Quarto e quinto conjuntos de classes de comportamentos componente da classe geral " <i>Projetar intervenção de psicoterapia com apoio de cães</i> " organizadas em âmbitos de abrangência.....	185
Figura 8.1	Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral " <i>Executar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães projetada</i> " organizados em âmbitos de abrangência.....	214
Figura 8.2	Primeiro conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral " <i>Executar intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada</i> " organizadas em âmbitos de abrangência.....	216
Figura 8.3	Segundo conjunto de classes de comportamentos componente da classe geral " <i>Executar intervenção de psicoterapia com apoio de cães projetada</i> " organizadas em âmbitos de abrangência.....	217
Figura 8.4	Caracterização da interação entre os comportamentos do psicólogo do cão e do paciente em uma psicoterapia com apoio de cães.....	233
Figura 9.1	Conjuntos de classes de comportamentos componentes da classe geral " <i>Avaliar a intervenção em psicoterapia com apoio de cães executada</i> " organizados em âmbitos de abrangência.....	240

ANEXO

1º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.121 “Após os ataques terroristas ao World Trade Center, cães sem prévio teste ou treinamento para terapia assistida por animais ou atividade assistida por animais demonstraram interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos.” (1,2)</p>	<p>-Cães sem prévio teste e treinamento para trabalho em TAA; (3)</p>	<p>- <i>Testar cães sem prévio teste para trabalho em TAA;</i> (5)</p>	<p>- <i>Cão sem prévio teste testado para trabalho em TAA;</i> (5)</p> <p>-<i>Cão aprovado ou reprovado em teste para trabalho em TAA;</i> (5)</p> <p>-<i>Maior perceptibilidade sobre o repertório do cão;</i> (5)</p> <p>-<i>Maior probabilidade de selecionar cães apropriados para o trabalho de TAA;</i> (5)</p>	<p>- <i>Testar cães sem prévio teste para trabalho em TAA;</i> (7)</p>
	<p>- Comportamentos (de interesse) de cães relacionados a emoções humanas; (3)</p>	<p>- <i>Identificar comportamentos (de interesse) de cães relacionados a emoções humanas;</i> (5)</p>	<p>- <i>Comportamentos (de interesse) de cães relacionados a emoções humanas identificados;</i> (5)</p> <p>- <i>Maior probabilidade de identificar cães que apresentam comportamentos (de interesse) relacionados a emoções humanas;</i> (5)</p>	<p>-<i>Identificar comportamentos (de interesse) de cães relacionados a emoções humanas;</i> (7)</p>

	<p>- Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a emoções humanas; (3)</p>	<p>- Identificar comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a emoções humanas; (5)</p>	<p>- Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a emoções humanas identificado; (5)</p> <p>- Maior probabilidade de identificar cães que apresentam comportamentos (de tolerância) relacionados a emoções humanas; (5)</p>	<p>- Identificar Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a emoções humanas; (7)</p>
	<p>- Comportamentos (de interesse) de cães relacionados a caos; (3)</p>	<p>- Identificar comportamentos (de interesse) de cães relacionados a caos; (5)</p>	<p>- Comportamentos (de interesse) dos cães relacionados a caos identificados; (5)</p> <p>- Maior probabilidade de identificar cães que apresentam comportamentos (de interesse) relacionados a caos; (5)</p>	<p>-Identificar comportamentos (de interesse) de cães relacionados a caos; (7)</p>
	<p>- Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a caos; (3)</p>	<p>- Identificar comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a caos; (5)</p>	<p>- Comportamentos (de tolerância) dos cães relacionados a caos identificados; (5)</p> <p>- Maior probabilidade de identificar cães que apresentam comportamentos (de tolerância) relacionados a caos; (5)</p>	<p>- Identificar Comportamentos (de tolerância) de cães relacionados a caos; (7)</p>
	<p>-Cães sem prévio teste ou treinamento para TAA; (3)</p>	<p>-Identificar cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstraram interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos. (5)</p>	<p>- Cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstraram interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos identificados. (5)</p>	<p>-Identificar cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstrem interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos. (7)</p>

	<p>-Cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstraram interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos; (3)</p>	<p><i>-Selecionar cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstraram interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos. (5)</i></p>	<p><i>- Cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstraram interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos selecionados. (5)</i></p>	<p><i>-Selecionar cães sem prévio teste ou treinamento para TAA que demonstrem interesse e tolerância para níveis elevados de emoção humana e caos. (7)</i></p>

2º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.121 “Em incontáveis programas de TAA e AAA animais responderam a pessoas com necessidades com comportamentos que obtiveram um significativo impacto curativo nas pessoas com as quais se envolveram.” (1,2)</p>	<p>-Programas de TAA. (3)</p> <p>-Pessoas com necessidades. (3)</p> <p>-Animais que responderam a pessoas com necessidades com comportamentos que obtiveram um significativo impacto curativo nas pessoas com as quais se envolveram. (3)</p> <p>- Comportamentos de animais relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo. (4)</p>	<p><i>-Relacionar animais que apresentam comportamentos com impacto curativo com pessoas com necessidades. (5)</i></p>	<p>-Impacto curativo em pessoas. (3) – Cura de pessoas com necessidades (4)</p>	<p><i>-Envolver animais que apresentam comportamentos com impacto curativo com pessoas em TAA. (7)</i></p>
	<p>-Programas de TAA; (3)</p> <p>-Pessoas com necessidades; (3)</p> <p>-Necessidades das pessoas; (4)</p>	<p><i>-Projetar programas de TAA de acordo com as necessidades das pessoas; (5)</i></p>	<p><i>-Programa de TAA projetado com características específicas para as necessidades das pessoas; (5)</i></p>	<p><i>-Projetar programas de TAA de acordo com as necessidades das pessoas; (7)</i></p>
	<p>-Pessoas com necessidades; (3)</p> <p>-Necessidades de pessoas; (4)</p>	<p><i>-Caracterizar as necessidades de pessoas que serão participantes das intervenções de TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Necessidades de pessoas caracterizadas; (5)</i></p>	<p><i>-Caracterizar as necessidades das pessoas que serão participantes das intervenções de TAA. (7)</i></p>
	<p>-Animais que responderam a pessoas com necessidades com comportamentos que obtiveram um significativo impacto curativo nas pessoas com as quais se envolveram. (3)</p> <p>- Comportamentos de animais relacionados</p>	<p><i>- Identificar em cães comportamentos relacionados a necessidades de pessoas; (5)</i></p>	<p><i>- Comportamentos relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo identificados em cães; (5)</i></p>	<p><i>- Identificar em cães comportamentos relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo; (7)</i></p>

<p><i>a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo. (4)</i></p> <p><i>-Diferentes comportamentos apresentados por cães; (5)</i></p>			
<p><i>-Animais que responderam a pessoas com necessidades com comportamentos que obtiveram um significativo impacto curativo nas pessoas com as quais se envolveram. (3)</i></p> <p><i>- Comportamentos de animais relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo. (4)</i></p>	<p><i>-Caracterizar comportamentos de animais relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo; (5)</i></p>	<p><i>-Comportamentos de animais relacionados a necessidades de pessoas caracterizados que apresentam impacto curativo; (5)</i></p>	<p><i>-Caracterizar comportamentos de animais relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo; (7)</i></p>
<p><i>-Animais que responderam a pessoas com necessidades com comportamentos que obtiveram um significativo impacto curativo nas pessoas com as quais se envolveram. (3)</i></p> <p><i>- Comportamentos de animais relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo. (4)</i></p>	<p><i>-Prever a probabilidade de ocorrência de comportamentos relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo (5);</i></p>	<p><i>- Probabilidade de ocorrência de comportamentos relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo prevista; (5)</i></p>	<p><i>-Prever a probabilidade de ocorrência de comportamentos relacionados a necessidades de pessoas que apresentam impacto curativo. (7)</i></p>

3º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.121 “Houve também animais que responderam com graça e dedicação a participantes e que se tornaram frios, distantes e, em alguns casos, agressivos com as pessoas que necessitavam dele.” (1,2)</p>	<p>-Animais que responderam com graça e dedicação a participantes e que se tornaram frios, distantes e, em alguns casos, agressivos com as pessoas que necessitavam dele; (3) <i>-Animais que apresentavam comportamentos graciosos e dedicados com relação a pessoas e passaram a apresentar comportamentos frios, distantes e agressivos; (4)</i></p>	<p><i>-Remover do trabalho de TAA cães que mudaram seus comportamentos graciosos e dedicados com relação a pessoas para comportamentos frios distantes e agressivos; (5)</i></p>	<p><i>-Animais que apresentavam comportamentos graciosos e dedicados com relação a pessoas e passaram a apresentar comportamentos frios, distantes e agressivos removidos do trabalho de TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Remover do trabalho de TAA cães que mudaram seus comportamentos graciosos e dedicados com relação a pessoas para comportamentos frios distantes e agressivos; (7)</i></p>
	<p>-Animais que responderam com graça e dedicação a participantes e que se tornaram frios, distantes e, em alguns casos, agressivos com as pessoas que necessitavam dele; (3) <i>-Animais que apresentavam comportamentos graciosos e dedicados com relação a pessoas e passaram a apresentar comportamentos frios, distantes e agressivos; (4)</i></p>	<p><i>-Identificar os fatores determinantes da mudança comportamental dos animais; (5)</i></p>	<p><i>-Fatores determinantes da mudança comportamental dos animais identificados; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar os fatores determinantes de mudança comportamental dos animais; (7)</i></p>

4º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P. 122 “Questões acerca da duração e da avaliação dos resultados e se o planejamento e avaliação provêm uma confiável reflexão sobre os modos de interação do condutor durante as sessões de TAA e AAA (...)” (1,2)</p>	<p>-Duração dos resultados; (3)</p>	<p>-Questionar duração dos resultados; (3) <i>-Avaliar a duração dos resultados; (4)</i></p>	<p>-Confiável reflexão sobre os modos de interação do condutor durante as sessões; (3) <i>-Medidas da duração dos resultados; (5)</i> <i>-Maior perceptibilidade acerca dos efeitos produzidos pelas intervenções; (5)</i> <i>-Maior probabilidade de manter os procedimentos bem sucedidos e alterar os que necessitam correção; (5)</i></p>	<p><i>-Avaliar a duração dos resultados; (7)</i></p>
	<p>-Resultados; (3)</p>	<p>-Questionar os resultados; (3) <i>-Avaliar os resultados; (4)</i></p>	<p>-Confiável reflexão sobre os modos de interação do condutor durante as sessões; (3) <i>-Resultados avaliados; (5)</i> <i>- Maior probabilidade de alterar procedimentos inadequados e manter os apropriados;</i></p>	<p><i>-Avaliar os resultados; (7)</i></p>
	<p>-Planejamento; (3) <i>-Planejamento da intervenção; (4)</i></p>	<p>-Questionar se o planejamento (da intervenção) provê uma confiável reflexão sobre os modos de interação do condutor durante as sessões de TAA. (3) <i>-Avaliar o planejamento da intervenção; (4)</i></p>	<p><i>-Planejamento da intervenção avaliado; (5)</i> - Confiável reflexão sobre os modos de interação do condutor durante as sessões de TAA; (3)</p>	<p><i>-Avaliar o planejamento da intervenção; (7)</i></p>

	-Modos de interação do condutor durante as sessões de TAA; (3)	-Avaliar os modos de interação do condutor durante as sessões de TAA; (5)	- Modos de interação do condutor durante as sessões de TAA avaliado; (5)	-Avaliar os modos de interação do condutor durante as sessões de TAA; (7)
--	--	---	--	---

5º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.122 “O foco dos programas era providenciar uma atividade recreacional e uma quebra da monotonia e isolamento da vida residencial. ” (1,2)	-Monotonia. (3) -Grau elevado de monotonia; (4) -Possibilidades de atividades recreacionais. (5)	-Providenciar atividade recreacional. (3)	-Quebra da monotonia. (3) - Redução do grau de monotonia. (5)	-Reduzir o grau de monotonia por meio de atividade recreacional. (7)
	-Possibilidades de atividades recreacionais. (5) -Isolamento da vida residencial. (3) -Grau elevado de isolamento social de pessoas institucionalizadas.(4)	-Providenciar atividade recreacional. (3)	-Quebra do isolamento da vida residencial. (3) - Redução do grau de isolamento social de pessoas institucionalizadas. (5)	-Reduzir o grau de isolamento de pessoas institucionalizadas por meio de atividade recreacional. (7)

6º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.122 “Entretanto, pelos anos noventas, preocupações a cerca dos riscos de saúde associados aos animais (pulgas, carrapatos, diarréia bacteriana, propensão a morder, arranhar nas pessoas quando assustados) e muitos outros perigos, reduziram muito essa prática.” (1,2)</p>	<p>- Riscos de saúde associados aos animais (pulgas, carrapatos, diarréia bacteriana, propensão a morder, arranhar as pessoas quando assustados); (3)</p> <p>-Bem estar dos animais. (3)</p> <p>-Condições de bem estar dos animais.s. (4)</p> <p>-Saúde dos animais. (3)</p> <p>-Condições de saúde dos animais. (4)</p>	<p>-Preocupar-se com Riscos de saúde associados aos animais (pulgas, carrapatos, diarréia bacteriana, propensão a morder, arranhar as pessoas quando assustados). (3)</p> <p>-Prevenir riscos de saúde associados aos animais (pulgas, carrapatos, diarréia bacteriana, propensão a morder, arranhar as pessoas quando assustados). (4)</p>	<p><i>-Riscos de saúde associados aos animais (pulgas, carrapatos, diarréia bacteriana, propensão a morder, arranhar as pessoas quando assustados). (5)</i></p>	<p><i>-Prevenir riscos de saúde associados aos animais (pulgas, carrapatos, diarréia bacteriana, propensão a morder, arranhar as pessoas quando assustados). (7)</i></p>
		<p>-Preocupar-se com o bem estar dos animais. (3)</p> <p>-Cuidar das condições de bem estar dos animais; (7)</p>	<p><i>- Condições de bem estar dos animais cuidadas; (5)</i></p> <p><i>-Animais em bom estado de bem estar; (5)</i></p>	<p><i>-Cuidar das condições de bem estar dos animais; (7)</i></p>
		<p>-Preocupar-se com a saúde dos animais. (3)</p> <p>-Cuidar condições de saúde dos animais. (4)</p>	<p><i>-Condições de saúde dos animais; (5)</i></p> <p><i>-Animais em bom estado de saúde; (5)</i></p>	<p><i>-Cuidar das condições de saúde dos animais. (7)</i></p>

7º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.122 “A A.S.P.C.A. descreveu que ‘visitar diferentes ambientes com pessoas imprevisíveis, com sons incomuns estressa os animais, principalmente jovens animais que aguardam por adoção’.” (1,2)</p>	<p>-Estresse dos animais em ambientes diferentes com pessoas imprevisíveis e sons incomuns; (3) <i>-Elevado grau de estresse dos animais em ambientes diferentes com pessoas imprevisíveis e sons incomun;</i> (4)</p>	<p><i>-Reduzir o elevado grau de estresse dos animais em ambientes diferentes com pessoas imprevisíveis e sons incomuns;</i> (5)</p>	<p><i>- Elevado grau de estresse dos animais em ambientes diferentes com pessoas imprevisíveis e sons incomuns reduzidos;</i> (5)</p>	<p><i>-Reduzir o elevado grau de estresse de animais em ambientes diferentes com pessoas imprevisíveis e sons incomuns;</i> (7)</p>

8º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P. 122 “Os cavalos foram selecionados em função da sua docilidade em contato com equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme.”</p>	<p>-Docilidade de animais em contato com equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme; (3) <i>-Comportamentos dóceis de animais diante de equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme;</i> (4)</p>	<p>-Selecionar animais em função da sua docilidade de em contato com equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme; (3) <i>- Selecionar animais que apresentem comportamentos dóceis diante de equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme;</i> (4)</p>	<p><i>- Animais que apresentem comportamentos dóceis diante de equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme selecionados;</i> (5)</p>	<p><i>- Selecionar animais que apresentem comportamentos dóceis diante de equipamentos incomuns e pessoas com limitações de controle físico e natureza firme;</i> (7)</p>

9º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P. 122 “Em 1983, na conferência sobre O Vínculo Humano-Animal na Universidade de Minnesota guias para animais em asilos foram apresentados, recomendando que a inserção de animais deveria ser precedida por cuidadosa avaliação.” (1,2)</p>	<p><i>-Possibilidade de inserção de animais em asilo; (5)</i></p>	<p>-Avaliar cuidadosamente a inserção de animais em asilos; (3) - Avaliar cuidadosamente a possibilidade de inserção de animais em asilos; (4)</p>	<p>-Inserção de animais em asilos; (3) -<i>Possível inserção de animais em asilos; (4)</i></p>	<p>- Avaliar cuidadosamente a possibilidade de inserção de animais em asilos; (7)</p>

10º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.122 “Hines e col. (1983) afirmou que anterior a alocar animais em uma instituição, um completo levantamento deveria ser realizado, incluindo levantamento das necessidades dos residentes, avaliação do lay out do local e considerações sobre o papel do animal na instituição.”</p>	<p><i>-Necessidades dos clientes de uma instituição. (5)</i></p> <p><i>-Possibilidade de inserção de animais em uma instituição. (4)</i></p>	<p><i>-Levantar as necessidades dos residentes. (3)</i></p> <p><i>-Caracterizar as necessidades dos clientes.(4)</i></p>	<p><i>-Necessidades dos pacientes caracterizadas; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de projetar intervenções eficazes e eficientes apropriadas às necessidades do paciente; (5)</i></p>	<p><i>-Caracterizar as necessidades dos clientes antes de inserir animais em uma instituição. (7)</i></p>
	<p><i>-Lay out do local; (3)</i></p> <p><i>-Ambiente onde poderá ser realizada a intervenção. (4)</i></p>	<p><i>Avaliar o lay out do local. (3)</i></p> <p><i>-Avaliar o ambiente onde poderá ser realizada a intervenção. (4)</i></p>	<p><i>- Ambiente onde poderá ser realizada a intervenção avaliado; (5)</i></p>	<p><i>-Avaliar o ambiente onde poderá ser realizada a intervenção antes de inserir animais em uma instituição. (7).</i></p>
	<p><i>-Papel do animal na terapia; (3)</i></p>	<p><i>Considerar sobre o papel do animal na instituição; (3)</i></p> <p><i>-Caracterizar o papel do animal na terapia; (5)</i></p>	<p><i>-Papel do animal na terapia caracterizado; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de projetar intervenções eficazes e eficientes apropriadas ao papel do animal na terapia; (5)</i></p>	<p><i>-Caracterizar o papel do animal na terapia; (7)</i></p>

11º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.123 “Profissionais da área da saúde, voluntários experientes e profissionais de cuidados e bem estar de animais criaram recomendações para animais de companhia que continuaram a focar primariamente da segurança médica e física dos residentes.”</p>	<p>-Recomendações para animais; (3) -Recomendações de procedimentos de trabalho em TAA; (4)</p>	<p>-Seguir recomendações de trabalho em TAA; (5)</p>	<p>- Segurança médica de pacientes; (5) -Segurança física de pacientes; (5)</p>	<p>-Seguir recomendações de procedimentos de trabalho em TAA; (7)</p>

12º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “Os mínimos critérios de seleção para animais incluíam uma avaliação médica, avaliação de temperamento/ comportamental, e métodos para monitorar o animal ao longo do tempo. ” (1,2)	-Condição médica do cão; (3)	-Avaliar a condição médica do cão; (3)	- <i>Condição médica do cão avaliada; (5)</i> - <i>Maior probabilidade de definir utilização ou não utilização do cão em TAA; (5)</i> - <i>Maior probabilidade de reduzir riscos de saúde para os envolvidos em TAA; (5)</i>	- <i>Avaliar a condição médica do cão. (7)</i>
	-Condição médica do cão; (3)	-Monitorar a condição médica do cão; (3)	- <i>Condição médica do cão monitorada; (5)</i>	- <i>Monitorar a condição médica do cão; (7)</i>
	-Repertório comportamental do cão; (3)	-Avaliar o repertório comportamental do cão; (3)	- <i>Repertório comportamental do cão avaliado; (5)</i> - <i>Maior probabilidade de avaliar a adequação do cão para o serviço de TAA; (5)</i> - <i>Maior probabilidade de utilizar o cão de acordo com suas características úteis para as necessidades do paciente; (5)</i>	- <i>Avaliar o repertório comportamental do cão. (7)</i>
	-Repertório comportamental do cão; (3)	-Monitorar o repertório comportamental do cão; (3)	- <i>Repertório comportamental do cão monitorado; (5)</i>	- <i>Monitorar o repertório comportamental do cão; (7)</i>

13º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “Portanto, se tornou mais importante não só determinar os riscos de contato com animais , mas também identificar o modo como o animal influencia o paciente. ” (1,2)	-Riscos de contato com os animais; (3)	-Identificar os riscos de contato com os animais; (3)	- <i>Riscos de contato com os animais identificado;</i> (5) - <i>Maior probabilidade de prevenção de riscos de contato com os animais;</i> (5)	- <i>Identificar os riscos de contato com os animais;</i> (7)
	-Modo como o animal influencia o paciente; (7)	-Identificar o modo como o animal influencia o paciente; (3)	- <i>Modo como o animal influencia o paciente identificado;</i> (5) - <i>Maior probabilidade de projetar intervenções apropriadas para as necessidades do paciente;</i> (5)	- <i>Identificar o modo como o animal influencia o paciente;</i> (7)

14º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “Foi durante esse tempo que passou a ser dada atenção ao papel do condutor do animal. ” (1,2)	-Papel do condutor do animal; (3)	-Dar atenção ao papel do condutor do animal; (3) - <i>Avaliar o papel do condutor do animal;</i> (4)	- <i>Papel do condutor do animal avaliado;</i> (5)	- <i>Avaliar o papel do condutor do animal;</i> (7)

15º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “ Procedimentos de seleção projetados tendo os animais como único foco agora começavam a adicionar itens relacionados as interações com os condutores também.”	-Interações do cão com o condutor; (3) -Comportamentos do cão relacionados ao condutor; (4) -Processo de seleção de animal para o trabalho de TAA; (3)	-Avaliar os comportamentos do cão relacionados ao condutor;(5)	-Comportamentos do cão relacionados ao condutor avaliados; (5)	- Avaliar os comportamentos do cão relacionados ao condutor; (7)

16º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “Os pré-requisitos do condutor incluem educação continuada, documentação apropriada da saúde do animal, demonstração de respeito e capacidade de advogar pelo animal. ”	-Condições de saúde do animal; (3)	-Registrar em documento as condições de saúde do animal; (5)	-Condições de saúde do animal registradas em documento; (5)	-Registrar em documento as condições de saúde do animal; (7)
				-Demonstrar respeito; (3) -Respeitar o animal participante do trabalho em TAA; (4)
				-Advogar pelo animal; (3) -Defender o animal; (4)

17º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “ Definições de cada critério provém uma estrutura para orientar os procedimentos de seleção. ” (1,2)	-Critérios de seleção dos animais; (3) -Procedimentos de seleção de animais para TAA; (3)	-Definir critérios de seleção dos animais; (3)	-Estrutura para orientar procedimentos de seleção; (3) -Critérios de seleção dos animais definidos; (5)	-Definir critérios de seleção dos animais. (7)

18º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.123 “ Confiabilidade refere-se a quanto um comportamento pode ser repetido em uma série de situações e com uma variedade de participantes. ” (1,2)	-Comportamentos do cão que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (3)	-Selecionar cães que apresentam comportamentos que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (5)	- Cães que apresentam comportamentos que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes selecionados; (5)	-Selecionar cães que apresentam comportamentos que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (7)
	-Comportamentos do cão que podem ser repetidos em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (3)	-Ensinar o cão a apresentar o mesmo comportamento em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (5)	-Cães ensinados a apresentar o mesmo comportamento em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (5)	-Ensinar o cão a apresentar o mesmo comportamento em uma série de situações e com uma variedade de participantes; (7)

19º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.123 “Predicabilidade, como definido pelos padrões, significa que o comportamento em uma situação específica pode ser antecipado , e controlabilidade significa que o comportamento pode ser interrompido, guiado ou administrado. ” (1,2)	-Comportamento do cão em uma situação específica; (3)	-Antecipar comportamentos do cão em uma situação específica; (3)	<p><i>-Comportamentos do cão em ma situação específica antecipados; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de alterar a probabilidade de ocorrência de comportamentos indesejados; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de interromper comportamentos indesejados; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de evitar acidentes; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de reforçar comportamentos apropriados; (5)</i></p>	-Antecipar comportamentos do cão em uma situação específica; (7)
	- <i>Comportamentos indesejados do cão;</i> (5)	-Interromper comportamentos indesejados do cão; (3)	<p><i>-Comportamentos indesejados do cão interrompidos; (5)</i></p> <p><i>-Riscos de acidentes reduzidos; (5)</i></p> <p><i>-Redução da probabilidade de ocorrência de comportamentos indesejados; (5)</i></p>	-Interromper comportamentos indesejados do cão; (7)
	- <i>Comportamentos do cão utilizado em TAA;</i> (5)	-Guiar comportamentos do cão; (3)	- <i>Comportamentos do cão guiados;</i> (5)	- <i>Guiar comportamentos do cão;</i> (7)
	- <i>Cão para trabalho em TAA;</i> (5)	-Administrar comportamentos do cão; (3)	- <i>Comportamentos do cão administrados;</i> (5)	- <i>Administrar comportamentos do cão;</i> (7)

20° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.124 “Adequabilidade diz respeito a escolha do animal certo para o trabalho, levando em consideração os sentimentos de segurança do participante e conforto em relação a vários animais ou diferentes raças ou tipos de cães. ” (1,2)	-Sentimentos de segurança dos pacientes com relação ao cão; (3) -Sentimentos de conforto do participante com relação a vários animais ou diferentes raças ou tipos de cães; (3)	-Selecionar cão levando em consideração os sentimentos de segurança e conforto do participante com relação ao cão; (3)	- Cão selecionado a partir dos sentimentos de segurança dos pacientes com relação ao cão e os sentimentos de segurança do cão com relação a vários animais ou diferentes raças ou tipos de cães; -Maior probabilidade de o paciente aceitar a presença do cão; -Maior probabilidade do cão permanecer tranqüilo em ambientes que apresentem distrações como outros animais;	<i>-Selecionar cão levando em consideração os sentimentos de segurança e conforto do participante com relação ao cão; (7)</i>

21° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.124 “Alguns procedimentos de seleção requerem um alto grau de habilidades do animal em termos da sua habilidade a responder a sinais verbais e gestuais. ” (1,2)	-Respostas do cão a sinais verbais do condutor; (3) -Respostas do cão a sinais gestuais do condutor; (3)	-Selecionar cães que apresentam facilidade em responder a sinais verbais e gestuais do condutor; (5)	<i>-Cão selecionado a partir da sua capacidade de responder a sinais verbais e gestuais do condutor; (5)</i> <i>-Maior probabilidade do cão responder facilmente a sinais verbais e gestuais do condutor em situações de TAA; (5)</i>	<i>-Selecionar cães que apresentam facilidade em responder a sinais verbais e gestuais do condutor. (7)</i>

22º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.125 “O critério também requer que o responsável garanta uma adequação entre as necessidades do cliente, ambiente, habilidades do animal e habilidades do condutor.” (1,2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Necessidades do paciente; (3) -Características do paciente; (4) -Características do ambiente onde será realizada a TAA; (3) -Características do cão; (3) -Características do condutor; (3) -Características dos demais envolvidos no processo (outros profissionais, estagiários, outros pacientes,familiares do paciente); (5) 	<p><i>-Projetar intervenção de TAA a partir das características do paciente, das características do ambiente, das características do cão, das características do condutor e das características dos demais envolvidos no processo(outros profissionais, estagiários, outros pacientes,familiares do paciente); (5)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> -Intervenção de TAA projetada a partir das características do paciente, das características do ambiente, das características do cão, das características do condutor e das características dos demais envolvidos no processo(outros profissionais, estagiários, outros pacientes,familiares do paciente); (5) -Maior probabilidade de produzir resultados eficientes e eficazes; (5) -Maior probabilidade de evitar problemas com qualquer dos aspectos listados; (5) 	<p><i>-Projetar intervenção de TAA a partir das características do paciente, das características do ambiente, das características do cão, das características do condutor e das características dos demais envolvidos no processo (outros profissionais, estagiários, outros pacientes,familiares do paciente); (7)</i></p>

	<p>-Necessidades do paciente; (3)</p> <p>-Características do paciente; (4)</p> <p>-Características do ambiente onde será realizada a TAA; (3)</p> <p>-Características do cão; (3)</p> <p>-Características do condutor; (3)</p> <p>-Características dos demais envolvidos no processo (outros profissionais, estagiários, outros pacientes, familiares do paciente); (5)</p>	<p>-Selecionar o cão a partir características do paciente, das características do ambiente, das características do cão, das características do condutor e das características dos demais envolvidos no processo (outros profissionais, estagiários, outros pacientes, familiares do paciente); (5)</p>	<p>-Cão selecionado a partir das características do paciente, das características do ambiente, das características do cão, das características do condutor e das características dos demais envolvidos no processo (outros profissionais, estagiários, outros pacientes, familiares do paciente); (5)</p> <p>-Maior probabilidade de produzir resultados eficientes e eficazes; (5)</p> <p>-Maior probabilidade de evitar problemas com qualquer dos aspectos listados; (5)</p>	<p>-Selecionar o cão a partir características do paciente, das características do ambiente, das características do cão, das características do condutor e das características dos demais envolvidos no processo (outros profissionais, estagiários, outros pacientes, familiares do paciente); (7)</p>
--	---	--	---	--

23º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.125 “O critério de confiabilidade é, mais uma vez, muito amplo e requer documentação de uma relação de longo prazo com o animal em uma variedade de ‘contextos sociais’.” (1,2)</p>	<p>-Relação de longo prazo com o animal em uma variedade de contextos sociais; (3)</p> <p>-Comportamentos do cão apresentados por um período longo em diferentes situações; (4)</p>	<p>-Documentar a relação de longo prazo com o animal em uma variedade de ‘contextos sociais’; (3)</p> <p>-Registrar os comportamentos do cão apresentados por um longo período em diferentes situações; (4)</p>	<p>-Comportamentos do cão em diferentes situações registrados por um longo período r; (5)</p>	<p>-Registrar os comportamentos do cão apresentados por um longo período em diferentes situações; (7)</p>

24º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.125 “Levar animais não treinados ou avaliados para visitar pessoas em condições frágeis de saúde representa um aumento nos riscos de infecção por zoonoses ou ferimentos, ainda assim, esses riscos podem ser reduzidos com a escolha de trabalhar com animais que dispõem de cuidados veterinários e um certo nível de adestramento.” (1,2)</p>	<p>-Animais que dispõem de cuidados veterinários e um certo nível de adestramento; (3)</p>	<p>-Escolher trabalhar com animais que dispõem de cuidados veterinários e um certo nível de adestramento; (3) <i>-Selecionar animais que apresentam boas condições de saúde e que possuam um certo nível de adestramento; (4)</i></p>	<p><i>- Animais que apresentam boas condições de saúde e um certo nível de adestramento selecionados para o trabalho de TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Selecionar animais que apresentem boas condições de saúde e que possuam um certo nível de adestramento; (7)</i></p>
	<p>-Condições frágeis de saúde do paciente; (3) -Riscos de infecção por zoonoses; (3) -Riscos de ferimentos nos pacientes causados pelos animais; (3)</p>	<p>-Dispor de cuidados veterinários; (3) <i>-Cuidar das condições de saúde do cão; (4)</i></p>	<p>-Redução dos riscos de infecção por zoonoses; (3) -Redução dos riscos de ferimentos; (3)</p>	<p><i>-Cuidar das condições de saúde do cão; (7)</i></p>
	<p>-Condições frágeis de saúde do paciente; (3) -Riscos de infecção por zoonoses; (3) -Riscos de ferimentos nos pacientes causados pelos animais; (3)</p>	<p>-Dispor de um certo nível de adestramento; (3) <i>-Adestrar o cão em determinado nível ; (4)</i></p>	<p>Redução dos riscos de infecção por zoonoses; (3) -Redução dos riscos de ferimentos; (3)</p>	<p><i>-Adestrar o cão em determinado nível; (7)</i></p>

25° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.126 “Neste caso um condutor e um cão que retornam em intervalos regulares irão alcançar melhor os objetivos do que uma variedade de cães que vêm e vão devido à adoção.” (1,2)	-Intervalo entre as sessões de TAA; (3) -Cão utilizado para o trabalho de TAA; (3)	-Retornar em intervalos regulares; (3) - <i>Manter nas sessões de TAA o mesmo cão, o mesmo condutor e frequência de visitação regular;</i> (4)	-Alcançar melhores objetivos; (3) - <i>Maior probabilidade de alcançar os objetivos da terapia;</i> (4)	- <i>Manter nas sessões de TAA o mesmo cão, o mesmo condutor e frequência de visitação regular;</i> (7)

26° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.126 “Nessa situação os jovens aprendem a controlar seus próprios comportamentos enquanto ensinam os cães . Dependendo da idade e diagnóstico do jovem a experiência de ensinar cães jovens, impulsivos e hiperativos pode prover uma perfeita metáfora para seus próprios desafios emocionais ” (1,2)	-Cães jovens, impulsivos e hiperativos. (3) - <i>Cães que apresentam comportamentos inadequados, como comportamentos impulsivos e hiperativos;</i> (4) -Garotos jovens com desafios emocionais; (3) - <i>Garotos jovens que apresentam comportamentos emocionais inadequados, como comportamentos impulsivos e hiperativos;</i> (4)	- <i>Ensinar jovens a ensinar comportamentos adequados para cães que apresentem comportamentos inadequados;</i> (5)	- <i>Mudança de comportamentos dos cães que apresentavam comportamentos inadequados;</i> (5) -Jovens aprendem a controlar os seus próprios comportamentos; (3) -Metáfora para os desafios emocionais dos jovens provida; (3) - <i>Relação entre os seus comportamentos e os comportamentos do cão identificada pelos jovens;</i> (4)	- <i>Ensinar jovens a controlar seus próprios comportamentos;</i> (5) - <i>Ensinar jovens a modificar seus comportamentos;</i> (6)

27º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.126 “Nada se compara ao tipo de stress social intrínseco a interação social que ocorre em um animal quando está em situações de trabalho de TAA ou AAA.” (1,2)</p>	<p>-Stress social intrínseco a interação social que ocorre em um animal quando está em situações de trabalho de TAA; (3) <i>-Elevado grau de stress do cão em situações de trabalho em TAA; (4)</i></p>	<p><i>-Reduzir o elevado grau de stress do cão em situações de trabalho em TAA; (5)</i></p>	<p><i>- Elevado grau de stress do cão em situações de trabalho em TAA reduzido; (5)</i></p>	<p><i>-Reduzir o elevado grau de stress do cão em situações de trabalho em TAA; (7)</i></p>

28° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.126 “Nenhum outro evento relacionado a animais, nenhum esporte ou competição requer dos animais que entrem na zona íntima de humanos não familiares e permaneçam lá por vários minutos ou mais enquanto pessoas não familiares acariciam, abraçam ou direcionam (treinando, montando) o animal.” (1,2)</p>	<p>-Animais que entrem na zona íntima de humanos não familiares e permaneçam lá por vários minutos ou mais; (3) <i>-Tempo de contato entre animais e pessoas em sessões de TAA; (4)</i></p>	<p><i>Controlar o tempo de contato de animais com pessoas não familiares; (5)</i></p>	<p><i>- Tempo de contato de animais com pessoas não familiares controlado; (5)</i></p> <p><i>-Diminuição da probabilidade de stress no cão; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de manter o interesse das pessoas não familiares no cão; (5)</i></p> <p><i>-Redução da probabilidade de ocorrência de acidentes; (5)</i></p>	<p><i>-Controlar o tempo de contato de animais com pessoas não familiares; (7)</i></p>
	<p>-Pessoas não familiares que acariciam, abraçam ou direcionam (treinando, montando) o animal; (3) <i>-Comportamentos das pessoas com relação aos animais; (4)</i></p>	<p><i>-Instruir pessoas não familiares ao cão sobre como se comportar com relação aos animais; (5)</i></p>	<p><i>- Pessoas não familiares ao cão instruídas sobre como se comportar com relação aos animais cão; (5)</i></p> <p><i>-Pessoas não familiares ao cão apresentando comportamentos apropriados com relação aos animais; (5)</i></p> <p><i>-Redução da probabilidade de ocorrência de acidentes; (5)</i></p>	<p><i>-Instruir pessoas não familiares ao cão sobre como se comportar com relação aos animais; (7)</i></p>

29º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.126 “Qualquer discussão sobre seleção e avaliação animal precisa primeiro considerar o desfecho ou objetivo da interação participante-animal.” (1,2)</p>	<p><i>-Possíveis desfechos ou objetivos da intervenção terapêutica com apoio de cães; (5)</i></p>	<p>-Considerar o desfecho ou objetivo da interação participante-animal; (3) -Caracterizar os objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais; (4)</p>	<p><i>-Objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (5)</i> <i>-Maior probabilidade de avaliar apropriadamente o animal para trabalho em TAA; (5)</i> <i>-Maior probabilidade de selecionar o animal adequado para o trabalho em TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Caracterizar os objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais; (7)</i></p>
	<p><i>-Objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (5)</i></p>	<p>-Discutir sobre a avaliação de animal; (3) -Projetar avaliação de animal para o trabalho em TAA a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (4)</p>	<p><i>-Avaliação de animal para o trabalho em TAA projetada a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (5)</i></p>	<p><i>-Projetar avaliação de animal para o trabalho em TAA a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (7)</i></p>
	<p><i>-Objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizado; (5)</i></p>	<p>-Discutir sobre seleção de animal; (3) -Projetar seleção de animal para o trabalho em TAA a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (4)</p>	<p><i>-Seleção de animal para o trabalho em TAA projetada a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (5)</i></p>	<p><i>-Projetar seleção de animal para o trabalho em TAA a partir dos objetivos da intervenção terapêutica com apoio de animais caracterizados; (7)</i></p>

30º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.126 “Por definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica para o participante, procedimentos de avaliação e seleção podem ser projetados para identificar as características ou comportamentos que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados.” (1,2)</p>	<p><i>-Possíveis papéis do animal na terapia;</i> (5)</p>	<p>-Definir como a presença ou interação do animal irá resultar em uma experiência terapêutica; (3) <i>- Definir o papel do animal na terapia;</i> (4)</p>	<p><i>-Papel do animal na terapia definidos;</i> (5)</p>	<p><i>-Definir o papel do animal na terapia;</i> (7)</p>
	<p><i>-Papel do animal na terapia definido;</i> (5)</p>	<p><i>-Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia;</i> (5)</p>	<p>-Procedimentos de avaliação projetados; (3) <i>- Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia;</i> (4) -Maior probabilidade de identificar características ou comportamentos do animal que apresentem uma tendência de alcançar os resultados desejados; (3)</p>	<p><i>-Projetar procedimentos de avaliação a partir do papel do animal na terapia;</i> (7)</p>
	<p><i>-Papel do animal na terapia definido;</i> (5)</p>	<p><i>-Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia;</i> (5)</p>	<p>-Procedimentos de seleção projetados; (3) <i>- Procedimentos de seleção projetados a partir dos comportamentos que constituem o papel do animal na terapia;</i> (4) -Maior probabilidade de identificar características ou comportamentos do animal que apresentem uma tendência de alcançar os resultados desejados; (3)</p>	<p><i>- Projetar procedimentos de seleção a partir do papel do animal na terapia;</i> (7)</p>
	<p><i>- Papel do animal na terapia definidos;</i> (5) -Características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma</p>	<p>-Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o</p>	<p><i>-Características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente identificadas;</i> (5) <i>-Maior probabilidade de selecionar o cão</i></p>	<p><i>-Identificar características do animal que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o</i></p>

<p>experiência terapêutica para o paciente; (3)</p> <p><i>-Procedimentos de seleção projetados a partir do papel do animal na terapia; (5)</i></p> <p><i>-Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia; (5)</i></p>	<p>paciente; (3)</p>	<p><i>apropriado para intervenção em TAA; (5)</i></p>	<p>paciente; (7)</p>
<p><i>- Comportamentos que constituem o papel do animal na terapia definidos; (5)</i></p> <p><i>-Comportamentos do animal que apresentam uma tendência de alcançar os resultados desejados (produzir uma experiência terapêutica); (3)</i></p> <p><i>-Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia; (5)</i></p> <p><i>-Procedimentos de avaliação projetados a partir do papel do animal na terapia; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente; (3)</i></p>	<p><i>-Comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente identificados; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de selecionar o cão apropriado para intervenção em TAA; (5)</i></p>	<p><i>- Identificar os comportamentos que apresentam uma tendência de produzir uma experiência terapêutica para o paciente; (7)</i></p>

31° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.127 “ Quanto maior o grau de contato entre o animal e o participante, maior será a necessidade para definições claras de procedimentos de seleção apropriados. ” (1,2)	-Grau de contato entre o animal e o participante; (3) <i>-Diferentes graus de contato entre participante e animais na sessão de terapia; (4)</i> -Procedimentos de seleção; (3)	-Definir claramente os procedimentos de seleção apropriados; (3) <i>-Definir procedimentos de seleção apropriados para TAA em função do grau de contato que haverá entre participante e animal; (4)</i>	<i>- Procedimentos de seleção apropriados para TAA definidos em função do grau de contato que haverá entre participante e animal; (5)</i>	<i>-Definir procedimentos de seleção apropriados para TAA em função do grau de contato que haverá entre participante e animal; (7)</i>

32° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.127 “ Os programas de TAA e AAA que requerem as mais rigorosas definições de objetivos são aqueles nos quais o participante interage ativamente com o animal. ” (1,2)	-Programa de TAA no qual o participante interage ativamente com o animal; (3) <i>-Diferentes graus de interação entre o participante e o animal; (4)</i>	-Definir objetivos do programa de TAA; (3) <i>-Definir rigorosamente os procedimentos utilizados quanto maior forem os graus de interação entre o participante e o animal; (4)</i>	<i>-Procedimentos utilizados rigorosamente definidos quanto maior forem os graus de interação entre o participante e o animal; (5)</i> <i>-Maior controle sobre o processo terapêutico com apoio de animal(5)</i>	<i>-Definir rigorosamente os procedimentos utilizados quanto maior forem os graus de interação entre o participante e o animal; (7)</i>

33° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.127 “(...) é importante determinar as expectativas de resultados e é crítico determinar as espécies mais apropriadas, assim como o melhor indivíduo.” (1,2)</p>	<p><i>-Possíveis objetivos da intervenção; (5)</i></p>	<p>-Determinar as expectativas de resultados; (3) <i>-Determinar os objetivos da intervenção (4);</i></p>	<p><i>-Objetivos da intervenção determinados; (5)</i></p>	<p><i>-Determinar os objetivos da intervenção; (7)</i></p>
	<p><i>-Possíveis raças caninas a serem utilizadas na intervenção; (5)</i></p>	<p>-Determinar as espécies mais apropriadas; (3) <i>- Identificar as raças mais apropriadas para a intervenção; (4)</i></p>	<p><i>-Raças mais apropriadas para a intervenção identificadas; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar as raças mais apropriadas para a intervenção; (7)</i></p>
	<p><i>-Possíveis indivíduos a serem utilizados na intervenção; (5)</i></p>	<p>-Determinar o melhor indivíduo; <i>-Identificar o indivíduo mais apropriado para a intervenção; (4)</i></p>	<p><i>-Indivíduo mais apropriado para a intervenção identificado; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar o indivíduo mais apropriado para a intervenção; (7)</i></p>

34° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P. 128 “Em outro exemplo, considere uma intervenção psicoterapêutica na qual um terapeuta trabalha com um adulto doente mental a cerca de seus comportamentos agressivos em relação aos outros. O terapeuta pode escolher trabalhar com um cavalo que se mova para longe do adulto a não ser que ele fale em tom suave, mova-se mais vagarosamente e minimize seus gestos.” (1,2)</p>	<p>-Adulto doente mental com comportamentos agressivos; (3) <i>-Pessoa que apresenta inadequadamente comportamentos agressivos; (4)</i> <i>-Possíveis cães a serem utilizados em TAA; (5)</i></p>	<p>-Escolher trabalhar com um cavalo que se mova para longe do adulto a não ser que ele fale em tom suave, mova-se mais vagarosamente e minimize seus gestos; (3) <i>-Selecionar cão que se afaste de uma pessoa que apresente comportamentos agressivos e se aproxime de uma pessoa que apresente comportamentos gentis; (4)</i></p>	<p><i>-Cão que se afaste de uma pessoa que apresente comportamentos agressivos e se aproxime de uma pessoa que apresente comportamentos gentis selecionado; (5)</i></p>	<p><i>-Selecionar cão que se afaste de uma pessoa que apresente comportamentos agressivos e se aproxime de uma pessoa que apresente comportamentos gentis; (7)</i></p>

35° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.128 “Para essa intervenção ser eficiente e segura, o condutor deve ter uma clara compreensão dos comportamentos esperados do animal (...). Entretanto é crítico que o condutor garanta que a interação não seja muito estressante para o cavalo.” (1,2)</p>	<p>-Comportamentos esperados do animal; (3) <i>- Comportamentos apropriados do animal para a situação psicoterapêutica; (4)</i></p>	<p>-Ter uma clara compreensão dos comportamentos esperados do animal; (3) <i>-Caracterizar os comportamentos apropriados do animal para a situação psicoterapêutica; (4)</i></p>	<p><i>-Comportamentos do cão apropriados para a situação psicoterapêutica caracterizados; (5)</i> -Intervenção eficiente e segura; (3)</p>	<p><i>-Caracterizar os comportamentos apropriados do animal para a situação psicoterapêutica; (7)</i></p>
	<p>-Stress para o cavalo; (3) <i>-Graus de stress do cão; (4)</i></p>	<p>-Garantir que a interação não seja estressante para o cavalo; (3) <i>-Manter o grau de stress do cão em níveis baixos; (4)</i></p>	<p><i>-Grau de stress do cão mantido em níveis apropriados; (5)</i> <i>-Redução da probabilidade de ocorrência de acidentes; (5)</i></p>	<p><i>-Manter o grau de stress do cão em níveis baixos; (7)</i></p>

36° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.128 “A maior parte dos procedimentos de avaliação não são realizados nos locais onde haverá a interação. As habilidades dos animais e dos condutores de apresentarem comportamentos específicos dependem de fatores ambientais, assim como habilidades e talentos da equipe. A melhor maneira de determinar se uma equipe é apropriada para ambientes específicos é verificando seus comportamentos nesses ambientes.” (1,2)</p>	<p>-Locais onde haverá interação; (3) -Local onde será realizada a TAA; (4)</p>	<p>-Caracterizar o local onde será realizada a TAA; (5)</p>	<p>- Local onde será realizada a TAA caracterizado; (5)</p>	<p>-Caracterizar o local onde será realizada a TAA; (7)</p>
	<p>-Habilidades dos animais e condutores de apresentarem comportamentos específicos que dependem de fatores ambientais; (3) -Variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor e do cão; (4)</p>	<p>-Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor e do cão; (5)</p>	<p>-Variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor e do cão identificadas; (5)</p>	<p>-Identificar as variáveis ambientais determinantes dos comportamentos do condutor e do cão; (7)</p>
	<p>- Habilidades dos animais e condutores de apresentarem comportamentos específicos (...) nesses ambientes; (3) -Comportamentos específicos do animal apresentados nos ambientes de TAA;</p>	<p>-Verificar seus comportamentos nesses ambientes; (3) -Avaliar os comportamentos específicos do animal apresentados nos ambientes de TAA; (4)</p>	<p>-Comportamentos específicos do animal apresentados nos ambientes de TAA avaliados; (5)</p>	<p>-Determinar se uma equipe é apropriada para ambientes específicos; (3) -Avaliar se um animal é apropriado para determinado trabalho em TAA; (4)</p>
	<p>- Habilidades dos condutores de apresentarem comportamentos específicos (...) nesses ambientes; (3) -Comportamentos específicos do condutor apresentados nos ambientes de TAA;</p>	<p>-Verificar seus comportamentos nesses ambientes; (3) -Avaliar os comportamentos específicos do condutor apresentados nos ambientes de TAA; (4)</p>	<p>-Comportamentos específicos do condutor apresentados nos ambientes de TAA avaliados; (5)</p>	<p>-Determinar se uma equipe é apropriada para ambientes específicos; (3) -Avaliar se um condutor é apropriado para determinado trabalho em TAA; (4)</p>

Trecho 37° selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.128 “Um fato de maior preocupação é que poucos procedimentos de avaliação regularmente incluem crianças , ainda que muitos cães estejam envolvidos em programas que incluem crianças imprevisíveis e cães. ” (1,2)	-Crianças imprevisíveis; (3) -Comportamentos imprevisíveis de crianças; (4) -Cães; (3) -Comportamentos de cães; (4)	-Avaliação que regularmente inclui criança; (3) -Avaliar os comportamentos do cão com relação a comportamentos imprevisíveis de crianças; (4)	- <i>Comportamentos do cão com relação a comportamentos imprevisíveis de crianças avaliados;</i> (5) - <i>Maior probabilidade de identificar comportamentos apropriados e inapropriados de cães com relação a crianças;</i> (5) - <i>Maior probabilidade de selecionar cães apropriados para TAA com crianças;</i> (5)	- <i>Avaliar os comportamentos do cão com relação a comportamentos imprevisíveis de crianças;</i> (7)

38° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.129 “É importante determinar até que grau é possível monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal. ” (1,2)	-Sinais de stress do animal; (3)	-Determinar até que grau é possível monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal; (3)	- <i>Grau de possibilidade de monitoramento do grau de stress do animal determinado;</i> (5)	- <i>Determinar até que grau é possível monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal;</i> (7)
	-Sinais de stress do animal; (3)	-Monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal; (3) - <i>Monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal no trabalho de TAA;</i> (4)	- <i>Sinais de stress do animal no trabalho de TAA apropriadamente monitorados;</i> (5)	- <i>Monitorar apropriadamente os sinais de stress do animal no trabalho de TAA;</i> (7)

39° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.129 “O condutor deve estar apto a monitorar os limites de stress para evitar excessos. ” (1,2)	-Graus de stress do animal; (3)	-Monitorar os limites de stress do animal; (3)	- <i>Limites de stress do animal monitorado;</i> (5)	- <i>Monitorar os graus limites de stress dos animais no trabalho de TAA;</i> (7)
	-Graus de stress do animal; (3)	-Evitar excessos; (3) - <i>Evitar graus elevados de stress do animal;</i> (4)	- <i>Graus elevados de stress do animal evitados;</i> (5)	- <i>Evitar graus elevados de stress do animal no trabalho de TAA;</i> (7)

40° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.129 “ Objetivos obscuros nos procedimentos de seleção em TAA e AAA levam a um grau de incerteza com relação aos resultados dessas avaliações. ” (1,2)	- Objetivos nos procedimentos de seleção em TAA. (3) - <i>Possíveis objetivos para os procedimentos de seleção em TAA.</i> (4)	- <i>Determinar objetivos claros nos procedimentos de seleção em TAA;</i> (5)	- <i>Aumento do grau de certeza com relação aos resultados das avaliações.</i> (5)	- <i>Determinar objetivos claros nos procedimentos de seleção em TAA;</i> (7)

41° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.129 “Em outras palavras, os procedimentos de seleção têm o potencial de proverem um modo de elevar contingências com probabilidades desconhecidas a se tornarem contingências com probabilidades conhecidas.” (1,2)</p>	<p>-Procedimentos de seleção; (3) -Contingências com probabilidades desconhecidas; (3) -<i>Probabilidades de ocorrência de comportamentos do animal</i> desconhecidas; (4)</p>	<p><i>-Identificar durante os procedimentos de seleção as probabilidades de ocorrência de comportamentos do animal;</i> (5)</p>	<p>-Contingências com probabilidades desconhecidas elevados a se tornarem contingências com probabilidades conhecidas; (3) -<i>Probabilidades de ocorrência de comportamentos de cães identificadas;</i> (4)</p>	<p><i>-Identificar durante os procedimentos de seleção as probabilidades de ocorrência de comportamentos do animal;</i> (7)</p>

42° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.129 “Através da observação crítica dos condutores e dos animais em trabalho , avaliadores procuram fornecer uma previsão das futuras performances em TAA e AAA. ” (1,2)	-Animais em situação de trabalho; (3) - <i>Comportamentos dos cães em situação de trabalho; (4)</i>	-Observar os animais; (3) - <i>Observar os comportamentos dos animais em trabalho de TAA; (4)</i>	- <i>Comportamentos dos animais em trabalho de TAA; (5)</i>	- <i>Observar os comportamentos dos animais em trabalho de TAA; (7)</i>
	-Condutores em situação de trabalho; (3) - <i>Comportamentos dos condutores em trabalho de TAA; (4)</i>	-Observar os condutores; (3) - <i>Observar os comportamentos dos condutores em trabalho de TAA; (4)</i>	- <i>Comportamentos dos condutores em trabalho de TAA observados; (5)</i>	- <i>Observar os comportamentos dos condutores em trabalho de TAA; (7)</i>
	- <i>Comportamentos dos condutores em trabalho de TAA; (5)</i> - <i>Comportamentos dos animais em trabalho de TAA; (5)</i>	-Prever futuras performances em TAA; (3) - <i>Prever os comportamentos do condutor e do animal em trabalho de TAA a partir de observações dos seus comportamentos; (4)</i>	- <i>Comportamentos do condutor e do animal em trabalho de TAA partir de observações dos seus comportamentos previstos; (5)</i>	- <i>Prever os comportamentos do condutor e do animal em trabalho de TAA a partir de observações dos seus comportamentos; (7)</i>

43° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.130 “Como a TAA e AAA se expandem para mais locais exigentes, a previsibilidade oferecida por meio de avaliações da equipe serão cruciais para resultados positivos da intervenção. ” (1,2)	- Expansão das intervenções para lugares mais exigentes; (3) - <i>Equipe que realiza TAA; (5)</i>	-Avaliação da equipe de TAA; (3) - <i>Avaliar a equipe que realiza TAA; (4)</i>	- Previsibilidade dos comportamentos da equipe; (3) -Resultados positivos da intervenção; (3) - <i>Resultados eficientes e eficazes das intervenções; (4)</i>	- <i>Avaliar a equipe que realiza TAA; (7)</i>

4º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.130 “De acordo com de Becker, uma previsão apurada é baseada em 11 elementos. Esses elementos são: mensurabilidade, vantagem, iminência, contexto, experiência, comparação de eventos, objetividade, investimento, replicabilidade, conhecimento, indicadores precedentes. (...). Em outras palavras, ao considerar esses elementos, os provedores podem determinar o grau no qual a performance de uma equipe em uma dada situação pode ser de fato prevista.” (1,2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Mensurabilidade; (3) -Vantagem; (3) -Iminência; (3) -Contexto; (3) -Experiência; (3) -Comparação de eventos; (3) -Objetividade; (3) -Investimento; (3) -Replicabilidade; (3) -Conhecimento; (3) -Indicadores precedentes; (3) 	<p>-Determinar o grau no qual a performance de uma equipe em uma dada situação pode ser de fato prevista; (3) <i>-Determinar o grau de previsão dos comportamentos do animal; (4)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grau no qual a performance de uma equipe em uma dada situação pode ser de fato prevista determinado; (3) <i>-Grau de previsão dos comportamentos do animal determinados; (4)</i> 	<p><i>-Determinar o grau de previsão dos comportamentos do animal; (7)</i></p>

45° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.131 “Observar a equipe em ação no ambiente com participantes que o animal pode de fato encontrar irá prover uma imagem mais relevante da equipe do que observar os resultados de um teste administrado por uma pessoa desconhecida em um local desconhecido.” (1,2)</p>	<p>-Equipe em ação; (3) <i>-Comportamentos do animal e do condutor com participantes com os quais irão de fato lidar nos ambientes no qual estarão em uma situação de TAA;</i></p> <p>-Participantes com os quais o cão irá de fato lidar em uma situação de TAA; (3)</p> <p>-Ambientes nos quais o cão irá de fato estar em uma situação de TAA; (3)</p>	<p>-Observar a equipe em ação no ambiente com participantes que o animal pode de fato encontrar; (3) <i>-Observar os comportamentos do animal e do condutor com relação a participantes com os quais irão de fato lidar e nos ambientes no qual estarão em uma situação de TAA; (4)</i></p>	<p>-Imagem mais relevante da equipe provida; (3) <i>-Maior perceptibilidade a cerca dos comportamentos dos animais e dos condutores em uma situação de TAA; (4)</i></p> <p><i>-Comportamentos do animal e do condutor com relação a participantes com os quais irão de fato lidar e nos ambientes no qual estarão em uma situação de TAA; (5)</i></p> <p><i>-Maior probabilidade de identificar problemas ou falhas da intervenção;(5)</i></p>	<p><i>-Observar os comportamentos do animal e do condutor com relação a participantes com os quais irão de fato lidar e nos ambientes no qual estarão em uma situação de TAA; (7)</i></p>

46° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.131 “As equipes passam por avaliações preliminares para determinar se o animal apresenta os requisitos de saúde e treinamento antes de irem para visitas supervisionadas. Enquanto esse processo pode ser incômodo, ele aumenta a probabilidade de sucesso da previsão.” (1,2)</p>	<p>-Requisitos de saúde; (3) <i>-Condições de saúde do animal necessárias para o trabalho em TAA; (4)</i></p>	<p>- Avaliar preliminarmente se o animal apresenta os requisitos de saúde antes de ir para as visitas supervisionadas; (3) <i>- Avaliar preliminarmente à intervenção as condições de saúde do animal necessárias para o trabalho em TAA; (4)</i></p>	<p>-Aumento da probabilidade de sucesso da previsão; (3) <i>-Maior probabilidade de identificar problemas de saúde no cão que possam prejudicar o trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p><i>- Avaliar preliminarmente à intervenção as condições de saúde do animal necessárias para o trabalho em TAA; (7)</i></p>
	<p>-Requisitos de treinamento; (3) <i>-Repertório comportamental do animal necessário para o trabalho em TAA; (4)</i></p>	<p>- Avaliar preliminarmente se o animal apresenta os requisitos de treinamento antes de ir para as visitas supervisionadas; (3) <i>- Avaliar preliminarmente à intervenção o repertório comportamental do animal necessário para o trabalho em TAA; (4)</i></p>	<p>-Aumento da probabilidade de sucesso da previsão; (3) <i>-Maior probabilidade de identificar comportamentos do cão que possam prejudicar o trabalho de TAA; (4)</i> <i>-Repertório comportamental do animal necessário para o trabalho em TAA avaliado preliminarmente; (4)</i></p>	<p><i>- Avaliar preliminarmente à intervenção o repertório comportamental do animal necessário para o trabalho em TAA; (7)</i></p>

47° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.131 “ Determinar se um animal irá responder a uma situação específica que está para ocorrer é mais correto do que prever comportamentos por um período longo de tempo.” (1,2)	-Resposta do animal a uma situação específica que está para ocorrer; (3) <i>-Comportamentos do animal em situações específicas; (4)</i>	-Determinar se um animal irá responder a uma situação específica que está para ocorrer; (3) <i>-Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos específicos do animal em situações específicas; (4)</i>	<i>- Probabilidade de ocorrência de comportamentos específicos do animal em situações específicas avaliada; (5)</i>	<i>-Avaliar a probabilidade de ocorrência de comportamentos específicos do animal em situações específicas; (7)</i>

48° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.131 “Por consistentemente observar e avaliar animais de uma maneira processual, condutores e programas podem estar alertas para alterações de respostas de animais em diferentes situações. ” (1,2)	-Animais; (3) <i>-Comportamento dos cães; (4)</i>	-Observar o animal de maneira processual; (3) <i>-Observar os comportamentos animal com determinada frequência; (4)</i>	-Estar alertas para alterações de respostas de animais em diferentes situações; (3) <i>-Maior probabilidade de identificar alterações no comportamento do cão em diferentes situações;(4)</i> <i>-Comportamentos do animal observados com determinada frequência; (5)</i>	<i>-Observar os comportamentos do animal com determinada frequência; (7)</i>
	-Animais; (3) <i>-Comportamento dos cães; (4)</i>	-Avaliar o animal de uma maneira processual; (3) <i>-Avaliar os comportamentos do animal com determinada frequência; (4)</i>	Estar alertas para alterações de respostas de animais em diferentes situações; (3) <i>-Maior probabilidade de identificar alterações no comportamento do cão em diferentes situações;(4)</i> <i>-Comportamentos o</i>	<i>-Avaliar os comportamentos do animal com determinada frequência; (7)</i>

			<i>animal avaliados com determinada frequência; (5)</i>	
	<i>- Alterações no comportamento do cão em diferentes situações; (5)</i>	<i>-Estar alerta para alterações de respostas de animais em diferentes situações; (3) -Identificar alterações no comportamento do cão em diferentes situações;(4)</i>	<i>-Alterações no comportamento do cão em diferentes situações identificadas; (5)</i>	<i>-Identificar alterações no comportamento do cão em diferentes situações; (7)</i>

49º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.131 “Dedicar um tempo para observar equipes em ação também pode servir para alertar condutores para resultados potencialmente negativos.” (1,2)</p>	<p>-Equipes em ação; (3) <i>-Comportamento de condutores e de animais em trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p>-Observar equipes em ação; (3) <i>- Observar comportamentos de condutores e de animais em trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p>-Condutores alertas para resultados potencialmente negativos; (3) <i>-Maior probabilidade de identificar conseqüências prejudiciais ao trabalho terapêutico; (4)</i> <i>-Comportamentos de condutores e animais em trabalho de TAA observados; (5)</i></p>	<p><i>- Observar comportamentos de condutores e de animais em trabalho de TAA; (7)</i></p>
	<p><i>-Comportamentos de condutores e animais em trabalho de TAA observados; (5)</i></p>	<p>-Alertar para resultados potencialmente negativos; (3) <i>-Identificar conseqüências prejudiciais ao trabalho terapêutico; (4)</i></p>	<p><i>-Conseqüências prejudiciais ao trabalho terapêutico identificadas; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar conseqüências prejudiciais ao trabalho terapêutico; (7)</i></p>

50º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.131 “Um observador pode, por causa de sua vantagem, perceber que um gato está começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes. Prever o potencial de um gato para arranhar alguém pode fornecer ao condutor uma janela na qual treinar o gato para ficar em um cesto, ao invés e ser pego o tempo todo, conseqüentemente prevenindo possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia.” (1,2)</p>	<p>-Gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes; (3) <i>-Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados; (4)</i></p>	<p>-Perceber gato começando a levantar suas orelhas quando pego por residentes; (3) <i>-Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados; (4)</i></p>	<p>-Prever o potencial de um gato de arranhar alguém; (3) <i>-Maior probabilidade de prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados; (4)</i> <i>-Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados; (7)</i></p>
	<p><i>-Comportamentos do animal que sinalizam a probabilidade de ocorrência de comportamentos inapropriados identificados; (5)</i></p>	<p>-Prever potencial de um gato para arranhar alguém; (3) <i>-Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados; (4)</i></p>	<p>-Possíveis ferimentos e a perda de um animal de terapia previstos; (3) <i>-Maior probabilidade de evitar a ocorrência de comportamentos indesejados do cão; (4)</i> <i>-Probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados prevista; (5)</i></p>	<p><i>-Prever a probabilidade do animal apresentar comportamentos inapropriados; (7)</i></p>

51º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.131 “O contexto da situação precisa estar claro para o avaliador para que as previsões tenham sucesso. Esse elemento certamente está direcionado a preocupações a cerca dos procedimentos de avaliação nos quais o avaliador testa o animal sem ter clareza do ambiente no qual a equipe irá trabalhar. (...) um avaliador que possui experiência limitada com cavalos irá compreender menos acerca das coisas que podem dar errado com cavalos do que uma pessoa que possui experiência com cavalos em uma variedade ambientes e sob uma variedade de circunstâncias.” (1,2)</p>	<p>-Contexto da situação; (3)</p> <p>-Ambiente no qual a equipe irá trabalhar; (3)</p>	<p>-Ter claro o contexto da situação; (3)</p> <p>-Caracterizar a situação na qual a equipe irá trabalhar; (4)</p>	<p>-Sucesso das previsões; (3)</p> <p>-Situação na qual a equipe irá trabalhar caracterizada; (5)</p>	<p>-Caracterizar a situação na qual a equipe irá trabalhar; (7)</p>
	<p>-Clareza do ambiente no qual a equipe irá trabalhar; (3)</p> <p>-Situação na qual a equipe irá trabalhar caracterizada; (4)</p> <p>-Possível animal para trabalho em TAA; (5)</p>	<p>-Testar o animal; (3)</p> <p>-Testar o animal a partir das características da situação na qual a equipe irá trabalhar; (4)</p>	<p>-Animal testado a partir das características da situação na qual a equipe irá trabalhar; (4)</p>	<p>-Testar o animal a partir das características da situação na qual a equipe irá trabalhar; (7)</p>
	<p>-Experiência com cavalos; (3)</p> <p>-Experiência prévia com o animal; (4)</p> <p>-Possíveis problemas que podem ocorrer com relação ao animal; (5)</p>	<p>-Compreender o que pode dar errado; (3)</p> <p>-Prever problemas que podem ocorrer com relação ao animal; (4)</p>	<p>-Problemas que podem ocorrer com relação ao animal previstos; (5)</p>	<p>-Prever problemas que podem ocorrer com relação ao animal; (7)</p>

52º Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.132 “O avaliador precisa ser experiente com o ambiente específico e a espécie envolvida para que possa fazer previsões bem sucedidas.”	-Ambiente específico; (3) <i>-Ambiente no qual será realizado o trabalho de TAA; (4)</i>	-Ser experiente com o ambiente; (3) <i>-Trabalhar em várias ocasiões no ambiente no qual será realizado o trabalho de TAA; (4)</i>	-Fazer previsões bem sucedidas; (3) <i>-Maior probabilidade de prever as decorrências da intervenção de TAA no ambiente em que irá trabalhar ; (4)</i> -Ser experiente com o ambiente específico; (3)	<i>-Trabalhar em várias ocasiões no ambiente no qual será realizado o trabalho de TAA; (7)</i>
	-Espécie envolvida; (3)	-Ser experiente com a espécie envolvida; (3) <i>-Trabalhar em várias ocasiões com animais da espécie que participará do trabalho de TAA; (4)</i>	-Fazer previsões bem sucedidas; (3) <i>-Maior probabilidade de prever as decorrências da intervenção de TAA com o animal que irá trabalhar; (4)</i> -Ser experiente com a espécie envolvida; (3)	<i>-Trabalhar em várias ocasiões com o animal que participará do trabalho de TAA; (7)</i>
	-Ser experiente com o ambiente e a espécie envolvida; (3) <i>-Ambiente no qual será realizado o trabalho de TAA e animal que irá trabalhar em TAA caracterizados; (4)</i>	-Fazer previsões bem sucedidas; (3) <i>- Prever as conseqüências da intervenção de TAA com o animal que irá trabalhar no ambiente em que irá trabalhar; (4)</i>	<i>- Decorrências da intervenção de TAA com o animal que irá trabalhar no ambiente em que irá trabalhar previstas; (5)</i>	<i>- Prever as conseqüências da intervenção de TAA com o animal que irá trabalhar no ambiente em que irá trabalhar; (7)</i>

53° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.132 “ Trabalhar com animais outros, que não os próprios, e sob uma variedade de circunstâncias proporciona a compreensão do escopo do potencial comportamental de respostas de um animal. ” (1,2)	-Animais outros que não os próprios; (3) -Variedade de circunstâncias; (3) -Potencial comportamental de respostas de um animal; (3) -Repertório comportamental de um animal; (4)	-Compreender o escopo do potencial comportamental de respostas de um animal; (3) -Caracterizar o repertório comportamental de um animal; (4)	- Compreensão do escopo do potencial comportamental de respostas de um animal; (3)	-Caracterizar o repertório comportamental de um animal; (7)

54° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.132 “ A aprendizagem de como o animal responde a eventos comparáveis é diretamente afetado pela similaridade entre eventos. ” (1,2)	-Similaridade entre eventos; (3) -Grau de similaridade entre eventos quaisquer e eventos relacionados à TAA;(4)	-Avaliar o grau similaridade entre eventos quaisquer e eventos relacionados à TAA; (5)	- Grau similaridade entre eventos quaisquer e eventos relacionados à TAA identificados; (5) -Maior probabilidade de avaliar corretamente os comportamentos do cão com relação à situação de TAA; (5) -Maior probabilidade de selecionar o cão apropriado para o trabalho de TAA; (5)	-Avaliar o grau similaridade entre eventos quaisquer e eventos relacionados à TAA. (7)
	-(Forma) como o animal responde a eventos comparáveis; -Comportamentos do cão em situações similares; (4)	-Aprender como animal responde a eventos comparáveis; (3) -Avaliar os comportamentos do cão em situações similares as de TAA; (4)	-Comportamentos do cão em situações similares a de TAA avaliados; (5)	-Avaliar os comportamentos do cão em situações similares as de TAA; (7)

55° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.132 “Estudar o modo como o animal responde em um ambiente de TAA ou AAA pode prover informações importantes sobre as respostas do animal em outros ambientes. É importante realizar cuidadosas observações do animal em um ambiente familiar para compreender como cada comportamento está relacionado a respostas subseqüentes.” (1,2)</p>	<p>-Modo como o animal responde em um ambiente de TAA; (3) <i>-Comportamentos do animal em um ambiente de TAA; (4)</i></p>	<p>-Estudar o modo como o cão responde em um ambiente de TAA; (3) <i>-Estudar os comportamentos do animal em um ambiente de TAA; (4)</i></p>	<p>-Informações importantes sobre as respostas do animal em outros ambientes providas; (3) <i>-Comportamentos do animal em um ambiente de TAA estudados; (5)</i></p>	<p><i>-Estudar os comportamentos do animal em um ambiente de TAA; (7)</i></p>
	<p>-Animal em um ambiente familiar; (3) <i>-Comportamentos do animal em um ambiente familiar; (4)</i></p>	<p>-Realizar cuidadosas observações do animal em um ambiente familiar; (3) <i>-Observar os comportamentos do animal em ambiente familiar; (4)</i></p>	<p><i>-Comportamentos do animal em ambiente familiar observados; (5)</i> -Compreender como cada comportamento está relacionado a respostas subseqüentes; (3) <i>-Maior probabilidade de identificar cadeias comportamentais; (4)</i></p>	<p><i>-Observar os comportamentos do animal em ambiente familiar; (7)</i></p>
	<p><i>-Cadeias comportamentais de cães em trabalho de TAA; (5)</i></p>	<p>-Compreender como cada comportamento está relacionado a respostas subseqüentes; (3) <i>-Identificar cadeias comportamentais de cães em trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p><i>-Cadeias comportamentais de cães em trabalho de TAA identificadas; (5)</i> <i>-Maior probabilidade de prever a ocorrência de comportamentos do cão; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar cadeias comportamentais de cães em trabalho de TAA; (7)</i></p>

56° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.132 “Idealmente, o avaliador deve acreditar que a equipe é tão propensa a falhar como a ser bem sucedida na avaliação. O avaliador que acredita que <i>goldem retriviers</i> são os melhores cães para terapia conclui sua previsão antes de avaliar todos os elementos. Ser objetivo o suficiente para acreditar que ambos desfechos são possíveis minimiza ou previne preconceitos, sejam positivos ou negativos.” (1,2)</p>	<p><i>-Possíveis conseqüências das ações em TAA; (5)</i></p>	<p>-Acreditar que a equipe é tão propensa a falhar como a ser bem sucedida na avaliação. (...) ser objetivo o suficiente para acreditar que ambos desfechos são possíveis; (3) <i>-Identificar possíveis conseqüências das ações em TAA; (4)</i></p>	<p><i>-Conseqüências das ações em TAA identificadas; (5)</i> -Minimiza ou previne preconceitos, sejam positivos ou negativos; (3) <i>-Maior probabilidade de prevenir problemas no trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p><i>- Identificar possíveis conseqüências das ações em TAA; (7)</i></p>

57° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.132 “Replicabilidade é um elemento significativo nas previsões científicas, pois testa a questão primeiro em outro ambiente. (...) É eticamente inapropriado testar se um cão irá morder uma criança levando o animal para uma sala de aula e observar o que acontece.” (1,2)</p>	<p><i>-Condições ambientais semelhantes às da situação real; (5)</i></p>	<p>- Testar a questão em outro ambiente; (3) <i>-Testar os comportamentos do cão em condições ambientais semelhantes às de uma TAA; (4)</i></p>	<p><i>-Comportamentos do cão testados em condições ambientais semelhantes às de uma TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Testar os comportamentos do cão em condições ambientais semelhantes às de uma TAA; (7)</i></p>

58° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.133 “O avaliador deve ter uma precisa compreensão das dinâmicas das interações em TAA e AAA de modo a realizar previsões de acordo com a adequação entre o condutor e o animal.” (1,2)	-Dinâmicas das interações em TAA e AAA; (3) <i>-Relações entre os comportamentos do cão, comportamentos do condutor e comportamentos do paciente; (4)</i>	-Ter uma precisa compreensão das dinâmicas das interações em TAA e AAA; (3) <i>-Identificar as relações entre os comportamentos do cão, comportamentos do condutor e comportamentos do paciente; (4)</i>	<i>- Relações entre os comportamentos do cão, comportamentos do condutor e comportamentos do paciente identificadas; (5)</i> <i>-Maior probabilidade de realizar previsões de acordo com a adequação entre o condutor e o animal; (5)</i>	<i>- Identificar as relações entre os comportamentos do cão, comportamentos do condutor e comportamentos do paciente; (7)</i>

59° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.133 “Compreender a interação única das habilidades e atitudes do animal e as respostas do condutor ao animal é um aspecto crucial da predição.” (1,2)	-Habilidades e atitudes do animal ; (3) <i>-Comportamentos do animal; (4)</i> -Respostas do condutor ao animal; (3) <i>-Comportamentos do condutor com relação a comportamentos do animal; (4)</i>	- Compreender a interação única das habilidades e atitudes do animal e as respostas do condutor ao animal; (3) <i>-Avaliar a interação entre os comportamentos do animal e os comportamentos do condutor com relação aos comportamentos do animal; (4)</i>	<i>-Interação entre os comportamentos do condutor com relação aos comportamentos do animal avaliados; (5)</i>	<i>-Avaliar a interação entre os comportamentos do animal e os comportamentos do condutor com relação aos comportamentos do animal; (7)</i>

60° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.133 “Por exemplo, um avaliador que apresenta cães em competições de obediência e não é familiar com TAA e AAA pode rejeitar um cão a não ser que ele demonstre precisão nas habilidades de obediência. Essas habilidades podem não ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar.” (1,2)</p>	<p>- <i>Comportamentos do cão que podem ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar;</i> (5)</p>	<p>-Avaliar habilidades do cão que podem não ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar; (3) -Avaliar <i>comportamentos do cão que podem ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar;</i> (4)</p>	<p>- <i>Comportamentos dos cães que podem ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar avaliados;</i> (5)</p>	<p>-Avaliar <i>comportamentos do cão que podem ser relevantes para a situação na qual o cão irá trabalhar;</i> (7)</p>

61° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.133 “O comportamento é melhor previsto por meio de indicadores precedentes, fatores detectáveis que ocorrem antes do resultado que está sendo previsto.” (1,2)</p>	<p>-Indicadores precedentes, fatores detectáveis que ocorrem antes do resultado que está sendo previsto; (3)</p>	<p>-Prever o comportamento por meio de indicadores precedentes, fatores detectáveis que ocorrem antes do resultado que está sendo previsto; (3)</p>	<p>- <i>Comportamentos do cão que antecedem e sinalizam a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos identificados;</i> (5)</p>	<p>-Prever <i>comportamentos do cão por meio de indicadores precedentes, fatores detectáveis que ocorrem antes desse comportamento que está sendo previsto;</i> (7)</p>

62° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.134 “Quanto mais indicadores precedentes puderem ser detectados e quanto mais se sabe sobre os resultados em qualquer situação, mais se pode fazer previsões. Indicadores precedentes para animais envolvem sutis sinais não-verbais. Movimentos bruscos são os comportamentos menos previsores. Qualquer um que já foi mordido por um cão balançando a cauda irá concordar com essa afirmação. Comportamentos como lambe os lábios, franzir os olhos, desviar o olhar e até bocejar são mais previsores do nível de conforto do animal e portanto seu potencial para causar danos ou ferimentos.” (1,2)</p>	<p>-Indicadores precedentes (sutis sinais não verbais); (3) <i>-Comportamentos do cão que antecedem e sinalizam a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos; (4)</i></p>	<p>-Detectar indicadores precedentes; (3) <i>-Identificar comportamentos do cão que antecedem e sinalizam a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos; (4)</i></p>	<p>-Indicadores precedentes identificados; (3) -Mais se pode fazer previsões; (3) <i>-Maior probabilidade de prever as conseqüências da intervenção; (4)</i> <i>- Comportamentos do cão que antecedem, sinalizam a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos identificados; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar comportamentos do cão que antecedem e sinalizam a probabilidade de ocorrência de outros comportamentos; (7)</i></p>
	<p><i>-Objetivos da intervenção; (5)</i></p>	<p>-Saber sobre o resultado em qualquer situação; (3) <i>-Identificar os objetivos da intervenção; (4)</i></p>	<p>-Mais se pode fazer previsões; (3) <i>-Maior probabilidade de prever as conseqüências da intervenção; (4)</i> <i>-Objetivos da intervenção identificados; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar os objetivos da intervenção; (7)</i></p>
	<p>-Comportamento do cão de lambe os lábios; (3) -Comportamento do cão de franzir os olhos; (3) -Comportamento do cão de desviar os olhos; (3) -Comportamento do cão de bocejar; (3)</p>	<p><i>-Prever o nível de conforto do animal; (5)</i> <i>-Identificar o nível de conforto do animal por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis; (6)</i></p>	<p>-Previsões do nível de conforto do animal; (3) <i>-Nível de conforto do animal identificado por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar o nível de conforto do animal por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis; (7)</i></p>

	<i>-Nível de conforto do animal identificado por meio dos comportamentos que ele apresenta que indicam esses níveis; (5)</i>	<i>-Prever o potencial do animal de causar danos ou ferimentos; (5)</i>	<i>-Previsões do potencial do animal de causar ferimentos; (3)</i>	<i>-Prever o potencial do animal de causar danos ou ferimentos; (7)</i>
--	--	---	--	---

63° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.134 “De fato, o comportamento é mais como um filme no qual uma imagem se mistura a outra. (...) Observando o fluxo e a totalidade deste filme, o comportamento pode ser melhor previsto.” (1,2)</p>	<p>-Fluxo e totalidade do comportamento do animal; (3) <i>-Comportamentos do animal que compõem uma cadeia comportamental; (4)</i></p>	<p>-Observando o fluxo e a totalidade; (3) <i>-Identificar os comportamentos que compõem uma cadeia comportamental; (4)</i></p>	<p><i>-Comportamentos que compõem uma cadeia comportamental identificados; (5)</i> -O comportamento pode ser melhor previsto; (3) <i>-Maior probabilidade de prever os comportamentos do animal; (4)</i></p>	<p><i>-Identificar os comportamentos que compõem uma cadeia comportamental; (7)</i></p>
	<p><i>-Cadeia comportamental apresentada pelo animal; (5)</i></p>	<p>-Prever melhor o comportamento; (3) <i>-Prever os comportamentos do animal a partir dos comportamentos que constituem uma cadeia comportamental; (4)</i></p>	<p>-Comportamento melhor previsto; (3) <i>-Comportamentos do animal previstos a partir dos comportamentos que constituem uma cadeia comportamental; (4)</i></p>	<p><i>-Prever os comportamentos do animal a partir dos comportamentos que constituem uma cadeia comportamental; (7)</i></p>

64° Trecho selecionado da obra utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.134 “A capacidade humana de acessar realisticamente os ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar e responder eticamente ao que os animais estão comunicando dentro destes ambientes não está incluído nestas avaliações.” (1,2)</p>	<p>-Ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar; (3)</p>	<p>-Acessar realisticamente os ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar; (3) <i>-Avaliar os ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar; (4)</i></p>	<p><i>- Ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar avaliados; (5)</i></p>	<p><i>-Avaliar os ambientes nos quais os animais estão sendo requeridos para trabalhar; (7)</i></p>
	<p>-O que os animais estão comunicando dentro destes ambientes; (3) <i>-Necessidades do animal comunicadas por ele em trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p>-Responder eticamente ao que os animais estão comunicando dentro destes ambientes; (3) <i>-Cuidar das necessidades do animal comunicadas por ele em trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p><i>-Necessidades do animal comunicadas por ele, em trabalho de TAA, cuidadas; (5)</i></p>	<p><i>-Cuidar das necessidades do animal comunicadas por ele em trabalho de TAA; (7)</i></p>

65° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.134 “Inicialmente praticantes de TAA e AAA recomendavam que os critérios para a seleção de animais considerariam os seguintes fatores: características físicas, características de personalidade (particularmente previsibilidade do comportamento e comunicabilidade das atitudes do animal através da sua linguagem corporal), o grau de vinculação a humanos e o relacionamento entre o animal e o seu condutor.” (1,2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Características físicas do cão; (3) -Características de personalidade; (3) -Repertório comportamental; (4) -Previsibilidade do comportamento; (3) -Comunicabilidade das atitudes do animal através da sua linguagem corporal; (3) -Grau de vinculação a humanos; (3) -Relacionamento entre animal e condutor; (3) 	<ul style="list-style-type: none"> -Selecionar os animais considerando os seguintes fatores (...); (3) -Selecionar os animais a partir das suas características físicas, repertório comportamental, previsibilidade de seus comportamentos, comunicabilidade de suas atitudes por meio da linguagem corporal, grau de vinculação a humanos e relacionamento com o condutor; (4) 	<ul style="list-style-type: none"> -Animal selecionado a partir das suas características físicas, repertório comportamental, previsibilidade de seus comportamentos, comunicabilidade de suas atitudes por meio da linguagem corporal, grau de vinculação a humanos e relacionamento com o condutor; (5) 	<ul style="list-style-type: none"> -Selecionar os animais a partir das suas características físicas, repertório comportamental, previsibilidade de seus comportamentos, comunicabilidade de suas atitudes por meio da linguagem corporal, grau de vinculação a humanos e relacionamento com o condutor; (7)

66° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.134 “Intervenções efetivas consistem em condutores que apropriadamente introduzem animais e animais que acolhem os participantes com quem estão interagindo.” (1,2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Sessão de TAA; (5) -Animal para trabalho em TAA; (5) - Animais que acolhem os participantes com quem estão interagindo; (3) - Animais que apresentam comportamentos acolhedores com relação a pessoas; (4) 	<ul style="list-style-type: none"> -Introduzir apropriadamente o animal na sessão de TAA; (3) - Selecionar cães que apresentam comportamentos acolhedores com relação a pessoas; (5) 	<ul style="list-style-type: none"> -Animal introduzido apropriadamente na sessão de TAA; (5) - Cães que apresentam comportamentos acolhedores com relação a pessoas selecionados; (5) -Intervenções efetivas; (3) 	<ul style="list-style-type: none"> -Introduzir apropriadamente o animal na sessão de TAA; (7) - Selecionar cães que apresentam comportamentos acolhedores com relação a pessoas; (7)

67º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “Os animais facilitam os objetivos da terapia quando contribuem para a sensação de segurança, conforto e conexão.” (1,2)</p>	<p>-Sensações do paciente de insegurança, conforto e conexão; (3) <i>-Diferentes graus de sensação de segurança, conforto e conexão do paciente;</i> (4) -Animal que facilita os objetivos da terapia; (3)</p>	<p><i>-Aumentar os graus de sensação de segurança conforto e conexão do paciente por meio do animal;</i> (5)</p>	<p><i>-Graus de sensação de segurança conforto e conexão do pacientes aumentados por meio do animal;</i> (5)</p>	<p><i>-Aumentar os graus de sensação de segurança conforto e conexão do paciente por meio do animal;</i> (7)</p>

68° selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “Durante TAAs e AAAs o papel do animal é “acolher” a pessoa, ou pessoas com as quais está interagindo. O processo de ser acolhedor é o que dá às pessoas a sensação de que há uma conexão ou vínculo entre elas e o animal. É primeiramente esta percepção que motiva as pessoas a participar na terapia, aprendizagem, discussão, ou outras atividades planejadas.” (1,2)</p>	<p>-Papel do animal de “acolher” a pessoa, ou pessoas com as quais está interagindo; (3) -Comportamentos acolhedores do animal com relação a pessoas; (4) -Programa de TAA; (3)</p>	<p>-Estimular comportamentos acolhedores do animal com relação a pessoas em TAA; (5)</p>	<p>-Comportamentos acolhedores apresentados com relação a pessoas em TAA; (5) -Sensação das pessoas de que há uma conexão ou vínculo entre elas e o animal; (3) -Motivação das pessoas a participar na terapia, aprendizagem, discussão, ou outras atividades planejadas; (3) -Maior probabilidade das pessoas participarem da terapia, aprenderem, discutirem ou realizarem outras atividades não planejadas;(4)</p>	<p>-Estimular comportamentos acolhedores do animal com relação a pessoas em TAA; (7)</p>

69º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “Animais que iniciam contato físico, permanecem ligados, fazem contato visual, respeitam os limites pessoais e permitem que seus comportamentos sejam redirecionados, ‘demonstram’ que uma conexão existe.” (1,2)</p>	<p>-Animais que iniciam contato físico; (3) <i>-Comportamentos do animal de iniciar contato físico com pessoas; (4)</i></p> <p>-Animais que permanecem ligados; (3) <i>-Comportamentos do animal de manter-se em contato por tempo prolongado com pessoas; (4)</i></p> <p>-Animais que fazem contato visual; (3) <i>-Comportamentos do animal de contatar visualmente com pessoas; (4)</i></p> <p>-Animais que respeitam os limites pessoais; (3) <i>-Comportamentos do animal de obediência imediata à restrições de contato ou à comandos restritivos (“Não”, “Fora”, “Sai”); (4)</i></p> <p>-Animais permitem que seus comportamentos sejam direcionados; (3) <i>-Comportamentos do animal de obedecer a comandos; (4)</i></p>	<p><i>-Selecionar animais que apresentem Comportamentos de iniciar contato físico com pessoas, de manter-se em contato por tempo prolongado com pessoas, de contatar visualmente com pessoas, de obedecer imediatamente a restrições de contato e que sigam orientações; (5)</i></p>	<p><i>-Animais que apresentem Comportamentos de iniciar contato físico com pessoas, de manter-se em contato por tempo prolongado com pessoas, de contatar visualmente com pessoas, de obedecer imediatamente a restrições de contato e que sigam orientações selecionados; (5)</i></p>	<p><i>-Selecionar animais que apresentem Comportamentos de iniciar contato físico com pessoas, de manter-se em contato por tempo prolongado com pessoas, de contatar visualmente com pessoas, de obedecer imediatamente a restrições de contato e que sigam orientações; (7)</i></p>

70º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
P.135 “Simplesmente ser capaz de fazer com que um animal faça contato visual é suficiente para criar uma sensação de conexão.” (1,2)	<i>-Animal em trabalho de TAA próximo ao paciente; (5)</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Ser capaz de fazer com que um animal faça contato visual; (3) - <i>Estimular o animal a fazer contato visual com pessoas; (4)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> <i>-Contato visual do cão com pessoas; (5)</i> -Sensação de conexão; (3) <i>-Paciente sentindo-se vinculado ao animal; (4)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> <i>- Estimular o animal a fazer contato visual com pessoas; (7)</i>

71º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “Comportamentos animais que reduzem a percepção de um vínculo e atrapalham o processo terapêutico incluem desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress.” (1,2)</p>	<p>-Comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress; (3)</p>	<p><i>-Identificar comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress;</i> (5)</p>	<p><i>- Comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress identificados;</i> (5)</p>	<p><i>-Identificar comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress;</i> (7)</p>
	<p>-Comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress; (3)</p>	<p><i>-Remover o animal do ambiente, ou da sessão de TAA quando apresentar comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress;</i> (5)</p>	<p><i>-Animal que apresenta comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress removido do ambiente;</i> (5)</p>	<p><i>-Remover o animal do ambiente, ou da sessão de TAA quando apresentar comportamentos que reduzem a percepção de vínculo nos pacientes e atrapalham o processo terapêutico como desinteresse, relutância em se relacionar, desrespeito por limites pessoais, ou qualquer conduta que possa ser interpretada como agressiva ou relacionada a stress;</i> (7)</p>

72° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “As razões por trás do comportamento nunca são tão importantes quanto os efeitos desses comportamentos sobre as pessoas visitadas. Por exemplo, alguns animais vocalizam quando estão excitados, mas a questão não é tanto o que a vocalização significa, mas se a população alvo se sente ameaçada pelo comportamento.” (1,2)</p>	<p>-A população alvo se sente ameaçada pelo comportamento; (3) <i>-Comportamentos do paciente com relação aos comportamentos do cão;</i>(4)</p>	<p><i>-Avaliar os efeitos dos comportamentos do cão sobre os comportamentos do paciente;</i> (5)</p>	<p><i>-Efeitos dos comportamentos do cão sobre os comportamentos do paciente identificados;</i> (5)</p>	<p><i>-Avaliar os efeitos dos comportamentos do cão sobre os comportamentos do paciente;</i> (7)</p>

73° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “Enquanto amizade e confiança são qualidades necessárias para TAA e AAA, os animais precisam respeitar os limites pessoais. Pular, apoiar a pata e lambar (além das poucas, rápidas e respeitadas cara-a-cara e lambidas calmantes) pode parecer invasivo para as pessoas visitadas.” (1,2)</p>	<p>- Pular, apoiar a pata e lambar (além das poucas, rápidas e respeitadas cara-a-cara e lambidas calmantes) pode parecer invasivo para as pessoas visitadas; (3) <i>-Comportamentos inapropriados do cão com relação a pacientes;</i> (4)</p>	<p>-Respeitar os limites pessoais; (3) <i>-Interromper comportamentos inapropriados do cão com relação a pacientes;</i> (4)</p>	<p><i>-Comportamentos inapropriados do cão com relação a pessoas interrompidos;</i> (5)</p>	<p><i>-Interromper comportamentos inapropriados do cão com relação a pacientes;</i> (7)</p>

74° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.135 “O modo como o animal interage no ambiente é freqüentemente indicativo do nível de conforto do animal. Um animal consistentemente colocado em situações inadequadas pode eventualmente retalhar. Aqui está outro exemplo do quão críticas são as habilidades do condutor. Se o condutor não é sensível às necessidades do animal, o condutor pode inadequadamente colocar suas necessidades sobre as do animal. Isso pode resultar em doença para um animal submisso ou agressão no caso de um animal assertivo ou medroso.” (1,2)</p>	<p>1-Modo como o animal interage no ambiente (<i>Comportamentos do cão</i>);</p> <p>-Nível de conforto do animal; (3)</p> <p>-Modo como o animal interage no ambiente; (3)</p> <p>-<i>Comportamentos do animal em determinado ambiente</i>; (4)</p>	<p>-Ser sensível às necessidades do animal; (3)</p> <p>-<i>Identificar o nível de conforto do animal por meio dos seus comportamentos em determinado ambiente</i>; (5)</p>	<p>-<i>Nível de conforto do animal por meio dos seus comportamentos em determinado ambiente</i> identificado; (5)</p> <p>-<i>Diminuição da probabilidade de doenças para o cão</i>; (5)</p> <p>-<i>Diminuição da probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos do cão</i>; (5)</p>	<p>- <i>Identificar o nível de conforto do animal por meio dos seus comportamentos em determinado ambiente</i>; (7)</p>
	<p>-Animal consistentemente colocado em situações inadequadas; (3)</p> <p>-<i>Condições inadequadas para o animal</i>; (4)</p>	<p>-<i>Identificar condições inadequadas para o animal</i>; (5)</p>	<p>-<i>Condições inadequadas para o animal</i> identificadas; (5)</p>	<p>-<i>Identificar condições inadequadas para o animal</i>; (7)</p>
	<p>-Animal consistentemente colocado em situações inadequadas pode eventualmente retalhar; (3)</p> <p>-<i>Probabilidade de comportamentos agressivos do animal diante de condições aversivas</i>; (4)</p>	<p>-<i>Prever a probabilidade de comportamentos agressivos do animal diante de condições aversivas</i>; (5)</p>	<p>-<i>Probabilidade de comportamentos agressivos do animal diante de condições aversivas</i> prevista; (5)</p>	<p>-<i>Prever a probabilidade de comportamentos agressivos do animal diante de condições aversivas</i>; (7)</p>
	<p>-Situação inadequada para o animal; (3)</p>	<p>-Ser sensível às necessidades do animal; (3)</p> <p>-<i>Remover animal diante de situação inadequada para ele</i>; (4)</p>	<p>-<i>Situação inadequada para o animal</i> alterada; (5)</p>	<p>-<i>Remover animal diante de situação inadequada para ele</i>; (7)</p>

	-Situação inadequada para o animal; (3)	-Ser sensível às necessidades do animal; (3) <i>-Alterar condição inadequada para o animal; (4)</i>	<i>-Situação inadequada para o animal alterada; (5)</i>	<i>Alterar condição inadequada para o animal; (7)</i>
--	---	--	---	---

75º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.136 “Os animais precisam ser confiantes em suas interações com pessoas para aceitar ocasionalmente manipulação mais brutas devido a juntas com artrite ou músculos espasmáticos, eles precisam ser capazes de tolerar vocalizações incontroladas de estranhos, e eles precisam estar focados nas pessoas com as quais eles estão trabalhando.” (1,2)</p>	<p>- Animais que precisam aceitar diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades; (3)</p>	<p><i>-Ensinar animais a aceitar diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades; (5)</i></p>	<p><i>-Animais ensinados a aceitar diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades; (5)</i></p>	<p><i>-Ensinar animais a aceitar diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades; (7)</i></p>
	<p>- Animais que precisam tolerar diferentes sons e vocalizações; (3)</p>	<p><i>-Ensinar animais a tolerar diferentes sons e vocalizações; (5)</i></p>	<p><i>-Animais ensinados a tolerar diferentes sons e vocalizações; (5)</i></p>	<p><i>-Ensinar animais a tolerar diferentes sons e vocalizações; (7)</i></p>
	<p>-Animais que precisam focar nas pessoas com as quais estão trabalhando; (3)</p>	<p><i>-Ensinar animais a focar nas pessoas com as quais estão trabalhando; (5)</i></p>	<p><i>-Animais ensinados a focar nas pessoas com as quais estão trabalhando; (5)</i></p>	<p><i>-Ensinar animais a focar nas pessoas com as quais estão trabalhando; (7)</i></p>
	<p>- Animais que aceitam diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades; (3)</p> <p>- Animais que toleram diferentes sons e vocalizações; (3)</p> <p>- Animais que focam nas pessoas com as quais estão trabalhando; (3)</p>	<p><i>-Selecionar animais que aceitam diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades, toleram diferentes sons e vocalizações e que focam nas pessoas com as quais estão trabalhando; (5)</i></p>	<p><i>- Cães que animais diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidade, toleram diferentes sons e vocalizações e que focam nas pessoas com as quais estão trabalhando selecionados; (5)</i></p>	<p><i>-Selecionar animais que aceitam diferentes tipos de manipulação com diferentes intensidades, toleram diferentes sons e vocalizações e que focam nas pessoas com as quais estão trabalhando. (7)</i></p>

76° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.138 “Alguns animais precisam ser treinados para continuar apesar das distrações e bombardeios sensoriais.” (1,2)</p>	<p>-Distrações e bombardeios sensoriais; (3) -Ambiente de TAA com distrações; (4) -Cães em trabalho de TAA; (5)</p>	<p>-Treinar animais para continuar apesar das distrações e bombardeios sensoriais; (3) -Ensinar cães a manter o foco no trabalho e ignorar distrações durante o trabalho de TAA; (4)</p>	<p>-Cães ensinados a manter o foco no trabalho e ignorar distrações durante o trabalho de TAA; (5)</p>	<p>-Ensinar cães a manter o foco no trabalho e ignorar distrações durante o trabalho de TAA; (7)</p>

77º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.138 “A percepção de uma forte conexão “momento-a-momento” entre o condutor e o animal aumenta a confiança de qualquer um na equipe. Condutores que falam em tons normais do dia-a-dia e que fazem contato, seja tocando ou falando com seus animais, frequentemente demonstra o vínculo que existe entre eles e os animais. Por exemplo, um participante pode não ser capaz de perceber que o condutor manteve uma gentil mão no cão, coçando atrás das orelhas, durante a maior parte da interação na TAA ou AAA, mas o resultado é que o participante é deixado com um sentimento positivo sobre um forte e respeitável relacionamento entre o animal e o condutor.” (1,2)</p>	<p><i>-Animal em trabalho de TAA; (5)</i></p> <p><i>-Paciente e demais pessoas presentes na sessão de TAA; (5)</i></p>	<p>-Falar em tons normais do dia-a-dia; (3)</p> <p>-Tocar no animal; (3)</p>	<p>-Demonstração do vínculo existente entre condutor e animal; (3)</p> <p>-Aumento da confiança de qualquer um na equipe; (3)</p> <p>-Participante com um sentimento positivo sobre um forte e respeitável relacionamento entre o animal e o condutor; (3)</p>	<p>-Demonstrar vínculo existente com o animal; (3)</p>

78º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.138 “Dentro de cada local há aspectos ambientais que afetam o talento e nível de conforto de cada equipe (...). As habilidades do animal e do condutor em apresentar comportamentos específicos dependem de fatores ambientais, assim como as habilidades e do talento da equipe. A melhor maneira de determinar se uma equipe é apropriada para ambientes específicos é acessando os seus comportamentos dentro desses ambientes.” (1,2)</p>	<p>1-Ambientes específicos (<i>Ambiente no qual o condutor e o cão irão realizar a TAA</i>)</p> <p>1-Pessoas nas quais o condutor e o cão irão realizar a TAA;</p>	<p>Acessar seus comportamentos dentro desses ambientes; (3)</p> <p>- Avaliar os comportamentos do condutor e do cão nos ambientes no quais irão intervir; (4)</p>	<p>- <i>Comportamentos do condutor e do cão no ambiente no qual eles irão intervir avaliados; (5)</i></p> <p>-<i>Maior probabilidade de determinar se uma equipe é apropriada para ambientes específicos; (5)</i></p>	<p>- <i>Avaliar os comportamentos do condutor e do cão nos ambientes no quais irão intervir; (7)</i></p>
				<p>-Determinar se uma equipe é apropriada para ambientes específicos; (3)</p> <p>-<i>Determinar a adequabilidade de uma equipe a uma determinada situação; (4)</i></p>

79º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.139 “Não importa onde a equipe trabalha, cada ambiente inclui uma população alvo, objetivos específicos para aquela população, um número específico de funcionários envolvidos, uma população total, e talvez, atividade de visita, outros animais e outras atividades. Avaliações feitas por meio de cuidadosa observação, não necessariamente um processo formal, irá melhor determinar se a equipe, animal e condutor, podem permanecer em equilíbrio dentro de um ambiente específico.” (1,2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -População alvo; (3) -Objetivos específicos para a população alvo; (3) -Funcionários envolvidos; (3) -População total; (3) -Atividades de visita; (3) -Atividades programadas de TAA; (4) -Outros animais; (3) -Outras atividades; (3) -Atividades que ocorrem simultaneamente à TAA; (4) - Animal; (3) -Cão em trabalho de TAA; (4) 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar por meio de cuidadosas observações; (3) -Avaliar a adequação entre população alvo, objetivos específicos para a população alvo, funcionários envolvidos, população total, atividades programadas de TAA, outros animais, outras atividades paralelas à TAA e cão em trabalho de TAA; (4) 	<ul style="list-style-type: none"> -Avaliação feita por meio de cuidadosa observação; (3) - Adequação entre população alvo, objetivos específicos para a população alvo, funcionários envolvidos, população total, atividades programadas de TAA, outros animais, outras atividades paralelas à TAA e cão em trabalho de TAA avaliada; (4) 	<ul style="list-style-type: none"> -Avaliar a adequação entre população alvo, objetivos específicos para a população alvo, funcionários envolvidos, população total, atividades programadas de TAA, outros animais, outras atividades paralelas à TAA e cão em trabalho de TAA; (7)
				<ul style="list-style-type: none"> -Determinar se a equipe, animal e condutor, podem permanecer em equilíbrio dentro de um ambiente específico; (3)

80° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.139 “A participação de funcionários carrega mais peso do que qualquer outro elemento do lado ambiental do equilíbrio da balança. Funcionários apropriados minimizam riscos associados com populações imprevisíveis e permitem à equipe realizar objetivos complexos.” (1,2)</p>	<p>-Funcionários apropriados; (3) <i>-Funcionários apropriados do local onde é realizada a TAA; (4)</i></p> <p>-Riscos relacionados a populações imprevisíveis; (3)</p>	<p><i>-Minimizar os riscos relacionados a populações imprevisíveis com apoio dos funcionários apropriados do local onde é realizada a TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Redução dos riscos relacionados a populações imprevisíveis com apoio dos funcionários apropriados do local onde é realizada a TAA; (5)</i></p> <p>-Realização dos objetivos complexos por parte da equipe; (3) <i>-Maior probabilidade de produzir os resultados planejados; (4)</i></p> <p><i>-Participação dos funcionários; (5)</i></p>	<p><i>-Minimizar os riscos de acidentes relacionados a populações imprevisíveis com apoio dos funcionários apropriados do local onde é realizada a TAA; (7)</i></p>

81° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.139 “Indo ao encontro das necessidades básicas de pessoas traumatizadas, as habilidades do cão não são tão importantes quanto sua capacidade de acolher pessoas incondicionalmente e aumentar os seus sentimentos de segurança e proteção.” (1,2)</p>	<p>-Capacidade do cão de acolher pessoas incondicionalmente e aumentar os seus sentimentos de segurança proteção; (3) <i>-Comportamento do cão que aumentam os sentimentos das pessoas de segurança, proteção e acolhimento; (4)</i></p>	<p><i>Aumentar os sentimentos das pessoas de segurança, proteção e acolhimento por meio dos comportamentos do cão; (5)</i></p>	<p>-Aumento dos sentimentos de segurança, proteção e acolhimento nos pacientes; (3)</p>	<p><i>Aumentar os sentimentos das pessoas de segurança, proteção e acolhimento por meio dos comportamentos do cão; (7)</i></p>

82° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.139 “Algumas populações não são apropriadas para intervenções com animais, não importa o quão tolerantes ou talentosos esses animais podem ser.” (1,2)	-Populações não apropriadas para intervenções com animais; (3)	-Avaliar se a intervenção com animais é adequada para o público alvo; (5)	-Intervenção com animais avaliada com relação ao público alvo; (5)	-Avaliar se a intervenção com animais é adequada para o público alvo; (7)

83° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.139 “TAA e AAA não são apropriadas para pessoas que podem machucar os animais ou condutores, mesmo inadvertidamente.” (1,2)	-Pessoas que podem machucar o cão ou o condutor; (3)	-Identificar pessoas que podem machucar o cão ou o condutor; (5)	-Pessoas que podem machucar o cão ou o condutor identificadas; (5) -Riscos de machucados no cão ou no condutor prevenidos; (5)	-Identificar pessoas que podem machucar o cão ou o condutor; (7)

84° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.139 “O papel dos funcionários inclui determinar quais participantes são apropriados para TAA e AAA.” (1,2)	-Participantes apropriados para TAA; (3) -Possíveis participantes de um programa de TAA; (4)	-Determinar quais participantes são apropriados para TAA; (3)	- Participantes apropriados para TAA identificados; (5)	-Determinar quais participantes são apropriados para TAA; (7)

85° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.139 “As populações alvo não podem ser alteradas, mas há sempre maneiras de compensar para alcançar o balanço. Por exemplo, crianças sentadas em cadeiras ou no chão são menos ameaçadoras a pequenos animais do que crianças que estão brincando no ambiente. Algumas vezes o equilíbrio pode ser alcançado por meio da seleção de espécies maiores de animais para compensar para populações mais reativas.” (1,2)</p>	<p>-População alvo; (3) -Características da população alvo; (4)</p>	<p>-<i>Projetar a intervenção de acordo com as características da população alvo; (5)</i></p>	<p>-<i>Intervenção projetada de acordo com as características da população alvo; (5)</i></p>	<p>-<i>Projetar a intervenção de acordo com as características da população alvo; (7)</i></p>

86° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.139 “Alguns animais são, na melhor das hipóteses, incapazes de manter o foco na presença de outros animais e, na pior das hipóteses, agressivos ou medrosos com relação a outros animais.” (1,2)</p>	<p>- Cães incapazes de manter o foco no trabalho na presença de outros animais; (3) -Cães agressivos ou medrosos com relação a outros animais; (3)</p>	<p>-<i>Remover temporariamente ou definitivamente cães incapazes de manter o foco no trabalho na presença de outros animais ou cães agressivos ou medrosos com relação a outros animais; (5)</i></p>	<p>- <i>Cães incapazes de manter o foco no trabalho na presença de outros animais ou cães agressivos ou medrosos com relação a outros animais excluídos temporariamente ou definitivamente; (5)</i></p>	<p>-<i>Remover temporariamente ou definitivamente cães incapazes de manter o foco no trabalho na presença de outros animais ou cães agressivos ou medrosos com relação a outros animais; (7)</i></p>

87° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.139 “ O equilíbrio é dependente da habilidade do animal de desprezar outros animais no ambiente, ou dos funcionários em limitar o acesso de outros animais a áreas específicas das instalações. ” (1,2)	-Habilidade do animal de desprezar outros animais no ambiente; (3) -Comportamentos do animal de desprezar outros animais no ambiente; (4)	-Selecionar animais que desprezem outros animais em ambientes onde é realizada TAA; (5)	-Animais que desprezem outros animais em ambientes onde é realizada TAA selecionados; (5)	-Selecionar animais que desprezem outros animais em ambientes onde é realizada TAA; (7)
	-Habilidade do animal de desprezar outros animais no ambiente; (3) -Comportamentos do animal de desprezar outros animais no ambiente; (4)	-Ensinar animais a desprezar outros animais no ambiente; (5)	-Animais desprezando outros animais no ambiente; (5)	-Ensinar animais a desprezar outros animais no ambiente; (7)
	-Outros animais; (3) -Outros animais que podem distrair o animal em trabalho de TAA; (4)	-Limitar o acesso e outros animais a áreas onde ocorre a TAA; (3)	-Acesso de outros animais a áreas onde ocorre TAA limitados; (5)	-Limitar o acesso e outros animais a áreas onde ocorre a TAA; (7)

88° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.139 “Educadores e terapeutas que trabalham com os seus próprios animais dentro do seu ambiente de trabalho são condutores de dupla função que assumem papéis e responsabilidades em ambos os lados da balança. Condutores de dupla função introduzem o animal e facilitam as intervenções. ” (1,2)	-Sessão de TAA; (5) -Animal para trabalho em TAA; (5)	-Introduzir o animal; (3) -Conduzir o animal em uma sessão de TAA; (4)	-Animal conduzido pelo psicólogo; (5)	-Conduzir o animal em uma sessão de TAA; (7)
	-Necessidade de intervenção de TAA; (5)	-Facilitar a intervenção; (3) -Intervir em TAA; (4)	-Intervenção em TAA realizada; (5)	-Intervir em TAA; (7)

89º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.140 “ Animais que trabalham com condutores de dupla função precisam ser habilidosos ao grau de se comportar apropriadamente até na ausência da atenção direta do condutor. ” (1,2)	-Animais que trabalham com condutores de dupla função; (3) -Comportamentos apropriados do cão na ausência de atenção direta do condutor; (3)	<i>-Ensinar o cão a se comportar apropriadamente na ausência da atenção direta do condutor;</i> (5)	<i>-Cão comportando-se apropriadamente na ausência da atenção direta do condutor;</i> (5)	<i>-Ensinar o cão a se comportar apropriadamente na ausência da atenção direta do condutor;</i> (7)

90º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.140 “Como condutores de dupla função não desfrutam da opção de mudar de ambientes ou de população alvo para alcançar o equilíbrio , é importante que eles considerem cuidadosamente a seleção, treinamento, e agendamento dos seus animais. ” (1,2)	- Não desfrutam da opção de mudar de ambientes ou de população alvo para alcançar o equilíbrio; (3) <i>-Impossibilidade de alterar o ambiente ou população em benefício do cão;</i> (4)	-Selecionar cuidadosamente os cães para o trabalho de TAA; (3)	<i>-Cão cuidadosamente selecionado para TAA;</i> (5)	<i>-Selecionar cuidadosamente os cães para o trabalho de TAA;</i> (7)
		-Treinar cuidadosamente os cães para o trabalho de TAA; (3)	<i>-Cão cuidadosamente treinado;</i> (5)	<i>-Treinar cuidadosamente os cães para o trabalho de TAA;</i> (7)
		-Agendar cuidadosamente os cães; (3) <i>-Programar cuidadosamente a utilização dos cães no trabalho de TAA;</i> (4)	<i>-Utilização dos cães no trabalho de TAA cuidadosamente programada;</i>	<i>-Programar cuidadosamente a utilização dos cães no trabalho de TAA;</i> (7)

91° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.140 “As necessidades dos animais precisam ser sempre consideradas, adequadas e balanceadas com as necessidades dos participantes dentro do escopo de um programa de TAA e AAA.” (1,2)	-Necessidades dos cães em trabalho de TAA; (3)	-Considerar as necessidades dos cães em trabalho de TAA; (3) -Identificar as necessidades dos cães em trabalho de TAA; (4)	-Necessidades dos cães em trabalho de TAA identificadas; (5)	-Identificar as necessidades dos cães em trabalho de TAA; (7)
	-Necessidades dos cães em trabalho de TAA; (3) -Intervenção de TAA; (5)	-Adequar as necessidades dos cães em trabalho de TAA; (3) -Adequar a intervenção de TAA às necessidades dos cães em trabalho de TAA; (4)	-Intervenção de TAA adequada às necessidades dos cães em trabalho de TAA; (5)	-Adequar a intervenção de TAA às necessidades dos cães em trabalho de TAA; (7)
	-Necessidades dos cães em trabalho de TAA; (3) -Necessidades dos pacientes; (3)	-Balancear as necessidades dos cães em trabalho de TAA com as necessidades dos pacientes; (3)	-Necessidades dos cães em trabalho de TAA balanceadas com as necessidades dos pacientes; (5)	-Balancear as necessidades dos cães em trabalho de TAA com as necessidades dos pacientes; (7)

92° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.140 “Um condutor ético removerá seus animais a qualquer momento em que o ambiente se torne desfavorável a eles.” (1,2)	-Cão em trabalho de TAA; (5) -Ambiente desfavorável ao cão; (3) -Estímulos aversivos para o cão no ambiente em que ocorre a TAA; (4)	-Remover o animal a qualquer momento em que o ambiente se torne desfavorável a ele; (3) -Remover o cão de um ambiente que apresente estímulos aversivos a ele; (4)	-Cão removido de um ambiente que apresente estímulos aversivos a ele; (5)	- Remover o cão de um ambiente que apresente estímulos aversivos a ele. (7)

93° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.140 “Quando for impossível para o animal trabalhar confortavelmente nos ambientes disponíveis para ele, é responsabilidade do condutor aposentar o animal de TAA e AAA.” (1,2)	<p>-Cão impossibilitado de trabalhar em TAA; (3)</p> <p>-Ambiente disponível para o cão; (3)</p>	<p>-Aposentar o cão de TAA quando for impossível para este trabalhar confortavelmente nos ambientes disponíveis para ele; (3)</p>	<p><i>-Cão impossibilitado de trabalhar aposentado; (5)</i></p>	<p><i>-Aposentar o cão de TAA quando for impossível para este trabalhar confortavelmente nos ambientes disponíveis para ele; (7)</i></p>

94° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.141 “As espécies mantêm regras rígidas de comunicação dentro desses graus de proximidade (Zona Pública, Zona Social, Zona Pessoal e Zona Íntima). Sempre que a zona da barreira íntima é cruzada os animais respondem sinalizando. Esses sinais são anúncios óbvios de respeito, tranqüilidade, medo, defesa, ou agressão; entretanto, animais em programas de TAA e AAA são constantemente requeridos a trabalhar em ambientes e com pessoas nas quais a sua linguagem é totalmente incompreendida.” (1,2)	<p>-Regras rígidas de comunicação das espécies dentro dos graus de proximidade (Zona Pública, Zona Social, Zona Pessoal e Zona Íntima); (3)</p> <p>-Zona da barreira íntima do animal cruzada; (3)</p> <p>-Sinais do cão de respeito, tranqüilidade, medo, defesa ou agressão; (3)</p> <p><i>-Sinais dos estados emocionais do cão; (4)</i></p> <p>-Pessoas que não compreendem a linguagem do cão em trabalho de TAA; (3)</p>	<p><i>-Identificar os estados emocionais do cão por meio dos sinais que ele apresenta; (5)</i></p>	<p><i>-Estados emocionais do cão identificados por meio dos sinais que ele apresenta; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar os estados emocionais do cão por meio dos sinais que ele apresenta; (7)</i></p>

95º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.142 “A capacidade do condutor de interpretar e responder a cada importante comunicado do animal é um fator crítico para aliviar o impacto dessas interações.” (1,2)</p>	<p>-Importante comunicado do animal; (3) <i>-Sinais apresentados pelo animal a respeito dos efeitos prejudiciais do trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p>-Interpretar a cada importante comunicado do animal; (3) <i>-Interpretar os sinais emitidos pelo animal; (4)</i></p>	<p>-Maior probabilidade de aliviar o impacto dessas interações; (3) <i>-Maior probabilidade de reduzir os efeitos prejudiciais sinalizados pelo animal do trabalho de TAA sobre ele ; (4)</i> <i>-Sinais emitidos pelo cão interpretados; (5)</i></p>	<p><i>-Interpretar os sinais emitidos pelo cão antes, durante ou após a sessão de TAA; (7)</i></p>
	<p>-Impacto dessas interações; (3) <i>-Efeitos prejudiciais ao animal do trabalho em TAA; (4)</i> -Importante comunicado do animal; (3) <i>-Sinais apresentados pelo animal a respeito dos efeitos prejudiciais do trabalho de TAA; (4)</i></p>	<p>-Responder a cada importante comunicado/Aliviar o impacto dessas interações; (3) <i>-Minimizar os efeitos prejudiciais sinalizados pelo animal do trabalho de TAA sobre ele ; (4)</i></p>	<p>-Alívio do impacto dessas interações; (3) <i>-Redução dos efeitos prejudiciais sinalizados pelo animal do trabalho de TAA sobre ele ; (4)</i></p>	<p><i>-Minimizar os efeitos prejudiciais sinalizados pelo animal do trabalho de TAA sobre ele; (7)</i></p>

96° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.142 “A linguagem corporal permite qualquer espécie a mandar mensagem, perceber mensagens, penetrar defesas e evitar conflitos. (...) Frequentemente os humanos não reconhecem os sinais de um animal, ou interpreta equivocadamente estes sinais como desinteresse ou desobediência; contudo, cada sinal é parte de uma mensagem que o animal pode estar tentando transmitir sobre seu território pessoal. Frequentemente, durante sessões de TAA e AAA, pessoas se comportam de maneiras que inadvertidamente sinalizam tensão aos animais.” (1,2)</p>	<p>-Linguagem corporal do animal; (3) <i>-Comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos;</i> (5)</p>	<p>-Interpretar corretamente os sinais apresentados pelos animais; (3) <i>-Interpretar corretamente os comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos;</i> (4)</p>	<p><i>-Comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos interpretados corretamente;</i> (5) -Evitar conflitos; (3) <i>-Maior probabilidade de prevenir acidentes;</i> (4)</p>	<p><i>-Interpretar corretamente os comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos;</i> (7)</p>
	<p>Linguagem corporal do animal; (3) <i>-Comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos;</i> (5)</p>	<p>-Reconhecer os sinais apresentados pelos animais; (3) <i>-Reconhecer os comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos;</i> (4)</p>	<p><i>-Comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos reconhecido;</i> (5) -Evitar conflitos; (3) <i>-Maior probabilidade de prevenir acidentes;</i> (4)</p>	<p><i>-Reconhecer os comportamentos do animal que sinalizam seus estados emocionais ou a probabilidade de apresentar outros comportamentos;</i> (7)</p>
	<p>-Comportamentos das pessoas que inadvertidamente sinalizam tensão aos animais; (3)</p>	<p><i>-Identificar os comportamentos das pessoas que inadvertidamente sinalizam tensão aos animais;</i> (5)</p>	<p><i>-Comportamentos das pessoas que inadvertidamente sinalizam tensão aos animais identificados;</i> (5)</p>	<p><i>-Identificar os comportamentos das pessoas que inadvertidamente sinalizam tensão aos animais;</i> (7)</p>
	<p><i>-Animais em trabalho de TAA;</i> (5)</p>	<p><i>-Sinalizar tranquilidade para os animais;</i> (5)</p>	<p><i>-Tranquilidade sinalizada para os animais;</i> (5) -Evitar conflitos; (3) <i>-Maior probabilidade de prevenir acidentes;</i> (4)</p>	<p><i>-Sinalizar tranquilidade para os animais;</i> (7)</p>

97° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.142 “Ambientes de TAA e AAA são estressantes para os animais, talvez por nenhuma outra razão que as alterações de locais e horários que não seriam normais para a espécie. A chave é determinar se um animal tem a capacidade de se recuperar dos seus limites transgredidos.” (1,2)</p>	<p>-Ambientes onde ocorrem TAA; (3) -Capacidade do animal de se recuperar dos seus limites transgredidos; (3) -Capacidade do animal de se recuperar dos desgastes do trabalho de TAA; (4)</p>	<p>-Determinar a capacidade de um animal de se recuperar dos seus limites transgredidos; (3) -Determinar a capacidade de um animal em recuperar-se dos desgastes do trabalho em TAA; (4)</p>	<p>-Capacidade do animal em recuperar-se dos desgastes do trabalho em TAA determinada; (5)</p>	<p>-Determinar a capacidade do animal em recuperar-se dos desgastes do trabalho em TAA; (7)</p>

98° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.142 “TAA e AAA não são apropriados se os níveis emocionais ou de atividade da população alvo são excessivos para os animais disponíveis.” (1,2)</p>	<p>-Níveis emocionais ou de atividade da população alvo; (3) -Características comportamentais da população alvo; (4)</p>	<p>-Avaliar a utilização de TAA a partir das características comportamentais da população alvo; (5)</p>	<p>- Possibilidade de utilização de TAA a partir das características comportamentais da população alvo avaliadas; (5)</p>	<p>-Avaliar a utilização de TAA a partir das características comportamentais da população alvo; (7)</p>

99º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.143 “Comportamentos individuais variam, mas os sinais gerais de stress incluem mudanças nos padrões de comunicação e sinais corporais não específicos. Mudanças nos padrões de comunicação são detectadas por meio da postura, movimento corporal, movimento da cabeça e movimento dos olhos.” (1,2)</p>	<p>-Mudanças na postura, movimento corporal, movimento da cabeça e movimento dos olhos do animal; (3)</p>	<p><i>-Identificar mudanças na postura, movimento corporal, movimento da cabeça e movimento dos olhos do animal; (5)</i></p>	<p><i>-Mudanças na postura, movimento corporal, movimento da cabeça e movimento dos olhos do animal identificados; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar o grau de stress do animal por meio das mudanças nos seus comportamentos; (7)</i></p>

100° Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.143 “Sinais corporais não específicos que indicam reações de stress incluem sudorese nas patas, salivação, respiração ofegante, bocejo, tremedeira, subta perda de pêlo, inquietação, afastamento, tensão muscular, desconfiança, agressão, “hiperatenção”, reflexo de espanto intensificado, se esconder atrás do condutor, automutilação e mudanças na atividade ou apetite.” (1,2)</p>	<p>-Sinais corporais não específicos como sudorese nas patas, salivação, respiração ofegante, bocejo, tremedeira, subta perda de pêlo, inquietação, afastamento, tensão muscular, desconfiança, agressão, “hiperatenção”, reflexo de espanto intensificado, se esconder atrás do condutor, automutilação e mudanças na atividade ou apetite; (3)</p>	<p><i>-Identificar sinais corporais não específicos como sudorese nas patas, salivação, respiração ofegante, bocejo, tremedeira, subta perda de pêlo, inquietação, afastamento, tensão muscular, desconfiança, agressão, “hiperatenção”, reflexo de espanto intensificado, se esconder atrás do condutor, automutilação e mudanças na atividade ou apetite; (5)</i></p>	<p><i>- Sinais corporais não específicos como sudorese nas patas, salivação, respiração ofegante, bocejo, tremedeira, subta perda de pêlo, inquietação, afastamento, tensão muscular, desconfiança, agressão, “hiperatenção”, reflexo de espanto intensificado, se esconder atrás do condutor, automutilação e mudanças na atividade ou apetite identificadas; (5)</i></p>	<p><i>-Identificar o grau de stress do cão por meio de sinais corporais não específicos; (7)</i></p>

101º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.143 “A competência do condutor afeta diretamente o grau de risco de ferimentos, infecções, ou interações inapropriadas. ” (1,2)	-Riscos de ferimento; (3) -Riscos de infecções; (3) -Riscos de interações inapropriadas; (3)	<i>-Prevenir riscos de ferimentos, infecções ou interações inapropriadas com quaisquer envolvidos na TAA; (5)</i>	<i>- Diminuição da probabilidade de ocorrência de ferimentos, infecções ou interações inapropriadas com quaisquer envolvidos na TAA; (5)</i>	<i>-Prevenir riscos de ferimentos, infecções ou interações inapropriadas com quaisquer envolvidos na TAA; (7)</i>

102º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.143 “O papel do condutor é introduzir o animal. Introduzir um animal envolve preparação (treinamento, cuidados veterinários e tosa), cuidados prévios a qualquer intervenção, cuidados a todo o tempo e ativamente trabalhar como o protetor do animal.” (1,2)</p>	<p><i>-Repertório comportamental do cão para trabalho em TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Treinar o cão; (3)</i> <i>-Ensinar ao cão comportamentos apropriados para o trabalho em TAA; (4)</i></p>	<p><i>-Comportamentos apropriados para o trabalho em TAA ensinados ao cão; (5)</i> <i>-Cão apresentando comportamentos apropriados nas sessões de TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Ensinar ao cão comportamentos apropriados para o trabalho em TAA; (7)</i></p>
	<p><i>-Cuidados veterinários; (3)</i> <i>-Condições de saúde do cão; (4)</i></p>	<p><i>-Cuidar das condições de saúde do cão; (5)</i></p>	<p><i>-Cão apresentando condições de saúde apropriadas para o trabalho em TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Cuidar das condições de saúde do cão; (7)</i></p>
	<p><i>-Tosa do cão; (3)</i> <i>-Condições de higiene do cão; (4)</i></p>	<p><i>-Tosar o cão; (3)</i> <i>-Higienizar o cão; (4)</i></p>	<p><i>-Cão em condições de higiene apropriadas para o trabalho em TAA; (5)</i></p>	<p><i>-Higienizar o cão para o trabalho em TAA; (7)</i></p>
				<p><i>-Preparar o cão; (3)</i> <i>-Preparar o cão para o trabalho em TAA; (4)</i></p>
				<p><i>-Introduzir o cão; (3)</i> <i>-Introduzir o cão em um programa de TAA; (4)</i></p>
				<p><i>-Trabalhar como protetor do animal; (3)</i> <i>-Proteger o animal no trabalho de TAA; (4)</i></p>

103º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.143 “As habilidades de introdução incluem o conhecimento e a pró-atividade de condução para desenvolver as habilidades do animal de ir ao encontro das necessidades da população alvo e o conhecimento básico de habilidades de comunicação para desenvolver interações humanas.” (1,2)	<p>-Habilidades do animal de ir ao encontro das necessidades da população alvo; (3)</p> <p>-População alvo da intervenção de TAA; (3)</p>	<p>-Conduzir para desenvolver as habilidades do animal de ir ao encontro das necessidades da população alvo; (3)</p> <p>- <i>Dirigir os comportamentos do cão úteis com relação as necessidades da população alvo;</i> (4)</p>	<p><i>-Comportamentos do cão úteis com relação às necessidades da população alvo dirigidos;</i> (5)</p>	<p><i>- Dirigir os comportamentos do cão úteis com relação as necessidades da população alvo;</i> (7)</p>
	<p>-Habilidades do animal de ir ao encontro das necessidades da população alvo; (3)</p> <p>-População alvo da intervenção de TAA; (3)</p>	<p>-Desenvolver as habilidades do animal de ir ao encontro das necessidades da população alvo; (3)</p> <p>- <i>Estimular os comportamentos do cão úteis com relação as necessidades da população alvo;</i> (4)</p>	<p><i>-Comportamentos do cão úteis com relação às necessidades da população alvo estimulados;</i> (5)</p> <p><i>-Cão apresentando comportamentos úteis com relação às necessidades da população alvo ensinados;</i> (5)</p>	<p><i>- Estimular os comportamentos do cão úteis com relação as necessidades da população alvo;</i> (7)</p>

104º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos conseqüentes	Classes de comportamentos
<p>P.143 “Os componentes do papel do condutor incluem a habilidade para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais; - Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA. - Preparar para conduzir e concluir uma visita; - Apresentar técnicas para interações em TAA e AAA com a população alvo; - Manter a confidencialidade; - Apresentar reação agradável, calma e amigável para e atitude com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários; - Demonstrar habilidade de condução pró-ativa (ao invés de reativas); - Agir como defensor do animal em todas as situações; - Efetivamente ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo; - Proteger e respeitar as necessidades do animal;” (1,2) 				<ul style="list-style-type: none"> -Apresentar tratamento apropriado de pessoas e animais; (3) -<i>Tratar apropriadamente pessoas e animais;</i> (4)
				<ul style="list-style-type: none"> -Apresentar habilidades sociais apropriadas (contato visual, sorriso, postura confiante, conversação) necessárias para interagir com pessoas em TAA e AAA; (3) -<i>Interagir assertivamente com pessoas e com cães em TAA;</i> (4)
				<ul style="list-style-type: none"> Preparar para conduzir uma visita; (3) -<i>Preparar a condução de uma sessão de TAA.</i> (4)
				<ul style="list-style-type: none"> Preparar para concluir uma visita; (3) -<i>Preparar a conclusão de uma sessão de TAA;</i> (4)
				<ul style="list-style-type: none"> Manter a confidencialidade; (3) -<i>Manter a confidencialidade do que ocorre na TAA;</i> (4)
				<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar reação agradável, calma e

			<p>amigável com relação ao animal durante as várias tarefas e cenários; (3)</p> <p><i>-Reagir de modo agradável, calmo e amigável aos comportamentos do cão; (4)</i></p>
			<p>- Agir como defensor do animal em todas as situações; (3)</p> <p><i>-Proteger o cão em todas as situações; (4)</i></p>
			<p>-Ler os sinais do animal (stress, excitação, etc.) e agir de acordo; (3)</p> <p><i>-Identificar os sinais de stress e de excitação do cão; (4)</i></p>
			<p>-Respeitar as necessidades do animal; (3)</p>

105º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.144 “Eles (condutores) devem compreender a racionalidade por trás das necessidades do animal de modo a antecipar os modos nos quais comportamentos imprevisíveis podem afetar os resultados. ” (1,2)	-Racionalidade por trás das necessidades do animal; (3) - <i>Determinantes do comportamento do animal; (4)</i>	Compreender a racionalidade por trás das necessidades do animal; (3) - <i>Identificar os determinantes do comportamento do animal; (4)</i>	- <i>Determinantes do comportamento do animal identificados; (5)</i>	- <i>Identificar os determinantes do comportamento do animal; (7)</i>
	-Comportamentos imprevisíveis que podem afetar os resultados; (3) - <i>Comportamentos inadequados do cão que possam prejudicar a TAA; (4)</i>	-Antecipar comportamentos imprevisíveis que podem afetar os resultados; (3) - <i>Antecipar os comportamentos inadequados do cão que possam prejudicar a terapia; (4)</i>	- <i>Comportamentos inadequados do cão que possam prejudicar a terapia antecipados; (5)</i>	- <i>Antecipar os comportamentos inadequados do cão que possam prejudicar a terapia; (7)</i>

106º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.144 “Os condutores precisam consentir com a documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições. ” (1,2)	- Documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições; (3)	- Consentir com a documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições; (3) -Obedecer à documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições. (4)	- <i>Documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições obedecidas;</i> (5) -TAA realizada de acordo com a documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições; (5)	-Obedecer à documentação, regras, procedimentos e políticas das instituições; (7)

107º Trecho selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.144 “Finalmente, os condutores são responsáveis por medidas de controle de infecções tais como vacinações e controle de parasitas. ” (1,2)	-Cão para trabalho em TAA não vacinado; (5)	-Vacinar o cão; (3)	-Cão vacinado; (5)	-Vacinar o cão; (7)
	- Cão para trabalho em TAA com parasitas; (5)	-Controlar Parasitas; (3) -Remover parasitas do cão;(4)	-Parasitas removidos; (5)	-Remover parasitas do cão;(7)
	-Infecções que podem ocorrer em cães; (5)	-Controlar infecções no cão; (3)	-Infecções controladas; (5)	-Controlar infecções no cão; (7)

108° selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.144 “Condutores em programas de TAA e AAA devem ser capazes de sublimar a si mesmos em favor do desenvolvimento da intimidade do participante e do animal. ” (1,2)	- <i>Paciente; (5)</i> - <i>Cão para trabalho em TAA; (5)</i>	- <i>Sublimar a si mesmos em favor do desenvolvimento da intimidade do participante e do animal; (3)</i> - <i>Estimular o desenvolvimento da relação entre o paciente e o cão; (4)</i>	- <i>Relação entre paciente e cão estimulada; (5)</i>	- <i>Estimular o desenvolvimento da relação entre o paciente e o cão; (7)</i>

109° selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
P.144 “ O condutor que compreende que o acolhimento é direcionado para a pessoa lutando para se curar e não para o seu o animal ou ele mesmo , chegou ao nível de maturidade e expertise no seu trabalho. Sem essa compreensão o condutor permanece em competição com o animal e o participante por recompensa e reconhecimento. ” (1,2)	- <i>Pessoa lutando para se curar; (3)</i> - <i>Paciente; (4)</i> - <i>Animal; (3)</i> - <i>Cão em trabalho de TAA; (4)</i> - <i>Necessidades do psicólogo de recompensa e reconhecimento; (3)</i>	- <i>Compreender que o acolhimento é direcionado para a pessoa lutando para se curar e não para o seu o animal ou ele mesmo; (3)</i> - <i>Focar o trabalho nas necessidades do paciente em detrimento das necessidades do cão, ou das suas próprias necessidades; (4)</i>	- <i>Foco do trabalho nas necessidades do paciente em detrimento das necessidades do cão, ou das suas próprias necessidades; (5)</i> - <i>Ausência de competição com o animal e o participante por recompensa e reconhecimento; (3)</i>	- <i>Focar o trabalho nas necessidades do paciente em detrimento das necessidades do cão, ou das suas próprias necessidades; (7)</i>

110° selecionado da obra que será utilizada como fonte de informação e número da página	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes	Classes de comportamentos
<p>P.145 “Os animais tem se direcionado para as linhas de planos de tratamento de sucesso em função da sua capacidade de motivar pacientes/estudantes/participantes a realizar uma grande variedade de exercícios físicos, cognitivos, psicossociais, de comunicação e educacionais.” (1,2)</p>	<p>-<i>Cães para trabalho em TAA;</i> (5)</p> <p>-Pacientes, estudantes, participantes; (3)</p> <p>-Exercícios físicos, cognitivos, psicossociais, de comunicação e educacionais que podem ser realizados por pacientes, estudantes e participantes de programas de TAA; (3)</p>	<p>-Motivar pacientes/estudantes/participantes a realizar uma grande variedade de exercícios físicos, cognitivos, psicossociais, de comunicação e educacionais; (3)</p> <p>-<i>Motivar por meio do uso de cães pacientes/estudantes/participantes a realizar uma grande variedade de exercícios físicos, cognitivos, psicossociais, de comunicação e educacionais;</i>(4)</p>	<p>-<i>Pacientes, estudantes, participantes motivados a participar de uma grande variedade de exercícios físicos, cognitivos, psicossociais, de comunicação e educacionais por meio dos cães;</i> (5)</p>	<p>-<i>Motivar por meio do uso de cães pacientes/estudantes/participantes a realizar uma grande variedade de exercícios físicos, cognitivos, psicossociais, de comunicação e educacionais;</i> (7)</p>